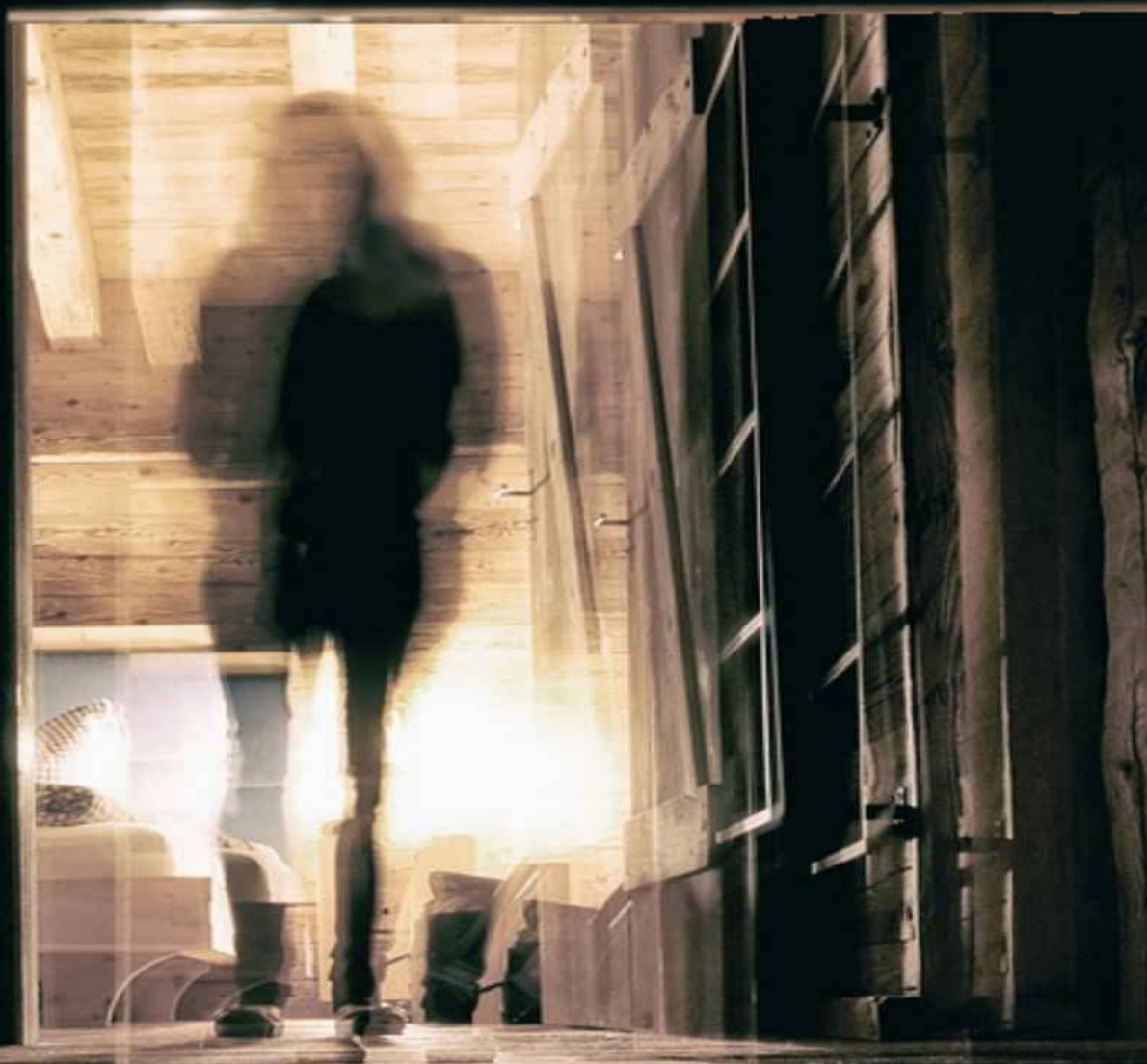


Alexandre Heredia

Autor de Legado de Bathory e Emboscada



PREDADORES





PREDADORES

Alexandre Heredia

Direitos autorais do texto original

©2019 Alexandre Heredia. Todos os direitos reservados.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Luciana Soares

Projeto gráfico de capa: Alexandre Heredia

ISBN: 978-85-61541-24-8

“Porque entre nós, como entre os vossos, o homem tem suas fraquezas. Muitas vezes só o temor pode corrigir o comportamento. É por isso, sem dúvida, que o Inferno e os fantasmas existem em seu espírito. As crenças são necessárias ao equilíbrio dos grupos humanos. Seria falso afastá-las. Seria destruir o equilíbrio entre alguns. De todos os animais, o homem é o único que domina seus maus instintos pelo medo. Acredita em mim, Pierre, o medo conduz ao caminho da virtude.”

Traditions Occultes des Gitans – Pierre Derlon

Prólogo

Amanda abriu os olhos. Sua cabeça doía tanto que preferia nunca mais precisar acordar. Sentiu as ideias orbitarem desordenadas por sua mente enquanto a visão voltava a focalizar. Uma campainha tocando, gritos e gemidos, pontos negros flutuantes, olhos esbranquiçados...

Assustou-se com aquela lembrança enquanto tentava em vão se erguer, mas foi impedida pelos pulsos amarrados atrás das costas. A mesma corda que corria por seu corpo até os tornozelos, deixando-a numa postura antinatural e incômoda. Estava amordaçada com força exagerada, a boca escancarada coberta por um lenço que machucava os cantos dos lábios, em seu quarto, prostrada em sua cama. Cama que havia abandonado para atender a porta, cuja campainha havia tocado insistentemente, despertando-a do estado pré-sono pós-sexo que se encontrava. E onde estava Lucas? Ou Lúcio? Não, o nome dele era Lucas. Lembrava-se apenas de abrir a porta e agachar-se para pegar o singelo botão de rosa que havia sido depositado sobre o capacho. Depois, só a escuridão.

Tentou se erguer, mas cada movimento apenas servia para aumentar sua agonia. A corda era fina, talvez uma simples corda de varal, mas o suficiente para imobilizá-la e lacerar sua carne. Tentou gritar, mas o som saiu abafado e curto, visto que era difícil respirar com a mordaça escancarando sua boca daquela maneira.

Subitamente, ouviu passos vindos da sala. Eram passos pesados e resolutos, provavelmente masculinos. Seria Lucas? “Nunca mais trago um estranho pra minha casa”, pensou, imaginando se teria outra oportunidade para cometer aquele erro. Provavelmente o desgraçado só iria roubá-la, pois sexo ele já havia conseguido sem forçar nada. “Filho da puta! Cheio de conversa mole, pinta de riquinho, filho de mamãe, mas é tão calhorda quanto o resto. Burra, burra!”

Os passos foram crescendo. Com certeza estavam vindo na direção do quarto. Tinha pouco tempo para pensar e a última coisa que ela queria naquele momento era ter que defender a própria vida amarrada daquela maneira. O melhor seria sumir, esconder-se em algum lugar, mas a posição não auxiliava nada. Numa manobra motivada pela ansiedade, girou o corpo, de modo a deixar-se cair do colchão. Talvez no chão conseguisse se arrastar

para baixo da cama e desaparecer. Era sua única esperança.

Assim que caiu, surpreendeu-se por não se estatelar imediatamente no piso de madeira. Diferentemente, caiu em algo macio. Sem conseguir evitar o movimento, rolou mais uma vez, aterrissando desajeitadamente ao lado de seu anteparo. E não conseguiu controlar o grito, mesmo abafado pela mordaça. Havia caído sobre o corpo de Lucas, que jazia ao lado da cama de barriga para baixo, sobre uma poça de sangue que escorria de seu pescoço estraçalhado. Seus olhos baços fitavam-na de maneira vazia e sem vida.

Sentiu as sinapses de seu cérebro espocarem como fogos de artifício, seu corpo sacudindo-se num espasmo incontrollável. A dor lancinante nos pulsos e tornozelos foi momentaneamente esquecida, ao mesmo tempo que uma força nascida do desespero encarregou-se de soltá-la de suas amarras, quando o nó que a prendia se afrouxou como que por milagre. Mas em sua histeria nem se deu conta da súbita liberdade, usando os membros recém-soltos apenas para se arrastar até o canto do quarto, os olhos inundados de lágrimas incapazes de desviarem do corpo estendido ao lado de sua cama, enquanto seus pulmões enchiam-se e esvaziavam-se na forma de gritos histéricos.

A porta do quarto se escancarou e por ela entrou um homem. O movimento brusco foi o suficiente para que Amanda se assustasse novamente, desviando o olhar do defunto e pousando-o em seu novo algoz. Reconheceu-o imediatamente. O rosto fino, imberbe e jovial, destoando dos cabelos longos e grisalhos, presos num rabo de cavalo. A pele alva como a neve, em contraponto com suas roupas negras e elegantes, olhos azuis claros como azulejos de piscina, mas que com a iluminação do quarto pareciam completamente brancos. Gritou novamente ao vê-lo, pois não imaginava inimigo pior do que aquele. Era a mesma pessoa que impunha sua vontade por meio de uma vontade ferrenha, de um caráter irascível e por vezes violento, que não tinha pudores de espancar homem, mulher ou bicho, cujos membros ágeis podiam ser utilizados tanto para a dança sensual que praticava todas as noites quanto para golpes marciais indefensáveis.

Congelada de pavor, viu-o se aproximar com um sorriso no rosto. Percebendo seu pavor ele relaxou os ombros, tornando a fechar a porta e virando a pequena chave de modo a trancá-la por dentro. Devagar tirou o paletó negro, pousando-o delicadamente sobre a cadeira da penteadeira. Em seguida arregaçou as mangas da camisa, indo na direção da cama, onde empurrou displicentemente o corpo sem vida de Lucas para baixo do móvel.

Após terminar sua tarefa macabra, sentou-se sobre o colchão e retirou a gravata, dobrando-a com primor de um estilista, sentindo a seda tingida escorrer por entre seus dedos magros e compridos antes de colocá-la sobre a mesma cadeira em que jazia o paletó.

Amanda estava paralisada de medo. Sempre temeu aquela presença, mas nunca soube exatamente a razão, atribuindo a sensação ao respeito que sua figura impunha, mas nunca imaginou que aquele homem seria capaz de atos tão frios e grotescos como aqueles. E qual seria o destino dela? Estaria condenada a morrer nas mãos daquele homem, tendo a vida privada de qualquer sentido ou razão, abreviada num gesto aleatório de um lunático?

Observou enquanto ele se despia ritualisticamente, sem sequer se importar com o fato de Amanda estar livre e com plena capacidade de atacá-lo a qualquer momento. E ela sabia que atacá-lo não era uma possibilidade, pois já vira mais de uma pessoa tentar atingi-lo com garrafas, canivetes e até mesmo cadeiras, apenas para se arrepender logo em seguida, segurando algum membro flácido ou o nariz quebrado com um golpe preciso.

Quando ele finalmente ficou nu por inteiro, o corpo pálido brilhando à luz do abajur aceso, Amanda sabia que era seu fim. Não tinha mais por que lutar, seu destino estava selado naquele quarto, naquela noite, naquele membro que apontava petulantemente para o teto de maneira tão obscena. E foi por essa razão que ela não recusou quando ele estendeu a mão aberta, auxiliando-a a levantar-se.

– Agora, minha querida, a noite é toda nossa – sussurrou ele em seu ouvido, com a voz macia e sensual de sempre.

Parte 1

1

Dante pegou o copo de uísque na mesa, desanimado. Tomou um gole e revoltou-se.

– Esta porcaria tá que é só gelo! Garçom! – pediu mais uma rodada com um gesto vago, voltando-se depois para o rapaz sentado ao seu lado. – Ela não vem.

– Tenha paciência – respondeu o rapaz, enquanto limpava a lente de sua câmera fotográfica com um tipo de lenço. – O Marques disse que era ponta firme.

Dante sorriu amargamente.

– O Marques já errou antes, Marcelo. Na verdade, ele mais errou que acertou.

Marcelo olhou a lente, depois apontou a câmera para a multidão dançante à sua frente. Ameaçou tirar uma foto, mas não tirou.

– Que opção a gente tem? – perguntou, finalmente. – Se a gente for embora e ela aparecer, o Marques vai comer nosso rabo.

– Aquele veado bem que ia gostar disso... – murmurou Dante, segurando o copo perto da boca.

– O quê?

– Nada, Marcelo, nada.

“Molequinho mimado”, pensou Dante. Conheciam-se há pouco tempo, mas já tinham uma certa antipatia mútua. O relacionamento deles era estritamente profissional, mas, apesar de tudo, o garoto ainda era um dos melhores fotógrafos da revista.

– Lugarzinho estranho esse, não? – perguntou Marcelo.

Dante deu um sorriso torto. Realmente não era um lugar comum. Já estivera em diversas danceterias antes, mas nada parecido com aquilo. Chamava-se *Vrykolakas*. Nome grego. “Provavelmente ideia de alguma bicha *marketeira*”, pensou. Tinha uma decoração padrão: paredes pintadas de preto e repletas de grafites, luzes negras, algumas velas acesas e apetrechos medievais pendurados ao lado de reproduções de pinturas pós-modernas ou abstratas. O salão principal era revestido pelo que parecia ser um assoalho de madeira, que realmente não era a melhor escolha de piso para uma danceteria, além de ser caríssimo. A casa era antiga, tendo sido pouco modificada de sua

arquitetura original, mas mesmo assim a decoração e o ambiente emanavam uma modernidade e um estilo próprio tão grandes que não era surpresa o tamanho sucesso. O ar estava pesado e enjoativo devido ao grande número de pessoas se aglomerando por todos os cantos sob a neblina artificial.

– Olha, ou essa piranha aparece logo, ou eu vou pular fora – reclamou. – Dane-se o que o Marques vai pensar.

Estavam esperando pela “bunda da semana”, como costumavam dizer. Modelos caça-níqueis, que saem nuas em alguma revista, ou, como naquele caso, participam de algum escândalo. Marques havia descoberto a amante de um pré-candidato à presidência, que convenientemente também trabalhava como promotora da casa mais badalada do momento. Receita mais que suficiente para atizar a imprensa sensacionalista.

Os interesses do Marques, seu editor, nada tinham de benevolentes. “Essa menina vai estourar, Dante”, comentou ele. “Se a gente sair na frente, tira uma grana dela antes que ela suma.”

A ideia era colocar a garota na capa da *Night Glam*, a revista de fofocas em que trabalhava como repórter, para em seguida fazer uma proposta de representação, promovendo a moça em eventos, outras revistas e programas de televisão, aproveitando ao máximo a exposição na mídia. Era uma mina de ouro.

E Dante odiava aquele trabalho. Gostava de cobrir eventos noturnos, escrever sobre as celebridades do momento, alfinetar as em decadência, mas odiava tomar parte em armações daquela natureza. Fazia porque não tinha como escapar. Se recusasse, aos poucos seria excluído do negócio, dando lugar a algum tubarão oportunista, daqueles que sempre estão à espreita.

Pegou o celular. Viu que tinha duas mensagens em sua caixa postal. Pediu licença a Marcelo e foi verificar as mensagens no jardim. Olhou o relógio do aparelho antes de ligar. Duas e quarenta. Devia ser a Luana.

De fato, uma das mensagens era de sua noiva, que queria saber se estava tudo bem, pedindo pra ligar assim que pudesse. A outra era de Jonas.

Jonas era, junto com ele, editor de um *site* voltado a fenômenos paranormais, chamado *Inquisidor*. Para Dante era um *hobby*, mas para Jonas era sua vida, por isso decidiu ligar antes pra ele, que atendeu no primeiro toque.

– Dante! Onde você tá?

– Estou no *Vrykolakas*, cobrindo uma história. O que tá pegando?

– *Vrykolakas*? Parece nome de vodka vagabunda.

Jonas e seu humor acadêmico.

– Desembucha, cara, que eu tenho que voltar lá pra dentro!

– Desculpe. Olha, estou a caminho de Visconde de Mauá agorinha.

Parece que uns pirados de uma comunidade alternativa lá estão reclamando de aparições do chupa-cabra. Estou indo averiguar. E acho que seria legal se você fosse também.

– Não vai dar, Jonas. Esse rolo que o Marques me meteu vai demandar tempo e trabalho. Duvido que neste mês eu consiga me dedicar a outra coisa.

– Cara, manda esse Marques passear. Passo na tua casa em meia hora.

– Não vai rolar. Estou precisando dessa grana.

– Grana, grana... É o chupa-cabra, cara! Faz dois anos que ninguém notifica uma aparição. Vai perder essa por causa de uns trocados?

– Infelizmente, vou. Cobre essa, que depois eu te ajudo na redação. Tá levando a câmera?

– Tá na mão, cara. Tem certeza?

– Tenho, apesar de odiar minha decisão. Vai lá e vê o que tá rolando.

– Belê, cara. Ligo quando chegar lá.

– Liga pra tua mãe!

– Não tenho o telefone da zona.

Dante desligou, sorrindo. Jonas era um cara legal. Recém-saído da faculdade, tinha ideias malucas sobre o mundo. Malucas, mas sempre fascinantes, e ele frequentemente se deixava levar pelo entusiasmo do colega. Odiava desistir daquelas viagens investigativas, mas não podia abrir mão da grana da *Night Glam*. Tinha um monte de contas atrasadas. Além do mais Luana vivia inventando moda, planejando o casamento...

Casamento! Só a menção o arrepiava, mas Luana estava obcecada. Toda conversa deles remetia àquele assunto, invariavelmente terminando em brigas. Discou o número da casa dela, que atendeu em três toques.

– Oi, amor! Como você está? – perguntou ela, depois que Dante se identificou. Havia indícios de carinho e preocupação genuínos em sua voz. Quem sabe aquela conversa não terminava bem?

– Cansado. Nem sinal de vida da piranha. E você, tá legal?

– Entediada, mas tudo bem. Estava assistindo televisão.

– Filme velho?

– Não, estava vendo o programa do Wilkson Figueiredo. Ele está no Plaza, cobrindo a visita do Príncipe do Butão. Você deveria pegar esse tipo

de trabalho. Tá tudo tão bonito...

– É, mas em vez disso, estou num buraco fedorento perseguindo uma puta imbecil.

– Ah, no intervalo apareceu uma propaganda de um *buffet* maravilhoso. Acho que seria o ideal pra nossa recepção...

Naquele momento Marcelo apareceu na entrada da casa, sacudindo os braços e apontando pra dentro.

– Querida, preciso desligar. A mina apareceu.

– Nossa, se não quiser conversar a respeito, é só falar. Não precisa arrumar desculpas...

“Mulheres...”

– Não é desculpa, é verdade. Olha, a gente discute isso depois, certo? Eu preciso mesmo desligar! – Marcelo sacudia aflito os braços.

– Tudo bem, desliga – respondeu ela, chorosa. – Mas eu sei que você vai deixar tudo pra última hora e daí...

Desligou o telefone e correu. Aquela atitude ia desencadear uma briga feia, ele sabia, mas também sabia que não interessava o assunto, sempre terminava em briga. Então, pra que se importar?

– Porra, cara, que demora! – gritou Marcelo. – A mina chegou!

– E o que você está fazendo aqui ainda? – respondeu ele, irritado. – Teu trabalho é tirar fotos, então tire fotos!

– Já tirei um monte, mas nenhuma de perto. Ela entrou e foi logo pro segundo andar. Eles não me deixaram subir.

– Vamos resolver isso agora!

Foram correndo até a escada, desviando do amontoado de pessoas que dançavam desordenadamente à sua frente. Lá chegando um segurança enorme, vestido com um terno preto e com cara de poucos amigos, barrou sua passagem.

– Área VIP. Proibido passar – disse ele, friamente.

– Somos da imprensa! – gritou Marcelo.

Dante quase esmurrou o rapaz, pois seu ímpeto conseguira estragar qualquer estratégia que ele pudesse tomar, mas, em vez disso, empurrou Marcelo gentilmente para trás dele, tentando controlar a raiva.

– Mais um motivo para não subir – retrucou o segurança, impassível.
– Por favor, retirem-se.

Dante se aproximou, mostrando as palmas das mãos.

– Olha, calma. Sei que a gente pode chegar num acordo...

– Não tem acordo. E se der mais um passo, quebro seus dedos.

Dante estacou. Sacou rapidamente a carteira e de lá tirou três notas de cem, que enrolou e colocou na palma da mão, segurando com o polegar.

– Tenho certeza que podemos resolver isso com um amigável aperto de mãos...

O segurança estendeu a mão, pegando a de Dante. Agilmente segurou o dinheiro entre os dedos, mas não soltou a mão. Ao contrário, começou a apertá-la mais e mais, até que Dante sentiu seus ossos e tendões estalarem.

– A área VIP é somente para convidados VIP – falou o segurança, calmamente. – Imprensa não entra. Fui claro?

Dante caiu de joelhos, gemendo. Não tinha forças para responder, então sacudiu a cabeça afirmativamente. Foi quando viu o brilho de um *flash*.

– Solta ele, ou esta foto vai pra capa dos jornais de amanhã – ameaçou Marcelo.

O segurança gesticulou, chamando dois colegas que estavam próximos. Marcelo até tentou fugir, mas foi interceptado rapidamente. Um dos seguranças abriu a câmera, arrancou o cartão de memória e fechou, devolvendo-a para Marcelo, que o xingava como um desvairado. O segurança da escada soltou a mão de Dante, agarrou-o pela gola da camisa e em um minuto ele e Marcelo estavam na rua.

– Tira esse terno e vem me encarar, palhaço! – gritou Marcelo. – Sai daí se for homem!

– Deixa quieto, meu – disse Dante, arrumando a camisa. – O cara é duas vezes maior que você. Ele vai te quebrar no meio.

– Esses caras são muito folgados! Viu o que eles fizeram com minha câmera?

Dante meneou a cabeça.

– Vi. E agora a gente tá ferrado. Como vamos explicar que perdemos as fotos e mais trezentos paus da grana do Marques?

– Falando a verdade? – arriscou Marcelo.

– A verdade não vai livrar a nossa cara. Vai pra casa, que amanhã a gente se resolve com ele.

Ficou até o rapaz se acalmar. Ele tinha feito besteira, é claro, mas no final das contas estava tentando protegê-lo, o que fez um pouco da antipatia de Dante desaparecer. Acompanhou-o até seu carro e ficou observando até que ele sumisse na esquina.

Permaneceu um tempo olhando a rua. A danceteria ficava no centro.

Havia diversas casas antigas ali, mas a maioria havia sido transformada em cortiços. Sua própria casa ficava relativamente perto, então decidiu ir a pé mesmo.

No caminho, passou por um bar que parecia animado e entrou. Bebeu até esquecer a dor na mão, o que não aconteceu antes das cinco da manhã. Depois disso, percebendo que não tinha condições para andar, entrou num táxi e foi pra casa.



Acordou com o celular tocando Mozart, parecendo que milhares de pequenos sinos repicavam em sua cabeça. Pegou o aparelho, tentando focar a visão para ver o relógio no painel. Nove e meia da manhã. O identificador do celular piscou o nome de seu torturador matinal: Jonas.

Atendeu meio que instintivamente, grunhindo uma saudação.

– Nossa! – disse Jonas. – Liguei para um *rottweiler*? Dante?

– Fala, animal! – rosnou. – Espero que seja importante, porque senão desligo na tua cara.

– Putz, a noite foi assim boa? Você não deveria estar trabalhando uma hora destas?

– Não, mãe. Para de enrolar, cara! O que você quer?

– Bom, cheguei faz duas horas. Conversei com o líder dos *hippies*. Os caras são umas figuras! Nunca pensei que alguém pudesse viver só de arroz integral, goiabada e maconha na minha vida! Eles dormem no chão, vestem só roupas de saco de estopa e...

– Vou desligar – interrompeu Dante. – É muito cedo pra Mundo Animal!

– Calma! Desculpe. Então, os caras me mostraram os cadáveres das galinhas e dos cabritos atacados. São realmente muito parecidos com os ataques registrados no México e na Colômbia. Os bichos ficaram sequinhos, sem uma gota de sangue.

– Foram mortos há quanto tempo?

– O último ataque foi há três dias. Por quê?

Dante sentou-se na cama. Apoiou os cotovelos nos joelhos, colocando a mão livre na testa latejante.

– Mesmo que tivesse algum sangue, ele já teria secado ou escorrido. Lembra do que eu te disse sobre conclusões precipitadas...

– Eu sei, eu sei, mas não foi só por isso que te liguei. Temos duas testemunhas.

Dante se ergueu e foi até a cozinha. Pensava em preparar um café, mas desistiu ao ver a sujeira da cafeteira.

– Dois malucos entupidos de maconha e LSD não são as melhores testemunhas do mundo...

– São duas crianças, uma de oito e a outra de dez anos. Conversei com elas. Me contaram tudo. Até fizeram um desenho. Verifica teu fax.

Dante foi até o aparelho de fax e retirou a folha térmica impressa.

– Como você arrumou um fax nesse buraco?

– O chefe da comunidade tem um centro de comunicação inteiro aqui. O computador dele é melhor que o teu. “Sociedade Mística do Terceiro Milênio”, como se denominam. O site deles é bem legal...

Dante ficou ouvindo a descrição da tecnologia avançada dos hippies, enquanto examinava o papel. Era um desenho tosco, feito numa folha de caderno amassada, mas era claramente uma figura humanoide, agachada e nua. Tinha o que parecia ser uma galinha na boca, com dentes pontiagudos enfiados no pescoço do bicho e olhos brancos e perversos o encaravam. Os cabelos eram longos e desarrumados, desenhados com rabiscos rápidos.

– Isso não parece um chupa-cabra – disse Dante, interrompendo o monólogo de Jonas, que estava descrevendo a conexão banda larga ilegal da comunidade.

– É por isso que estou ligando. Poderia ser um *grey*, mas parece mais um homem comum, pelado. Pelo menos eu nunca fiquei sabendo de um *grey* cabeludo. De acordo com os garotos, ele era tão pálido que brilhava contra a luz da lua, os cabelos eram brancos, apesar de imundos, e os olhos dele eram completamente brancos, sem pupilas.

– Parece mais um zumbi – arriscou Dante.

– Os garotos disseram ainda que ele correu quando os viu, mais rápido que um raio, mas como um homem, e fugiu pro mato.

– Isso não parece um caso de chupa-cabra, Jonas. Parece mais um caso de um pirado, ou até mesmo de um tarado.

– Aí é que está, Dante! E se de repente descobrimos que o chupa-cabra não é nada além de um simples pirado? Seria uma glória para o *Inquisidor*! A prova definitiva!

Dante esfregou os olhos, tentando em vão espantar a ressaca.

– Calma, Jonas. Se você descobrir que essa aparição é apenas o caso

de um pirado, isso explicaria só este caso em particular. Poderíamos formular uma teoria com base nos novos fatos, e é só.

– Mas...

– Não, me escuta. Continua fazendo pesquisa. Entrevista mais gente, tira umas fotos do local dos aparecimentos, dos cadáveres dos bichos, o escambau. Levanta tudo que puder. Quando você voltar a gente compila tudo e vê o que dá pra tirar de concreto.

– Tá, mas...

– O que essas crianças estavam fazendo no mato no meio da noite? Quais as providências que esse chefe de comunidade está tomando a respeito do fato?

– Ergueu um templo no centro da aldeia e promove vigílias todas as noites. Passam a noite entoando cânticos e fumando maconha. Chamam a criatura de... prepare-se: “Arauto da Era de Aquário”. Estão até preparando galinhas para darem como sacrifício.

“Maravilha”, pensou Dante, amargamente.

– Como você ficou sabendo desse caso, Jonas?

– O chefe, Bhagwandas, me mandou um e-mail. Diz que é visitante assíduo do nosso site.

– *Bhagwandas*? Que tipo de nome é esse?

– Ele me disse que é hindu. Significa “Servo de Deus”. Claro que não é o nome de batismo dele. Todo mundo que entra na comunidade é renomeado.

Dante grunhiu.

– Participe de uma vigília, mas, por favor, não beba nem coma nada que te oferecerem. Você tem que ficar alerta. Essas pessoas adoram colocar drogas na comida. Vê o que acontece e certifique-se de que teu celular está carregado. Recomendo até que você deixe a polícia de sobreaviso.

– A polícia aqui não parece levar muito a sério o que esse povo fala...

– Lida com isso como puder. Se for um maníaco, ele tem que ser capturado antes que ataque alguém.

– Tá legal, cara. Tem certeza que não quer vir?

– Tenho. Mais alguma coisa?

– Não, cara, só isso. Ligo quando tiver alguma novidade.

– Falou. Se cuida.

Desligou o telefone e olhou para o apartamento. Estava uma completa bagunça, mas ele não tinha o menor ânimo de fazer faxina. Sentiu vontade de

fumar um cigarro e amaldiçoou Luana por tê-lo convencido a parar. Foi até a cozinha e preparou um copo com sal de frutas. Tomou duas aspirinas com a mistura efervescente, fazendo uma careta de nojo quando terminou.

Precisava ir até a redação, encarar o Marques, mas só a ideia já o desanimava. Trocou a camisa imunda e foi até o banheiro. O celular tocou novamente, bem quando ele estava escovando os dentes. Terminou rápido e correu para atender. O identificador piscou o nome de Marques, então ele deixou tocar.

“Muito cedo pra mais dor de cabeça”, pensou. Voltou ao banheiro assim que ouviu o sinal de mensagem na caixa postal tocar no celular.

“Cara mais chato!”

Pegou a mochila, colocou o celular e a carteira dentro, pegou a chave do carro e saiu de casa. Foi até a padaria na esquina para tomar um café e surpreendeu-se com Marcelo sentado no balcão, tomando o que parecia ser um suco de laranja.

– Não tem mais o que fazer, não? – perguntou Dante, mal-humorado.

– Se você acha que vou encarar o Marques sozinho, está muito enganado.

– Vai pra casa e troca a cueca, cagão – disse, sentando no banco ao lado do rapaz e pedindo um café preto.

– O cara já ligou pra mim três vezes – contou Marcelo.

– E o que ele disse?

– Nada. Não atendi.

– “Tá aprendendo, seu merdinha.”

– Fica sossegado, que ele vai comer só o meu fígado. Ele gosta de você.

Marcelo pingou algumas gotas de adoçante no suco. “Só falta pedir um sanduíche de queijo branco com brócolis.”

– Mesmo assim, a gente pisou na bola feio – comentou o rapaz, olhando para o copo enquanto mexia o suco com uma colher.

“A gente uma pinoia, seu filhinho de papai do cacete”, pensou. “Você cagou tudo e agora está querendo fazer a média comigo pra te acobertar.” Tomou o café amargo de um só gole e levantou-se.

– Fica sossegado que eu cuido do Marques. Vamos?

Marcelo tomou seu suco em três goles e pagou a conta. Dante não se ofereceu para pagar sua parte.

– Vamos com o meu carro – ofereceu Marcelo.



O prédio onde ficava a redação da *Night Glam* era feio. Ficava na região da Paulista, num dos prédios que tinham uma galeria no térreo. Dante cumprimentou o ascensorista, que resmungou algo ininteligível como resposta. Devia ter uns oitenta anos e, pelo que diziam, havia sido contratado ainda moleque pelo prédio.

Mal entraram na recepção e cruzaram o Marques, que estava vestindo uma camisa estampada horrenda e uma calça verde limão medonha. Ver um homem de quase quarenta anos, com mais de um e oitenta de altura, corpulento e com o cabelo começando a ficar grisalho vestido daquela maneira era no mínimo de mau gosto. Principalmente numa manhã de ressaca.

– Ah, belas adormecidas! – gritou. Todos no escritório olharam para eles. – Seus celulares estão quebrados?

Marcelo abriu a boca, mas não falou nada. Em vez disso, olhou para Dante, implorando ajuda. “E se eu ficasse quieto agora, hein, seu bosta? O que você faria?”

– Tá tudo certo com os celulares, Marques – respondeu. – Não verifiquei a caixa postal hoje. A gente pode conversar?

– Claro, vossa excelência. Acompanham-me até minha sala?

Marques, carioca da gema, fazia questão de reforçar seu sotaque quando estava nervoso, o que só servia pra irritar Dante ainda mais.

Enquanto entraram na sala, Marcelo suava em bicas, apesar do ar condicionado ligado no máximo. A sala do Marques sempre tinha a temperatura de uma câmara frigorífica. Diversas peças decorativas de gosto duvidoso estavam espalhadas, criando um aspecto de depósito de quinquilharias ao recinto. Marques sentou em sua cadeira enorme e ficou espremendo um aparelho de ginástica para as mãos.

– E então, o que me contam? – perguntou ele, tentando parecer amigável. O aparelho rangia de maneira irritante.

Marcelo repetiu o gesto da recepção. Estava apavorado. Dante saboreou o fato antes de falar.

– Deu tudo errado. A mina entrou e foi direto pra área VIP. Barraram a gente.

– Tentaram subornar os seguranças? – perguntou Marques, sério.

Marcelo baixou os olhos, mirando as próprias mãos suadas postadas

sobre as coxas.

– Dei os trezentos paus pro cara. Ele tomou a grana de mim e quase quebrou minha mão. Expulsaram a gente em seguida.

O Marques soltou um suspiro e voltou-se para o Marcelo.

– E foto? Conseguiu alguma?

Marcelo levantou o rosto, assustado. Começou a balbuciar uma resposta. Dante ficou quieto.

Marques nem esperou o garoto terminar. Apertou o botão do viva-voz do telefone, digitando em seguida um ramal. Um toque e sua secretária atendeu.

– Samira, me liga para o dono do *Vrykolakas* – e desligou em seguida, sem aguardar a resposta. – Sem fotos, sem fatos, sem grana e sem notícia. Uma noite perdida.

– Assumo total responsabilidade – adiantou-se Dante. – A grana você pode descontar do meu pagamento.

– Foda-se a grana, Dante! – gritou Marques, dando um tapa na mesa, o que fez Marcelo dar um pulo na cadeira. – Aquilo era dinheiro de pinga! O pior é não ter nada pra publicar!

– A gente ainda pode conseguir alguma coisa, Marques. Pelo que você disse, a piranha bate ponto no *Vrykolakas*...

O telefone na mesa tocou, interrompendo-o. Marques apertou o botão do viva-voz impacientemente.

– Senhor Marques, Ramiro na linha – anunciou Samira.

– Pode passar. Ramiro?

– Sim? – respondeu uma voz macia no alto-falante do aparelho. – Em que posso ajudar?

– Sr. Ramiro, aqui é Antônio Marques, editor da *Night Glam*. Acredito que já tenhamos conversado em outra ocasião...

– Não que eu me lembre.

– Bom, de qualquer maneira, estamos preparando uma matéria sobre sua casa e gostaria de sua permissão para enviar uma equipe aí hoje à noite.

– Por acaso serão os mesmos que apareceram na noite passada?

Marques deu uma risada discreta.

– Sim. E peço desculpas por qualquer inconveniente que eles tenham causado. Houve um tremendo mal-entendido...

– Tenho absoluta certeza que sim. Seus rapazes são muito bem-vindos aqui em qualquer ocasião. Mas gostaria que esse tipo de assunto fosse

resolvido com minha relações-públicas...

– Sim, eu sei. Novamente peço desculpas por isso. Estou pedindo diretamente para você, pois gostaria de evitar mais confusão, além de poder me desculpar pessoalmente.

– Muito bem. Posso ajudar em mais alguma coisa?

– Não, Ramiro, muito obrigado.

Marques desligou o aparelho, voltando-se para Dante.

– É sua última chance, Dante. Se voltar novamente de mãos vazias, passo a história pro Matias. E, Marcelo, vá ao almoxarifado e pegue uma câmera sobressalente. Uma das pequenas. Pra qualquer eventualidade.

Marcelo sacudiu a cabeça afirmativamente e, pela primeira vez no dia, sorriu. Dante ameaçou erguer-se, mas Marques apontou o dedo pra ele.

– Essa Eva Bueno é uma mina de ouro, Dante. Não fode tudo desta vez, senão boto no teu rabo, entendeu?

Dante ergueu-se sem responder e saiu da sala. Marcelo foi atrás.

2

Eva saiu da cama às onze da manhã. Seu rosto estava coberto com um creme azulado e duas fatias de pepino repousavam sobre seus olhos. Retirou-as, jogando-as numa lixeira ao lado do criado-mudo.

Foi até o banheiro, tirou a camiseta e a calcinha e entrou no banho. Sentia-se moída, mas a água gelada ajudou a despertar e a amenizar os efeitos da ressaca.

“Meu Deus, o que foi aquilo ontem à noite?”, pensou, enquanto passava o sabonete no corpo. Tentou se recordar dos fatos após o encontro com Radu, mas pareciam lembranças fugidias de um sonho. Estava quase desistindo, concentrando-se em desembaraçar os cabelos, quando se lembrou da taça de absinto que bebeu longe da vista do patrão. “Droga, eu não aprendo mesmo!”, pensou, irritada enquanto enxaguava o creme.

Radu. Não era, em sua opinião, uma pessoa bonita, mas tampouco ele era feio. Era, isso sim, um pouco assustador. Gostava de seus cabelos, longos e prateados, sempre muito bem cuidados, presos num indefectível rabo de cavalo. Seu corpo era firme, apesar de esguio. Lembrava-se claramente da sua força, quando ele tomou-a nos braços, durante uma dança, e olhou-a profundamente nos olhos.

Eva arrepiou-se, não pela brisa que tocou suas costas nuas, nem pela água gelada que escorria pelos seus seios, mas ao lembrar-se daquele olhar. Olhos azuis, mas de uma tonalidade tão clara que ao longe pareciam completamente brancos. De aparência fria, mas ao mesmo tempo com uma chama intensa, sensual. A lembrança a excitou tanto que, sem perceber, havia fechado os olhos, curtindo a lembrança, esquecendo-se completamente da realidade à sua volta.

Naquele momento, sua colega de quarto, Tamara, entrou no banheiro, flagrando-a. Envergonhada, rapidamente começou a se enxaguar, terminando o banho.

– O efeito Radu – disse Tamara, com desdém.

– O quê? – perguntou Eva, disfarçando. – O quê você disse?

Tamara sorriu, indo em direção ao espelho. Estava de *baby-doll* preto, rendado e transparente, mostrando claramente seu corpo mulato. Examinou seu rosto e em seguida pegou a escova de dente e a pasta.

– Não precisa disfarçar, querida. Todas ficam assim depois de conhecer o Radu.

– Assim como? – perguntou Eva, saindo do chuveiro e se enrolando em uma toalha. Tamara começou a escovar os dentes.

– Delirando no chuveiro – disse, com um sorriso cheio de espuma.

Eva ficou sem graça. Pegou outra toalha. Sentando na privada, usou-a para secar o cabelo. Tamara cuspiu espuma na pia.

– O cara é um tremendo garanhão, Eva. Deixa todas desse jeito, com aqueles olhos e aquela voz macia. Mas tem um porém...

Eva não disse nada. Tamara encheu a boca com água, fez um gargarejo e cuspiu de novo. Secou o rosto com a toalha pendurada na parede.

– O cara não come ninguém. Ninguém! Ele tempera todas, mas não come nenhuma. Acho até que é gay...

– Ele não é gay! – protestou Eva, subitamente. – Pelo menos não parece...

Tamara riu alto.

– O cara é foda! Como é que ele consegue?

Eva empertigou-se. Foi até o armário do espelho e pegou um pote de creme hidratante.

– Você está é com inveja... – disse, tentando parecer superior. Sabia que era um argumento furado. Tamara era a promotora-chefe do *Vrykolakas* e conhecia o Radu como ninguém, por isso gelou quando a viu aproximar-se dela e olhar em seus olhos pelo reflexo do espelho.

– Querida – disse a mulata, séria – estou no *Vrykolakas* desde que ele abriu, há dois anos. O que ele te fez ontem, fez comigo e com todas as meninas que entraram lá. Te garanto, ele não transou com ninguém, nem mulher, nem homem, nem bicho. O cara é um castrado!

Eva se assustou, mas manteve a pose. Seria verdade? Não, castrado ele não era. Sentiu sua rigidez quando se abraçaram.

– E daí se ele for castrado? – perguntou, desafiadora. – Sexo não é a única coisa que se pode ter numa relação.

Tamara riu alto novamente.

– Relação? – perguntou. – Querida, Radu nunca se relacionou com ninguém! E, com certeza, não vai se relacionar com você.

A postura petulante e desafiadora da colega a irritou, por isso decidiu mudar de estratégia.

– Azar dele. Vai perder a trepada da sua vida – disse, abrindo a toalha

e mostrando o corpo nu para Tamara, rebolando um pouco e fechando-a logo em seguida.

– É assim que se fala, *baby*! – respondeu Tamara, baixando a calcinha e sentando-se no vaso para urinar.

Eva sorriu, enquanto fazia uma checagem minuciosa em seu rosto. Passou pomada nas pequenas e quase imperceptíveis espinhas em sua testa, retirou dois fios rebeldes da sobrancelha e em seguida pegou seu estojo de maquiagem. Recusava-se a sair do banheiro sem estar completamente maquiada.

Tamara terminou, enxugou-se com papel higiênico e subiu a calcinha. Colocou-se atrás de Eva e observou a colega se maquiando.

– Você está colocando pouco delineador – comentou. – Carrega um pouco mais na sombra.

– Gosto do jeito que está – respondeu. Tamara puxou-a pelo ombro, tomou o lápis de sua mão e passou a maquiar Eva, que aceitou sem reclamar.

– Pronto, agora sim. Agora está bom – disse, virando-a para o espelho.

“Estou parecendo um guaxinim”, pensou Eva, mas em vez disso, falou: – Está ótimo, obrigada.

– Você tem muito que aprender comigo, Evita. Pode deixar que a Tamara aqui vai te levar ao topo! – exclamou a mulata, dando um tapa ardido em sua bunda. Em seguida saiu do banheiro e bateu a porta. Eva imediatamente retirou o sorriso amarelo do rosto, passando um lenço umedecido nos olhos e retirando a maquiagem recém-colocada.

“Vamos ver quem ensina quem, sua vaca”, pensou, pegando novamente o lápis.



Duas horas depois, estava de pé na recepção do Plaza, vestindo um *tailleur* cinza impecável, com um broche dourado retangular espetado em sua lapela, com seu nome e o logotipo do hotel gravados. Em suas mãos, uma lista dos participantes de um congresso que aconteceria no salão de convenções.

– Odeio congressos de informática – disse para a colega sentada na mesa de inscrições ao seu lado, que estava vestida exatamente como ela. – Nunca aparece ninguém interessante. Odeio *nerds* espinhudos!

– Eu prefiro – respondeu a colega, checando as unhas. – Pelo menos não aparecem aqueles velhos babões com cantadas do século retrasado. Os carinhas de informática normalmente são tímidos ou fissurados no tema da palestra. E em ambos os casos eles costumam nos respeitar.

Eva sorriu. Seria impossível explicar que ela, na verdade, queria ser abordada por velhos babões. Babões, impotentes e nadando em dinheiro. Era só sair com eles duas ou três vezes, fazer alguns favorzinhos sexuais básicos, sorrir na hora certa e eles abriam a carteira. E bicos como aquele eram os ideais para conhecer ricos com a carteira aberta. Mas sabia que não conseguiria suportar caso tivesse que depender daquele tipo de trabalho para sobreviver.

Foi abordada por uma rapaz bizarro, magro, de óculos, com dentes proeminentes, cabelos enebados, vestindo calça de paraquedista e camiseta preta com um pinguim desenhado na manga. Ela sorriu de maneira simpática, indicando o salão para o rapaz, após verificar que seu nome estava na lista e entregar uma sacola com brindes (bloco, caneta, pasta e camiseta). Aprendeu da pior maneira que precisava ser extremamente simpática com todos, indiscriminadamente, principalmente em congressos de informática. Quase perdeu o emprego quando, certa vez, chamou a segurança para enxotar o presidente de uma megacorporação de Internet, que havia aparecido para o congresso vestido como um mendigo. Era um baú de mais de dois bilhões e ela tentou expulsá-lo. Nunca se perdoou por isso.

Seria um dia longo e cansativo. Seus pés já estavam se cansando dentro do apertado sapato de salto agulha, mas ela sabia manter a pose. Era uma profissional, mesmo aquele trabalho sendo apenas esporádico. Realmente não conseguia imaginar sua vida se tivesse que fazer aquilo todo dia.

Subitamente, seus olhos se fixaram na única mulher na sala, fora ela e as outras recepcionistas. Era uma coisinha pequena, gorducha, com peitos enormes esmagados em um sutiã que transparecia pela camiseta branca. Usava uma calça jeans clara apertada, o que apenas ajudava a ressaltar as gordurinhas localizadas na cintura e nas nádegas. Seus cabelos eram negros, compridos e lisos, talvez traço de descendência oriental ou indígena. Seus olhos eram amendoados e grandes, emoldurados por um par de óculos pequenos. Estava próxima a um pilar, examinando a sacola de brindes, aparentemente sozinha.

“Deus queira que eu nunca fique desse jeito”, pensou Eva. Chegou a

sentir uma ponta de piedade pela moça, mas logo o sentimento foi substituído por um profundo desprezo. Eva batalhou muito para ter a aparência que tinha, mesmo tendo vindo de família pobre. Seus cabelos, castanhos, crespos e ressecados originalmente, lisos, macios e loiros agora, eram sua luta diária. Sua pele, oleosa e com tendência à acne, necessitava de cremes caríssimos para manter o viço. Sua cintura e nádegas tinham tendência a crescer, herança genética da mãe mulata, mas aquilo era corrigido com intermináveis sessões de malhação. Sua barriga e seios foram modelados pelo cirurgião plástico, que quase a arruinou financeiramente, mas que também abriu muitas portas depois.

Não conseguia entender como alguém poderia sair de casa vestindo-se como aquela garota. Meu Deus, ela teria vergonha de se olhar no espelho com um corpo daqueles!

Observou-a guardando suas coisas e dirigindo-se à sala de conferências. No caminho, trombou com um homem alto, elegante, vestindo um traje esporte fino, que pediu desculpas a ela e seguiu seu caminho. Eva notou que a garota ficou extremamente embaraçada com o ocorrido, pois ela de repente perdeu o controle das mãos, derrubando a sacola de brindes e espalhando o conteúdo pelo saguão, mas antes que alguém pudesse ajudá-la recolheu tudo e entrou na sala.

Cinco minutos depois, Eva já havia esquecido da existência da garota. Sorriu a todos, indiscriminadamente, buscando alvos em potencial. Mas no final das contas foi uma tarde fraca.



Ao final do dia, estava sentada na sala dos funcionários do hotel, tomando um copo de água e descansando os pés, quando o celular tocou. Atendeu rapidamente.

– Olá, tigresa – sussurrou uma voz no aparelho.

“Ai, que brega!”, pensou, mas sabia exatamente o que o senador queria ouvir: – Oi, meu tigrão! – respondeu, fingindo empolgação. – Pensei que não ia ligar mais! Esqueceu-se de mim? – seu tom de voz agora era deliberadamente meigo.

– Não, minha tigresa, não esqueci – respondeu ele, ainda sussurrando. Ao fundo era possível ouvir um intenso burburinho. – Houve sessão extraordinária, por causa dos rolos do Coronel. Estão debatendo agora se vai

ser preciso instaurar uma CPI, mas o diretório já decidiu que iremos abandonar a sessão. Sem *quorum* não tem votação. A gente adia esse problema para depois do recesso. Mas não quero preocupar sua linda cabecinha com picuinhas da corte. Liguei porque estou com saudades.

Eva examinava as unhas distraidamente.

– Eu também, meu tigrão – disse. – Comprei uma coisinha especial para nosso encontro semana que vem – mentiu.

– Humm, é *lingerie*?

– É uma surpresa, meu tigrãozinho. Vai ter que esperar pra ver, mas garanto que você vai adorar...

– Não vou precisar esperar muito, então. Marcaram uma reunião da diretoria de uma de minhas empresas aí em São Paulo pra amanhã de manhã. Chego hoje às nove horas.

“Droga! Lá se vai mais uma noite! Velho desgraçado!”, pensou, mas disse: – Que maravilha, meu chuchuzinho! E vai ficar quanto tempo?

– Apenas essa noite. Amanhã é meu aniversário de casamento.

“Ainda bem. Salvo meu final de semana”, pensou, aliviada.

– Ah, só isso? Que pena...

– Só, desculpe. Mas semana que vem planejamos algo pra compensar. Minha mulher vai passar quinze dias na Europa. Onde você está agora?

– Estou no Plaza, num congresso.

– Perfeito! Vou pedir pra minha secretária reservar uma suíte aí mesmo. Te encontro no bar, às nove e meia.

– Combinado, meu tigrão. Estarei lá.

Desligou o telefone, suspirando. Mais uma noite chata. O senador já passava dos sessenta, mas tinha o vigor de um garoto. O problema é que sua variedade de posições se limitava ao papai e mamãe básico, e ela dificilmente sentia algum prazer.

Mas não estava nessa pelo tesão e sim pela grana. Desde que começaram a sair juntos, há dois meses, Eva já havia conseguido algumas joias, roupas, que incluíam o caríssimo casaco italiano que ela tanto gostava, e, é claro, seu carro. Pensando assim, a ausência de orgasmos não parecia algo tão ruim. E, além do mais, ela tinha meios de conseguí-los de outra forma.

Digitou no celular um número.

– Alô, é do Sex Shop? Vocês fazem entregas no Plaza?

3

Ian recostou-se na cadeira, olhando para a janela. Notou apenas agora que já havia anoitecido e aquilo o assustou um pouco. Esticou o pescoço e olhou através do vidro jateado que delimitava sua sala. Não estava sozinho no escritório, pois via os vultos de algumas pessoas caminhando pelas mesas. O relógio mostrava que já passava das nove.

Esfregou as palmas no rosto. Estava cansado, mas não pelo excesso de trabalho. Não tinha problemas em trabalhar até tarde. Instintivamente, seus olhos buscaram o porta-retratos em sua mesa, onde estava a foto com o rosto sorridente de sua filha, sua única filha, e ele sorriu. Ela tinha apenas quatro anos quando a foto foi tirada. Seu rosto ainda tinha os traços de bebê, com bochechas gordinhas e rosto arredondado. Os dentinhos que faltavam davam um charme todo especial ao sorriso, junto com o cabelo loiro encaracolado, preso nas laterais de sua cabeça com pequenas fivelas em formato de sapinhos. Sentiu um aperto de saudades no coração e pegou o telefone, apertando um botão da memória.

“Não atenda, Cláudia, por favor. Quero falar apenas com minha filha...”, pensou.

– Alô? – atendeu uma voz do outro lado da linha. Era Cláudia.

– Oi, Clau. É o Ian.

– Oi, Ian! – respondeu ela, entusiasmada. – Juju, é o papai! – gritou ela, fora do fone. – Ela estava falando de você agorinha mesmo.

Ian esfregou os olhos.

– Tá tudo bem aí?

– Tudo ótimo. Jantamos hambúrguer e batatas fritas. Tinha prometido pra Ju, se ela terminasse as lições a tempo. Ela tem andado meio desligada com as lições, e a professora dela me chamou pra conversar a respeito. Ela recomendou até um psicólogo, mas não acho que seja necessário...

– Talvez seja, Cláudia – interrompeu ele. – A separação pode ter causado algum trauma...

– Ela não precisa de psicólogo! – cortou a mulher, firme. – Está lidando com a separação melhor que a gente.

Ian suspirou ao perceber que o humor havia desaparecido completamente da voz da ex-esposa, como sempre acontecia em suas

conversas. Queria evitar justamente aquele tipo de situação.

– Cláudia, por favor – tentou, num tom conciliador. – Não fique nervosa...

– Eu estava ótima até você ligar! – disparou ela, já irritada. – Se você acha que é fácil lidar com essa situação, então você me conhece menos que imagina! Cada dia que passa, cada hora é um sofrimento para mim e para ela. Ela sente sua falta, Ian, sente falta do pai. O quarto dela está forrado de desenhos de nós três juntos novamente, como uma família, uma família feliz! Ela tem vergonha de falar a respeito da nossa separação com os amiguinhos, tem vergonha de falar a respeito até comigo! Por Deus, Ian, ela tem apenas seis anos!

Ian perdeu o controle. Deu um tapa forte na mesa, fazendo o retrato sobre a mesa cair para frente.

– Eu sei muito bem a idade da minha filha! – gritou. – E sei exatamente o mal que causamos na cabeça dela quando decidimos nos separar. E é por isso que acho que talvez seja melhor que ela fosse a um psicólogo.

– Quando você decidiu se separar, senhor Ian. Foi você quem teve essa ideia estúpida que causou todos esses problemas – seu tom de voz tornou-se choroso, quase uma súplica. – Éramos felizes juntos, tínhamos tudo que precisávamos, éramos uma família que se amava...

– Ainda amo minha filha, mas não estava feliz ao seu lado – interrompeu, bruscamente. Estava sendo cruel, ele sabia, mas precisava dizer aquilo. – Nada tenho contra minha filha nem contra você, mas não te amava mais. A Ju vai ter que aprender a lidar com isso, como os outros filhos de casais divorciados aprendem, cedo ou tarde. Minha felicidade estava em jogo.

– E a minha felicidade, seu desgraçado? – gritou ela, aos prantos. – E a felicidade da minha filha, seu egocêntrico de merda? Como fica?

– No momento só me importa a felicidade de minha filha – sentenciou. – A sua é problema exclusivamente seu.

Silêncio. Nem ele respirava, nem ouvia a respiração de Cláudia do outro lado da linha. Levou o polegar e o indicador em direção às têmporas, cobrindo o rosto com a palma da mão esquerda, arrependendo-se imediatamente por ter pegado tão pesado.

– Cláudia, eu...

– Filho da puta – respondeu ela, por entre os dentes. – Filho da puta.

– Cláudia, por favor...

– Filho da puta! – gritou ela. – Calhorda, desgraçado, filho de uma grandessíssima... Oh, meu Deus, filha!

Ouviu um baque surdo seguido de um choro assustado de criança. Cláudia largara o telefone, pois Juliana havia presenciado seu ataque histérico.

– Alô! – gritou Ian. – Alô! Cláudia pega o telefone! Juju é o papai...

Silêncio. Cláudia desligou o telefone. Ian apertou o botão de rediscagem do aparelho, mas deu sinal de ocupado. Ela devia ter tirado o telefone do gancho.

Sentiu um ímpeto de sair correndo e ir para lá, para ver sua filha, mas conteve-se. Ela já tivera emoção demais para uma noite, e sabia que seria impossível estar no mesmo recinto que sua ex-mulher sem brigar. Decidiu poupá-la daquele espetáculo deprimente.

Sentiu necessidade de fumar um cigarro. Havia parado já fazia dois anos, mas sentiu uma necessidade urgente de dar uma boa tragada, por isso saiu de sua sala e deu uma olhada nas mesas. Karen, a estagiária da criação, ainda estava lá. Ian sabia que ela fumava, então foi em sua direção.

– Karen, desculpe – disse ele, um pouco afoito – mas você não teria um cigarro para me arrumar?

Karen estava concentrada na tela do computador e assustou-se com a abordagem dele. Era uma bela garota. Tinha os cabelos castanhos, cheios e cacheados, pernas magníficas e um par de seios que simplesmente hipnotizavam Ian. Seu rosto era de menina, recém-saída da adolescência.

– Ian? O quê... Ah, um cigarro, claro! Não sabia que o senhor fumava... – estranhou ela, buscando sua bolsa na mesa.

– Não fumo. Não fumava. Sei lá! Tem ou não a porra do cigarro?

Karen arregalou os olhos, assustada, e rapidamente colocou a bolsa no colo, buscando o cigarro. Pegou também o isqueiro, largou a bolsa na mesa e levantou-se, ajeitando a saia.

– Também estou precisando de uma pausa – comentou, sorrindo. – Vamos, te acompanho.

Dirigiram-se para a saída de emergência, que era o “fumódromo” do escritório. Karen acendeu um cigarro e passou para Ian, acendendo outro para ela em seguida. Ian deu uma longa tragada, relaxando seus ombros imediatamente. Fechou os olhos, saboreando a sensação. A tensão se esvaiu como por milagre. Deu outra tragada e abriu os olhos, encontrando o olhar de Karen sobre ele, o rosto estampado com um belo sorriso.

– Desculpe, Karen – pediu, acompanhando o sorriso, mais de vergonha do que de alegria propriamente dita. – Desculpe, estou uma pilha...

– Relaxa, Ian. Ninguém é de ferro. Fuma teu cigarro. Quer conversar a respeito?

– Não.

Karen deu de ombros e deu uma tragada. Ian percebeu que o filtro ficou borrado com batom. Ela devia ter retocado a maquiagem há pouco tempo.

– Muito trabalho? – perguntou, tentando puxar conversa, para logo em seguida se sentir um idiota. O que ela estaria fazendo no escritório até aquela hora se não fosse por trabalho? Tentou corrigir: – Não pergunto como seu chefe, mas imagino que seu namorado esteja esperando para te levar a algum lugar...

Karen virou os olhos, como que mostrando descaso.

– Não tenho namorado.

Ian deu um sorriso sem graça e calou-se. Estava se sentindo um completo imbecil ao lado daquela bela moça. Havia perdido completamente o jeito para conversar com mulheres. Tragou novamente o cigarro.

– Olha, desculpe, não queria constrangê-la. Vou entender se você quiser voltar para sua mesa. Não precisa me fazer companhia.

– Relaxa, Ian, eu estava precisando mesmo de uma parada e você não precisa me entreter.

Ian enrubescceu inteiro, dando mais uma tragada, mas engasgou e teve um acesso incontrolável de tosse. Arremessou o cigarro no chão, nervoso, apoiando-se na parede enquanto tossia violentamente. Karen deu uma última tragada, enfiou seu cigarro na areia branca do cinzeiro e aproximou-se dele, segurando seu braço e dando tapinhas de leve em suas costas.

– Pronto, pronto... – disse, tentando acalmá-lo.

Ian voltou-se para ela com a face injetada. Sentia tontura, mas havia conseguido controlar a tosse. O rosto dela estava próximo, tão próximo que podia sentir o cheiro de seu perfume invadir suas narinas, mesclado com o cheiro do cigarro. Seus lábios eram um convite, pedindo para serem beijados. E seus seios, ah, seus seios...

Puxou-a de encontro a si, colando seus lábios no dela. Enlaçou sua cintura ao mesmo tempo em que segurava sua nuca, mantendo seus lábios colados. Karen não relutou, correspondendo ao beijo. Sentiu quando a língua dela invadiu sua boca, fazendo movimentos circulares. Seus olhos estavam

fechados e ela havia enlaçado seu corpo com a perna direita enquanto acariciava seu cabelo com os dedos.

Ian sentiu uma excitação imensa, mas ao mesmo tempo lembrou-se de onde estava. Havia outras pessoas no escritório. Se fossem flagrados daquele jeito haveria uma situação constrangedora a ser resolvida. Poderiam ambos perder o emprego.

Mas o beijo estava tão bom, e ele estava precisando tanto daquilo! Suas línguas se trançavam em suas bocas e seus corpos roçavam-se ritmadamente, já antevendo o ato. Sentiu a mão dela apertando sua bunda.

– Não! – disse ele, empurrando-a pra frente e interrompendo o beijo. Segurou seus braços e olhou para baixo, arfando. Karen olhava para ele com os olhos arregalados. – Não podemos fazer isso. Não aqui.

Karen estava com a boca entreaberta, como uma loba prestes a dar o bote. Tentou mais uma investida, mas Ian segurou-a com firmeza, Olhando-a diretamente nos olhos.

– Não podemos, Karen – disse, sério. – Não agora, não aqui. Por favor.

Desviou o olhar. Só a visão daquela boca faminta já o excitava. Precisava se acalmar. Era o chefe, tinha que se controlar. Não podia fazer aquilo.

– Você conhece o *Vrykolakas*? – perguntou ela, de repente. Ian ergueu o olhar. Soltou-a, e ela começou a arrumar suas roupas e cabelos.

– O quê?

– O *Vrykolakas*. É uma danceteria.

Ian revirou a memória, tentando recordar-se daquele nome. Sim, claro, era uma casa noturna no Centro. Já tinha ouvido falar.

– Sei. O que tem?

– Eu e umas amigas combinamos de ir lá essa noite. Lá é melhor do que aqui?

Ian vacilou por um momento. Estava sendo convidado por uma bela mulher para um programa e com certeza algo mais depois. Já fazia quanto tempo que não saía com alguém que não fosse Cláudia? Seis anos, desde que sua filha havia nascido! Estaria pronto para aquilo? Havia se divorciado há tão pouco tempo. Sentiu um frio no estômago.

– E então? – insistiu ela. – Estamos combinados?

– Claro, claro – respondeu ele, impulsivamente. – Que horas?

Karen sorriu.

– A gente se cruza lá.

Aproximou-se e deu-lhe um beijo rápido nos lábios, voltando para o escritório logo em seguida, deixando-o sozinho com suas dúvidas.

A luz estroboscópica piscava freneticamente na pista de dança, dando a seus ocupantes a impressão de movimentos truncados, robotizados. O ar rescindia a maconha e fumaça de glicerina. A música tecnoindustrial beirava o volume insuportável, tornando possível sentir no corpo as batidas ritmadas e a distorção das guitarras.

Dante estava acostumado com aquele tipo de lugar, mas naquela noite não estava com a menor paciência. Tudo parecia incomodá-lo, principalmente a cara de bobo-alegre de Marcelo, ensaiando uma dança estranha ao seu lado. Ele balançava a cabeça para frente e para trás, totalmente fora de ritmo, enquanto suas pernas sacudiam-se num passo de dança desengonçado. “Parece um ganso com prisão de ventre”, avaliou, enquanto recostava no bar e pedia uma cerveja. O relógio de seu celular marcava meia noite e meia. O lugar estava começando a lotar. Toda quinta a casa fazia uma promoção especial, cobrando um pouco a mais de entrada, mas com bar liberado. Sucesso garantido. Acenou para o *barman* de novo.

– Tem como você chamar o Ramiro pra mim?

– Hoje vai ser difícil – respondeu ele – Mas posso tentar.

– Diz que é o repórter da *Night Glam* que o Antônio Marques mandou.

– Pode deixar.

Olhou para Marcelo. Ele estava cercado por três garotos que olhavam para ele com olhos embaciados, com uma expressão de zumbis. Não pareciam querer briga, estavam apenas observando. Mesmo assim decidiu não arriscar. Não podiam perder mais uma noite por causa de uma dança, principalmente aquela dança estranha do Marcelo. Adiantou-se e agarrou-o pela gola da camiseta.

– Vem, Travolta. Você está me envergonhando.

– Que é isso, Dante? Deixa eu curtir o som!

Dante levou-o até o bar e sentou-o numa banqueta.

– Estamos aqui pra trabalhar e não pra curtir.

– Nossa, que humor! Cara tem uma pá de gatinha por aqui. A gente podia se arrumar enquanto essa Eva não aparece.

Dante sentou-se ao seu lado, ajustando a camisa e ignorando a

sugestão do garoto. Marcelo sorriu e pediu uma cerveja.

– Algum sinal da piranhinha?

– Nada ainda. Já pedi pra chamar o tal do Ramiro, mas o cara ainda não apareceu.

– Quem?

Dante bufou, irritado. Aquele moleque era muito distraído!

– O filho duma égua do dono dessa pocilga dos infernos, cara. Presta atenção!

– Eu presto atenção nas imagens e você na história, porra. Cada um na sua.

– Ah, vai tomar no cu, moleque. Vê se pelo menos tenta fingir que é um profissional!

– Eu sou profissional, cara. Pelo menos o pessoal da redação respeita meu trabalho. Você pode falar o mesmo?

– Moleque, o Marques só te ouve por causa do teu pai...

– Não mete meu pai nessa história! Ele pode ser um dos acionistas da editora, mas eu estou crescendo pelos meus próprios méritos.

– E você acha que o Marques ia te esculhambar por causa de uma merda de foto malfeita? Ele sabe quem é o dono do rabo dele e sabe o que pode acontecer se te sacanear. Você não viu como ele te tratou hoje de manhã? Só faltou ele pular em cima de você e te cobrir de beijos!

Marcelo se irritou, finalmente. Pelo menos foi o que pareceu para Dante, que percebeu que o rosto do garoto havia de repente se tornado rubro como um tomate, da mesma cor que seus cabelos. Rilhando os dentes, estendeu o dedo na direção do rosto de Dante, numa tentativa de pose de intimidação.

– Sorte tua a gente estar trabalhando, porque senão eu ia fazer você engolir...

Num piscar de olhos, Dante agarrou o dedo apontado para ele e o torceu. Marcelo gemeu de dor, caindo de joelhos no chão, a mão esquerda segurando o pulso de Dante.

– Tá com medo do quê, seu merda? – perguntou, rilhando os dentes. – Não tenho nada a dever pro Marques e nem pro filho da puta do teu pai, então não me venha com essa. E da próxima vez que você me apontar esse seu dedinho, vou usar ele para te fazer um autoexame de próstata. Estamos entendidos, seu babaquinha do cacete?

– Me solta, seu filho da... Argh! – gritou, quando Dante torceu mais

seu dedo.

– Estamos entendidos? – perguntou calma, mas firmemente Dante.

O fotógrafo sacudiu a cabeça afirmativamente e Dante o soltou. Ele agarrou o dedo dolorido com a outra mão, massageando para aliviar a dor. Dante sentou-se na banquetta, pronto para pedir outra cerveja, quando notou que no outro lado do balcão havia uma figura que era, no mínimo, diferente. Alto, beirando um metro e noventa. Estava vestindo um terno negro impecável, com camisa e gravata da mesma cor. Seu corpo era esguio, mas sua postura era firme. Tinha o rosto magro, comprido e extremamente pálido, contrastando com a roupa escura, com um grande nariz adunco. Sua face era de uma frieza embaraçosa. Seus cabelos eram brancos e compridos e com a iluminação pareciam brilhar como fios de prata, presos na nuca com um laço fino. Tinha as mãos compridas e magras juntas em frente ao corpo e o semblante demonstrava um misto de impaciência e asco.

– A que devo esse espetáculo deprimente? – perguntou ele, falando baixo. Dante teve que se esforçar para ouvir com a música que permeava o ambiente.

– Ramiro?

O recém-chegado meneou levemente a cabeça. Dante ergueu-se de um salto. Marcelo levantou-se em seguida, ainda segurando o dedo dolorido e fazendo cara de dor.

– Desculpe por isso. Foi uma, digamos, divergência profissional – justificou Dante, cada vez mais desconfortável.

– É mesmo? – espantou-se Ramiro. – Gostaria de conhecer o lugar que trabalham pessoas tão equilibradas. Deve ser emocionante.

Dante percebeu o tom de ironia dele, mas tentou ser simpático:

– Você nem imagina. É uma loucura...

Ramiro suspirou escandalosamente, mas não perdeu a postura empertigada.

– Em que posso ajudá-los, cavalheiros?

A presença daquele homem elegante e refinado, mesmo com uma aparência jovial e atitude afetada, incomodava Dante, que tinha um estilo completamente despojado. Tentou desamarrotar a camisa e discretamente colocá-la de volta dentro da calça, mas sentiu-se patético ao fazer isso e forçou-se a relaxar. Marcelo parecia não ligar, sentando-se novamente na banquetta.

– Meu nome é Dante Calegari e este é o meu colega, Marcelo.

Gostaríamos de agradecer por ter-nos permitido fazer esta matéria aqui dentro. Sua casa é muito bonita...

– Deixe de enrolação, Sr. Dante Calegari – interrompeu Ramiro, grosseiro. – Vocês ontem tentaram invadir minha área VIP e também tentaram subornar meu segurança. Uma matéria de promoção de meu estabelecimento normalmente não demanda esse tipo de atitude, então peço novamente: deixe de enrolação e vá direto ao assunto.

Dante estacou. Estava em um beco sem saída. Se abrisse o jogo com Ramiro, poderia por tudo a perder, mas, se não o fizesse, não conseguiria nada de qualquer maneira. Ele havia ganhado aquela mão, pensou. Pigarreou, virando a cabeça e fazendo seu pescoço estalar. Normalmente não ficava assim tenso.

– Estamos à procura de Eva Bueno, uma promotora da sua casa. Por acaso você a viu por aí?

Ramiro ergueu uma sobrancelha, como que espantado com a pergunta.

– Eva Bueno? O que vocês querem com ela?

– Temo não poder contar mais. Assunto profissional.

– Vão torcer seu dedo também?

Dante riu e finalmente relaxou. Havia algum traço de humor naquele *iceberg* humano, afinal.

– Espero que não, a menos que ela queira! – emendou, rindo. Ramiro continuou impassível. O sorriso de Dante morreu envergonhado em seus lábios.

– Não a vi a noite toda, desculpe – disse Ramiro, apressado. – Acho que ela não veio hoje, mas posso me informar de seu paradeiro, se vocês me prometerem que irão embora assim que tiverem o que vieram buscar. E se você tirar esta foto, Sr. Marcelo, serei obrigado a confiscar sua câmera e expulsá-lo de meu estabelecimento.

Marcelo estava apontando a câmera digital na direção de Ramiro, quando este o interrompeu. Seu dedo machucado quase bateu a foto, mas o tom imperioso da voz de Ramiro o fez desistir imediatamente. Fechou a objetiva, pousou a câmera sobre o balcão e, resignado, tomou mais um gole de cerveja.

Ramiro falou algo para o *barman*, que saiu por uma porta escondida na parede atrás do balcão, voltando em seguida, acompanhado de uma belíssima mulata, vestida com um curtíssimo e exageradamente decotado

vestido negro. Estava um pouco desarrumada, com o batom borrado e o cabelo ligeiramente despenteado e havia traços de pó branco sob sua narina direita, que ela limpou rapidamente.

– Tamara, recomponha-se – repreendeu Ramiro, suavemente. – Você, entre todas, é a que deve dar o exemplo.

A mulata ajeitou o vestido, pegando em seguida um guardanapo, que usou para limpar o batom da boca. Arrumou os cabelos alisados, jogando nervosamente o guardanapo no lixo embaixo do balcão. Estava estranhamente agitada, mesmo para alguém que tinha acabado de cheirar uma carreira, analisou Dante.

– Muito melhor, minha querida – disse Ramiro, segurando-a pelos ombros e beijando suavemente sua testa. Ela pareceu arrepiar-se com o toque dos lábios em sua pele. – Estes gentis cavalheiros aqui estão à procura de Eva. Você a viu hoje?

– Eva? Que Eva? – perguntou ela, assustada.

Ramiro suspirou.

– Eva Bueno. A que mora com você...

– Ah, essa Eva? Não, não a vi. Não sei se ela veio esta noite. Ela ia se encontrar com o...

– Sem indiscrições desnecessárias, minha cara – interrompeu Ramiro.

– Tenho certeza de que nossos digníssimos colegas da imprensa sabem valorizar um segredo, não é mesmo?

Dante sorriu e acenou com a cabeça. Alguma coisa naquele homem o fazia ficar exageradamente formal e aquilo o incomodava.

Percebeu que Tamara arregalou os olhos em sua direção, quando foi mencionado que eles eram repórteres. Tentou manter a compostura, mas foi impossível.

– Vocês são colegas de quarto? – perguntou Dante, aproveitando a deixa. – Talvez você possa responder a algumas perguntas...

– Que tipo de perguntas? – interpelou a garota, aflita. – Olha, eu não sei o que vocês querem com a Eva, mas não me metam nesse rolo. Não tenho nada a ver com isso!

Ramiro sacudiu negativamente a cabeça, segurando com firmeza o braço de Tamara enquanto dirigia-se para eles:

– Peço desculpas por ela. Um instante e tudo estará resolvido.

Guiou-a de volta pela porta de onde havia surgido e fechou-a atrás deles. Dante ficou sem palavras. Olhou para Marcelo, que abriu um meio

sorriso e disse:

– Sinistro...

Molequezinho insuportável! Dante sentiu vontade de esganá-lo, mas, antes que pudesse fazer ou falar qualquer coisa, a porta se abriu novamente. De lá saíram Ramiro e Tamara. Ela estava bem mais calma. Havia até mesmo um sorriso em sua face. Dirigiu-se polidamente para Dante.

– Por favor, me acompanhem. Terei prazer em responder a qualquer pergunta que desejarem.

Atrás dela, Ramiro sorria.



Tamara levou-os através da pista, desviando-se habilmente por entre a multidão que dançava a barulhenta música tecno. Dante e Marcelo não se saíram tão bem quanto ela, trombando com quase todos os clientes da casa, confundidos pelo piscar frenético das luzes. Quase perderam-na de vista, mas ela fez a fineza de esperá-los no final da pista. Em seguida guiou-os para a escadaria na qual foram barrados na noite anterior. O segurança que quase quebrou sua mão estava lá. Tamara acenou alegremente para ele, que apenas meneou de leve a cabeça, mantendo a expressão firme. Por um instante Dante pensou que ela iria levá-los para a área VIP, mas em vez disso deu a volta pela escada, entrando em um corredor estreito, que terminava em uma porta de metal, onde havia um casal se esfregando. Ela tocou de leve o ombro o rapaz, fazendo o casal se mover o suficiente para que fosse possível abrir a porta. Fez sinal para que os repórteres entrassem.

Lá dentro funcionava um escritório, com uma ampla mesa de madeira e uma cadeira do tipo diretor atrás. Sobre a mesa havia um *notebook* fechado, um terminal telefônico digital e uma caixa de entrada num dos cantos. No outro havia um abajur com a forma de um crânio humano, com a lâmpada sobre ele simulando uma vela derretida.

Tamara indicou um sofá para que eles se sentassem. Era amplo e macio, revestido de couro negro. Dante sacou seu bloco de notas do bolso de trás da calça antes de sentar.

– Sei o que estão pensando – disse Tamara, dirigindo-se para a cadeira atrás da mesa. – Ramiro é um homem de negócios como qualquer outro. O fato de seu negócio ser uma danceteria não quer dizer que ele não tenha direito a um escritório como este.

Dante sorriu.

– Tenho certeza de que sim. Podemos começar?

– Em um minuto, *chéri* – respondeu ela. Em seguida digitou quatro números no terminal telefônico. – Bebidas?

Dante recusou com um aceno, mas Marcelo fez questão de pedir um Bloody Mary. Dante suspirou.

– Dois Bloody Mary e um Scotch no escritório principal, por favor – pediu ela quando atenderam a ligação. Em seguida apertou o botão para desligar. – Você tem jeito de quem gosta de uísque. Como é mesmo seu nome?

– Dante. Ele é Marcelo. Somos da *Night Glam*.

Os olhos de Tamara brilharam.

– Eu simplesmente a-do-ro a revista de vocês! – disse, empolgada. – As suas matérias sobre a noite paulistana são demais!

Dante sentou-se na borda do sofá, abriu o bloco de notas e apertou o botão para abrir a caneta.

– Obrigado, mas agora, sobre a Eva Bueno...

Foi interrompido por três batidas rápidas na porta de metal. Tamara gritou “Entra!”, e o garçom abriu a porta, trazendo as bebidas numa bandeja prateada. Era um rapaz magro, esquelético, com profundas olheiras e olhar cansado. Educadamente, deixou as bebidas sobre a mesa.

Dante ergueu-se rapidamente, emborcou o copo de uísque de um gole só e pediu mais uma dose ao garçom antes que ele saísse. Este olhou com os olhos empapuçados para Tamara, que acenou em concordância, e em seguida saiu.

– Agora que estamos todos servidos, podemos conversar – disse Tamara, recostando-se na cadeira, enquanto sorvia sua bebida com um canudinho. Marcelo ficou boquiaberto com a expressão de prazer da mulata, quase esquecendo a própria bebida.

– Ramiro disse que você mora com Eva Bueno – perguntou Dante, impaciente. – Preciso de algumas informações a respeito dela, se não for incômodo.

Tamara pousou o copo sobre o guardanapo na mesa e molhou os lábios com a língua, sorrindo maliciosamente.

– Por que tanto interesse naquela caipira, se vocês tem a Tamara todinha para vocês?

Marcelo se agitou no sofá, com olhos arregalados e um sorriso bobo

estampado na face. A paciência de Dante estava no limite.

– Por favor, responda somente algumas perguntas e deixamos você em paz para satisfazer seus apetites como quiser – disse, forçando um tom educado. – Você chamou-a de “caipira”. Ela é do interior?

Tamara entediou-se, jogando-se no encosto da cadeira e acendendo um cigarro.

– Cruz das Almas. Não sei se é no interior ou em outro estado. Ela disfarça o sotaque muito bem.

– Sertão da Bahia. Ela mora em São Paulo faz muito tempo?

– Comigo, três meses, mas sei que ela está aqui há mais tempo. Talvez um ano, mais ou menos.

Dante percebeu que ela respondia as perguntas sem tirar os olhos de Marcelo, que por sua vez continuava com a cara de bobo, tentando pateticamente disfarçar o contato visual.

– Algum parente nas redondezas?

– Sua família inteira é de Cruz das Almas, mas ela não tem contato nenhum com eles. O pai é agricultor e a mãe é dona de casa, pelo que me lembro. Ela morre de vergonha disso. Aliás, vocês querem saber uma ótima? Seu nome não é Eva, mas Elvira. Elvira Maria Bueno e Silva. Ela simplesmente odeia esse nome!

Dante anotou tudo rápido e decidiu ir logo ao assunto que interessava.

– E sobre o seu caso com o senador, o que você pode nos contar?

O sorriso malicioso na face de Tamara desapareceu imediatamente e sua face empalideceu. Deu uma tragada nervosa no cigarro.

– Não sei nada sobre isso.

Dante riu. Fechou o bloco de notas, ergueu-se e guardou-o no bolso da calça novamente.

– Não me venha com essa, querida. Sua cara já te denunciou. A gente já sabe tudo a respeito.

– Então por que a pergunta? – emendou ela, petulante.

Dante caminhou pela sala, observando os quadros pendurados nas paredes com pinturas a óleo retratando o que pareciam ser trechos bíblicos de forma rebuscada, com pinceladas nervosas. Eram belos quadros, com cores vivas, e davam uma impressão de profundidade vertiginosa. Procurou pela assinatura. No canto inferior direito de uma delas estava escrito, em letras cursivas, feitas a pincel, o nome “Radu”.

– Sempre é bom confirmar os fatos. Sem credibilidade não somos

nada.

– Ela está com ele agora, se é o que quer saber. Encontram-se toda semana.

– Há quanto tempo?

– Um mês e meio ou dois. Conheceram-se durante um congresso. Olha, cara, não quero me meter nessa história. Isso com certeza vai dar merda...

– Com certeza, mas você pode sair limpa dessa, se quiser. Podemos conseguir uma sessão de fotos pra você no complemento de moda da revista, além de algumas barbadinhas para propagandas de grifes famosas. Encartes publicitários, catálogos de lingerie...

Tamara riu.

– Já estive nesse mundo, cara, e só me ferrei. O que te leva a acreditar que eu gostaria de voltar? Estou bem aqui.

Dante voltou-se para ela, apoiando na mesa e olhando fixamente em seus olhos.

– Esse empreguinho de merda? Que futuro você tem aqui? Essas casas abrem e fecham mais rápido que você troca as calcinhas. E as promotoras sempre são as primeiras a rodar. De qualquer maneira, daqui a dois anos você vai ficar muito velha pra esse tipo de emprego. E daí, o que você vai fazer? Aposto que não tem curso superior e, mesmo que tivesse, duvido que um empreguinho normal bancaria tuas contas e em pouco tempo você vai se pegar fazendo programa, abrindo as pernas pra qualquer coroa fedorento por uns trocados. É isso o que você quer pra sua vida? – Dante deu um segundo para ela pegar a isca. Quando ela ia responder lançou a rede: – Comigo você terá exposição máxima. Vai aparecer em revistas de fofoca, programas de domingo, entrevistas na madrugada, novelas. As adolescentes vão imitar seu penteado, suas roupas, comprar sapatilhas e tamancos com sua assinatura e, quem sabe, além de tudo isso, você ainda não sai dessa com um programa de auditório na televisão?

Dante falou tudo isso de um fôlego só, deixando pouco espaço para ela argumentar seu blefe. Aquele era o plano reservado para Eva Bueno, mas putinhas como ela sempre caíam naquela conversa. Ele contava com isso.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, bateram novamente na porta. Ela gritou para que entrassem, mas dessa vez havia uma ponta de histeria e impaciência em sua voz. O garçom entrou novamente e entregou a bebida a Dante. Então olhou para ela, aguardando instruções. Ela enxotou-o,

sacudindo as mãos, aflita.

– O que eu preciso fazer? – perguntou ela, depois que o garçom saiu, fechando a porta. Se Dante baixasse as calças naquele momento, ela cairia de boca sem maiores pudores, pensou, mas, em vez disso, sentenciou:

– Seu endereço e telefone numa folha de papel.

Sentou-se parcialmente na mesa, olhando-a fundo nos olhos, dando impressão de segurança. Bebericou seu uísque e quase tomou o cigarro da mão de Tamara, mas conteve-se. Talvez por estar encantada com a ideia, ou simplesmente por não pensar direito sobre o assunto, ela pegou uma folha de papel na mesa e anotou rapidamente o endereço de sua casa.

– Taí. Quero só ver onde essa história vai dar...

Dante pegou o papel, leu rapidamente e guardou com seu bloco de notas.

– Fique sossegada. Seu telefone vai tocar antes que você imagina. E daí o mundo vai se abrir pra você. Assim que tiver confirmado a primeira sessão de fotos, ligo. Já estamos de saída.

– Mas e Eva? O que isso tem a ver com ela?

Marcelo se ergueu em um salto e abriu a porta. Dante aproximou-se dele.

– Não se preocupe, já temos o que viemos buscar. Não vamos importuná-la mais com esse assunto. Aguarde por meu telefonema. Muito obrigado pelo uísque.

Dante respirou aliviado ao sair, fechando a porta atrás de si. Marcelo disparou na frente, em direção à saída, e Dante o acompanhou de perto. Pagaram as comandas e saíram da danceteria. Na rua, enquanto aguardavam o manobrista trazer o carro de Marcelo, Dante ligou para Marques, que atendeu em dois toques.

– Já tenho o nome verdadeiro, local de nascimento e o endereço da vagabunda, Marques. Onde você está?

– Na redação. Por quê?

– Pomba, cara, são quase duas da manhã!

– E?

Dante engasgou. Sabia que o Marques era um maníaco por trabalho, mas aquilo já era exagero.

– Estou indo aí agora – disse Dante. – Vou levantar a ficha dela e escrever a matéria, enquanto o Marcelo vai ficar de campana na casa dela pra tentar um flagra. A piranha está com o senador agora!

– Se você me conseguir isso, dobro tua comissão, seu filho da mãe! – gritou o Marques do outro lado da linha.

– Já vai preenchendo o cheque.

Desligou o celular e despediu-se de Marcelo, que já disparava com seu carro. Foi até o ponto de táxi e indicou o endereço da *Night Glam*. Estava empolgado, com um sorriso largo.

Havia conseguido a matéria.

5

Ian ficou olhando a danceteria do outro lado da rua. Havia entregado o carro para o manobrista e agora aguardava o tíquete do estacionamento. O barulho irritante do cabeçote da impressora matricial batendo na fita carbonada dentro da cabine parecia estar no ritmo do neon piscante na fachada da casa, que tinha o formato de uma pequena seta, com uma palavra escrita em seu interior em fonte cursiva: “*Vrykolakas*”. A seta apontava para uma pequena porta de metal deliberadamente grafitada, que ficava ao lado de uma casa enorme. As paredes da casa eram pintadas de cinza escuro. Suas janelas tinham vidros escurecidos, o que dava uma impressão estranha ao edifício, que Ian achou um pouco assustadora.

A porta do local estava agitada, com diversos grupos de pessoas conversando e falando alto, usando suas melhores roupas, enquanto esperavam por alguma coisa antes de entrar na casa. De algum lugar sentiu o cheiro de maconha, mas não conseguiu determinar a fonte. “Bem que eu precisava de uma tragada”, pensou ele, lembrando que a última vez que fumara maconha tinha sido na faculdade. Pegou o tíquete do estacionamento que lhe fora entregue e o guardou no bolso da camisa. Sentiu-se de repente fora de contexto, usando calça crua e camisa de brim azul, com um mocassim marrom completando o visual “Tigrão Anos 80”.

“Postura é setenta e cinco por cento. Atitude é o resto”, lembrou-se. Não eram essas as palavras que ele próprio dizia a seus alunos no primeiro dia do curso de Marketing que lecionava? Estufou o peito, aproximando-se da entrada. Deu seu nome para o porteiro da casa, que escreveu errado na comanda (“Iâm”). Sem se importar com o fato entrou. A entrada era na verdade um corredor escuro, com as paredes pintadas de preto. Forçando a visão, Ian conseguiu distinguir uma nesga de luz ao fundo e foi vacilante em direção a ela. Após ter dado apenas quatro passos sentiu algo tocando seu rosto e se sobressaltou. Desviou o caminho, meio às cegas, até sentir claramente uma mão acariciá-lo no peito. Girou sobre os calcanhares, desvencilhando-se daquele toque, e correu em direção à luz.

A luz provinha de uma fresta em uma grossa cortina dupla de veludo ao final do corredor. Abriu-a rapidamente, saindo daquele pesadelo claustrofóbico. O quintal da casa se abriu para ele. Sua chegada esbaforida

chamou a atenção dos presentes apenas por alguns segundos. Chegou a ouvir uma risadinha afeminada, mas foi só.

Ian ajeitou seu cabelo com os dedos e deu uma rápida olhada na parte externa do túnel do qual havia acabado de sair. Era todo feito de madeira, em formato de um meio cilindro. Na face externa havia duas fileiras de banquetas, uma de cada lado, onde rapazes e garotas estavam sentados. Tinham seus rostos colados na parede do túnel, de onde podiam visualizar o interior, e seus braços enfiados em buracos pelos quais podiam acariciar os recém-chegados anonimamente.

“Brincadeira mais besta”, julgou Ian, ainda se refazendo do susto. Procurou pela carteira em seu bolso, sentindo-se aliviado por ainda encontrá-la. Olhou em volta. Estava em um quintal amplo, em declive, que se abria no final e tomava todo o fundo da casa, onde havia um jardim simples, cheio de estátuas em estilo neoclássico. O quintal se ligava com a casa por uma escada no porão, que era também onde ficavam os banheiros.

Ian subiu pelas escadas e entrou no saguão principal que dava para a pista. À esquerda havia um bar. À direita, uma escadaria, onde um segurança mal-encarado de terno preto controlava o acesso. Decidiu pelo bar. Encostou-se no balcão e procurou pelo *barman*, pedindo uma cerveja.

Nunca para Ian a expressão “peixe fora da água” havia feito tanto sentido. Estava cercado por garotos e garotas, alguns com a metade de sua idade, ouvindo uma música insuportavelmente alta e tentando parecer natural, mas sentia-se tenso como um moleque que tinha que chamar a menina mais bonita do baile pra dançar. Apesar de que ele seria alvo de piadas de todos os presentes se vocalizasse essa comparação. Não se faziam mais bailes como em sua infância, infelizmente.

Não que ele se considerasse mal para a idade que tinha. Estava com 32 anos, mas mantinha-se em forma. Ia na academia com uma frequência aceitável, fazia natação e jogava futebol aos sábados. Sempre gostou de cuidar de sua aparência e sentia que ainda atraía as mulheres. Pelo menos, gostava de pensar que sim. Tomou dois goles de sua cerveja e olhou em volta, procurando Karen. Ele não havia combinado horário nem local, o que o deixava desconfortável. Se pelo menos tivesse alguém pra conversar...

Como que respondendo a seu desejo, sentiu um toque suave no ombro. Ele se voltou, esperando encontrar Karen, mas não era ela. Era uma garota de mais ou menos dezesseis anos. Usava um *top* negro com um decote imenso, que delineava os seios jovens de maneira sensual demais para sua

idade, deixando a barriguinha com *piercing* no umbigo à mostra. Formando o conjunto vestia uma minissaia colante que deixava muito pouco pra imaginação. Estava usando uma meia-calça do tipo arrastão e coturnos. Seu cabelo estava repleto de mechas coloridas e seus lábios, recobertos por um batom púrpura bem escuro. Sorria para ele.

– Oi – disse ela.

– Olá – respondeu Ian, envergonhado. Meu Deus, não fazia tanto tempo assim, então por quê ele estava tão nervoso?

– Você é gostoso.

Ian sentiu-se ferver. Seu rosto deve ter ficado vermelho como um tomate. Suas mãos suaram e uma desagradável sensação de frio subiu à boca de seu estômago.

– Obrigado – respondeu, encabulado. Ela simplesmente continuou lá, parada, olhando para ele. Um anticlímax tomou conta do ambiente. “Será que tenho que falar mais alguma coisa?”, pensou Ian. “Pomba, ela chegou e declarou suas intenções. Você só precisa tomar a iniciativa!”

Mesmo assim vacilou. Ela era apenas uma menina, adolescente ainda. Linda, deliciosa, mas mesmo assim uma criança. A figura de sua filha surgiu em sua mente e aquilo foi o suficiente para colocar senso em sua cabeça. Não poderia prosseguir.

– Olha, desculpa, mas estou esperando alguém...

– Eu sei – interrompeu a garota, sorrindo. – Ela está aqui.

– A Karen está aqui? Onde?

– É só me seguir.

Ela agarrou sua mão, puxando-o em direção à pista, sorrindo. Ele deixou-se guiar por ela, tentando distinguir o rosto de Karen na multidão, mas as luzes estroboscópicas piscavam freneticamente, tornando impossível distinguir até mesmo a existência de seres humanos no local. Trombou com diversas pessoas. Seu pé foi pisoteado algumas vezes, mas continuou atrás da garota. De repente, ela parou, virou-se para ele e colocou a mão estendida em seu peito. Solto sua mão da dele e deu dois passos para trás, desaparecendo na turba dançante.

Ian se viu perdido em um amontoado de braços agitados, rostos desconhecidos e roupas escuras, tudo no ritmo alucinante das luzes que piscavam sem parar. Para piorar, uma espessa névoa começou a subir pelo chão, dando aparência quase etérea às pessoas.

Quando estava prestes a desistir e sair da pista, a música cessou.

Todas as luzes se apagaram. Alguém aplaudiu, muitos murmuraram. Instantes depois um solo monótono de violino tomou conta do ambiente, acompanhado do facho de dois canhões laser, que rodopiavam pela neblina artificial. Uma calorosa ovação da plateia seguiu. Um tambor surdo marcou o ritmo, fazendo duo com o violino, numa música sinuosa e cativante. Sem perceber, Ian começou a dançar com a multidão.

A música entrou num crescendo magnífico. O contrabaixo fez sua entrada, complementando o som agudo do violino. Dois compassos depois foi a vez da guitarra, distorcida, envolvente, sensual. A bateria foi a próxima, tocando uma batida quase tribal, tornando a música um completo caos. A estroboscópica voltou a piscar, mas Ian nem percebeu, pois estava com os olhos fechados, completamente entorpecido. Seu rosto esboçava um sorriso. Seu corpo inteiro se mexia no ritmo alucinado. Até que a música parou novamente e as luzes voltaram a se apagar, mas dessa vez a plateia permaneceu num silêncio cheio de expectativa. Ian abriu os olhos, extasiado. Viu quando a vocalista da banda fez sua entrada, com uma voz de soprano, límpida e maravilhosa. Emocionou-se com a pureza e beleza do som. Cantava em latim, pelo que pôde perceber. Seu solo pareceu durar uma eternidade, mas quando o resto da banda acompanhou-a, a música cresceu de tal forma que o corpo de Ian arrepiou-se inteiro.

Enquanto dançava, sentiu que alguém o abraçava por trás. Era Karen, tinha certeza. Tomou suas mãos e aceitou o abraço, dançando com ela colada às suas costas por um tempo. Chegou a urrar de alegria, mas sua manifestação foi abafada pelo alto som da banda. Virou-se e fitou Karen. Ela vestia uma blusa preta colante, que modelava maravilhosamente seus seios deliciosos, com uma calça jeans apertada e botas de bico fino. Seu cabelo estava escovado e liso, como nunca a vira antes. Seus lábios estavam pintados com um batom vermelho vivo. Sentiu um impulso incontrolável de beijá-la, mas ela delicadamente refreou o seu avanço, colando seu corpo no dele, ainda dançando, olhos nos olhos. Ian enlaçou sua cintura, sem deixar de fitá-la. Começaram a dançar, esfregando os corpos um no outro. Ela colocou ambas as mãos em sua bunda, apertando com força. Ele sentiu-se tentado a fazer o mesmo, mas controlou-se. Permitiu que ela conduzisse, o que ela fez com primor.

Sem que Ian percebesse, uma roda se formou em volta deles. Dançavam também, mas o êxtase daquele casal não havia passado despercebido. Começaram a bater palmas no ritmo da música. Naquele

momento Ian se deu conta de que eram o centro das atenções e aquilo o empolgou ainda mais. Num impulso súbito, tomou o rosto de Karen com as mãos, beijando-a com vontade. Ela, como quando se beijaram na *Dolphin & Barber*, enrolou sua perna na cintura dele e o apertou com força contra si. Dessa vez não havia barreiras profissionais, nem medo de serem flagrados.

Dessa vez eram apenas um homem e uma mulher, vivos, se curtindo ao máximo.



Dançaram por quase uma hora. Ian estava empolgado e não queria parar, mas Karen ficou com sede e decidiram ir ao bar, onde ela pediu uma caipirinha com vodca e ele, mais uma cerveja.

– Que loucura, Karen! – disse ele, empolgado. – Esse lugar é sempre assim?

Karen tomou um gole de sua bebida, abanando-se. Estava toda suada.

– Quase sempre, mas tem dia que é melhor. Pelo menos a banda é ótima.

– Adorei a música deles. Como se chamam?

– Não sei, mas não deve ser difícil de descobrir. Eles devem vender CDs no caixa, se você quiser.

– Depois. Agora preciso tomar fôlego.

Karen encostou-se nele e deu um beijo no seu pescoço.

– Nunca imaginei que você fosse assim – sussurrou ela ao seu ouvido.
– Que delícia...

– Nem eu. Pensei que já tinha passado da idade para essas coisas. Confesso que fazia tempo que não me sentia assim.

– Pois parecia uma autêntica criatura da noite – disse uma voz, que não era da Karen, ao seu lado. Assustaram-se e viraram rapidamente para encarar a recém-chegada. Era uma mulata alta, belíssima. Usava um vestido negro decotado extremamente provocativo. Olhou para Ian como se fosse devorá-lo, o que irritou Karen, que o abraçou, defendendo seu território.

– E quem é você? – perguntou a estagiária.

A recém-chegada riu.

– Cuide bem dele, *chérie*, que se eu o pegar dando sopa por aí... – deixou a sugestão do resultado do encontro no ar, passando a língua pelos dentes. Karen empertigou-se. – Mas acalme-se – continuou – ele é todo seu

esta noite. Meu nome é Tamara, sou a promotora-chefe da casa. Vim aqui porque vi vocês dançando e devo confessar que gostei muito. Tenho em minhas mãos duas credenciais VIP. Minha missão é encontrar alguém que as mereça, o que raramente acontece. Mas tenho o prazer de declarar que, graças ao seu espetáculo na pista, os meus escolhidos desta noite são vocês.

Karen quase perdeu o fôlego, mas Ian ainda não havia compreendido direito o que estava acontecendo.

– Credenciais VIP? – perguntou Karen, ainda espantada. Tomou-as afobadamente da mão de Tamara, examinando-as perplexa. Em seguida gritou alto, abraçando Ian. – Credenciais VIP, Ian! Sabe o que isso significa?

– Não – respondeu, com sinceridade.

Karen parecia que ia explodir. Agitou os cartões magnéticos na cara dele, mostrando-os.

– Vamos ter acesso à área VIP! – gritou ela. Em seguida abraçou Tamara, que rapidamente se desvencilhou.

– Lembrem-se – disse ela, séria – esses cartões serão registrados no nome de vocês. Eles são pessoais e intransferíveis. Se pegarem alguém utilizando seus cartões para entrar na área VIP, eles serão destruídos e a entrada de vocês na casa será vetada. Convidados não são permitidos. Registrem os cartões na saída, no balcão do caixa, e a partir de amanhã terão acesso irrestrito à área VIP. Entenderam bem tudo o que eu disse?

– Claro, pode deixar, Tamara – concordou Karen, ainda muito agitada. – Pode deixar.

A promotora despediu-se e saiu. Karen abraçou Ian com força.

– Sabe há quanto tempo eu batalho por essa credencial? Meses! Minhas amigas não vão acreditar!

Ian achou graça na empolgação da parceira, mas não conseguiu entender qual o valor que ela dava àqueles cartões. Era legal, claro, mas nada especial, pensou.

Mas a animação de Karen não diminuiu. Ian sorria para ela, achando graça. Gostava de vê-la feliz daquela maneira. Ouviu-a tagarelar com atenção. Até que ela abraçou-o novamente e sussurrou em seu ouvido:

– Preciso transar com você agora! Se você não me tirar daqui neste momento eu arranco suas roupas aqui mesmo!

Ian decidiu que realmente era hora de saírem e se dirigirem para um lugar mais confortável. Sua casa, por exemplo.

O táxi balançava muito e Eva começou a se sentir novamente enjoada.

Claro que a sensação não era causada apenas pelo sacolejar do veículo, mas também pela quantidade de álcool ingerida por ela na noite, somada ao cansaço, fruto de uma noite satisfazendo as fantasias do senador. “Meu Deus, são quase 6 da manhã”, pensou ela, olhando o relógio. Sua cabeça ribombava como um gongo. Sentia a garganta inchada e ardida. Já havia conseguido controlar o vômito por duas vezes, mas duvidava que suportaria uma terceira onda de náusea. Tentou encostar-se no vidro, mas os solavancos fizeram-na bater a cabeça com força e ela desistiu da ideia. Relaxou o corpo no assento e jogou a cabeça para trás. Suas mãos instintivamente tocaram o pescoço, buscando o recém-adquirido colar de pérolas. “Como o da Jackie”, havia dito ao senador quando este o entregara a ela, numa referência tão antiquada quanto ele. Não sabia se eram pérolas verdadeiras, mas que pareciam muito, pareciam. Claro que ela teria que levá-lo a um joalheiro no dia seguinte, para ser devidamente avaliado, pois precisava saber se o senador continuava sendo um bom provedor. Até agora, não a tinha decepcionado, mas sempre poderia haver uma primeira vez.

A qualidade dos presentes é o termômetro da afeição de um homem, lembrou. Quando o interesse diminui, a qualidade e frequência dos presentes acompanham a queda. De acordo com esse parâmetro, Eva sabia quando era o momento de cobrar atenção, fazer um escândalo, provocar ciúmes ou, em último caso, pular fora. Um colar fajuto seria um sério candidato a escândalo, com direito a baixarias e crises de choro. Havia poucos homens no mundo que resistiam às lágrimas de uma mulher bonita.

Quando o táxi finalmente encostou-se à frente de seu prédio, Eva já se sentia um pouco melhor, apesar do cansaço. Pagou o motorista e saiu do carro, lutando para equilibrar-se em seus sapatos com salto agulha, mas nem por um segundo cogitando tirá-los para caminhar mais facilmente. O movimento de erguer-se apenas serviu para deixá-la tonta novamente. Tentou visualizar o caminho até a portaria, mas o chão parecia feito de gelatina. “Um pé depois do outro, Eva! Você faz isso todos os dias!”, pensou, angustiada. Mas não estava conseguindo avançar. Viu que a portaria piscava numa sequência de fortes brilhos esbranquiçados, que ela primeiramente atribuiu a

delírios causados pela bebedeira, mas percebeu logo que não era o caso. Seus olhos estavam bem, apesar de a visão estar ligeiramente desfocada. Esfregou-os tentando um melhor foco. Talvez fossem relâmpagos, mas não havia barulho, o que invalidava a alternativa. Decidiu por ignorar o fato e, obrigando o corpo a avançar, cambaleou até apoiar-se no portão. O porteiro estava dormindo. De novo. “Dessa vez ele vai pra rua. Espera só eu contar pro síndico e...”

Uma nova ânsia de vômito tomou conta de suas entranhas e dessa vez ela não fez nada para controlar. Apoiando-se no portão, dobrou o corpo e despejou o conteúdo de seu estômago na calçada. Arrepiou-se quando viu que seu pé estava na trajetória do esguicho de dejetos estomacais e, muito tarde, tentou tirá-lo. Só conseguiu desequilibrar-se e cair sentada em cima da poça do próprio vômito, mas com uma mão ainda agarrada ao portão. Não teve força para gritar e desatou a chorar. Em seu desespero, ouviu uma voz, chamando-a pelo nome. Esforçou-se em abrir os olhos inchados, vendo que à sua frente estava agachado um rapaz magro, ruivo, com olhos preocupados fitando-a. Ele estalava os dedos perto de seu rosto.

– Ei! – dizia ele – Eva Bueno! Você tá legal?

Eva empurrou a mão do rapaz pra longe de seu rosto e tentou em vão se erguer. Conseguiu apenas responder com um leve aceno de cabeça, de olhos cerrados.

– Ótimo – disse o rapaz. – Então sorria!

Eva abriu novamente os olhos e viu que o rapaz apontava para ela uma máquina fotográfica. Antes que pudesse ter qualquer tipo de reação, viu o *flash* disparar.

Sentiu uma onda de pânico invadi-la e começou a gritar, histérica. Levantou os braços, cobrindo seu rosto, mas os *flashes* continuavam. Chutou, numa tentativa desesperada de se defender, mas acertou apenas o ar. Ouviu o porteiro gritar. Sentiu que o portão onde estava apoiada se abria com seu peso. Arrastou-se para dentro, fechando o portão com um chute. Viu que o fotógrafo já havia fugido, mas mesmo assim não conseguia parar de chorar. O porteiro se aproximou, mas ela o enxotou irritada. Arrancou os sapatos, erguendo-se cambaleante. O cheiro do seu próprio vômito a deixou enojada, mas conseguiu ir tropeçando até o elevador que, graças a Deus, estava parado no térreo. Entrou estrepitosamente e apertou diversas vezes o botão de seu andar. O elevador levou uma eternidade para chegar, o que apenas aumentou seu desespero. Suas mãos trêmulas buscaram o molho de chaves na bolsa,

que caiu ruidosamente no chão duas vezes antes que ela conseguisse separar a chave da porta. Saiu correndo do elevador e abriu a porta de casa, batendo-a atrás de si. Não conseguia parar de chorar. Foi imediatamente até o banheiro, onde vomitou de novo dentro da privada. Não havia mais o que vomitar e seu corpo se contorceu com os espasmos doloridos de seu estômago enquanto regurgitava bílis que queimavam sua garganta. Gemia pela dor, mas chorava pela humilhação a que fora submetida.

Quando terminou, foi até o espelho e olhou seu reflexo. Era aquilo o que sairia na fotografia? Seus cabelos estavam emaranhados e sujos de vômito. Sua maquiagem toda borrada. Seus olhos estavam injetados e inchados, a boca e o queixo pingavam com restos digeridos e sucos gástricos.

Tomada por um frenesi, arrancou a roupa e entrou no chuveiro. Ligou a ducha num jato forte, gelado, e deixou-se banhar por ele. O choro continuava, mas gradativamente ele foi se transformando num lamurio amargo, entrecortado por soluços. Começou a sentir-se furiosa, com o fotógrafo desconhecido, claro, mas principalmente com ela própria. Deixara a menina acanhada de Cruz das Almas tomar conta de seus atos novamente. Odiou-se por isso. Ela havia lutado para criar uma imagem forte, independente, segura de si, e não aquela menina caipira assustada e chorosa. Lavou nervosamente o rosto, tentando arrancar qualquer traço de que havia chorado. Estava sóbria novamente e no total controle de seus atos. Em silêncio, lavou os cabelos e limpou o corpo. Saiu do chuveiro e foi até o espelho, sem se preocupar em pegar uma toalha para se secar, deixando um rastro molhado por onde pisava. Olhou para os próprios olhos no reflexo furiosamente.

– Elvira está morta, está me ouvindo? – gritou para o espelho. – Morta! Morta!



Quando se acalmou, Eva se enrolou numa toalha, recolheu o colar de pérolas e as roupas imundas do chão e saiu do banheiro. Despejou as roupas sujas no cesto da lavanderia e o colar em sua bolsa. Foi até o quarto de Tamara e viu que a companheira dormia abraçada a um forte rapaz, ambos nus. Deviam estar mais bêbados que ela, para não acordarem com seus gritos. Decidiu deixá-los dormir. Foi até o interfone e ligou para a portaria. Desculpou-se pela confusão e pediu para que o caso fosse discretamente

abafado. Havia sido apenas uma brincadeira de mau gosto de colegas dela, explicou, prometendo enviar uma generosa gorjeta em troca da descrição. Em seguida foi até a sala e sentou-se preguiçosamente no sofá. O cansaço havia desaparecido como por mágica. Sentia-se bem, apesar de tudo. Revisou em sua mente o ocorrido. O rapaz a havia chamado pelo nome, o que significava que não era um mero tarado com uma câmera, mas alguém que estava aguardando sua chegada. Sentiu-se um pouco vaidosa. Será que era um *paparazzo*? Não, não era possível, ela não era ninguém ainda. Seu maior mérito na mídia tinha sido aparecer de costas numa propaganda de cerveja, e mesmo assim não era nem a modelo principal do anúncio. Com certeza não era isso. Poderia ser alguém conhecido, mas não se recordava de ninguém com aquele rosto. Poderia ser alguém que conheceria no *Vrykolakas*, até mesmo um garçom apaixonado.

Desistiu de tentar entender. Foi até a cozinha e preparou um café forte. Tomou dois goles e despejou o resto na pia. Estava horrível. Decidiu pelo suco de goiaba que, ela sabia, estava na geladeira. Encheu o copo e abriu a gaveta inferior do armário embaixo da pia. De lá tirou uma cartela com aspirinas. Tomou duas de uma vez com o suco. Olhou o relógio da parede: seis e meia, ainda. Foi para o quarto e jogou-se na cama, ainda enrolada na toalha. Suspirou, tentando em vão relaxar o suficiente para dormir. Livrou-se da toalha e entrou debaixo das cobertas. Ainda estava com os cabelos úmidos, mas não ligou para isso. Agarrou-se a um travesseiro e tentou forçar-se a dormir.

Quase uma hora depois, quando estava quase conseguindo, o telefone tocou. Levantou-se de um pulo, irritada, pegando o aparelho no criado-mudo.

– Espero que seja uma emergência! – gritou, nervosa.

– Eva Bueno? – perguntou uma voz masculina.

– Quem quer saber?

– É sobre algumas fotos comprometedoras e um certo caso com um senador.

– Quem é? Que brincadeira é essa?

– Precisamos conversar.

– Não, não precisamos. Foi você que tirou minhas fotos hoje de manhã? Filho da puta, se eu te pego...

– Cale a boca! Que merda! – gritou a voz do outro lado da linha. – Tenho em minhas mãos fotos suas em estado deplorável e testemunhas que atestam que você passou a noite com um certo senador, pré-candidato à

presidência da República, com quem tem um caso à quase dois meses. Quero resolver isso da melhor maneira para todos, então cale essa porra de boca e me ouça!

Eva tremeu de frustração. Mordeu o lábio, com raiva.

– Pois então fale – cedeu.

– Não por telefone. Precisamos nos encontrar. Que tal hoje à tarde?

– Vou estar trabalhando.

– De noite?

– Também.

– No *Vrykolakas*?

“Desgraçado!”, pensou. Então ele realmente a estava seguindo!

– Sim.

– Então te encontro lá – e desligou.

Eva arremessou o aparelho longe, irritada. Gritou a plenos pulmões, extravasando sua frustração. Ouviu Tamara xingando do outro quarto, pedindo silêncio, e soltou um palavrão como resposta.

Dante desligou o telefone, desanimado. Na tela de seu computador estavam as miniaturas das fotos de Eva que havia baixado da câmera digital de Marcelo. Selecionou-as com o *mouse* e enviou todas por e-mail para o responsável pela gráfica, pedindo cópias com urgência. Assim que apertou o botão para enviar, sentiu-se cansado. Olhou para a folha com texto impresso à sua frente. Realmente tinha escrito aquele lixo? Era uma manipulação barata da verdade. As provas eram irrelevantes e os dados, vagos, mas ele sabia como transformar textos sem conteúdo em reportagens bombásticas. Jogue as ideias de maneira coerente, com muitas referências e citações, mesmo que sejam inventadas na hora, e os leitores engolirão cada palavra. Tinha, claro, a vantagem de ter um público-alvo que não se preocupava muito em pensar. Os principais assinantes de *Night Glam* eram os salões de cabeleireiro, onde o que menos interessava era formação de opinião.

Marques apareceu na porta de sua sala. Estavam apenas os dois no escritório. Marcelo havia entregado a câmera e ido para casa dormir. Dante o invejou, mas Marques parecia que tinha acabado de descansar, com um pique impressionante para quem não dormira aquela noite. Estava chamando-o. Dante se levantou com esforço. Olhou para a janela e viu que o sol já estava alto. Oito da manhã. Estava de pé há quase vinte e quatro horas.

– E aí? – perguntou Marques.

– Hoje à noite, no *Vrykolakas*. Ela estava puta da vida.

– No *Vrykolakas*? Por que lá?

Dante deu de ombros.

– Ela vai trabalhar à tarde. Vai estar lá à noite. Achei mais prático.

– Mais prático o teu rabo, cara. Ela vai estar no ambiente dela. Você pode rodar feio nessa.

Dante coçou a barba de dois dias. Pensando bem, tinha feito besteira, mas agora era tarde pra voltar atrás.

– Vamos ver no que dá. Agora já era.

Marques não estava satisfeito, mas bateu no ombro de Dante, sorrindo.

– Você fez um bom trabalho essa noite, Dante. Espero que não cague tudo no final. Vai pra casa e dorme. Amanhã de manhã me liga, contando

como foi. Beleza?

Dante acenou com a cabeça afirmativamente e foi para sua mesa, arrumar suas coisas. Marques trancou sua sala e foi embora.



Dante estava cansado demais para ir pra casa. Permaneceu um tempo encurvado na cadeira, olhando para o monitor desligado. Sentia-se sujo, baixo, um autêntico escroto. Estava prestes a manipular uma garota de uma maneira sórdida, vil. Não que alguém como Eva Bueno merecesse alguma consideração. Era uma puta fútil como muitas outras, mas essa realidade não o consolou. Lembrou-se de sua mãe, contando sobre seu pai, que era apenas um repórter iniciante quando morreu, deixando sua mãe grávida dele. Havia sido vítima de suas ideias, publicando textos mordazes em jornais estudantis sobre o governo, em pleno regime militar. Quando fizeram a autópsia em seu corpo, encontraram em seu estômago restos dos jornais que haviam publicado seus textos. Tinham literalmente feito ele engolir suas palavras.

Dante nunca chegou a ler sequer uma linha escrita por seu pai. Sua mãe havia destruído os originais depois de sua morte, temendo represálias. Ela sempre foi contra a postura do marido e sofreu muito com a morte dele. Dante quase a matou do coração quando declarou que iria fazer faculdade de jornalismo, mas ela suspirou aliviada quando ele decidiu abandonar o curso após apenas três semestres. Mesmo assim, os contatos que fizera naquele ano e meio foram importantes para a sua colocação como repórter da noite. Sempre gostou de festas e frequentemente escrevia colunas de fofocas para os jornais do *campus*. Nada perigoso ou comprometedor. Apenas futilidade e frivolidade. E aquilo o sustentava.

Mas o sangue de seu pai pulsava forte apenas quando ele escrevia alguma matéria para o Inquisidor. Eram histórias absurdas, ele sabia, mas era o máximo que sua mãe aceitaria de uma reportagem investigativa. Adorava teorias da conspiração, casos de paranormalidade inexplicáveis e polêmicos, e dessa maneira tinha certeza de que não iria cutucar ninguém que pudesse atentar contra sua vida. Estava seguro assim. Sua mãe podia descansar a cabeça no travesseiro tranquila.

Pegou o telefone e ligou para Jonas. Precisava desviar a cabeça do caso Eva Bueno. E nada melhor que o chupa-cabra para isso. Ele atendeu em dois toques.

– Olá, Dantesco.

Odiava ser chamado daquela maneira, mas não disse nada.

– Fala, Jonas. Como foi a vigília?

Ouviu um longo bocejo do outro lado da linha.

– Que horas são? Nossa, dormi só duas horas essa noite!

– Dormiu mais que eu. Estou de pé desde nossa conversa ontem.

Jonas riu do outro lado da linha.

– Eu espero que a grana que o Marques está te pagando valha a pena.
O cara é um feitor!

Dante sorriu amargamente.

– Quem dera valesse, Jonas. Quem dera...

– Ainda bem que você ligou, cara. Estava precisando de um favor seu.

– O que é?

– Bom, antes deixa eu te contar o que aconteceu essa noite. Ficamos sentados a noite toda, perto de uma fogueira, esperando o bicho aparecer. As galinhas estavam presas pelos pés no chão, a uma distância segura, mas não aconteceu nada. Passamos a noite em claro, mas o bicho não apareceu.

– Seria muita sorte se ele aparecesse numa armadilha tão óbvia.

– Foi o que eu disse pro Bhagwandas, mas ele disse que não era uma armadilha, mas uma oferenda. Estavam fazendo um ritual de invocação do *Baital*.

– *Baital*? O que é isso?

– É esse o favor que eu queria te pedir, cara. Parece que tem alguma coisa a ver com folclore hindu, mas aparentemente Bhagwandas sabe menos do que quer admitir. Será que dá pra você dar uma investigada nisso pra mim?

– Duvido que eu arrume tempo, mas vou tentar. Quais são seus planos para hoje?

– Vou conversar com a polícia, ver se consigo alguma informação relevante. Depois vou até um acampamento de ciganos que vivem aqui perto. Encontrei uma velha cigana rondando o local da vigília, que fugiu quando tentei conversar com ela. Pode ser que alguma coisa saia dali.

Dante sorriu. Estava com uma grande inveja de Jonas, fazendo um trabalho investigativo de verdade, perseguindo um assunto realmente intrigante. Bem diferente da sordidez de seu próprio trabalho.

– Faz isso, cara. Não se esquece de me ligar de vez em quando pra me deixar a par.

– Posso dormir agora, pai?

– Boa noite, seu puto.

Ouviu a risada de Jonas do outro lado da linha e desligou. Aquela conversa havia sido suficiente pra animá-lo a ir para casa.

Eva estava furiosa.

Abriu a porta de serviço da cozinha do *Vrykolakas* violentamente e entrou batendo os pés com firmeza. Dois cozinheiros desviaram-se de seu caminho, um deles equilibrando uma grande tina de água, que quase derrubou na manobra. Atrás dela vinha Tamara, tentando acompanhar o passo acelerado da colega.

– Eva – chamou. – Eva! Não faça isso!

Eva não respondeu e saiu da cozinha, quase derrubando a porta, indo parar dentro do bar. Abriu a portinhola no balcão e passou, direcionando-se para a escadaria. No caminho trombou com uma outra promotora que perambulava pela casa. Xingou-a e seguiu seu rumo. Era muito cedo ainda, não tinham aberto a casa para o público, e apenas os funcionários circulavam. As luzes estavam todas acesas e não havia música. Metade do encanto se perdia sem os efeitos especiais.

– Eva! – chamou novamente Tamara. – Você vai cagar tudo!

– Devia ter pensado nisso antes de ter feito o que fez – respondeu, sem se dignar a parar ou olhar pra trás. Deu a volta pela grande escadaria que dava acesso à área VIP e dirigiu-se para o escritório de Ramiro. Tamara deu um salto, segurando-a pelo braço.

– Para com isso, Eva! O que você vai falar com ele?

– Vou pedir pra ele te colocar na rua, sua vagabunda!

Tamara sacudiu Eva e jogou-a na parede.

– E você acha que ele liga, sua vaca metida? Foi ele que me chamou quando os repórteres apareceram. Foi ele que me forçou a responder às perguntas deles.

– É mentira! – gritou Eva, irritada. – Ele nunca faria isso comigo!

– Faria e fez. Com você e com qualquer outra. Evita, ele não liga a mínima...

– Cala a boca! Você está é com ciúmes!

Tamara suspirou e relaxou os ombros. Encostou-se na parede, cruzando os braços.

– Então pergunta pra ele – desafiou.

Eva olhou para a porta fechada. Estava quase explodindo de raiva,

mas a revelação de Tamara diminuiu um pouco seu ímpeto. Seria verdade? Se fosse, significava que Ramiro, o seu Radu, havia colaborado com sua desgraça e aquilo ela não conseguia compreender. Sentia um aperto no peito sempre que pensava nele, mas sabia que não estava apaixonada. Tesão, sim, mas não amor. Não ainda. Mesmo assim, a perspectiva a aquecia. Tinha esperanças de que ela seria a pessoa que iria romper a barreira afetiva dele e que ficariam juntos no final das contas. Era um sonho de menina, que Eva achava estar enterrado, mas estava enganada.

– Você está mentindo... – disse, mas não conseguiu dar a entonação ameaçadora que queria. Em vez disso, caiu num choro magoado. Sentou-se no chão e cobriu o rosto com as mãos.

Tamara aproximou-se e abraçou-a.

– Ah, minha amiga, minha amiga! Chora, que é bom. Desculpa ter pisado na bola com você. Fui enganada, estava chapada, nem pensei direito. Por favor, me perdoa?

Eva a abraçou, ainda chorando. Sentia-se um lixo.

– Amiga – continuou Tamara – ele não te merece. Ele não merece ninguém. É um filho da puta frio e insensível. Tesudo, confesso, mas um escroto. Sai dessa que é melhor.

Eva concordou com a cabeça. Esfregou o rosto, tentando secar as lágrimas, horrorizando-se ao ver que sua maquiagem estava inteira borrada, se desfazendo em seu dedos. Ergueu-se, escapando do abraço da amiga, e abriu a bolsa. De lá retirou um lenço descartável e com ele limpou o máximo que pode o rosto. Tamara pegou outro lenço do pacote e a ajudou.

– Vamos ao banheiro – sugeriu. – Você precisa lavar o rosto e retocar a maquiagem. Não fica bem verem você neste estado, não é mesmo?

Eva concordou e, de braços dados, foram em direção ao banheiro.



Naquela mesma noite, já completamente recomposta, sentou-se numa banqueta no bar. Havia pedido uma Piña Colada, que bebericava de leve. A casa estava aberta fazia pouco tempo. Alguns poucos garotos timidamente se aproximavam da pista. A música ainda estava baixa, mas já tomava conta de todo o ambiente.

Queria ir para a área VIP, mas não podia, pois com certeza o desqualificado do fotógrafo não tinha credenciais. Mas ela não iria de

qualquer maneira. Ramiro, ou Radu, como era conhecido pelos amigos, estava na área VIP. Passava todas as noites lá. O andar térreo era para o povo comum, os moleques que só estavam interessados em encher a cara e paquerar, meninas que só estavam interessadas nestes últimos e outros estranhos em geral. Mas a área VIP era especial. Figuras de peso do cenário *underground* se reuniam ali. Artistas plásticos, poetas, escritores, *performers* e até mesmo alguns políticos faziam parte do seleto grupo VIP. Vez ou outra as promotoras abriam exceções, dando credenciais a pessoas que achavam interessantes, apenas para se divertirem vendo-as sendo rechaçadas pelos outros em pouco tempo. Era preciso ter personalidade para continuar VIP no *Vrykolakas*.

Mas naquela noite todo o *glamour* da área VIP não a atraía. Seu Radu a havia traído. Fora tratada como uma qualquer, como uma garota descartável e sentia-se péssima por causa daquilo. Achava que estava conquistando respeito das figuras proeminentes da noite, que já podia considerar-se alguém, que seria lembrada em uma ocasião especial, mas a verdade era outra. Era simplesmente mais uma menina de fora, que passava de mão em mão, até cair no inevitável ostracismo. Daí para se casar com o primeiro energúmeno que aparecesse era um pulo. E então teria o resto da vida para esperar pela morte, gorda, amarga e infeliz. Arrepiou-se toda. A ideia já era assustadora e a perspectiva de que aquilo pudesse acontecer com ela a apavorou. Não podia deixar que aquele revés a destruísse. Tinha batalhado muito para chegar onde estava. Não ia desistir no meio do caminho. Com ou sem Radu ao seu lado.

Tomou mais um gole de sua bebida. Olhou no relógio. Onze e meia. Já era hora do cara aparecer. Daqui a pouco algum daqueles moleques iria chegar no nível alcoólico de ausência de pudor e excesso de confiança e ela teria que começar a medonha e enfastiante tarefa de distribuir negativas às inevitáveis cantadas. Era o preço a se pagar pela beleza, ela sabia, mas naquela noite não estava com o menor humor para aquilo. Tinha tido o pior dia de sua vida.

Sua mente divagou para sua infância em Cruz das Almas, quando a vida era bem mais simples. Pela primeira vez desde que saiu de lá, sentiu saudades da vida sossegada, do clima ameno do recôncavo baiano e até mesmo de seus pais. Saiu de casa brigada com tudo e com todos e desde então não tiveram mais contato. Já fazia três anos. O motivo da discórdia foi seu pai. “Velho chucro”, como ela e sua mãe costumavam chamá-lo. Passou a

vida cuidando de uma plantação de fumo que havia herdado de seu avô, um minifúndio simples e sem grandes pretensões. Vendia a produção para artesãos de uma cooperativa, que produziam cigarros e charutos baratos, vendidos principalmente na própria cidade e arredores, mas também havia alguma demanda ocasional para Salvador. Seu maior sonho era um filho homem, um herdeiro para seu pequeno feudo, mas foi frustrado após o nascimento de Elvira. Seu parto foi complicado. A parteira, apesar do esforço, não conseguiu evitar uma grande hemorragia após a retirada do bebê. Sua mãe perdeu muito sangue, ficando às portas da morte, mas conseguiu sobreviver, graças aos esforços incansáveis da parteira. A experiência deixou sequelas sérias no organismo debilitado de sua mãe, que se tornou estéril.

Seu pai não se conformou com aquilo. Católico fervoroso, fazia promessas e mais promessas, pedindo a Deus que lhe desse seu tão desejado filho. “Raimundo, deixa disso. Aproveita tua filha, homem!”, dizia o padre Dadinho. Dona Chica, a parteira, fazia simpatias das mais diversas para que sua amiga voltasse a parir, mas depois de um tempo desistiu, frustrada.

Aquilo tinha sido um golpe duro para o velho agricultor. Tornou-se amargo, triste. Criou a filha à distância, sem demonstrações de afeto ou atenção. Sua mãe nunca mais recuperou a saúde. Envelheceu depressa. Apesar disso seu pai nunca a traiu. Elvira recordava de ouvir uma conversa dele com os lavradores, que aconselhavam o patrão à “dar umazinha” numa nova rapariga que havia chegado ao puteiro local. “Pra relaxar”, argumentaram. Ele negou veementemente, dizendo que era fiel aos votos do sagrado sacramento do matrimônio e que eles deviam se envergonhar em serem veículos da tentação e do pecado. Elvira não acreditou quando viu o pai obrigando-os a rezar dois pai-nossos como penitência.

O humor de seu pai somente mudou quando Elvira já tinha dezesseis anos. Ele apareceu em casa, logo após o anoitecer, sorrindo de uma maneira que ela não se lembrava de ter visto antes, e foi direto em sua direção. Mandou-a se aprontar, que aquela noite seria uma ocasião especial. Sem entender, obedeceu. Com um suspiro recordou-se da roupa que colocou: um vestido simples, florido, cheio de babados e laços de fita coloridos, com seus cabelos arrumados numa trança, amarrada com uma fita amarela, e em seus pés ela havia colocado o sapato de verniz que usava para ir à missa. “Um autêntico pesadelo junino”, julgou, sorrindo.

A “ocasião especial” que seu pai havia aprontado chamava-se Domênico. Era um rapaz forte, até bonito, com um sorriso simpático e modos

educados. Vestia-se como os rapazes da capital, que Elvira e seus amigos costumavam chamar de “almofadinhas”. Era mulato, como a maioria da cidade, mas não tinha a pele curtida pelo sol dos lavradores. Tinha vinte e dois anos e estava no último ano da Escola de Agronomia. Seu pai o havia conhecido quando estivera na instituição, pois sua lavoura participava de uma experiência com pesticidas. Domênico fazia parte da equipe da escola e imediatamente houve uma grande empatia entre ambos. Conversavam bastante e rapidamente tornaram-se amigos.

Naquele dia, Domênico estava visitando a lavoura de “seu” Raimundo, como costumava chamá-lo, quando viu Elvira. Displícitamente, comentou, encantado, como a havia achado bonita. Foi uma atitude estúpida, pois qualquer pai da região expulsaria o “cabra insolente” à bala, mas não “seu” Raimundo. Pelo contrário, convidou-o para jantar.

Durante a refeição, seu pai não parava de falar. Sua mãe, submissa, manteve-se em silêncio a maior parte do tempo. Elvira, já percebendo as intenções do pai, empertigou-se. Começou a fazer perguntas impertinentes, comentários ofensivos e até chegou a derrubar uma travessa de jiló refogado no colo do seu pretensioso pretendente. Ele saiu-se elegantemente bem durante a provação e eventualmente Elvira desistiu de importuná-lo. Foi quando seu pai explicitou suas intenções. Domênico sorriu, mas Elvira irritou-se, gritando para o pai que não iria se casar com um “almofadinha” só porque seu pai havia mandado, mas “seu” Raimundo acalmou os ânimos com um safanão. Sua mãe, tentando quebrar a situação desconfortável, perguntou ao rapaz o que seu próprio pai achava daquele arranjo. “Nunca conheci meu pai”, respondeu ele, sem perder o tom simpático. Em seguida olhou para Raimundo, que sorriu largamente, pois havia finalmente conseguido o filho varão negado por Deus.

Elvira não pôde fazer muita coisa contra o noivado, exceto aceitar, resignada. Domênico queria se formar antes de casar, mesmo indo contra a vontade do futuro sogro. Tinha sonhos de trabalhar na capital, o que, para Elvira, era um fator positivo. Mas “seu” Raimundo se posicionou veementemente contra, até conseguir convencer o futuro genro a permanecer em Cruz das Almas, cuidando da lavoura, para o pesadelo de Elvira. Durante o ano que precedia a formatura e subsequentemente o casamento, ela tentou de tudo para fazer Domênico desistir. Nunca o beijou, se recusava a passear de mãos dadas, só ia ao cinema se o filme fosse comédia ou aventura, fugindo de sessões vazias e filmes românticos e fazia questão de humilhá-lo

em público. Mas o rapaz era a paciência encarnada. Respondia a todas as provocações com um sorriso e nunca perdia a calma. Aquilo só servia para deixá-la mais irritada.

Certo dia, na véspera da formatura, Domênico saiu da lavoura e foi tomar banho. Elvira roubou sua cueca e levou-a até o estábulo, jogando-a em um monte de feno. Pescou a peça depois de alguns minutos, levando-a de volta, mas agora infestada de carrapatos e percevejos.

Durante o jantar, o pobre Domênico se retorcia todo, tentando em vão manter o seu irritante bom humor. Suava em bicas, mas de alguma maneira conseguia manter a pose. Elvira tentou, mas não conseguiu conter as risadas que a denunciaram. Lembrava-se nitidamente do momento em que o rapaz, desesperado, levantou-se, apontou em sua direção e disse, furioso:

– Não sei o que você aprontou dessa vez, sua maluca, mas eu juro por tudo que é mais sagrado que depois do casamento coloco você nos trilhos. Vai me respeitar, por bem, ou na porrada. Espere e verá!

Elvira congelou. As risadas morreram em seus lábios. Mesmo quando Domênico arrancou as calças e a cueca e correu para o banheiro, para o horror de sua mãe e desespero de seu pai, ela não riu. Viu seu futuro decretado na sentença de Domênico. Aquilo caiu como uma bomba em seu jovem coração. Não nutria sentimentos ruins pelo rapaz até aquele momento, mas a perspectiva de passar o resto de sua vida atrelada àquele homem violento a apavorou. Apenas uma semana após o jantar fatídico já estava em Salvador, com uma muda de roupas e nenhum dinheiro.

Penou muito para se virar. Tentou escapar, mas não conseguiu evitar a prostituição. Felizmente ficou pouco tempo naquela vida, se envolvendo rápido com Ricardo, um idoso empresário de São Paulo, e com ele fugiu novamente.

Sentiu uma ponta de remorso ao lembrar-se de Ricardo. Ele era um senhor amável, carinhoso e tratava-a com muito respeito. Ficaram juntos durante um ano, contra a vontade da família dele, que a viam como uma ameaça à herança. Ricardo já havia passado dos oitenta e a perspectiva de dividirem a fortuna com uma prostituta retirante era demais.

Certo dia, numa cena típica de novela, a filha mais velha de Ricardo a abordou com um cheque na mão. Era uma quantia imensa, mais dinheiro do que ela jamais tinha visto em sua curta vida. Estava pagando-a para sair da vida do pai. Naquele momento Elvira lembrou das palavras incansavelmente repetidas por Ricardo: “Dê-se o devido valor, sempre!”. Aceitou o dinheiro.

Limpou rapidamente a lágrima que escorria em sua bochecha. Ricardo foi um pai como ela não teve. Ensinou-a se portar na sociedade, deu-lhe um rumo na vida. Fora ele que havia arrumado o trabalho no Plaza, mesmo ela não tendo referências ou experiência. E morreu de desgosto, dois meses depois que ela havia partido. Eva recusou-se a comparecer ao enterro.

Sem Ricardo, precisava de um ganha-pão para complementar o mísero e pouco regular salário de recepcionista. Se precisava dar-se o devido valor, precisava também aumentar a sua cotação. Usou o dinheiro para transformar-se em Eva Bueno. Pagou uma fortuna por um *book* e entrou na vida de modelo. Foi numa seletiva para uma propaganda de cerveja que conheceu Tamara e, para benefício mútuo, foram morar juntas. Tamara logo arrumou para ela a vaga de promotora do *Vrykolakas*, e a vida ia de vento em popa. Até a chegada daquele fotógrafo.

Tomou mais um gole de sua bebida. A casa estava enchendo rapidamente e nada do maldito aparecer. Olhou no relógio e impacientou-se ainda mais. Olhou em volta e examinou os presentes dançando sua dança ritual, um tipo de um transe motivado pelo ritmo repetitivo da música *techno*, sem movimentos bruscos ou acrobáticos. Era uma dança feia de se ver, que a desagradava e incomodava.

Desviou o olhar para um casal recém-chegado. Ela, uma coisinha comum, sem sal, com imensos cabelos castanhos cacheados, olhos de peixe-morto e cintura muito fina. Usava um vestido preto colante, que ia até as suas coxas magras, e uma bota de cano alto e salto agulha. Não era feia, analisou Eva, mas tampouco era linda. Já o seu acompanhante era um homem elegante, alto e forte, com uma postura firme e impetuosa. Tinha os cabelos curtos com mechas grisalhas e o queixo reto, bem barbeado, do jeito que Eva gostava. Vestia uma camisa simples cinza escuro e uma calça social preta, com sapatos da mesma cor. Básico, mas eficaz. Era mais velho que a companheira, mas não devia passar muito dos trinta. Acompanhou-os enquanto cruzavam o salão, passando pela pista e indo em direção à escadaria que levava a área VIP. Mostraram suas credenciais e subiram. Eva desanimou ainda mais. Virou-se para o balcão, pronta para pedir mais uma rodada e assustou-se ao ver Ramiro em pé, ao lado do *barman*, olhando para ela. Tinha um envelope pardo na mão direita.

– Estão sentido sua falta lá em cima – disse Ramiro. – Por que você não está lá?

“Por sua causa, seu escroto filho duma égua”, pensou ela, mas em vez

disso falou: – Tenho assuntos a resolver. Coisa pessoal.

Ramiro sorriu com sarcasmo. Suas mãos brincavam com o envelope.

– Espero que não seja nada sério, minha querida. Temos convidados ilustres esta noite e sua presença...

– Subo quando puder, Radu – interrompeu ela, irritada. – Infelizmente não posso agora.

Ramiro ergueu uma sobrancelha e fitou-a com os olhos brancos. A pele dele, já normalmente pálida, parecia estar adquirindo um tom amarelado, doentio. Percebeu que a mesma tonalidade aparecia nos cantos de seus olhos. Era uma mudança sutil, mas perceptível, mesmo na pouca iluminação da casa. Eva arrepiou-se.

– Estes assuntos que você precisa resolver... – começou ele, calmamente. – Por acaso não envolvem a imprensa, envolvem? É claro que não preciso repetir que nossos convidados lá em cima valorizam muito a discrição e seria de muito mal tom que um de nós se envolvesse em algum tipo de escândalo, não é mesmo?

Eva empertigou-se. Por que ele estava fazendo aquilo com ela? Foi ele quem a envolveu com aquele problema e agora estava ameaçando-a! Tentou argumentar contra, mas as palavras não saíram. Sentiu-se tonta e apenas por medo não o atacou ali mesmo.

– Minha querida Eva – disse ele, apoiando-se no balcão, aproximando seu rosto pálido do dela. Havia algo de ácido e desagradável em seu hálito – Espero que você tenha a fineza de resolver esse... assunto... da maneira mais discreta possível. Não posso me dar o luxo de simplesmente barrar a imprensa, pois isso acarretaria em mais e mais intrometidos tentando invadir nosso santuário, por isso gostaria que você mantivesse suas fofocas e intrigas do lado de fora. Faça isso ou farei por você. E minha maneira não é das mais agradáveis, posso afirmar.

Jogou displicentemente o envelope em cima do balcão e afastou-se.

– E avise seu amiguinho – disse, antes de sair – que não sou garoto de recados.

Eva observou o sinistro dono do *Vrykolakas* afastar-se em direção à escadaria. Só quando ele saiu do seu campo de visão lembrou de respirar. O coração batia forte e ela quase caiu no choro. Controlou-se, pegando o envelope. Correu em direção ao banheiro e lá se trancou em uma cabine livre. Sentou na privada impecavelmente limpa e abriu o envelope. Dentro estavam as fotos que haviam tirado dela. Eram fotos grotescas, mostrando-a até

mesmo enquanto vomitava. Havia pelo menos uma dúzia que mostravam claramente seu rosto, mesmo desfigurado pela bebedeira e pela maquiagem borrada. Irritou-se com a petulância daquele fotógrafo intrometido e rasgou as cópias, uma a uma, jogando os pedaços no vaso sanitário e puxando a descarga várias vezes até que entupisse. Em seguida gritou, descontrolada.

– Ei! – bateu alguém na porta. – Ei! Você tá legal?

– Me deixa em paz! – gritou Eva, a plenos pulmões. – Me deixa em paz!

– Ei, calma, eu só queria ajudar...

– Vai embora! Puta que pariu, me deixa em paz!

– Tá, tá...

Eva sentou-se na tampa da privada, chorando. Deu dois murros na divisória da cabine, que tremeu inteira. Deixou-se cair para trás, olhos cerrados, e se encostou na parede. Estava vendo seu mundo desmoronar, sem ter onde se agarrar. Sentia o desespero tomar conta de tudo. O que aquele desgraçado queria com ela? Por que ele não tinha comparecido ao encontro como combinado? Seria uma estratégia para feri-la psicologicamente? Pegou o envelope amassado e verificou seu interior. Lá dentro, bem no fundo, havia um pedaço de papel. Tirou-o e leu. Havia apenas duas linhas escritas no bilhete. Uma com a frase “Liga pra mim” e logo abaixo a outra, com um número de celular.

Um jogo, era nisso que ela tinha se envolvido. Numa porcaria de um jogo de algum *voyeur* lunático. E aquilo poderia custar todo o trabalho que ela tinha tido desde que saiu de Cruz das Almas, há três anos.

– Você não vai me ferrar, seu filho duma puta – disse ela, entre os dentes. – Você não vai ferrar Eva Bueno. Isso eu prometo!

– Está falando comigo? – perguntou a pessoa do lado de fora.

– Vai embora, porra!

O volume da música diminuiu gradativamente, substituída por um intenso burburinho. A iluminação também ficou mais clara e o pandemônio de luzes piscantes ficou para trás. Ian e Karen entravam na área VIP.

O ambiente era amplo, ocupando, provavelmente, toda a área da planta da casa. As divisórias haviam sido derrubadas, ficando apenas as vigas de sustentação. As paredes estavam forradas com grafites, mas não as típicas garatujas que se vê nos muros da cidade. Era mais como uma pintura abstrata, com figuras multicoloridas e de anatomia grotesca e exagerada. Penduradas no teto havia pequenos holofotes com lâmpadas dicróicas, que apontavam para determinados trechos da parede. Ian, que trabalhava diretamente com arte, impressionou-se com a qualidade daquelas pinturas.

Não havia muitas pessoas lá. No máximo umas quarenta, conversando animadas. Havia vários sofás espalhados pela sala, todos de modelos distintos, mas aparentando grande conforto. A maioria estava ocupada. Ian se perguntou onde eles poderiam sentar. Quase trombou num garçom, que passou voando por ele, equilibrando uma bandeja redonda cheia de copos em uma das mãos.

– Não é o máximo, Ian? – perguntou Karen. Ela estava radiante, segurando seu braço com força. Ian concordou, mesmo achando aquela impressão exagerada. – Olha – continuou ela, apontando pra frente –, aquele não é o...

– É ele mesmo, *chérie*. E ele odeia que apontem em sua direção.

Era Tamara. Ela havia se aproximado por trás deles e sussurrou as palavras no ouvido de Karen.

– Desculpe! – disse Karen, aflita, recolhendo o braço.

– As pessoas aqui se consideram numa espécie de santuário – explicou Tamara. – Aqui eles estão livres do assédio da imprensa e dos fãs, podem ser eles mesmos. Por isso não é de bom tom fazer qualquer tipo de tietagem.

– Desculpe! – repetiu Karen, envergonhada.

– E a música? – perguntou Ian. – Lá embaixo é mais agitado.

Tamara riu, enlaçando o seu braço.

– Temos apresentações musicais esporádicas. Paciência, meu querido.

Terá sua oportunidade de colocar este corpo maravilhoso em movimento.

Karen fingiu não ouvir a insinuação de Tamara. Olhou em volta, tentando reconhecer todas as celebridades presentes. Conhecia a maioria, de colunas de fofoca, novelas, bandas de rock, partidas de futebol... Estava entusiasmada demais para ter ciúmes.

– Venham, eu apresento vocês – convidou Tamara. O “vocês” foi apenas educado, pois ela puxou apenas Ian, deixando Karen de lado, que, ainda olhando para os lados, acompanhou os dois de perto. Tamara guiou-os até um palco baixo, num dos cantos da sala. Lá havia uma bateria completa e outros instrumentos em pedestais, como guitarras, contrabaixos e teclados. Entraram no palco, tomando cuidado para não pisar na infinidade de pedais e cabos que tomavam conta do piso. Tamara testou o microfone principal e pediu a atenção dos presentes. Quando o burburinho diminuiu, anunciou:

– Meus caríssimos, este é Ian Larsen. E esta é... – olhou para Karen, com uma expressão distraída. Karen deu um pulo, sussurrando seu nome no ouvido dela. – Karen Sardinha – anunciou Tamara. Karen deu novo salto e outra vez sussurrou no ouvido da mulata. – Desculpem-me, Karen Saldanha.

Alguém deu uma risada alta e Karen sorriu, encabulada. A risada morreu logo, por falta de apoio.

– Eles são os mais novos componentes de nosso seletto grupo – continuou Tamara, com um sorriso magnífico. – Espero que todos vocês se comportem direitinho e deem a eles uma amostra da hospitalidade do *Vrykolakas*, se é que me entendem.

Agora mais pessoas riram, mas foi um riso leve, simpático. Ian alternou o peso de uma perna para outra, tentando ficar mais confortável. Gostaria que aquele circo terminasse logo.

– Tomei a liberdade de pedir uma rodada de ErzsébetBlut para todos. Gostaria que fosse erguido um brinde em homenagem aos mais novos VIPs do *Vrykolakas*.

Tamara chamou o garçom, pegou uma pequena taça de cristal, cheia até a boca com um líquido escarlate viscoso. Outros garçons circulavam pelo salão e ela pediu a todos que se servissem. Ian pegou sua taça e cheirou o conteúdo. Era forte, mas ligeiramente adocicado.

– Vermouth, bourbon e licor de cereja – explicou Tamara, fora do microfone. Ian acenou com a cabeça. – *In articulo Mortis!* – clamou ela ao salão. Todos, menos Ian e Karen, repetiram a frase. Ergueram suas taças num brinde e tomaram o conteúdo de um gole, todos de uma vez.

Ian emborcou sua taça e sentiu o conteúdo rasgar sua garganta como se estivesse em chamas. Abriu a boca, quase engasgando. Puxou o ar com força e lágrimas correram sua face. Ao seu lado, Karen tinha uma reação similar, mas Tamara pareceu nem sentir a bebida, sorrindo para eles.

– *Mors omnia solvit!* – exclamou ela, erguendo a taça vazia, no que foi imitada por todos os presentes. Ian limitou-se a erguer a taça, esforçando-se ao máximo para não fazer uma careta. Karen tossiu. Tamara desceu do palco e chamou-os. Logo em seguida, um grupo de cabeludos tomou seus lugares e começaram a se preparar para tocar. Refeito da bebida, Ian entregou a taça ao garçom, no que foi imitado por Karen e Tamara.

– Acho que vou ficar só na cerveja de agora em diante – disse Ian, expirando com força o ar e a lembrança da bebida de seu corpo. – Aquele brinde, o que significa?

Tamara abriu a boca para responder, mas foi interrompida pela chegada de um homem alto, magro, vestindo um terno preto com um corte impecável, com camisa e gravata no mesmo tom. Sua pele pálida e seus longos cabelos brancos contrastavam com suas roupas. Sorria.

– É apenas um brinde antigo que incorporamos – explicou ele com um sorriso. – Um velho hábito, nada mais.

– Ian, Karen, este é Ramiro, nosso anfitrião – apresentou Tamara, sorrindo.

Ramiro estendeu a mão para Ian, que apertou com firmeza. Em seguida tomou a mão de Karen e beijou-a, numa reverência antiquada.

– Para os presentes nesta sala, sou Radu. É um prazer tê-los conosco.

– O prazer é todo nosso! – empolgou-se Karen. – Sua casa é maravilhosa, Ramiro... Ops, quero dizer, Radu.

Ramiro sorriu.

– Permite-me uma pergunta indiscreta? – inquireu Ian. Ramiro acenou afirmativamente. – Essas pinturas nas paredes... De quem são?

– Radu pintou todas as paredes, Ian – adiantou-se Tamara para responder. – Ele é o responsável por essas maravilhas. São lindas, não são?

Ian olhou em volta, como que reavaliando o trabalho.

– Sem dúvida. Caso um dia desista de casas noturnas, tenho certeza que se dará muito bem no mercado artístico. Ou publicitário, claro.

– É muito gentil de sua parte, Ian – respondeu o anfitrião com sua voz ligeiramente afetada –, mas não tenho pretensões artísticas. A pintura é apenas um *hobby* para mim e gostaria que continuasse assim. Se fosse

obrigado a criar para sobreviver tenho certeza que minha inspiração desapareceria. Agora, com sua licença... – interrompeu a conversa abruptamente, esticando o braço e interceptando uma loira que passava. Separou-se do grupo, indo conversar com ela.

Era uma bela moça, avaliou Ian, de mais ou menos vinte anos. Tinha os cabelos longos e alisados, seios arrebitados, uma cintura tipo violão e uma bundinha perfeita, modelada pela calça de tecido elástico colante. Tinha no semblante uma expressão de tristeza misturada com raiva, num tempero que o excitou. Ian não conseguiu deixar de fitá-la. Imaginou-se tomando aquela mulher nos braços, beijando aqueles lábios carnudos...

– Ian! – gritou Karen, batendo de leve nele com as costas da mão. – Você está babando!

– Desculpe, Karen. Eu... Eu... Desculpe, me distraí por um instante. Karen bateu de novo.

– Você se hipnotizou pela bunda daquela Maria-Chuteira, isso sim!

Ian não se defendeu. Havia cometido uma gafe, ele sabia, mas odiava brigas de ciúmes e preferiu não dar corda. Desviou o olhar e tomou Karen pela mão. A iluminação diminuía de intensidade. Aparentemente a banda estava pronta enfim. Foram em direção ao palco e o assunto morreu ali. Tamara não os acompanhou.



Poucas vezes Ian bebeu tanto em uma noite. Os garçons cruzavam o salão o tempo todo, sempre servindo bebidas exóticas, com nomes esquisitos. Ian provou todas e aquele coquetel provou-se eficaz em embriagá-lo. Karen também não ficou atrás, apesar de sua noite não estar sendo tão divertida quanto a dele. Foi hostilizada por pelo menos duas modelos e uma apresentadora de televisão. Durante a dança sentiu diversas apalpadelas em sua bunda, mas nunca conseguia pegar o responsável. Derrubou uma bebida no colo de um galã de novela, pois havia sido empurrada por alguém. Foi alvo de risadas quando caiu sentada na pista, desequilibrada ao ensaiar um passo de dança mais ousado, temperado com a embriaguez.

Já Ian, mesmo bêbado, não conseguia tirar os olhos da loura que havia visto com Ramiro. Acompanhou-a a noite toda, vendo que em todas suas interações sociais ela tentava forçar uma simpatia que não nutria por ninguém e que seu rosto se tornava amargo nas raras vezes que se encontrava sozinha.

Ian estava encantado pela sua beleza e só não a abordou em respeito à Karen, apesar de terem passado quase a noite inteira separados. Tentou aproximar-se diversas vezes, mas raramente tinha assunto para acompanhar as conversas das celebridades e humildemente se retraiu, tentando desviar sua atenção experimentando todos os coquetéis servidos.

Em certo momento as atenções se desviaram para a pista, onde ele presenciou o espetáculo de dança de Radu, em que o esguio proprietário e uma outra magnífica promotora da casa realizaram uma *performance* altamente erótica para o deleite dos presentes. Surpreendeu-se com a agilidade e elasticidade do proprietário da casa. A garota parecia ter ficado em autêntico êxtase após a apresentação. Ian também percebeu que o espetáculo deixou a loira ainda mais irritada, mas apesar disso ela assistiu do começo ao fim. Algum tempo depois, Ian foi abordado por Radu, que se sentou ao seu lado no sofá. Trouxe um copo largo e baixo, com uma dose de uísque com duas pedras de gelo dentro.

– Então, meu caro Ian, o que acha de minha casa?

– Você mora aqui? – perguntou Ian sem pensar, tentando disfarçar o tom ébrio em sua voz.

Radu sorriu, dando um tapa de leve no ombro de Ian.

– Claro que não, meu querido. Este é apenas meu trabalho – suspirou, olhando em volta. – Mas não deixa de ser como um lar para mim. Fico mais tempo aqui que em minha própria casa.

– Se eu tivesse uma casa dessas, não moraria em outro lugar.

– É muito gentil de sua parte. Mas tenho certeza que seu trabalho é um segundo lar para você também.

– A *Dolphin&Barber*? – divertiu-se Ian. – A velha Barbearia de Golfinhos? É, passo mais tempo lá do que em casa, mas seria o último lugar que gostaria de morar. É muito chato.

Radu tomou mais um gole de seu uísque.

– Trabalho em escritório comercial com certeza estaria longe de minhas pretensões. Não consigo me adaptar ao ambiente corporativo.

– Você não tem cara de executivo. Pelo menos não com esse rabo de cavalo! – riu alto, mas depois se deu conta da grosseria. – Desculpe, não quis ofender...

– Não ofendeu, fique tranquilo. Concordo com você. Além do mais, não conseguiria viver longe de pessoas tão interessantes. O ambiente de escritório é muito deprimente.

– Nem me fale. Sabe, faz seis anos que eu não me embebedava desta maneira. Seis anos! E sabe por quê? Por causa de um casamento fodido e uma porra de um emprego castrador! Meu Deus, seis anos! Precisei me divorciar para poder retomar minha vida. Sinto falta disso. Sinto falta da redenção de uma embriaguez, da sensação maravilhosa de ser desejado sexualmente por uma mulher bonita, da ansiedade da conquista. Tenho saudades até mesmo das manhãs de ressaca!

Ramiro sorriu.

– Olha, desculpe por estar me abrindo assim com você – continuou Ian. – É a bebida falando, com certeza. Mas é a pura verdade, de coração.

Naquele momento, a loira passou no campo de visão de Ian e as palavras sumiram de sua boca. Observou-a transitar pelo salão, até desaparecer atrás dele.

– Gosta do que vê? – perguntou Ramiro, malicioso.

– Nossa, e como! – respondeu Ian, empolgado. – Quero dizer, ela é muito bonita, mas com certeza deve estar acompanhada...

– Está sozinha, posso garantir. Gostaria de conhecê-la?

Ian arregalou os olhos. “Seria ótimo!”, quase disse, empolgado. Mas ainda restava um pouco de senso em sua cabeça.

– Obrigado, mas estou acompanhado. Karen, lembra-se? Por falar nisso, onde será que ela se meteu? – perguntou, procurando-a em volta, sem muita convicção. Desistiu rapidamente, relaxando o corpo sobre o sofá.

Ramiro olhou-o de modo melancólico. Brincou com o gelo em seu copo, distraidamente.

– Sabe, Ian, considero o mundo um lugar simples. A realidade é clara, as possibilidades são limitadas e os papéis de cada um, bem definidos. Há, basicamente, dois tipos de pessoas: os predadores e as presas – fez uma pausa, tomando um gole de sua bebida. – Os seres humanos, em sua infinita pretensão, se imaginam no topo da cadeia alimentar, simplesmente pelo fato de poderem raciocinar e terem um polegar inversor, que os permite construir máquinas para suprir suas limitações. O corpo humano é imperfeito, apesar do que dizem. Seu organismo tem a propensão à preguiça e ao ócio. Isso está cada vez mais claro à medida que criam novos aparelhos que apenas os empurram para um sofá, onde se limitam a ver o tempo passar através de uma janela eletrônica, comendo comida processada e calórica, se tornando criaturas decadentes e flácidas, muito diferente da imagem poética que criaram de si próprios.

Ian prestou atenção em todas as palavras, como se a voz macia de Radu o estivesse hipnotizando. Sentiu que deveria dizer algo, aproveitando esta nova pausa, mas não conseguiu formular uma sentença.

– Estas são as presas – continuou Ramiro, desta vez um pouco mais enfático. – São apenas gado, engordando e deixando os dias passarem, esperando pela inexorável hora de sua morte. Perceba que não uso a analogia levemente. É uma vida rotineira, ritualística, pacata e maçante. São bois num pasto, preocupados apenas com o que vão comer e como vão alimentar suas crias. Alguns até tiveram sonhos em sua juventude, pois essa é a eterna danação dos jovens, mas esses sonhos foram deixados de lado com a maturidade. O mundo seria um lugar muito mais agitado se fosse povoado apenas por adolescentes.

– Seria um inferno! – interveio Ian, pois havia lembrado de sua própria juventude. Era um selvagem, sem limites, sem medo da morte, vivendo cada noite ao máximo, raramente se preocupando com o dia seguinte. Perdeu as contas de quantas mulheres teve, de quantas drogas usou, de quantas bebidas ingeriu. Sossegou apenas quando descobriu que Cláudia, sua conquista mais recente, havia engravidado. Teve que interromper sua longa adolescência, abandonar seus sonhos mais selvagens, tornar-se pai. Tinha 25 anos quando Juliana nasceu, e, apesar da abrupta mudança em sua vida, estava feliz. Mesmo assim, sentia uma grande falta dos anos intempestivos de sua juventude. Eventualmente, quando o tempo e a rotina se encarregaram de esfriar a paixão e o tesão que tinha por Cláudia, só a paternidade o fazia sair da cama todo dia. Estava se tornando, nas palavras de Ramiro, uma presa, fadado a passar o resto da vida acorrentado a uma vida modorrenta e empapuçada. Arrepiou-se com a perspectiva.

– Felizmente, não é assim – prosseguiu Ramiro. – Felizmente, pois um mundo apenas de caçadores morreria de fome. Se não existisse o boi, seria o garanhão procriador que puxaria o arado. Mas, com o boi por perto, ele pode se preocupar apenas em cobrir todas as éguas do estábulo e cavalgar livremente pelo pasto quando quiser – nova pausa, novo gole. – Nós somos predadores, Ian! Nós somos o garanhão procriador. Nós não servimos para sermos domados, amansados, domesticados. Qual é a sua fome? Sexo? Você está cercado de presas, alimente-se à vontade. Sua fome é dinheiro, conhecimento, poder? Tudo isso é fácil de conseguir, se você for um predador. Reconhecimento, Tocaia e Bote. Para tudo na vida essa tríade se aplica.

– Sun Tzu – complementou Ian, lembrando-se de seu curso noturno de administração. Adorou ler “A Arte da Guerra”, que havia sido tópico de muitas aulas.

– Sun Tzu foi um predador e tanto – continuou Radu, aproveitando a interrupção e falando com mais calma. – Tinha uma fome ilimitada e nunca se deixou acomodar como presa. Mesmo dentro do palácio imperial, com todos os luxos e toda a decadência, ele era um tigre cercado de gazelas. Foi um dos poucos que tinham uma visão clara de seu papel no mundo e desempenhou-o como ninguém.

Ian sacudiu a cabeça, tentando assimilar as palavras. De uma maneira estranha, os argumentos de Ramiro faziam um sentido impecável, inatacável, cativante. Involuntariamente estufou o peito e franziu o cenho. Sentia-se poderoso, altivo. Sentia-se um predador.

– O mundo é dos predadores, Ian! – continuou ele, enfaticamente. – Somos nós que fazemos esse planeta girar. Fomos nós que empurramos a evolução, que operamos o mecanismo. As presas são apenas as engrenagens, a força motriz, sem sentido ou direção. Nós as guiamos e nos alimentamos delas.

– Eu sou um predador... – murmurou Ian, olhando para as próprias mãos, na vã esperança de ver garras pontiagudas no lugar de dedos. Crispou-as fortemente, até que os nós dos dedos adquirissem um tom esbranquiçado.

– É claro que é, Ian. Ou você achava que ia conseguir passar o resto da vida como um respeitável pai de família, engordando e definhando, tornando-se comida de vermes? Já estou nesta vida há algum tempo e sei o que estou dizendo. Saia à caça, meu amigo. Saia à caça!

Impelido por Radu, Ian ergueu a cabeça. Avaliou o ambiente apenas com o olhar. Mapeou a posição de todos os presentes como se estivessem em um tabuleiro. Procurou pela Rainha Inimiga, que poderia comprometer seu avanço em direção ao Rei. Encontrou, em vez disso, Tamara, um Bispo Aliado, e acenou para ela.

– Tamara, você viu a Karen por aí?

– Foi embora faz um tempo. Ela não te avisou?

Ian balançou a cabeça, negando. Suspirou. Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. Relaxou o corpo. A Rainha estava fora de jogo e ele estava em posição de xeque. Mirou sua presa, que desfilava o corpo escultural e os longos cabelos louros pelo salão, indefesa a seu avanço. Xeque-mate.

– Vamos ver essa sua amiga, Radu.

A noite estava infernal.

Eva sorriu seu melhor sorriso para o alto rapaz a sua frente, um jogador profissional de futebol. Não tinha nada de bonito, muito pelo contrário. Mulato, cortou o cabelo careca, como estava na moda, sem levar em conta o fato de ter orelhas de abano, fazendo sua cabeça se assemelhar a um açucareiro. Era uma das revelações do campeonato. Falava sem parar, gabando-se de suas jogadas e dos comentários da imprensa a seu respeito. Felizmente ele não estava desacompanhado. Sua noiva estava presente e, apesar de estarem visivelmente brigados, não se desgrudavam um do outro.

Eva não gostava de jogadores de futebol. Eram baús rentáveis, verdade, mas, tirando raras exceções, tinham uma carreira limitada demais. Eram “investimentos em curto prazo”, como costumava dizer. Mesmo assim tratou-o impecavelmente bem. Riu de suas piadas e comentários machistas, fingiu interesse nas descrições exageradas de suas jogadas, com direito a encenações e onomatopeias, e até mesmo elogiou a forma física dele, prometendo ir ao próximo jogo de seu time. Desvencilhou-se quando percebeu que iria ficar sem assunto e dirigiu-se para um sofá, onde estava sentado o guitarrista de uma banda recém-lançada, que havia feito sua primeira aparição televisiva no último domingo. Ele parecia deprimido, observando em silêncio o copo de uísque em suas mãos. Entabulou uma de suas expressões-coringa, puxando conversa com ele, que relutou um pouco, mas acabou se abrindo quando olhou nos olhos dela e lá viu um interesse genuíno. Eva sabia do que ele precisava e seu papel era lhe prover aquilo. Conversaram alguns minutos, onde ele desabafou sua decepção com a mídia e com os outros integrantes da banda, que definiu como “vendidos” e “deslumbrados”. Eva conhecia o discurso. Toda banda tinha pelo menos um idealista, um sonhador, que se imaginava vivendo de acordes, arpejos e solos estratosféricos de guitarra. Mas o mundo não era assim. As bandas precisavam de dinheiro e normalmente abriam mão da ideologia e dos sonhos em nome de uma representação rentável por parte de uma gravadora. Aquela tal “integridade” que ele se gabava nada mais era uma atitude romântica estúpida, analisou Eva, pois de que valia tocar bem se o talento não era convertido em lucro? Dinheiro era dinheiro. Ponto final. Mas fingiu

concordar com a lamúria do coitado. Deu seu apoio e prometeu que iria ao show que eles iriam fazer na próxima semana. Beijou-o de leve nos lábios antes de se levantar. Nada melhor para o ego de uma mulher do que se tornar a musa inspiradora de um músico e ela nunca perdia a chance de tentar.

Encaminhou-se para um grupo que discutia perto do balcão. Dois escritores sabatinavam um vereador impiedosamente. Era uma conversa inflamada, cheia de gestos largos e interjeições exageradas. Eva não sabia nada de política além do fato de que normalmente políticos de direita eram ricos e os de esquerda muquiranas. Era, para ela, uma questão de sobrevivência. Chamou o garçom e mandou que ele servisse o pequeno grupo. Aproveitou a pausa na discussão e entrou no círculo, esperando que o assunto mudasse. Abraçou o vereador, beijando seu rosto. Ouviu um comentário malicioso de um dos escritores, que foi complementado com uma resposta grosseira e machista por parte do vereador. Eva sorriu, beijando-o de novo e dando razão a ele, pois sabia que detestava ser contestado. Ele respeitava os escritores por considerá-los inofensivos com suas ideias neossocialistas, mas mesmo assim fazia questão de impor limites à conversa. O outro escritor tentou retomar a discussão, mas o vereador estava enfasiado e cortou-o, argumentando que Eva não se interessava por política e que deviam arrumar um assunto para que ela participasse. Eva agradeceu com um sorriso. Conversaram amenidades por alguns minutos e, quando ela percebeu que iriam voltar a discutir, retirou-se educadamente.

Foi até o bar e pediu um copo de água. Permitiu-se uma pausa para respirar. O sorriso sumiu e o conflito em sua alma ressurgiu. Seu estômago gelou. Suspirou, entristecida. Precisava arrumar tempo para telefonar para o maldito fotógrafo, resolver aquele impasse de uma vez por todas. Tomou um gole da água gelada, tentando acalmar-se. Mas sentiu Tamara batendo em seu ombro, demonstrando que a pausa havia terminado.

Armou seu sorriso novamente e foi paparicar mais uma celebridade.



A noite já estava no fim e, com isso, também estava terminando a via sacra de Eva. Já passava das quatro da manhã, seu pé estava completamente inchado, esmagado impiedosamente pelos sapatos de salto alto, que também contribuía para que seus joelhos ficassem doloridos. Esfregou as têmporas, suspirando. Pediu desculpas ao belo rapaz com o qual conversava, que ela

não lembrava se era modelo ou ator, e dirigiu-se para o bar. Pediu ao *barman* uma aspirina e um copo de água e sentou-se no banco.

Estava exausta. Só queria ir para casa e desabar na cama, deixando aquele dia miserável para trás. Tomou a aspirina e suspirou, voltando sua face para o teto, de olhos cerrados. Esfregou a nuca com firmeza, tentando em vão relaxar a tensão. Flexionou os ombros e ouviu um estalo na coluna. Precisava de uma massagem.

Como se tivessem lido seus pensamentos, sentiu dedos tocarem suas omoplatas, esfregando-as de leve. Sentiu também polegares friccionarem sua nuca. Adorou a sensação. Não abriu os olhos e gemeu de prazer, entregando-se inteira ao massagista anônimo. No ápice do relaxamento, quando ela sentia seu corpo derreter como um sorvete ao forno, sentiu as mãos desviando-se para seus braços e um corpo colar-se ao seu. Não repeliu a aproximação. Quem fazia uma massagem daquelas merecia uma chance. Sentiu um hálito quente aproximar-se de seu ouvido, arrepiando-a toda. Em seguida ouviu um sussurro. Era Radu. Queria apresentar-lhe alguém.

Voltou-se languidamente, abraçando-o. Ele a segurou pela cintura, obrigando-a a se levantar. Eva não ofereceu resistência. Quando voltou a si estava frente a frente com o novo VIP, que ela havia visto entrar no início da noite. Reavaliou-o silenciosamente. Era bem mais alto que ela, tinha um corpo magnífico e um rosto agradável, apesar do olhar ébrio. Estendeu sua mão e cumprimentou-o. Radu os apresentou e pediu licença, retirando-se em seguida.

Por um instante Eva irritou-se por ser tratada como uma reles prostituta. Seu rosto deve ter transparecido sua fúria, pois viu que seu novo acompanhante havia ficado sem graça. Ian, aquele era seu nome. Tentou contornar a situação abrindo seu melhor sorriso e convidando-o a sentar-se. Não podia arriscar. Este Ian podia ser alguém poderoso e se reclamasse com Ramiro ela estaria na rua. Iria fazer seu papel, mas a seu modo. Que este Ian não pensasse em abusar dela, porque senão...



Mas a conversa com Ian provou ser mais agradável que Eva pensava. Ele estava calibrado o suficiente para ainda ser divertido e o único abuso de sua parte foi não conseguir desviar os olhos de seus seios. Era uma indiscrição compreensível, analisou, pois ela fazia questão de usar decote

generosos, por saber que eles chamavam a atenção. Pagara muito bem por isso.

Ian era uma pessoa afável, simpática e simples. Mostrou a foto de sua filha a ela, comentando num tom desanimado o fim de seu casamento, mas mudou rapidamente de assunto. Eva sentiu-se bem em conversar com ele e em pouco tempo havia derrubado a maioria de suas barreiras defensivas. Aquele homem era um oásis naquela noite tão ruim e, pela primeira vez em horas, Eva permitiu-se uma ligeira audácia: beijou-o.

A química daquele beijo não poderia ser explicada de maneira simples. Eva sentiu o chão desaparecer de seus pés, todo o ambiente se transformou num cenário enevado. Foi um beijo magnífico, o melhor de toda sua vida. Abraçou-o com força, comprimindo seus músculos firmes e suas costas largas. Sentia um tesão incontrolável, absurdo. Precisava tê-lo. Precisava ser possuída por aquele homem.

Findo o beijo, Eva tentou recuperar o fôlego e a compostura. Olhou para Ian com fogo nos olhos, tentando entender o que havia acabado de acontecer. Suas mãos tocaram seu tórax, seus braços, seu pescoço. Eva não pensava em nada, apenas desejava aquele homem. Era uma âncora em seu mar de desespero e não o largaria. Precisava dele. Aquela noite. Somente voltou a si quando ouviu o chamado de Tamara, que a repreendeu pela indiscrição. Tentou se recompor, ao mesmo tempo em que tentava acalmar Ian, que também parecia transtornado com a experiência. Precisavam sair dali, os dois. Mas ela não conseguiria se aguentar até chegar em casa. Precisava dele naquele momento, naquele instante. Mas também precisava sair sem ser notada, pois uma promotora não pode se dar o luxo de espetáculos como aquele. Tudo bem que Radu a tratasse como uma prostituta, mas nunca os clientes. Combinou com Ian de se encontrarem no beco atrás da casa, na saída de serviço. Lá eles teriam liberdade para fazer o que quisessem, longe dos olhares inconvenientes. Despediu-se dele e foi fazer um pouco de hora com os convidados. Replicou piadinhas com elegância e rechaçou comentários grosseiros. Sua imagem precisava ser preservada. Havia trabalho a ser feito. Mas observou discretamente Ian despedindo-se de todos e se dirigindo à saída. Aquele seria seu homem e ninguém o tiraria dela.

Nem mesmo Radu.

Ian não se recordava estar tão frio do lado de fora. Esfregou os braços para aquecê-los, mas não conseguiu amenizar a sensação arrepiante que percorria seu corpo, por isso encostou-se à parede, tentando proteger-se da brisa gelada. Olhando em volta, tentou enxergar algo na penumbra do escuro beco, mas foi quase impossível. As únicas áreas iluminadas ficavam perto da porta de serviço do *Vrykolakas* e no céu acinzentado acima dos altos telhados. Encolheu-se, tiritando. “Por favor, loira, não demora”, pensou ele, desesperado. Aquele frio estava estragando seu tesão e aquilo o incomodava. Havia ficado extremamente excitado durante o beijo que deram, mas não havia tesão que suportasse um frio daqueles!

Mas ele era paciente. Havia conseguido fisgar a loira que tanto desejava. Aquele fato e a perspectiva do que aconteceria no final da noite o mantinham aquecido.

Quando seus olhos se acostumaram com a escuridão, olhou novamente ao redor, tentando uma melhor avaliação do local. O beco era bem estreito e escuro, com uma das extremidades dando para a rua, onde estavam empilhados grandes sacos de lixo, que dois cachorros revolviam pacientemente, parando vez por outra para abocanhar algum naco comestível. Chegaram a se estranhar por causa de algo que Ian não conseguiu definir, provavelmente uma coxa de galinha meio comida, mas nada muito violento. A outra extremidade terminava em um grande paredão. Havia uma porta de metal que dava para a casa vizinha à danceteria, mas ela aparentemente não era aberta há muito tempo.

Subitamente foi tomado por uma onda de náusea que o fez fechar os olhos. Estava mais bêbado que imaginava. Tentou respirar fundo, mas percebeu que caso o fizesse iria com certeza vomitar. Não queria terminar a noite daquele jeito. Agachou-se, colocando a cabeça entre as pernas, torcendo para que Eva não chegasse naquele momento embaraçoso. A náusea lentamente diminuiu e ele respirou aliviado, erguendo-se. O movimento o desequilibrou e só conseguiu evitar o tombo abrindo os braços e apoiando-se na parede. Quando conseguiu se firmar, baixou os braços, ergueu o rosto e fechou os olhos, respirando fundo.

Em seus ouvidos chegaram os barulhos da cidade, canalizados pelas

paredes estreitas do beco. Ouviu ao longe o ronco estridente de um escapamento de motocicleta, com uma sirene de polícia acompanhando ao fundo, numa possível perseguição. Um adolescente gritou, chamando alguém, que respondeu imediatamente. Podia ouvir a música que tocava na pista do *Vrykolakas*, abafada pelas grossas paredes da casa, misturada com o tilintar de latas e potes de vidro revolvidas pelos cachorros. Sua mente divagou na cacofonia dos ruídos urbanos, tentando criar alguma ordem no caos, algum ritmo no pandemônio da cidade. Não conseguiu, mas sua mente entorpecida se recusava a desistir.

De repente, outro som chegou aos seus ouvidos, interferindo seu devaneio. Era uma respiração forte, ofegante, tensa. Abriu assustado os olhos, esperando encontrar um dos cachorros, que talvez tivesse se entediado em remexer o lixo e decidido abocanhar a perna do bêbado solitário mais próximo, mas não era o caso. Ambos haviam desaparecido, deixando o beco completamente vazio. Desencostou-se da parede, perscrutando a escuridão com os olhos semicerrados. Não conseguiu distinguir absolutamente nada, mas procurou focalizar a fonte da respiração. Enrijeceu-se imediatamente, pois na direção do ruído havia um vulto, escondido numa faixa de sombra à sua frente. Era quase indistinto, exceto pela estatura, aparentemente uma pessoa enorme, mais alta que ele e parada a poucos passos de distância.

Ian apavorou-se. Aquilo iria se transformar um assalto, sem sombra de dúvida, ou algo pior. Tentou revisar em sua mente os procedimentos que sempre diziam que deveriam ser feitos em ocasiões como estas, mas sua mente febril e assustada não conseguiu formular um pensamento coerente. Olhou em volta, procurando por ajuda, mas estava sozinho. O recém-chegado não se mexia, mantendo a respiração forte e enervante.

– O que você quer? – disse Ian, tentando em vão disfarçar o temor na voz. – Olha, eu não quero problema...

O estranho sujeito limitou-se a rir, mas sua risada saiu como uma tosse branda. Continuou imóvel, escondido nas sombras que o envolviam. Para Ian não passava de um vulto indistinto, apavorante, sombrio.

– É dinheiro o que você quer? – tentou Ian novamente, na esperança de que aquele encontro terminasse bem. – Olha, eu te dou tudo que tenho, até mesmo os cartões de crédito. Sério! Só não faz besteira, cara.

A risada continuou. “Esse filho da puta tá curtindo me apavorar”, avaliou Ian, sentindo seu medo ser substituído por uma raiva crescente.

– O que você quer, cara? – gritou, furioso. – Se está a fim de curtir

uma, vai encher o saco de outro!

A risada cessou. Ian percebeu que o estranho sujeito lentamente se agachava, ficando de cócoras, ainda escondido pela penumbra. Ouviu-o estalar as juntas dos dedos. De repente sua mente clareou. “Corre, Ian. Corre que ele não te alcança. Corre pra rua!”, pensou, febrilmente.

Mas suas pernas não obedeceram. Aquele maníaco podia estar armado. Correr só pioraria a situação. Mas também podia ser só um pirado, um mendigo, ou um dos moleques que estavam na rua, pregando uma peça. Mas precisava ter certeza.

– Toma – disse, subitamente, tirando um maço de notas do bolso e jogando-as no chão. – Pega a grana. Pega meu relógio também. Vai dar pra você comprar algumas pedras com ele. Ou pinga, sei lá! É isso que você quer?

As risadas recomeçaram, mais fortes dessa vez. Ele continuava agachado como um sapo nas sombras e a paciência e a prudência de Ian se esgotaram.

– Filho da puta! O que você quer de mim? – gritou, dando dois passos para frente, disposto a arrancá-lo da escuridão à força. Não conseguiu cumprir seu intento, caindo para o lado e batendo a cabeça no chão. Seu agressor havia rodopiado como um acrobata, formando um arco largo e preciso com sua perna direita, chutando-o violentamente no rosto.

Por pouco Ian não desmaiou com o golpe. A pancada da sua cabeça no chão de concreto havia sido forte, mas ele conseguiu de alguma maneira manter a consciência. Sua visão estava permeada de pontos negros e sua mente vagueava. Sentiu uma dor aguda quando foi chutado no tórax, que o fez perder momentaneamente o fôlego. Girou o corpo num espasmo involuntário e bateu novamente a cabeça no chão. Não conseguia mais se mexer.

No fiapo de consciência que lhe restava, percebeu seu agressor debruçar-se sobre ele e sentiu em seguida uma dor lancinante em seu braço esquerdo. Tentou, com suas últimas forças, reagir ao ataque, mas o máximo que conseguiu foi gemer de dor.

– Ainda acordado? – sussurrou a misteriosa figura em seu ouvido. – Não se incomode, você vai se sentir ótimo em poucos dias. Relaxe e aproveite. Garanto que você vai gostar do que eu tenho a lhe oferecer...

Foi a última coisa que Ian ouviu, antes de despertar ao lado de Eva, que o agarrava e sacudia assustada, gritando por ajuda. Depois disso, Ian

simplesmente deixou-se desmaiar.

À meia luz o quarto do motel não parecia tão desagradável, avaliou Dante. Ele chegava a ficar até aconchegante, se você ignorasse o espelho manchado no teto e a luminária de neon vermelho pendurada na parede. Na televisão dois trogloditas satisfaziam os desejos de uma atriz com imensos peitos siliconados. Já era o terceiro filme do gênero que ele assistia, desde que Luana adormecera ao seu lado. Não gostava de filmes pornográficos, mas também não queria desligar o aparelho, ficando sozinho com seus pensamentos. Estava se acostumando com poucas horas de sono e normalmente ficava desperto de madrugada. Sentia o corpo moído, mas não conseguia ferrar no sono de jeito nenhum.

Pegou o celular que estava no móvel ao seu lado, junto ao painel de onde era possível controlar a televisão, o som, o ar condicionado e o interfone. Olhou para o visor do aparelho pela vigésima vez naquela noite. Nenhuma ligação, nem recado na caixa postal, nada. Suspirou, frustrado. “O Marques vai me matar”, pensou, jogando o celular de volta ao móvel. Se a Eva Bueno não ligasse, era certo que ele perderia o emprego.

Olhou de esguelha para Luana, que estava deitada de bruços ao seu lado. Viajou os olhos por seu corpo nu, admirando seus compridos cabelos castanhos que escorriam por suas costas alvas, sua bunda pequena e suas pernas roliças entreabertas. Invejou seu sono tranquilo, sentindo uma ponta de raiva dela, mas logo em seguida reavaliou seu julgamento. Ela não tinha culpa por seus problemas.

“Hoje tinha que ser nosso aniversário de namoro?”, pensou, frustrado. Havia esquecido completamente da data e, quando ela ligou no início da noite perguntando quais eram seus planos, teve que pensar rápido. Levou-a uma cantina italiana que ficava perto do *Vrikolakas* e conseguiu, discretamente, enviar o envelope com as fotos para Eva. Não podia encontrá-la acompanhado de Luana, então improvisou. Havia sido uma solução providencial, que evitaria confrontá-la em seu território, mas o sucesso da manobra necessitava do contato telefônico subsequente, o que ainda não havia acontecido.

Da cantina para o motel foi um pulo. Não podia levar Luana para sua casa, pois há duas semanas que não fazia faxina. Não havia escolha, tinha que

desembolsar a grana do pernoite. Mesmo assim foram obrigados a escolher um motel simples, com uma suíte básica, sem hidromassagem ou estacionamento privativo, condizente com o orçamento do casal. Sua única atitude comemorativa havia sido comprar uma garrafa de um vinho frisante meia-boca num supermercado, que eles estouraram dentro do quarto.

Luana era uma boa moça. Precisava ser, para aguentar alguém como ele. Conheceram-se quando ela era estagiária da *Night Glam* e ele apenas um repórter iniciante. Foi uma paixão adolescente, fulminante. Demoraram poucas semanas para oficializar o namoro, depois de diversos programas juntos. E deram-se maravilhosamente bem nos primeiros meses da relação. Os problemas começaram quando ela decidiu sair do estágio. Não tinha veia jornalística, apesar da formação em Publicidade. Quando recebeu uma proposta para integrar a equipe de uma revista feminina, trabalhando com divulgação, empolgou-se.

Mas Dante conhecia a editora da revista e alertou-a que poderia se dar mal. A empresa era conhecida no meio como péssima pagadora, pouco ética e com uma rotatividade muito grande, mas ela ignorou seus argumentos e foi. Havia sido a primeira discussão séria de ambos. Ficaram uma semana sem conversar. Quando finalmente se encontraram, foi uma situação extremamente constrangedora, pois ela fez questão de jogar em sua cara que havia feito a coisa certa.

Mas o tempo se encarregou de dar a razão para Dante. Após três meses Luana percebeu que grande parte de seus esforços estavam se transformando em louros para outras pessoas. Teve duas campanhas publicitárias roubadas de suas mãos e era tratada com desdém pela equipe de criação. Mesmo assim, recusava-se a ceder diante de seu namorado. Fazia questão de exaltar as qualidades do novo emprego e de como estava evoluindo profissionalmente. Dante percebeu que ela tentava enganá-lo, pois conhecia bem o mercado jornalístico. Percebeu que grande parte dos relatos dela não passavam de fantasias desesperadas. Quando finalmente foi demitida a máscara caiu. Ficou arrasada. Deprimida, jogou a culpa de seu fracasso em Dante que, de acordo com ela, nunca a havia apoiado em sua empreitada. Foi a segunda grande discussão. Daquela vez chegaram a terminar a relação. Ficaram quase dois meses sem se falar. O reencontro foi em uma danceteria, totalmente por acaso, onde o casal decidiu recomeçar, mas dessa vez sem ressentimentos. E não se separaram desde então. Era seu quarto ano juntos.

Luana nunca mais conseguiu arrumar outro emprego. Mais por implicância dela do que por falta de oportunidade. Ela ficava tão tensa durante as entrevistas que falava pelos cotovelos, chegando até mesmo a ter uma crise nervosa durante um teste de aptidão, quase agredindo o pobre examinador. Felizmente sua família era mais ou menos bem de vida e sustentava-a sem problemas. Mas daí veio o dia em que ela cismou que era hora de casar.

Quando ela surgiu com a ideia, Dante riu, mas a risada morreu ao ver a face furiosa da namorada. Tentou argumentar que era muito cedo, que ela devia retomar a carreira interrompida, que ele não tinha condições financeiras, mas foi tudo em vão. Quando Luana cismava com alguma coisa poucos conseguiam demovê-la. Acabou aceitando o noivado, com a condição de que ele precisava juntar algum dinheiro antes de marcarem a data. Mas juntar dinheiro ganhando o que Dante ganhava era uma tarefa impossível. Era por isso que ele se agarrava tanto nas matérias imbecis da *Night Glam*. Marques, apesar de ser exigente, era um bom pagador e sempre tinha trabalho disponível. Só não podia pisar na bola...

Ergueu-se de um pulo, frustrado. Foi em direção ao banheiro, mas voltou para calçar os sapatos antes de entrar. Sentiu-se ridículo, nu, de tênis, mas não estava com vontade de se vestir. Olhou para a janela, verificando que as primeiras luzes da manhã já clareavam o negrume da noite. Estava quase na hora de irem embora. Entrou no banheiro para mijar, espantando-se com a grossa camada de limo entre os azulejos e suspirou de alívio ao terminar. Estava lavando as mãos e o rosto quando ouviu os acordes agudos de seu celular. Saltou em direção a porta, destrancando e escancarando-a estrepitosamente. Luana deu um pulo, assustada. Dante voou em direção ao aparelho, atendendo rapidamente, sem olhar o número no painel.

– Alô, Eva?

– Eva? – perguntou Luana, ainda sonada. – Quem é Eva?

– Alô! – continuou Dante, ignorando-a. – Eva, é você?

– Senhor Dante Calegari? – perguntou uma voz masculina.

– É ele. Quem fala?

– Aqui é o delegado Oliveira, da delegacia de Resende. Você pode falar agora?

– Resende? Desculpe, mas não é engano?

– O senhor não se chama Dante Calegari?

– Sim.

– Então não é engano. Estamos com um problema sério e gostaríamos que você nos ajudasse.

Dante sentou, assustado. Resende? Nunca tinha estado lá. O que o delegado daquela cidade poderia querer com ele?

– Se eu puder ajudar...

– Eu espero sinceramente que possa, pois estou com um baita abacaxi pra descascar. Você conhece alguém chamado Jonas?

Dante suspirou aliviado. Lembrou-se, Resende ficava próxima de Visconde de Mauá, onde estava Jonas, que provavelmente havia se metido em alguma encrenca em sua busca pelo chupa-cabra. Possivelmente havia invadido alguma propriedade particular ou importunado algum fazendeiro conhecido. Típico do moleque.

– Sim, claro. Por quê?

– Porque ele está morto.

Parte 2

– Eu já disse que não sei nada! – gritou Eva, irritada. À sua frente estava sentado um policial fardado, que a olhava de modo sério. – Olha, eu já te disse, quando eu cheguei ele já estava naquele estado. E não tinha mais ninguém no beco.

O ambiente da sala de espera do hospital era opressor, a despeito das tentativas da administração em decorá-la do modo mais aconchegante possível. Havia outras pessoas no local e as expressões de dor e cansaço eram visíveis, o que apenas contribuía para aumentar o desconforto dos presentes. Ouviu a recepcionista alertá-la por causa do barulho, mas, antes que pudesse responder qualquer coisa, o policial se ergueu.

– Olha, moça, eu já estou acordado há mais de vinte horas e estou cansado e impaciente. Não vou mais incomodá-la com perguntas, mas gostaria que você ficasse por perto até que os familiares chegassem. Vou registrar esse caso apenas como uma simples agressão anônima, o que aparentemente foi, pois não houve roubo ou tentativa de homicídio. Avise a vítima que se caso ele desejar prestar queixa que ele deve se apresentar a uma DP assim que puder. É capaz de fazer isso pra mim?

Eva meneou a cabeça.

– Vou fazer isso por ele. Fique tranquilo. Não tenho intenções de abandoná-lo.

O policial acenou com a cabeça, recolocando o quepe em forma de envelope. Em seguida disse alguma coisa no rádio preso ao ombro e dirigiu-se à saída, onde um companheiro seu o aguardava. Antes de sair deixou algumas instruções com a recepcionista, pedindo que ela assinasse um documento, provavelmente um boletim de ocorrência.

Eva cobriu o rosto com as mãos. Sentia-se exausta e deprimida. Quase rompeu em lágrimas, mas conseguiu se conter. O relógio na parede marcava sete e meia da manhã, o que significava que Ian já estava na emergência há mais de quarenta e cinco minutos e nada de notícias. Aquilo só servia para aumentar sua aflição.

Subitamente entrou na sala uma mulher jovem, magra, vestindo o que parecia ser um pijama coberto por um robe atoalhado e calçando pantufas. Puxava em sua mão uma pequena garota, também de pijamas, que Eva

imediatamente reconheceu das fotos que Ian lhe mostrara. Ambas se dirigiram para a recepção e em tom aflito pediram informações. Eva notou que ela se apresentou como esposa. A recepcionista prontamente apontou em sua direção, dizendo algo. A mulher mediu-a de cima a baixo com uma ponta de fúria se estampando em seu rosto. Puxou a filha para perto ao mesmo tempo em que pedia para ver o marido, o que foi negado pela enfermeira, argumentando que ele estava na radiologia.

Eva sentiu-se desconfortável e puxou a blusa de modo a cobrir o decote. Pensou seriamente em ir embora, mas precisava saber como Ian estava, então simplesmente baixou os olhos. A mulher sentou-se em uma cadeira no canto oposto ao de Eva, que sentiu as agulhadas de seu olhar furioso. A criança gemeu uma reclamação, deitando no colo da mãe, que mesmo assim não desviou o olhar.

Engolindo a vergonha e o desconforto, Eva ergueu-se e foi na direção da mulher. Esforçou-se para passar uma postura ativa e segura, ignorando seu conflito interior e aquilo serviu para desarmar o ódio da mulher, que finalmente desviou o olhar.

– Oi – disse Eva. – Você é a esposa de Ian? Desculpe, não sei seu nome, mas eu me chamo Eva. Eu sou uma... colega de Ian. Fui eu quem o encontrou e o trouxe pra cá. E você deve ser a filhinha dele, não é mesmo? O seu nome eu sei. É Juliana, não é? Você é mais bonita ao vivo que nas fotos...

– Sob que circunstâncias você encontrou meu marido? – perguntou a mulher, agressivamente, puxando a filha para perto antes que ela pudesse responder. – Nunca soube de nenhuma amiga de Ian chamada Eva.

– A gente se conhece há pouco tempo. Olha, o Ian foi encontrado num beco perto de uma danceteria. Aparentemente ele foi espancado sem motivo. Mas fique tranquila, tenho certeza que não foi nada grave...

– Você estava com ele na danceteria? O que ele estava fazendo sozinho num beco escuro, no meio da noite? Afinal de contas, quem é você?

Eva suspirou. A mulher estava compreensivamente alterada, mas aquela cena estava apenas apavorando a pobre criança, por isso sentou-se na cadeira ao lado delas.

– Olha, tenho certeza que ele vai esclarecer tudo isso a você em breve. Mas você precisa se acalmar. Não sei quem atacou Ian e nem por quê, mas esse tipo de assunto não deveria ser discutido na frente de uma criança...

– Não me diga como e o que devo dizer na frente de minha filha, sua biscate! O que é você para ele? Nada! Eu sou a esposa, a mãe da sua filha! Já

fez o que tinha que fazer, deixa que agora eu cuido do meu marido.

– Por favor, não precisa me ofender desse jeito. Entendo sua aflição, mas Ian também é meu amigo e gostaria de ficar até ter notícias dele. E não se esqueça que fui eu quem o trouxe pra cá...

– Tenho certeza absoluta que trouxe. Com certeza a culpa por ele estar aqui é sua!

Eva ia responder a acusação, mas rendeu-se ante a constatação da esposa de Ian. Não podia confrontar a verdade daquela maneira. Aquele jogo não iria chegar a lugar algum, por isso decidiu sair de perto delas, de modo a encerrar aquela discussão desnecessária. Sentou-se novamente no canto oposto e calou-se. Recusou-se a chorar, apesar do aperto que sentia em sua garganta. Aquela mulherzinha não iria ter aquela vitória em cima dela.



Alguns minutos mais tarde, uma enfermeira apareceu, empurrando uma cadeira de rodas onde Ian estava sentado, com uma expressão deprimida. Seu rosto estava inchado e escuro na maçã esquerda do rosto. Havia bandagens em sua cabeça e no braço esquerdo, mas estava desperto, olhando para ela como se estivesse dopado. Eva quase levantou, mas conteve-se ao ver que sua esposa ergueu-se de um salto, puxando a filha junto. Ian olhou para ambas aparentemente sem reconhecê-las. A esposa cobriu a boca quando viu o estado do rosto do marido, não contendo o choro. Já Juliana olhava para o pai com os olhos arregalados, abraçada à perna da mãe. A enfermeira pediu que elas a acompanhassem e dirigiram-se para um consultório, deixando Eva novamente sozinha.

Aquilo era demais! Não se dignaram a dar a mínima explicação a ela, que havia se preocupado em levá-lo até lá. Suas mãos crispavam a alça de sua bolsa nervosamente. Mordeu o lábio inferior, frustrada por não ter nada nem ninguém em que descontar sua raiva. Contou até dez, tentando controlar-se, e se ergueu em seguida, dirigindo-se para a recepção. Lá a recepcionista fantasiada de enfermeira estava ocupada falando ao telefone, então ela se apoiou no balcão de madeira e aguardou. Olhou em direção à porta de onde estava Ian. Sentiu uma tentação enorme de entrar no consultório e saber como ele estava. Eles deviam aquilo a ela, pelo menos!

– Sim? – perguntou a recepcionista, com um sorriso forçado, após desligar o telefone.

– Oi, desculpe incomodar, mas será que eu poderia conversar com alguém a respeito do estado daquele homem que acabou de passar na cadeira de rodas? Você sabe, aquele que foi espancado...

– Desculpe, mas esse tipo de informação é só para parentes...

– Eu sei disso – interrompeu Eva. – Mas será que não dava pra quebrar um galho? Você sabe, fui eu quem o trouxe aqui e estou realmente preocupada com seu estado. Seria muito confortador pra mim saber pelo menos se ele está bem.

A enfermeira fez um muxoxo, olhando para os lados. Mexeu em algumas folhas a esmo, como que querendo mostrar que tinha muito trabalho.

– Olha, me desculpe pela minha impertinência, mas acho que você deveria ir embora. Não é problema meu, mas não pude evitar de ouvir a discussão que você teve com aquela mulher e sua presença aqui pode gerar um conflito desagradável...

Eva cerrou o punho e bateu no balcão, irritada. Sentiu vontade de agredir a recepcionista, mas no fundo sabia que ela tinha razão. A sua presença ali estava se tornando inconveniente. E tudo o que Ian não precisava era de mais problemas.

– Olha, a gente faz um trato. Só me chama alguém que pode me dizer como ele está e eu vou embora em seguida. Pode ser qualquer um, eu só preciso saber se ele está bem.

Novamente a recepcionista se mostrou de má vontade, mas dessa vez ela pegou o gancho do telefone e chamou alguém.

– Olha, não se esqueça do que você me prometeu – disse ela, em seguida. – Por favor, não me cause problemas...

– Fica sossegada. E muito obrigado.

Alguns minutos depois, uma enfermeira corpulenta se aproximou de Eva. Tinha o rosto redondo e bonachão com uma expressão cansada, mas parecia ser uma pessoa simpática.

– Bom-dia. Eu sou a enfermeira que cuidou de Ian. O que você precisa?

– Apenas saber se ele está bem e se houve alguma coisa mais séria.

– Bem, foram feitas radiografias para detectar alguma fratura no crânio, mas à primeira vista está tudo bem, apesar de tudo. Será feito um eletroencefalograma para verificar se há algum aneurisma, o que pode ser grave, mas a probabilidade de isso acontecer é baixa, de acordo com o médico. Foi feita uma sutura em seu braço e o sangramento estancou. Não é

nada grave, apesar de ter sido um corte profundo. Você sabe o que o cortou daquela maneira?

Eva sacudiu a cabeça.

– Bem, eu diria que foi alguma coisa bem afiada, pois foi um corte limpo. Mas, de resto, ele está ótimo.

– Ele parecia dopado...

– Foi ministrada uma anestesia local, para fazermos a sutura, e não podemos esquecer de que ele bateu a cabeça. Ele também chegou desacordado. Uma desorientação nesses casos é normal. Claro que também ajuda o fato dele estar completamente embriagado...

– É, ele bebeu bastante. Mas ele estava lúcido antes... Bem, antes do ocorrido.

– Minha filha, acalme-se. Ele está bem. Essas coisas acontecem. Eu vejo esse tipo de coisa toda noite e posso garantir que ele está bem. Fique tranquila que ele está sendo muito bem cuidado.

Uma onda de alívio tomou conta de Eva e as lágrimas, por tanto tempo contidas, escorreram sem controle. A enfermeira abriu os gordos braços amistosamente. Eva aceitou o abraço, chorando copiosamente em seu colo.

Ao fundo, ela ouviu a voz de um garoto, que estava com a família na sala de espera:

– Mãe, o que é um biscate?

Já passava da hora do almoço quando Dante finalmente desembarcou em Resende, seu estômago roncando assustadoramente. Decidiu por comer algo na rodoviária mesmo, antes de apresentar-se à delegacia de polícia.

Sua cabeça pesava, não só por causa da insônia que o obrigou a permanecer desperto durante as mais de três horas de viagem, nem só pelo cansaço acumulado de várias noites maldormidas, nem mesmo pela possibilidade de perder o emprego por estar lá, em vez de perseguir a bomba-Eva. Era o remorso que o fustigava. Remorso pela morte de seu amigo, seu único amigo, a pessoa com quem havia tido talvez os únicos momentos de descontração nos últimos anos. Desde que haviam se conhecido, tornaram-se companheiros inseparáveis, que haviam transformado uma ideia simples como um site investigativo num elo importante na vida de ambos, um oásis em um mundo cruel, desagradável e boçal. E agora ele estava morto.

Tomou o café e comeu o misto quente sem sentir o gosto, amargurado pela culpa. Se ele estivesse ao seu lado naquela empreitada é possível que Jonas ainda estivesse vivo. Por que o havia deixado ir sozinho naquela investigação? O ímpeto do garoto, que sempre o empolgava, não havia sido o suficiente para que Dante abandonasse uma matéria estúpida e partisse com ele para aquela cidade, talvez impedindo o trágico desfecho.

O relógio na parede mostrava que era quase onze horas. Dante pagou a refeição e tomou um táxi para a delegacia. Precisava reconhecer o corpo e tomar as providências para o funeral. Jonas era órfão, sem parentes próximos, então cabia a ele a desagradável tarefa.

Mas Dante não estava ali apenas para satisfazer a burocracia funerária. Precisava saber o que havia acontecido ao amigo e certificar-se de que o responsável fosse devidamente punido. Devia isso a ele, e nada iria impedi-lo de colocar o desgraçado que o vitimou atrás das grades ou a sete palmos debaixo da terra.



O delegado Oliveira era uma pessoa desagradável. Gordo, careca e

prepotente. Vestia-se com uma camisa branca e fina, que transparecia os imensos mamilos no peito flácido, com os dois últimos botões abertos, de modo que era possível ver seu asqueroso umbigo peludo. Tinha mania de arrumar a calça, pois esta teimava em sair do lugar, não conseguindo vestir uma cintura tão avantajada. Suava bastante, mesmo a temperatura do recinto sendo tão baixa quanto no resto da cidade, o que dava a ele a aparência de um sapo-boi de bigodes. “Um dia vou entender por que todo policial usa bigode”, divagou Dante enquanto tentava ajeitar-se na desconfortável cadeira que lhe fora oferecida. Atrás da mesa de Oliveira havia um velho mural de cortiça com alguns cartazes afixados, a maioria de rostos de pessoas procuradas, mas também havia circulares internas e cartazes motivacionais do século retrasado. Oliveira acendeu um cigarro fedorento. Abriu em seguida uma pasta de cartolina verde em sua mesa. Estava de mau humor, pelo que parecia, pois suspirou duas vezes ao ler o relatório.

– Sr. Dante – começou ele, finalmente – sei que está cansado pela viagem repentina, então vou ser direto. Seu amigo foi morto por algum animal selvagem, nesta madrugada, quando se encontrava no meio do mato, sozinho e desarmado. Foi encontrado por um grupo de ciganos que tem um acampamento na região. Foram eles que o trouxeram pra cá. Junto do corpo foi encontrado este bilhete, e foi dessa maneira que chegamos a você.

Dante puxou o bilhete. Era na verdade um cartão plastificado, que estava escrito: “Caso alguma coisa aconteça comigo, por favor, contate Dante Calegari, em São Paulo”. Logo abaixo estava o número de seu celular. Dante tinha um semelhante em sua carteira, mas com o nome e número do falecido amigo.

– Estamos esperando o laudo do legista para termos melhores informações – continuou o delegado –, mas isso pode demorar um pouco. O corpo está no necrotério municipal, aguardando o reconhecimento. A autópsia está marcada para esta tarde...

– Você disse que ele foi morto por um animal selvagem – interrompeu Dante. – Que evidências você tem para comprovar isso?

Oliveira ergueu uma sobrancelha. Não esperava ser interrogado daquela maneira, mas mesmo assim manteve a calma. Encarou Dante pela primeira vez desde que este havia entrado, recostou-se na cadeira, que rangeu com o peso, e colocou as mãos gordas sobre a barriga, suspirando como um sapo novamente.

– Sr. Dante, a investigação está sendo feita, mas as evidências

comprovam que ele foi atacado por um animal, provavelmente uma onça, enquanto fazia sabe-se-lá-o-quê no meio do mato. Não há mistério nisso, mas fique tranquilo que estamos tomando as devidas providências...

– Ele estava no meio do mato fazendo uma reportagem! – interrompeu-o novamente Dante, jogando o cartão sobre a mesa. – E pediu ajuda da polícia, pelo que havia me dito, mas vocês simplesmente o ignoraram.

– Sr. Dante, se eu pudesse designar um oficial para cada turista que vai a Mauá, tenha certeza de que eu faria, mas o senhor deve imaginar que isso é impossível. De todo modo, eventos como esse são raríssimos e, quando acontecem, normalmente são com campistas despreparados ou *hippies* com ideias estúpidas...

– Jonas não era um campista. Tampouco um *hippie* entupido de drogas! Ele era um repórter como eu!

Oliveira olhou-o furioso. Não imaginava que um caso como aquele pudesse tomar proporções jornalísticas. Tudo o que ele não precisava era de um escândalo em sua jurisdição no final de seu plantão. Ergueu-se com esforço e fechou a porta de seu escritório.

– Olha, Sr. Dante, eu sinceramente gostaria que essa ocorrência não se transformasse em um inconveniente para ambos. Sinto pela morte de seu colega, mas foi apenas uma fatalidade. Vamos preencher a papelada legal para a liberação do corpo e você poderá enterrá-lo em paz, sem que essa história se transforme num escândalo sem sentido...

– Eu só quero saber o que realmente aconteceu lá nesta madrugada. Jonas estava investigando aparições do chupa-cabra na região. Em nosso último contato ele disse que iria visitar um acampamento de ciganos, com certeza os mesmos que o encontraram, e que possivelmente foram os responsáveis pela sua morte. É por isso que é tão importante saber com certeza se foi um animal selvagem que o matou.

– O senhor com certeza não conhece nada de cultura cigana. Se fossem eles os responsáveis pela morte, haveria duas possibilidades: ou eles se vangloriariam do fato, caso a vítima fosse considerada um inimigo, ou o líder deles, o *Barô* Miguel, iria entregar o assassino pessoalmente, no caso de um homicídio gratuito. Como não houve reação da comunidade cigana, devo presumir que eles simplesmente entraram na história de gaiatos. E se eu fosse o senhor, tomava cuidado ao acusar ciganos dessa maneira.

Dante irritou-se. Aquele sapo estava claramente tentando empurrar

toda a sujeira pra baixo do tapete, de modo a tornar o assassinato de Jonas uma mera fatalidade, um boletim de ocorrência, e aquilo ele não iria permitir.

– Jonas era bem relacionado no mercado jornalístico – mentiu. – Se você acha que esse caso pode ser simplesmente arquivado, pode tirar o cavalo da chuva. Agora, estou disposto a não divulgar para a mídia a sua inépcia e incompetência no desenrolar da investigação caso me forneça as informações que peço. Pense bem, pois a divulgação será inevitável, mas o teor da notícia pode ser benéfico ou prejudicial a sua imagem. E pode ter certeza de que já vi muito colega seu perder o emprego baseado simplesmente em uma reportagem bem redigida.

– Olha, aqui, seu moleque! – explodiu Oliveira. – Se você acha que vou permitir esse tipo de chantagem em minha jurisdição...

– Olha aqui você, senhor delegado! – ergueu-se Dante, desafiador. – Não estou de brincadeira! Ou você colabora e me dá as informações que preciso para a investigação, ou coloco você na frigideira antes do final do dia. Tenho certeza absoluta de que se remexerem nessa merda que você chama de delegacia vão encontrar muita cagada sua e da sua equipe, assim como também tenho certeza de que um escândalo dessas proporções iria fazer muito mal a sua carreira, que já é medíocre o suficiente.

Oliveira assimilou as palavras como goles de molho de pimenta. Seu rosto ficou todo vermelho e uma veia saltou em sua têmpora. Apertou os lábios, irritado e frustrado, e seu bigode mal-aparado arrepiou-se inteiro. Dante percebeu que ele fez um grande esforço para se acalmar e não partir para a agressão, o que pioraria ainda mais sua situação, mas em vez disso dirigiu-se para sua cadeira e sentou-se novamente. Sacou um maço de cigarros do bolso e acendeu um na bituca do anterior, olhando para Dante enquanto dava a primeira baforada.

– Muito bem – cedeu, enfim. – Do que você precisa?

– Hora da morte, local exato e a causa real. Desculpe, mas não engoli essa sua teoria de onça. Gostaria também de uma cópia do laudo da autópsia, quando sair.

O delegado bufou como um touro, remexendo os documentos da pasta em sua frente. Retirou de lá um formulário preenchido a mão, passando os olhos pelo conteúdo.

– Ele foi encontrado aproximadamente às 5 da manhã, mas a hora precisa da morte só será definida depois da autópsia. Seu corpo apareceu boiando no rio, onde foi descoberto por pescadores ciganos, então também

fica difícil precisar onde ocorreu o fato. Havia marcas de hematomas em todo seu corpo. A causa aparente da morte foi o fato de sua garganta estar completamente esvaquiada, o que levantou a hipótese de ataque de onça...

– Havia marcas de arranhões profundos ou outros ferimentos no tórax?

Oliveira vasculhou com os olhos o documento.

– Não, apenas os hematomas. Por quê?

– Felinos realmente costumam atacar as presas no pescoço, mas normalmente eles se atacam fortemente ao corpo das vítimas e dificilmente não deixam marcas de garras. Eu descartaria a hipótese de ataque de onça.

– Cara, a garganta dele estava esvaquiada. Se não foi uma onça, foi o quê? O chupa-cabra?

Dante sacudiu a cabeça.

– Não creio que exista um chupa-cabra. Pode ter sido algum cachorro, mas acho que foi um ataque deliberado de algum tipo de psicótico. Mesmo assim preciso de mais fatos antes de tirar qualquer conclusão. Será que eu poderia visitar essa comunidade cigana?

– Se quiser... O *barô* não é muito de receber visitas de *gadjés* como nós, mas, em vista dos fatos, imagino que não haja problemas. Só toma cuidado com o que fala na frente deles, para não ser você mais um defunto naquela geladeira. É um povo orgulhoso, que não tem pudores em enfiar uma faca em teu estômago caso ofenda a sua cultura. Não preciso de mais um cadáver pra me preocupar.

– Só preciso das coordenadas. Deixa que eu me viro para encontrá-los. Toma, aqui no cartão que vocês encontraram está o meu número. Assim que o laudo do legista sair, me ligue.

Oliveira pegou o cartão e jogou-o displicentemente na pasta.

– Há mais alguma coisa pertinente que eu deva saber?

Oliveira passou novamente os olhos no documento.

– Bem, não houve, aparentemente, ataque sexual. Nem roubo. Ele estava com a carteira no bolso e o relógio no pulso.

– E os ciganos? Alguma informação deles?

– Não, nada, mas não é incomum. Povinho tihoso, não se abrem com ninguém fora da sua comunidade. Duvido que você consiga alguma coisa deles – riu, erguendo o corpanzil da cadeira. – E é isso. Agora o senhor tem um presunto pra reconhecer. E eu tenho uma tonelada de relatórios pra preencher. Então, se me der licença...

Dante ergueu-se e saiu pela porta sem cumprimentar o delegado, que a fechou logo em seguida, um pouco irritado. Ignorou o fato, pois havia conseguido informações suficientes para iniciar a investigação. Isso, é claro, depois de reconhecer o corpo, que por mais que ele quisesse, não podia mais adiar.

Um grito infantil despertou Ian de seu sono, mas não de sua imobilidade. Estava consciente, mas recusava-se a sair da cama, ou mesmo abrir os olhos. Sua cabeça latejava, e o braço dolorido incomodava, mas mesmo assim recusou-se a acordar completamente.

Ouviu através da porta a voz fina de Juliana, explicando alguma coisa para alguém. Percebeu imediatamente que ela estava em vão tentando arrumar desculpas para alguma peraltice. Em seguida ouviu a voz de Cláudia, ralhando de leve com a filha. Tobias latia, defendendo a criança, e também ganhou uma bronca de Cláudia por isso. Pela janela Ian ouvia os sons da rua, uma mistura monótona de carros e pássaros, típicos do bairro tranquilo em que Cláudia e Juliana moravam e que havia sido sua casa durante seis anos, até o dia da separação.

Não conseguiu deixar de se irritar com a atitude de sua ex-mulher, levando-o para lá, tendo ele a sua própria casa. Ele precisava levantar-se, sair dali o quanto antes, retornar para seu castelo, sua fortaleza da solidão. Era um homem livre agora. Não queria que aquele evento contribuísse para seu retorno ao casamento e consequentemente à infelicidade. Conseguiu arrastar uma perna até o chão, desvencilhando-se do lençol e do edredom que o cobriam, mas, ao tentar erguer seu corpo, desequilibrou-se e caiu no chão, bem em cima do braço ferido.

Seu grito de dor alertou Cláudia, que irrompeu no quarto, seguida por Juliana e Tobias. O cão se adiantou e começou a lambê-lo no rosto, mas Ian afastou-o com o braço bom, aceitando a ajuda de Cláudia, que o erguia e o recolocava na cama, finalmente conseguindo abrir os olhos.

A primeira coisa que viu foi o rosto preocupado de sua ex-esposa sobre ele. As luzes do quarto estavam apagadas e as janelas e cortinas, fechadas, mas mesmo assim ele enxergou com clareza. Juliana estava agachada junto à porta, abraçada com o cachorro. Estava em seu antigo quarto, na cama que dividira com Cláudia, e por um instante deixou-se levar pela familiaridade da ocasião.

– Que horas são? – perguntou, num fiapo de voz.

– Já passa das cinco da tarde – respondeu Cláudia, solícita. – Você está dormindo há quase dez horas, mas eu deixei que você descansasse, em

vista de tudo que aconteceu. Como você está se sentindo? Seu braço parece bem, apesar do tombo, mas vamos dar uma olhada mais tarde pra ver se não arreventou nenhum ponto. O que aconteceu? Você caiu da cama? Isso nunca aconteceu antes...

– Cláudia? – interrompeu Ian, fechando novamente os olhos.

– Sim, querido?

– Cale a boca.

– Claro, claro, desculpe, estou incomodando você. Quer descansar mais um pouco? Já estou de saída. Olha, eu preparei um *strogonoff* de frango, mas se você preferir também posso preparar uma canja...

Ian tentou puxar a coberta e ajeitar-se na cama, mas Cláudia estava sentada sobre o edredom e foi impossível. Resmungou, mas ela não parou com a insuportável ladainha que zumbia em sua cabeça dolorida. Cobriu o rosto com o braço direito, na vã tentativa de espantá-la, mas ela não arredou o pé.

– ... e a Jú está superfeliz que você voltou, mesmo estando no estado que está. Jú, traz o desenho que você fez. Ian, ela está desenhando super bem, você tem que ver. A professora dela...

Ian estava prestes a enxotar Cláudia do quarto, quando Juliana voltou, segurando um desenho. Ian sentou-se na cama, pegando a folha de papel, mas, antes que pudesse perceber sobre o que o desenho era, Cláudia acendeu a luz do quarto. A incidência da luz sobre os olhos de Ian foi como relâmpagos de dor em uma tempestade de agonia. Sua cabeça latejou como um gongo desafinado, fazendo-o gritar. Largou o desenho e cobriu os olhos com as mãos. Juliana gritou assustada e Tobias disparou a latir.

– Apaga essa merda! – rosnou. – Apaga essa merda!

Cláudia, esbaforida, deu um tapa no interruptor, desligando a luz e encerrando a agonia do ex-marido. Juliana correu e enlaçou a perna da mãe, chorando. Tobias latia desesperado para Ian, que ergueu a mão aberta para dar um tapa, mas ele fugiu antes que pudesse acertá-lo. Uma pontada atingiu Ian na cabeça, que voltou a deitar-se, gemendo. Cláudia retirou a assustada filha do quarto e fechou a porta, deixando o perturbado ex-marido sozinho novamente. Não demorou muito e ele voltou a dormir, exausto.



Acordou duas horas depois, já mais disposto. Ergueu-se de um salto

da cama, espreguiçando-se. Foi até o armário e de lá retirou uma camiseta e uma calça de moletom, além de um par de tênis velhos, que havia deixado lá na ocasião da mudança. A dor de cabeça havia desaparecido por completo, e por essa razão ele retirou a bandagem. O ferimento não estava sangrando, apesar de ainda sentir o galo na parte anterior de seu crânio. Seu antebraço esquerdo latejava, mesmo não doendo como antes, então ele deixou o curativo no lugar. Sentou-se na cama para calçar o tênis e viu, jogada no chão, a folha de papel que sua filha havia tentado mostrar-lhe antes. Pegou-a e viu o gracioso desenho, feito com giz de cera. Nele estavam todos: Ian, Cláudia, a pequena Juliana, com os braços dados a ambos, e, é claro, Tobias, latindo e sacudindo o rabo. Ian riu quando percebeu que ela o havia desenhado com um machucado na cabeça e com o braço numa tipoia, de onde saíam pequenas estrelinhas, simbolizando a dor que devia estar sentindo. Era um desenho infantil, com traços inseguros e proporções exageradas, mas Ian percebeu que a filha possuía a mesma habilidade com os desenhos que ele próprio tinha em sua idade. Sentiu uma ponta de orgulho por ser o responsável genético por aquele dom.

Apurando os ouvidos, Ian tentou escutar se havia alguém na casa, mas o ambiente estava silencioso. Até mesmo a televisão, que ficava ligada o tempo todo, estava silenciosa. Isso foi o suficiente para que ele comprovasse que estava sozinho na casa. Pousou o desenho sobre o criado-mudo e, erguendo-se da cama, percebeu que ainda não havia ligado as luzes. Mas a lembrança do efeito anterior da iluminação em seus olhos o desencorajou a fazê-lo. Abriu a porta e constatou que toda a casa estava mergulhada na escuridão, mas estranhamente ele conseguia enxergar na penumbra. Caminhou até a sala e em cima da mesa de jantar viu um bilhete, escrito na letra feia e descuidada de Cláudia. Havia levado a menina a uma festa de aniversário, mas logo estaria de volta. Tinha deixado um prato pronto com *strogonoff* no micro-ondas e canja numa panela no fogão. Assinou com um beijo.

Realmente, Ian estava com uma fome assustadora. Foi até a cozinha e lá requentou o prato. Comeu de pé mesmo, utilizando uma colher. Estava faminto como nunca estivera antes, por isso devorou a comida rapidamente. Mesmo assim, sua fome não se aplacou. Em cima do fogão estavam as panelas com arroz, *strogonoff* e canja. Pegou a panela de *strogonoff*, enfiando a colher no molho frio mesmo. Comeu tudo, lambuzando toda a cara e a camiseta. Não se interessou pelo arroz ou pela canja. Foi até a geladeira. A

luz interna incomodou seus olhos, mas ele sabia que Cláudia costumava guardar salsichas na gaveta central e tateou até encontrá-las. Abriu o pacote rapidamente com os dentes, pegou duas salsichas e as enfiou na boca, mastigando de boca aberta. O cheiro atraiu o cachorro, que começou a pular perto de sua perna, implorando por um pedaço. Ian simplesmente o enxotou pra longe e continuou a devorar as salsichas. Magoado, o pequeno cão limitou-se a recolher os pequenos pedaços que caíam ao chão, enquanto Ian continuava a mastigar até que as salsichas terminassem.

Apesar de tudo sua fome não cedeu e ele voltou à geladeira. Cansado da luz irritante em seu interior, enfiou uma faca no interruptor da porta, travando-o na posição fechada e desligando a lâmpada interna, o que lhe permitiu vasculhar cada recipiente. Encontrou uma panela cheia de feijão resfriado, cuja aparência e cheiro o enojaram. Retirou a panela da geladeira e jogou seu conteúdo na pia, sem olhar. Colocou a panela em cima do caldo pastoso e voltou para sua busca. Em um pote havia diversas fatias de frios, como salame, presunto e peito de peru. Começou a comê-los sofregamente. Havia ao lado do pote um bloco de *mozzarella*, envolta em um filme plástico transparente, que Ian arrancou, dando duas dentadas violentas no queijo. Finalmente sentia que o ímpeto diminuía e, quando terminou de engolir toda a massa que havia se formado em sua boca, abriu uma garrafa de refrigerante, bebendo do gargalo mesmo. Suspirou satisfeito e arrotou alto, o que o fez gargalhar. Bateu a porta da geladeira e foi em direção à sala, jogando-se no sofá, ainda com a garrafa de dois litros de refrigerante na mão. Bebeu mais um gole e deu outro arrote.

Estava sentindo-se ótimo! Que sensação de euforia era aquela, depois de ter passado pelo que passara? Devia estar na cama, recuperando-se dos ferimentos causados na véspera, cansado e deprimido pela ação dos analgésicos, mas, pelo contrário, sentia que podia correr uma maratona naquele momento. Um formigamento tomou conta de seu corpo, começando pela nuca e espalhando-se pela coluna vertebral. Ergueu-se de um salto e, deixando a garrafa aberta sobre a mesa da sala, foi até o banheiro. Instintivamente acendeu a luz, mas a sensação de ofuscamento voltou e ele a desligou rapidamente. Sentiu uma necessidade urgente de urinar e o fez de porta aberta mesmo. Em seguida tirou a roupa e entrou no chuveiro, tomando rapidamente uma ducha refrescante no escuro. Saiu nu e foi em direção ao quarto, molhando todo o chão no trajeto. Lá ele tirou uma toalha do armário e secou-se com ela, atirando-a sobre a cama logo após. Pegou mais uma

camiseta velha em sua antiga gaveta e uma calça jeans que ele sabia estar apertada, mas que para sua surpresa vestiu perfeitamente. Não deu ao fato muita atenção e, calçando novamente os tênis, dirigiu-se à porta, não esquecendo de pegar as chaves e a carteira antes.

Lá chegando, ouviu que alguém enfiava a chave no trinco pelo lado de fora e amaldiçoou-se por ter perdido tanto tempo. Não queria encarar Cláudia, não naquele momento. Mas lembrou-se da confusão que aprontara pela casa e imaginou sua ex-esposa perdendo a compostura e uma nova briga se aproximando. Aquilo era tudo o que ele menos queria no momento. Tinha que ser rápido!

Assim que Cláudia abriu a porta, ele arremessou-se sobre ela, agarrando seus braços com certa violência, puxando-a para dentro. Chutou a porta, que bateu violentamente, e encostou-a na parede. Ela imediatamente gritou apavorada. Ele tampou sua boca com a mão. Só faltava um escândalo na vizinhança para completar seu dia.

– Calma Clau! – sussurrou ele em seu ouvido. – Sou eu, o Ian – disse, soltando sua boca.

– Ian! – desabafou ela, assustada. – Que droga! Você quase me matou de susto! – Ian riu, e a risada relaxou-a imediatamente. – Deixa eu acender a luz...

– Não! – interrompeu Ian, afoito. – Não, por favor.

– O que foi Ian? O que você tem? Você está bem?

Ian arrepiou-se todo. Não podia deixá-la acender a luz, não só por causa da confusão que havia aprontado, mas também por causa de sua sensibilidade visual que não conseguia explicar. Precisava sair dali o mais rápido possível. Precisava ir para casa, precisava relaxar, precisava falar com Eva, contar a ela que ele estava bem. Mas não podia simplesmente sair correndo. Cláudia iria ficar desesperada e com certeza armaria um escândalo. Precisava ser sutil. Segurou suas mãos junto ao corpo dela e beijou seu pescoço. Cláudia respondeu imediatamente à carícia, abraçando-o com força, beijando-o nos ombros, arrancando sua camiseta, ignorando até mesmo seu braço ferido. Tomado por um frenesi, Ian rasgou a blusa e o sutiã da ex-esposa e beijou seus seios até com certa violência. Foram em direção ao quarto, arrancando as roupas no caminho, caindo na cama já completamente nus. Cláudia até mesmo chorava de emoção e nem percebeu a toalha molhada em cima do edredom.

Mas Ian não havia perdido completamente a cabeça. Da primeira

gaveta do criado-mudo, do seu lado da cama, ele retirou uma cartela de preservativos, que ele sempre deixava lá para ocasiões como aquela. Tudo que ele não precisava era que Cláudia engravidasse novamente. Havia aprendido a lição.

Aquele ato iria complicar a cabeça da ex-mulher, ele sabia, mas era um sacrifício válido na sua situação. Ele poderia lidar com aquilo como se fosse uma simples recaída, mas mesmo assim era dor de cabeça na certa. Pelo menos ele não teria que brigar com ela, ou explicar imediatamente a bagunça na casa. Isso, é claro, se ele conseguisse deixá-la exausta o suficiente para cair no sono após o ato.

Missão entendida, ele se pôs ao trabalho.

O uísque barato desceu rasgando pela garganta de Dante, mas trouxe o conforto necessário. Estava em um boteco nos arredores do hotel em que se hospedara, afogando a tristeza e a sensação de raiva e frustração que tomava conta de seus pensamentos.

Nunca havia visto um cadáver em sua vida. Era Jonas, sem sombra de dúvida, e o vislumbre do rosto assustado e da garganta estraçalhada do amigo, ele sabia, iria assombrá-lo pelo resto da vida. Ainda havia um fio de esperança que o corpo armazenado no necrotério fosse de outra pessoa, que tudo não houvesse passado de um engano, uma piada macabra, mas essa esperança se esvaiu quando a gaveta foi aberta e o lençol que cobria o corpo, retirado. Um terço do pescoço havia sido rasgado violentamente, deixando expostos os músculos, veias e artérias de maneira repugnante. De acordo com o legista a traqueia havia sido preservada, e era possível que ele tivesse se afogado antes de ter sangrado até a morte, mas esse fato só seria comprovado pela autópsia. Os olhos estavam esbugalhados, a boca estava aberta como num grito e a pele tinha um tom acinzentado pálido. O corpo estava coberto com hematomas, mas realmente não havia sinal de garras. Fora, sem sombra de dúvida, uma morte horrível.

Emborcou o resto da bebida e deixou uma nota em cima do balcão antes de sair do boteco. Precisava manter-se lúcido e calmo se queria resolver aquele caso de maneira satisfatória. Do hotel ele havia pedido informações sobre a comunidade *hippie* que Jonas visitou, mas ninguém sabia de nada. Tudo o que Dante tinha eram os nomes “Sociedade Mística do Terceiro Milênio” e Bhagwandas, mas com certeza conseguiria maiores informações no posto policial de Mauá.

Olhou o relógio. Já era mais de oito da noite, mas mesmo assim ele decidiu dar uma passada no local para ao menos iniciar as investigações. Não conseguiria dormir, de qualquer maneira, de modo que tomou um táxi e foi em direção a Mauá.



No caminho, seu celular tocou. O identificador de chamadas piscou um número desconhecido. Dante atendeu, desconfiado. Quem estaria ligando para ele a uma hora daquelas?

– Alô?

– Alô, oi. Sou eu, Eva Bueno. Recebi seu recado.

Dante demorou alguns segundos para ordenar as ideias. Sua mente havia se desligado completamente de sua tarefa anterior, devido ao assassinato de Jonas. Não ligou para ninguém antes de ir até Resende, avisando apenas Luana. E agora suas obrigações começavam a persegui-lo.

– Ah, oi – disse ele, ainda confuso. – Oi, desculpa. Tudo bem?

Ouviu Eva dar uma risada amarga e sentiu-se um completo idiota. O que ele estava querendo fazer? Não se é educado durante uma tentativa de extorsão.

– É brincadeira, né? – disse ela.

– Tem razão, desculpa. Olha, eu estou uma pilha, será que não dava pra ligar outra hora?

Novas risadas.

– Você tá me tirando, cara? Que história é essa? Você quer foder minha vida, nem se digna a me encontrar cara a cara e agora fica me jogando de canto? Nós vamos resolver isso agora!

Dante resmungou. Não podia jogar tudo pela janela como pretendia. Ela havia feito a parte dela, agora era a vez de ele fazer a sua. Esfregou os olhos cansados, respirou fundo e disse:

– Então, viu as fotos?

– Claro, seu palhaço! – gritou Eva. – Por que você acha que estou ligando? Que merda foi aquela? O que vocês querem de mim?

– Sinceramente, não quero nada de você, mas tem gente que quer. Não tinha intenção de tirar aquele tipo de foto, mas infelizmente você não foi no *Vrykolakas* naquela noite e foi tudo que eu consegui.

– O que você quer de mim, então? Qual é o sentido disso tudo?

– Eva, calma, isso pode ser legal pra você. Só me escuta...

– Então fala, que estou louca pra saber!

“Vaca desgraçada!”, pensou Dante, tentando controlar o impulso de desligar na cara dela. Não estava com a menor vontade de voltar àquele assunto. Tinha coisas mais importantes a fazer. Mas também se lembrou de Marques e do que o homem faria com ele caso estragasse seu esquema, por isso respirou fundo novamente.

– Tá, olha, meu chefe descobriu não sei como o seu caso com o senador e me mandou atrás de você, pra fazer a matéria do escândalo. Mas quando ele viu quem era decidiu que seria mais lucrativo fazer de você uma estrela. Uma reportagem bombástica também é legal pra imagem da revista, mas uma parceria com uma celebridade em ascensão é uma mina de ouro.

– E quem disse que estou interessada nesse tipo de coisa?

Dante respirou fundo novamente. Em seu nervosismo ele usou a estratégia errada, abrindo o jogo muito rápido, sem antes fisgá-la numa linha de raciocínio tentadora. Precisava manter a calma.

– Pensa bem, Eva. A reportagem já está engatilhada. É só você negar a proposta que ela vai pro prelo, e na segunda todas as bancas do país vão ver você estampada na capa, vomitando as tripas e dando vexame em público. Além disso, o escândalo vai com certeza repercutir muito mal no senado, e nada de bom pode ser retirado disso. Você até terá alguma exposição, mas vai ser momentânea e desagradável. Mas, se em vez disso você deixar a gente representar você, vamos primeiro elevar seu *status* na sociedade, colocando seu rosto nas capas de revistas de moda, em festas de famosos, e até mesmo em programas de televisão, pra depois soltar a notícia como um simples boato. A exposição vai ser mais efetiva e dificilmente sua imagem sairá manchada do episódio. Depois disso, é só colher os frutos.

Dante ouvia a respiração nervosa de Eva do outro lado da linha. Aparentemente ele havia conseguido ao menos desestabilizá-la com seu discurso. Agora era só dar os retoques finais.

– Olha, não tenho o menor interesse de assinar uma matéria como a que já escrevi a respeito do assunto. Ela com certeza vai acabar com sua reputação, e a figura principal do escândalo é o senador, pois ele é uma celebridade, enquanto você ainda não é ninguém. É coisa boa, Eva, eu garanto, e sinto muitíssimo que a coisa tenha chegado no nível que chegou.

Ainda silêncio. Eva digerira as palavras, avaliava as possibilidades. Talvez precisasse de mais um empurrão...

– Mesmo assim, que escolha você tem? Você pode simplesmente desligar o telefone na minha cara e aguardar a repercussão da matéria na segunda. Dá até tempo de você se esconder, mas imagino que isso seria bastante desagradável, não é mesmo? E acho que nosso amigo Ramiro não seria muito condescendente com a situação...

– Tá bom, cara! – interrompeu Eva, afoitamente. – Nossa como você fala! Estou até zozza!

Dante riu.

– Desculpe.

– Tá certo, vamos fazer do seu jeito. O que eu tenho que fazer?

– Hoje nada. Vou dizer pro meu chefe que você topou e ele vai entrar em contato com instruções. Olha, Eva, novamente eu peço desculpas pela estratégia escrota que fizemos pra chegar até você. Espero sinceramente que não haja ressentimentos...

– Só espero que esse teu chefe faça as coisas direito, porque senão como o fígado de vocês!

– Ele é bom, garanto. Só não sai espalhando isso pra ninguém. É coisa boa, mas se vazar caga tudo. Estamos combinados?

– Tá certo. E seu nome, qual é?

– Dante. Dante Calegari. Eu havia dito pra sua amiga e pro tal do Ramiro.

– Não cheguei a perguntar. Então, amanhã?

– É. Tchau.

Eva desligou sem se despedir. Só após desligar o aparelho é que Dante percebeu o quanto estava tenso. Arrumou o corpo no banco de trás do táxi e tentou relaxar os ombros. Antes de guardar o celular lembrou-se de armazenar o número de Eva na memória, caso precisasse. Já a ligação para Marques ele adiou para o dia seguinte, pois agora ele precisava focalizar sua mente na investigação da morte de Jonas.



Depois de quase uma hora numa péssima estrada de terra, finalmente o táxi entrou em Mauá.

Chamar Mauá de cidade era um exagero, avaliou Dante. Havia apenas uma rua pavimentada de algumas centenas de metros, que também era o centro da cidade, onde se concentrava todo o comércio, limitado a alguns mercadinhos e uma minigaleria a céu aberto, com pequenas lojas de artesanato e um restaurante, com certeza voltado para turistas. De resto, algumas casas residenciais e muito mato em volta. Havia algum movimento de pessoas que passeavam na noite gelada de inverno, mas nada excepcional.

O táxi, a pedido de Dante, se dirigiu ao pequeno posto policial, no limite do asfalto. Era uma pequena construção de tijolos aparentes, e apenas a luz em seu interior denotava que não estava abandonada. Dante desembarcou,

pedindo que o motorista aguardasse. Lá dentro havia apenas um guarda de plantão, quase dormindo, que não se importou em dar as direções até a comunidade que ele procurava. Chegou até mesmo a dar a Dante um panfleto com informações da região. Aparentemente a cidade era tranquila o suficiente para não dar trabalho para a polícia local, e os guardas acabavam virando centro de informações para turistas. Dante agradeceu e retornou ao veículo, onde deu as direções ao motorista. Adentraram novamente na estrada de terra. A iluminação da via terminou logo após os primeiros duzentos metros, obrigando o táxi a acender os faróis altos. A estrada era margeada por uma mata fechada, que só cedia quando aparecia alguma habitação rústica ou portão de sítio. Num desses portões o táxi quase atropelou um cachorro estúpido que os perseguiu, mas o motorista simplesmente o ignorou.

Após algum tempo o veículo encostou-se a um portão de madeira, com uma placa, também de madeira, gravada em baixo relevo, onde se podia ler “Sociedade Mística do Terceiro Milênio” e havia alguns símbolos esotéricos nas extremidades. Dante desembarcou e procurou algum tipo de campainha. Não havia nada nem ninguém no portão, então ele olhou através das ripas de madeira. Divisou luzes alguns metros à frente, mas o táxi não poderia entrar, já que não havia espaço suficiente. Bateu palmas, mas não obteve resposta.

– Cara, espera um pouco aqui, que já volto – disse Dante ao taxista. – Vou ver se tem alguém lá dentro.

– O taxímetro tá correndo, paulista.

– Eu sei. Volto logo.

Empurrou o portão, que cedeu imediatamente, escancarando-se até bater no capim alto que rodeava o caminho de terra batida. A escuridão era alta, e Dante caminhou vacilante pela trilha, rezando para não encontrar nenhum bicho horrendo naquele breu, ou mesmo algum cão de guarda. Caminhou em direção à luz, num trecho de aproximadamente cinquenta metros, ouvindo uma música sinuosa, enquanto se aproximava, entrecortada ocasionalmente por vozes humanas. O campo de capim havia sido desmatado numa clareira redonda bem larga, onde foram erguidas algumas taperas de barro e pau-a-pique. Havia luz elétrica na porta das casas, mas a maior fonte de iluminação era uma imensa fogueira ao centro da clareira. Lá estavam algumas dúzias de pessoas, dançando e cantando, em um frenesi lisérgico e psicodélico. A música provinha de um grupo de cabeludos sentados em uma esteira de palha, que tocavam instrumentos estranhos. Vasculhando a

multidão, Dante procurou por algum sinal do líder, mas era impossível distinguir até mesmo o sexo dos *hippies* àquela distância, então decidiu aproximar-se um pouco mais. Após dois passos, a música cessou, e Dante imediatamente estacou, assustado. A dança parou, e então todos os olhos do grupo se voltaram em sua direção, em total silêncio. Sem saber como reagir Dante olhou para os lados, numa vã tentativa de descobrir mais alguém que pudesse livrá-lo daquela situação embaraçosa. Obviamente, não havia ninguém, então ele ergueu a mão direita, acenando timidamente, no que não obteve resposta. Baixou a mão e exclamou:

– Estou procurando por Bhagwandas!

– E Bhagwandas está convosco – ouviu uma voz às suas costas, que o sobressaltou e o fez dar um salto pouco digno para o lado, acompanhado de um grito desafinado.

– Puta que pariu! – exclamou.

– Não, meu caro. Bhagwandas.

Todos os *hippies* caíram na gargalhada ao mesmo tempo, e aquilo foi o suficiente para que Dante retomasse o autocontrole. Olhou em volta e viu que o grupo se aproximava rapidamente, cercando-o. Bhagwandas era um homem alto, magro, com os enebados cabelos caindo pelos ombros em nós e tufos imundos. O rosto era magro e sulcado, marcado por uma barba arrepiada tão imunda quanto o cabelo e o resto, mas seus olhos eram calmos e ternos. Vestia uma bata feita com saco de batatas que ia até os joelhos e estava descalço. Abriu os braços como se fosse abraçá-lo, mas não se aproximou.

– Tu és bem-vindo em nossa comunidade, neófito. Estás a buscar a luz, a redenção e a paz interior? Se sim, veio ao lugar certo. Nossa mensagem é o amor e nossa hospitalidade é irrestrita, se você assim desejar. Tire essas roupas enclausurantes e dance conosco a glória de Shiva.

Nesse momento, todos os presentes entoaram em uníssono: “Shiva Om, Shiva Om, Shiva Om”, num crescendo assustador. De algum lugar um sinete repicou um som agudo e todos pararam imediatamente de entoar o mantra.

– Mais tarde, talvez – disse Dante. – Agora estou precisando de algumas informações...

– Muitos vêm aqui em busca de respostas – interrompeu Bhagwandas – e fazemos de tudo para dá-las, se for possível, pois, como disse certa vez o Grande Mestre Sidarta: “Sábio é aquele que conhece os limites da própria

ignorância”.

– Sócrates – disse Dante. O líder piscou.

– Perdão?

– Essa frase é de Sócrates, e não de Buda.

Bhagwandas abriu um largo sorriso.

– Isso apenas serve para confirmar o que ele disse, não é mesmo? Poucos notam essa minha falácia. És dotado de grande cultura, irmão. Qual era o seu nome ao passar pelo portão?

– Eu? Ah, eu me chamo Dante e sou de...

– Tu te chamavas Dante! – bradou o imenso *hippie*, erguendo os braços. – Aqui tu serás conhecido como *Bhavabhuti*!

A multidão explodiu em palmas e a música recomeçou. Dante sentiu que era abraçado por duas garotas imundas, que começaram a despi-lo. O cheiro de suor era nauseante, a visão das mãos delas tocando-o reviraram seu estômago, e ele desvencilhou-se rapidamente do abraço.

– Para com essa porra! – gritou. – Não vim aqui para entrar nessa merda de comunidade. Eu sou do *Inquisidor*!

A música parou, e as pessoas silenciaram. Bhagwandas aproximou-se.

– Você foi um inquisidor, Bhavabhuti – explicou ele, terna e pacientemente –, assim como fomos todos antes de vermos a luz, mas aqui você encontrará a paz...

– Cala essa matraca, refugio de Woodstock! – berrou Dante, interrompendo-o. – Eu sou do *site Inquisidor*. Vocês mandaram mensagens pra gente sobre o chupa-cabra, lembra? Meu amigo, Jonas o procurou há alguns dias.

Bhagwandas baixou os braços, e seu rosto tornou-se frio. Puxou um de seus discípulos e deu algumas instruções a ele em seu ouvido. Rapidamente todos os *hippies* se afastaram, voltando às suas danças e música, deixando-os sozinhos.

– Desculpe por isso, Sr. Dante. – começou o líder. – Não é comum recebermos visitas de pessoas de fora e normalmente quem vem até aqui está buscando paz interior e orientação espiritual.

– Porra, vocês podiam ao menos ouvir o que a gente fala. Eu podia estar simplesmente perdido.

– Você está perdido – murmurou Bhagwandas. – Mas a luz vem para cada um no momento certo. “Para alcançar a sabedoria, o indivíduo tem que abrir um caminho de dentro pra fora.”

– Essa é do Buda.

Bhagwandas anuiu, sorrindo.

– Para um inquisidor, o senhor parece conhecer bastante de filosofia zen-budista.

– É preciso saber de tudo um pouco para se ter uma postura cética. Além do mais, eu passei minha infância inteira ouvindo essas abobrinhas. Minha mãe era bicho-grilo.

O *hippie* riu, divertido.

– Os caminhos foram tortuosos, mas tenho esperança de que a essência da mensagem foi transmitida. O que posso fazer pelo senhor? Seu amigo saiu daqui ontem de tarde e não tivemos notícias desde então.

– Ele está morto.

– Sinto muitíssimo em ouvir isso. Era um rapaz simpático, jovial e inteligente. Como aconteceu?

Dante avaliou a reação de Bhagwandas. Aparentemente o assunto interferiu em sua pretensa paz espiritual, mas pareceu sincero em sua preocupação.

– É por isso que estou aqui – explicou. – A polícia diz que foi uma onça, mas tem alguma coisa errada com essa história. Gostaria de saber tudo o que ele fez durante sua estada aqui, suas experiências, conclusões e, principalmente, sobre a investigação do chupa-cabra, que foi o que o trouxe aqui.

– Claro, claro, tudo o que eu puder fazer para ajudar. Podemos conversar durante a refeição, que está sendo servida nesse momento. Gostaria de acompanhar-nos? Será bem-vindo, se quiser.

Dante lembrou-se do táxi e do hotel. Aquela história estava saindo mais cara do que ele imaginava e precisava começar a conter os gastos. Fora que já era quase dez da noite.

– Só poderei ficar se tiver um lugar pra eu passar a noite, chefe – disse. – Se não for incômodo...

– Será um prazer, se não se importar com nossas humildes instalações...

“Ai, meu Deus. Vou dormir num chiqueiro cheio de carrapatos”, concluiu Dante. Mas não tinha escolha. Se não ficasse, iria ter que retornar no dia seguinte, e a viagem de táxi de Resende até ali não era barata. “Depois faço uma dedetizada geral.”

– Tá certo. Vou dispensar o táxi, então.

Aquele lugar já não era mais o mesmo, pensou Eva, melancólica. Trabalhava no *Vrykolakas* há quase dois meses, mas nos últimos dias sentia que a lua de mel terminara. O ambiente, que à primeira vista pareceu-lhe quase mágico, agora era opressivo e perturbador, e quase por obrigação foi trabalhar naquela noite.

Nos sábados a casa ficava extremamente agitada. A pista no térreo ficava insuportavelmente cheia, e a área VIP não ficava muito diferente. Mas o agito começava mais tarde. Naquela hora a casa ainda estava relativamente vazia, o que dava a Eva alguns momentos de sossego. Em pouco tempo, iria ter que vestir sua máscara de simpatia e começar os paparicos às celebridades. Procurou pelo patrão e encontrou-o sentado em um sofá amplo, acompanhado por alguns roqueiros de meia-idade, cabeludos e barbudos. Era uma conversa ruidosa e animada, pois o som ambiente estava relativamente alto, tocando uma música antiga, mas pesada. Alguns dos cabeludos batiam os pés e faziam movimentos com as mãos no ritmo da música, como que simulando tocar uma bateria. “Panacas”, julgou Eva, tomando mais um gole. Eram as figurinhas tarimbadas da casa, que Radu costumava denominar de “A Comunidade”, e também o que mais se aproximava de um círculo de amizades para ele. Tamara estava com eles e até chegou a acenar, convidando Eva a juntar-se ao grupo, mas ela recusou com um balançar de cabeça. Não estava com humor para ser simpática, principalmente com um bando de coroas cabeludos fedendo a cigarro.

– Ô, Zé! – gritou para o *barman*. – Traz uma dose de vodka com limão, enquanto o chefe não tá olhando.

– Cacete, Eva, fala baixo. E já te disse que meu nome não é Zé, é Roberto.

Apoiando-se no balcão, Eva puxou-o para perto pela gola e deu um beijo na sua testa.

– Tive um dia de merda, Zé. Pega leve, querido, que hoje eu não estou bem.

O *barman* preparou a bebida resignado, entregando-lhe logo em seguida.

– Meu nome é Roberto.

– Obrigado Zé – respondeu Eva, tomando um gole e sorrindo. Roberto suspirou e pôs-se a lavar copos na pia. Eva pegou o celular, para verificar se estava ligado. Tinha esperanças que Ian telefonasse para ela, mas era pouco provável que ele o fizesse, principalmente no estado que estava. Devia estar em repouso, dopado de tantos analgésicos. A surra foi violenta, e com certeza ele levaria alguns dias até se recuperar. Pensou em telefonar para ele, mas desistiu quando viu as horas. Já era quase meia-noite.

Precisava esquecer-se dele. Com certeza estava dormindo na casa da ex-esposa, que iria aproveitar a oportunidade para uma reconciliação, pegando o ex-marido num momento vulnerável. Ela tinha a faca e o queijo na mão, e Eva não poderia interferir. Acabara de conhecê-lo e não tinha a menor certeza se a atração que sentiram na véspera sobreviveria ao dia seguinte, principalmente diante dos fatos da madrugada. Foi um tesão passageiro, só isso. Precisava seguir em frente, tocar sua vida.

Mas, para sua surpresa, o celular tocou. Sentiu as entranhas congelarem ao mesmo tempo em que um calor subiu sua espinha e nuca, deixando-a ligeiramente entorpecida. Vacilou em atender por alguns segundos, tempo suficiente para que o reconhecedor de chamadas piscasse o nome do senador na tela. Frustrada, desligou o aparelho sem atender, jogando-o sobre o balcão. Não naquela noite.

Precisava tomar ar. Aquele ambiente não estava fazendo bem para ela. Acabara de agir como uma colegial apaixonada e aquilo era inadmissível! Era Elvira novamente, tentando voltar dos mortos e retomar seu corpo, mas Eva não permitiria. Colocou o celular na minúscula bolsa, terminou sua vodka e desceu as escadas, em direção ao quintal. Lá ela teria a paz necessária para colocar as ideias no lugar. Era muita coisa junta. Ian, Dante, Radu, Tamara, Zé, Antônio, *Night Glam*, Cláudia, Juliana... Tanta coisa em tão pouco tempo! Precisava de uma pausa, retomar os trilhos, o controle. Era apenas uma crise, já passara por coisas piores em sua curta vida. Superaria essa, como sempre. Só precisava se controlar.

Chegou ao quintal cambaleando, pois havia se erguido muito rápido. Sua visão estava repleta de pontos negros e o couro cabeludo formigava. Esforçou-se para ficar ereta, abrindo um pouco os braços e inspirando profundamente. Fechou os olhos, exorcizando a náusea e a angústia, concentrando-se para relaxar. Expirou com força, inspirando fundo logo em seguida. A tontura lentamente passou, e a náusea melhorou. Era Eva novamente, sob controle, segura de si. Nada a derrubaria.

– Eva?

Seus joelhos tremeram e a pretensa solidez esvaiu-se. O estômago congelou outra vez e o coração disparou. Voltou-se, sobressaltada, piscando os olhos. As palavras sumiram de sua boca, mas isso não a impediu de arremessar-se para frente, abraçando o recém-chegado com força.

– Ian! – conseguiu dizer, por fim.



– Como você está? Não devia estar descansando? Está com fome? Com sede? E a cabeça? Nossa, seu braço! Você precisa trocar esse curativo...

– Calma Eva! – interrompeu Ian, ajeitando-se na banquetta do bar. – Uma pergunta por vez. Eu estou bem, fique sossegada. Mas estou com uma fome de leão! Tem alguma coisa pra comer nesse lugar?

– Claro que tem! Zé! – gritou. – Zé!

– É Rober...

– Tá, tá, não começa. O que tem pra comer por aí.

O *barman* suspirou e olhou embaixo do balcão. Abriu desanimado uma portinhola, mexeu em seu interior e disse:

– Amendoim, salgadinhos, queijo e salame, mas esses dois últimos têm que cortar e...

– Passa os amendoins e os salgadinhos e vai cortando o resto – instruiu Eva. – Traz também um chope pra acompanhar. Desculpe, você pode tomar chope, Ian?

Ian sacudiu a cabeça.

– Ótimo. E se tiver um limãozinho aí...

Roberto abriu um saco de amendoins e um de salgadinhos e despejou-os sobre o balcão. Em seguida pegou a tábua de madeira, uma faca e jogou sobre os petiscos. Em cima de tudo colocou o cilindro de queijo provolone, meio salame e dois limões inteiros.

– Ei! O que é isso? Tá louco, Zé?

– O Zé eu não sei, mas o Roberto está! Louco de raiva! – e saiu para a cozinha, batendo os pés.

– Sensível ele, não? – brincou Ian.

– Ah, esquece isso! Vai comendo os salgadinhos que eu corto o salame. Aquele veado esqueceu do chope...

– Pode deixar que eu tiro, minha querida... – disse Radu, por trás do

balcão. A empolgação de Eva se arrefeceu na hora e ela se pôs a fatiar o salame, rilhando de leve os dentes. – Não se importem com o pobre Roberto. Ele nasceu de seis meses e qualquer coisa o irrita. Claro que Eva poderia ser um pouco mais educada...

– Ele é um *barman*! – protestou ela. – Tem obrigação de servir sem chilikues!

– E você tem a obrigação de se portar com o mínimo de compostura, minha cara – retrucou Ramiro, com sua voz suave. – Não concorda, Ian?

Eva arrepiou-se com o olhar de Radu sobre ela. Um olhar frio, assustador, que a fez desistir de discutir, resignando-se a fatiar o salame em silêncio.

– Desculpe por isso, meu querido – continuou Radu, voltando-se para Ian. – É muito difícil controlar a criadagem e tenho vergonha em dizer que infelizmente situações como essa são por vezes... inevitáveis.

Eva mordeu o lábio inferior de raiva. Criadagem! Quem ele pensava que era para tratá-la como uma faxineira, uma copeira? Descarregou sua frustração no inocente salame, que ia esfacelando-se em pedaços irregulares pela tábua.

– Está tudo bem, Radu – respondeu Ian, desconfortável.

– Você nos deixou mortos de preocupação ontem à noite – continuou Radu, enquanto despejava o chope claro que saía de uma torneira refrigerada em um copo de vidro em forma de tulipa. Ian percebeu que ele profissionalmente deixou os regulamentares dois dedos de colarinho. – Foi um alvoroço. Polícia, ambulância, curiosos... Mas pelo seu estado, imagino que tudo não tenha passado de um exagero histérico...

– Não foi nenhum exagero! – interrompeu Eva, batendo a faca na tábua. – Ele foi parar no hospital!

– E está aqui agora, gozando de excelente saúde, pelo que podemos ver. Por favor, não se exalte. Não foi minha intenção ser rude. Afinal de contas, tenho certeza de que nosso convidado aqui não apareceu para me ver, não é mesmo?

Ian enrubesceu, e Eva sentiu-se um pouco mais tranquila. Radu tinha razão, apesar de tudo. Ian fora até lá para encontrá-la e aquilo era mais importante que qualquer briga que pudesse ocorrer.

– Sabe, vocês dois fazem um belo par. Não acha, Tamara?

A mulata havia acabado de se aproximar, cumprimentando Ian com um beijo no rosto.

– O melhor – respondeu ela.

Eva continuou a cortar o salame, mas em fatias mais regulares dessa vez. Ian, aparentemente faminto, não parava de pegar salgadinhos e pedaços de salame.

– Ian, Ian – disse Ramiro. – Não coma esta porcaria. Eva, por que você não o leva até a lanchonete do Toninho? Eles servem o melhor sanduíche da cidade. A casa ainda está vazia, e tenho certeza de que Tamara e eu poderemos cuidar dos convidados nesse meio tempo. O que você acha, Ian?

– Por mim, acho ótimo – respondeu ele, com a boca cheia. – Estou realmente faminto. Mas não quero atrapalhar o trabalho de Eva...

– Gato, fica tranquilo – interrompeu Tamara, apoiando-se nele. – Evita, leva ele até o Toninho e depois traga-o de volta, combinado? Esta noite a gente vai arrebentar!

Eva deu um sorriso amarelo. Não gostava de intromissões daquele jeito, mas ao mesmo tempo sabia que eles tinham razão. Era melhor mesmo tirar Ian daquele ambiente para que tivessem um pouco mais de privacidade. Por que não pensou nisso antes, sua burra?

– Então, vamos? – perguntou Ian para Eva, erguendo-se.

– Isso, vão, divirtam-se – intrometeu-se novamente Radu, antes que Eva pudesse dizer qualquer coisa. – Eva, cuide muito bem dele, hein?

– Pode deixar, Radu – respondeu ela, enlaçando o braço de Ian.



“Nossa, que apetite!”, pensou Eva, enquanto observava Ian devorando um enorme sanduíche. Ele estava agitado. Falava sem parar, emendando um assunto no outro, parando apenas para dar vorazes mordidas no imenso sanduíche que pedira. Eva o acompanhava tomando um suco de laranja, encantada com seu tagarela companheiro. Mal prestava atenção nas palavras, satisfazendo-se simplesmente em olhá-lo falar e comer. De vez em quando respondia com um aceno de cabeça ou um sorriso. Era a primeira vez, desde que saíra de Cruz das Almas, que ela fazia um programa como aquele, leve e descontraído. Era um momento de intensa alegria, como talvez nunca sentira em sua vida.

Ian terminou o sanduíche, limpou a boca com um guardanapo e chamou o garçom. Eva supôs que iria pedir a conta e a expectativa de saírem

dali causou sentimentos conflitantes em seu íntimo. Com certeza não retornariam ao *Vrykolakas* naquela noite. Queria ir com ele para um lugar mais privado, para ficarem mais à vontade e fazerem amor a noite inteira. Mas também não queria interromper aquele momento tão singelo, tão simples, mas ao mesmo tempo tão importante para ela. Estava namorando, pela primeira vez, e era uma sensação magnífica, mágica, de imensa alegria, e não queria abreviar aquilo. Não ainda.

Mas Ian não pediu a conta. Em vez disso, pediu mais um chope e uma porção de calabresa com cebola para acompanhar. “Nossa, ele estava com fome mesmo!”, assustou-se. Aproveitou a pausa na refeição para entabular uma conversa. Não seria uma companhia agradável apenas como ouvinte.

– Como está seu braço? O curativo parece que está bem sujo.

– Ele sangrou um pouco quando caí da cama. Depois eu ainda tomei banho e esqueci de cobri-lo. Acho que vou arrancar, se não for incômodo.

Eva arrepiou-se.

– Por favor, não tire – implorou. – Sou péssima com sangue.

– Tá legal, o curativo fica. Quando a gente sair daqui, passo numa farmácia pra trocar por um limpo. Nossa, essa calabresa não chega?

– Calma, Ian, você acabou de pedir. Cara, você é bom de garfo, hein?

Impacientemente, Ian começou a mexer nos condimentos em cima da mesa, chegando a derrubar o saleiro no chão, que resgatou rapidamente,

– Sabe que não? Eu normalmente como pouco, mas hoje acordei com uma fome assombrosa. Fiz um baita estrago na minha... na casa de minha ex-mulher. Ela vai ficar uma fera quando vir.

– Ela não estava lá quando você acordou?

Ian desatarraxou a tampa do paliteiro, retirou todos os palitos do recipiente e espalhou-os pela mesa, manipulando-os nervosamente, tentando gerar alguma ordem do caos que causara.

– Não – respondeu, sem olhar para ela. – Tinha saído pra levar minha filha numa festa de aniversário.

– E você saiu assim, sem mais nem menos? Ela não vai ficar preocupada?

A luta com os palitos parecia que o estava enervando. Começou a quebrá-los, um a um, aumentando ainda mais a confusão.

– Ela se vira – sentenciou. – Não pedi pra me levar pra lá.

Eva percebeu que ele estava escondendo algo e calou-se para não deixá-lo mais nervoso. Com movimentos tensos ele começou a juntar os

palitos, pegando alguns e arrumando-os para que ficassem todos na mesma direção, para depois jogá-los de volta no paliteiro. Pegou mais um maço e ia fazer o mesmo, mas desistiu, largando-os sobre a mesa.

– Eu... – começou ele, mas não conseguiu. Seu rosto estava tenso. Respirou fundo e olhou nos olhos dela. – Eu fiz uma bobagem.

Eva pegou sua mão. Estava gelada e molhada de suor, mas não se importou com aquilo. Ian pousou sua outra mão em cima da dela.

– Eu precisava te ver de novo – disse ele, com um sorriso tímido.

Eva quase explodiu de alegria e aproximou seu rosto do dele, que imediatamente avançou e beijou-a nos lábios. Diferente da outra noite, aquele não era um beijo erótico, sensual, mas sim uma demonstração de afeto, de carinho. Era um beijo confortador, delicioso, um beijo de amor, avaliou Eva. Era isso! Estava apaixonada por aquele homem, de uma maneira que transcendia o desejo sexual. Sentiu-se eufórica e apertou a mão sob a sua, como que o prendendo junto a ela, impedindo-o de escapar. O longo beijo só foi interrompido quando o garçom trouxe a porção de calabresa e o chope. Descolaram os lábios e sorriram um para o outro. Por ela ignorariam a comida e continuariam se beijando, mas Ian estava realmente faminto, tanto que soltou a mão dela e, pegando um dos palitos espalhados na mesa, avançou na porção. Eva ajeitou-se de novo na banqueta, aprumando sua curta saia. Olhou de relance para o rosto de Ian e percebeu que os lábios dele estavam manchados de batom, misturando-se com o óleo da calabresa. Sacou um guardanapo e passou para ele, fazendo um sinal com o dedo mostrando sua boca. Ele terminou de mastigar e usou o guardanapo.

– Acho que você vai querer retocar seu batom – disse ele, sorrindo.

Eva olhou para o espelho atrás da prateleira de bebidas e viu que, realmente, sua cara estava tão manchada quanto a de Ian. Ergueu-se de um salto, deu um beijo leve em seu rosto e, agarrando sua bolsa, foi em direção ao banheiro. Lá chegando, sacou um pacote com lenços umedecidos e limpou a boca, jogando-os depois numa lixeira entupida de papéis. Recolocou o pacote na bolsa, trocando por um pequeno bastão de batom. Retocou habilmente os lábios, estalando-os ao final, como que mandando um beijo para sua imagem refletida. Aproveitou para ajeitar os cabelos e a blusa, de modo a ressaltar seus seios. Arrumou o sutiã, para que a alça ficasse escondida em seu ombro, e voltou a arrumar a saia. Antes de sair, certificou-se que sua meia-calça estava inteira. Tudo perfeito.

Assim que abriu a porta, percebeu que algo errado estava

acontecendo. Havia uma comoção nos presentes, e diversas pessoas se erguiam das mesas, querendo ver o que estava acontecendo. Ouviu uma garota gritando para que alguém chamasse uma ambulância. Foi quando Eva gelou. Seus olhos desviaram imediatamente para a mesa que eles estavam, procurando por Ian. Encontrou-o deitado de costas no chão, aparentemente desacordado, cercado por três garotos que tentavam ajudá-lo.

Foi como um borrão. Quando deu por si, estava ao lado dele no chão, segurando seu rosto e chamando-o pelo nome. Seus olhos estavam virados para o alto, o corpo inteiro convulsionando violentamente. Respingos de saliva misturada com restos de comida saíam de sua boca, e sua garganta contraía-se assustadoramente. Eva gritou por ajuda. Um garoto precipitadamente enfiou um dedo dentro da boca de Ian e segurou sua língua. No mesmo momento Ian vomitou em cima dele que, enojado, largou a língua. Uma garota veio e virou o rosto de Ian para o lado, evitando que ele se sufocasse, mas as convulsões continuaram. Quando terminou de vomitar, Ian soltou um forte suspiro e lentamente seu corpo relaxou. Os olhos se fecharam e os movimentos cessaram. Eva tomou sua mão, imaginando que a horrenda crise havia passado, mas assustou-se ao ver o rosto dele. Seus lábios começaram a ficar num tom arroxeadado, assim como seu rosto. Olhou para a mão que segurava e percebeu que as pontas dos dedos estavam ficando no mesmo tom. Alguém gritou “Ele não está respirando!”, e Eva percebeu que o pesadelo ainda não havia terminado. Atirou-se sobre ele, colando o ouvido em seu peito, procurando por batimentos cardíacos. Não sentiu nada e, em pânico, deu dois socos no peito dele, voltando a tentar ouvir seu coração em seguida. Nada.

Quando ela ergueu a mão para dar novos golpes sentiu que alguém a segurava. Gritou, frustrada. Agarraram e retiravam-na de perto dele e por mais que ela se debatesse não conseguiu se libertar. Uma multidão cercou o corpo desacordado de Ian, fazendo Eva berrar como uma desvairada. Percebeu que quem a segurava era uma policial feminina e xingou-a, tentando livrar-se do abraço. A oficial estava tentando acalmá-la e por um momento conseguiu. Eva percebeu que Ian estava cercado por alguns policiais. Na frente da lanchonete estava estacionada uma viatura de resgate. Um dos policiais estava segurando a cabeça de Ian, enquanto outro aplicava pressões em seu peito. Mesmo aflita Eva sabia que não podia ajudar, então se esforçou para se acalmar. A policial a segurava com firmeza, mas sem brutalidade, e Eva aproveitou para usar essa segurança como âncora. Não

estava acreditando que iria passar por tudo aquilo de novo. Mas isso pouco importava, desde que no final Ian ficasse bem. Havia abusado, ainda não estava bem. Saiu da cama muito cedo, empanturrando-se de comida e cerveja. “Não morra, meu amor, não agora que te encontrei”, pensou, aflita. A equipe de resgate chegou e afastou os policiais. Eva percebeu que um dos paramédicos brigou com um policial, reclamando que não haviam feito respiração boca a boca em uma vítima de parada respiratória, e o policial argumentou que ele estava todo vomitado e que “nem a pau” colocaria a boca naquela sujeira. Foi vaiado pela galera e se retirou do recinto, irritado. Rapidamente, a equipe de resgate entubou Ian, desobstruindo sua garganta e bombeando ar pelo tubo, com o auxílio de um tipo de balão de borracha azul. Um dos paramédicos checkou seu pulso e recomeçou a massagem cardíaca, gritando ordens para os companheiros. Outro chegou com uma prancha de madeira, que eles habilmente colocaram embaixo do corpo inerte de Ian, e prenderam-no nela com o auxílio de fitas. Contaram até três e ergueram a prancha, levando-o para a viatura estacionada. Percebendo que iriam levá-lo embora, Eva deu um tranco, tentando em vão soltar-se da policial que ainda a segurava. Gritou, frustrada, mas a pressão não diminuiu. Estavam levando Ian para o hospital e ela tinha que ir junto! Esforçou-se, mas a policial não a soltou.

– Ele é meu namorado! – gritou, em desespero.

– A que horas ele costuma aparecer?

– Entre meia noite e três da manhã.

Dante esfregou as mãos, tentando espantar o frio. Seu relógio marcava meia noite e quinze. “Isso não vai dar certo”, pensou, desanimado. Bhagwandas havia prendido as pernas de três galinhas em cordas de varal fincadas no chão por estacas, bem no meio de uma clareira próxima à comunidade. O céu estava limpo e estrelado e a lua minguante brilhava no céu, alheia a tudo.

– É uma armadilha muito descarada, Bhagwandas. Ele não vai cair nessa.

– Não é uma armadilha, é uma oferenda. O *baital* só aparece se for oferecido algum sacrifício.

A menção da palavra *baital* fez Dante engolir seco. Havia prometido a Jonas pesquisar sobre o assunto, mas não tivera tempo e acabou se esquecendo.

– E o que é um *baital*?

– *Baital* é uma entidade poderosa – explicou Bhagwandas, enquanto acendia um baseado. – É um espírito que se alimenta de sangue e que possui grande conhecimento. Normalmente tem forma de morcego ou de demônio, mas o mais comum é que ele tome posse de um cadáver humano para se movimentar. Se conseguirmos capturá-lo, como fez o Rajá Vykram, ele irá nos contar vinte e cinco histórias, as quais teremos que ouvir sem fazer nenhuma pergunta. Se conseguirmos ouvir todas as histórias em silêncio, ele dividirá conosco sua sabedoria.

– Quem é o Rajá Vykram?

– O Rajá Vykramditya, ou Vykram, foi um grande rei da Índia na Antiguidade. Um tipo de rei Arthur hindu. Ele possuía uma maldição desde seu nascimento e só se livrou dela graças à ajuda de um *baital*. Richard Burton transcreveu essa história, mas infelizmente apenas compilou onze das vinte e cinco histórias. Talvez o velho capitão considerasse que as outras quatorze eram maçantes demais para os leitores da época, o que é uma pena.

– Richard Burton? O mesmo que transcreveu as *Mil e Uma Noites*?

Bhagwandas anuiu com um sorriso.

– Então é só uma lenda?

– Pode ser que sim, mas vamos analisar o que temos aqui: um homem pálido, semelhante a um zumbi, que se alimenta de sangue e vive numa floresta. Considero indícios promissores.

– E a primeira explicação que você tira da manga é um demônio hindu? Não poderia ser um zumbi haitiano, um corongo africano, um vampiro romeno ou um lobisomem caipira? Não seria mais fácil buscar uma explicação mais plausível, como um pirado hemomaníaco, talvez?

– É claro que poderíamos elaborar uma centena de teorias a respeito, mas acho que, em vista dos fatos, não estamos tão longe da verdade se acreditarmos que o que confrontamos é um *baital*. Claro que posso estar errado, mas, sinceramente, é a opção mais viável.

Dante riu.

– Só me faltava essa. Espera que eu simplesmente acredite que um espírito lendário hindu ia aparecer num fim de mundo destes? Desculpe-me, Bhagwandas, mas não engulo essa assim fácil. Eu preciso mais do que lendas e crenças. Eu preciso de fatos.

Bhagwandas deu uma forte tragada em seu baseado, prendendo a respiração em seguida. Sua boca se abriu num esgar, permitindo a Dante ver que sua arcada dentária estava arruinada, com alguns poucos dentes podres e tortos espalhados pela mandíbula.

– Não espero que acredite em nada, meu caro inquisidor – disse, soltando a fumaça enquanto falava. – Você verá. E então será forçado a render-se à verdade de minhas palavras. A única coisa que peço é que, quando o capturarmos, controle seu espírito curioso. Fique quieto e ouça o *baital*.

Dante riu de novo. Aquele *hippie* realmente acreditava que iria encontrar um espírito e nada do que dissesse iria convencê-lo, então desistiu de argumentar. Além do mais estava muito frio para discussões acaloradas.

As galinhas na clareira cacarejavam aflitas, mas isso não era preocupante, avaliou. Deviam estar apavoradas, longe do galinheiro no meio da noite, num frio daqueles. Dante estava quase se levantando e desistindo da penosa vigília, quando captou um movimento sutil no denso matagal perto deles. Algo ou alguém estava espreitando-os. Discretamente cutucou a perna de Bhagwandas, levando o indicador aos lábios pedindo silêncio. Bhagwandas rapidamente apagou o baseado e olhou na direção que Dante apontou.

– O quê... – começou ele.

– Shhhh! – interrompeu Dante irritado, mas sem tirar os olhos do local onde vira o movimento. Agachou-se lentamente sobre o gramado, pegando a lanterna que havia deixado apagada ao seu lado e rastejando em direção ao local. Suas mãos, que estavam geladas até então, aqueceram-se repentinamente pela ansiedade. Novo movimento nos arbustos. Estava a aproximadamente dez metros do local. Podia ser um animal noturno, a hipotética onça do delegado Oliveira, o demônio hindu de Bhagwandas ou simplesmente um cachorro do mato. Naquela hora da noite, sob a luz da lua, podia ser qualquer coisa. E era por isso que ele se aproximava. Precisava ter certeza.

O movimento cessou por um instante e Dante parou, temendo ter sido descoberto. Tinha a escuridão para protegê-lo, mas o brilho da lua dava a iluminação necessária para que um predador noturno o detectasse. Não podia se arriscar. Apertou os olhos, tentando distinguir alguma forma na vegetação, mas não conseguiu. Precisava aproximar-se ainda mais. Encostando completamente a barriga no chão Dante avançou, lenta e silenciosamente. Não havia mais sinal de movimento no arbusto. Então, caso a criatura não fosse um fantasma ou algo sobrenatural, com certeza ainda estaria escondida lá.

De repente, uma onda de pavor tomou conta de Dante, obrigando-o a fazer um esforço imenso para se controlar. Estava a menos de dois metros do local, o que significava estar no alcance do bote de uma onça, se se tratasse realmente de uma espreitando nos arbustos. Além disso, era um alvo extremamente fácil, deitado sobre a grama daquela maneira. Só podia contar que não havia sido detectado e avançar. Mas, quanto mais se aproximava, mais aumentava seu pavor. Sentia os batimentos de seu coração em seus ouvidos e respirava em intervalos curtos, nervosamente. Mordeu o lábio inferior, numa tentativa frustrada de se controlar. Precisava agir, e logo. Ergueu-se então de um salto, acendendo a lanterna e apontando em direção ao arbusto. Abriu a boca, tentando gritar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Em vez disso ouviu um berro estridente, e logo em seguida as folhas do arbusto se abriram. De lá saiu uma sombra, trombando de frente com Dante que, alarmado, não conseguiu se controlar e gritou de pavor.

O golpe foi suficiente para derrubar a ambos. Dante não foi capaz de manter a lanterna na mão, que rolou pelo mato, longe de seu alcance. A sombra caiu sobre ele gritando. O que quer que fosse, era uma figura

corpulenta, envolta em tecidos, que caíram sobre o rosto de Dante, impedindo sua visão. Debateu-se, tentando se libertar. O terror só aumentou quando sentiu dedos apertando sua garganta, numa tentativa de estrangulá-lo. Girou o corpo, arremessando o misterioso agressor ao seu lado e ergueu-se. Tentou pegar a lanterna, mas ela estava fora do seu alcance. Ouviu um lamurio numa língua estranha. Forçando a visão, percebeu que seu algoz era apenas uma pessoa, uma senhora de idade, pelo menos era o que aparentava ser naquela iluminação.

– Quem é você? – gritou Dante, dando dois passos para trás. – O que está fazendo aqui?

A mulher não respondeu. Continuou entoando sua monótona ladainha, numa língua que Dante nunca tinha ouvido. Dando mais alguns passos para longe dela, Dante recuperou sua lanterna e apontou-a na direção da velha que continuava de quatro na relva.

– Pare com isso! – ordenou, irritado. – Levante-se, estou mandando!

Novamente não houve resposta. Apenas a cantilena chorosa no dialeto bizarro. Era uma velha cigana, percebeu Dante, vestida com roupas coloridas e lenço na cabeça. Os cabelos grisalhos estavam soltos e emaranhados, e uma das mãos segurava alguma coisa de encontro ao peito. Dante impacientou-se e empurrou-a de modo que ficasse sentada. Viu então o rosto da velha, completamente enrugado e deformado pela dor, de aproximadamente setenta anos. Continuava entoando uma espécie de reza, ignorando completamente a presença de Dante.

– Merda! – praguejou ele. – Só precisava disso pra completar meu dia!

– Inquisidor!

Dante voltou-se, procurando Bhagwandas, que continuava sentado no mesmo local, mas com o indicador em riste, apontando em direção à clareira onde estavam as galinhas. Desviando a lanterna na direção indicada, Dante sentiu o sangue gelar em suas veias. No local havia agora uma figura alta, magra, branca como leite, completamente nua, com longos cabelos imundos emaranhados na cabeça. Estava arqueado, segurando uma galinha nas mãos, o rosto enfiado nas entranhas dela, lambuzando-se de sangue. Pareceu não perceber a luz apontada para ele e continuou a se alimentar da indefesa criatura que agonizava.

Dante queria avançar, mas não conseguiu. Era uma figura assustadora, como um fantasma no meio do matagal. Mesmo imundo como

estava sua palidez era realmente cadavérica e, ainda que não aparentasse ser muito forte, com certeza tinha membros ágeis e mortais. Parecia humano, mas mesmo aquela constatação não diminuiu seu terror. Era algo distorcido, não pertencente ao mundo racional e científico de Dante. Forçou sua mente a mandar um sinal para suas pernas, para que elas avançassem. Aquela era uma oportunidade única, não podia desperdiçá-la numa crise de pânico, por isso deu um passo vacilante. A criatura ignorou o movimento, tão entretida estava destroçando a pobre galinha. Seria realmente um morto-vivo, como descrevera Bhagwandas, ou algum outro monstro mitológico? Não, não podia nublar seu raciocínio com teorias absurdas. Era apenas um humano, um maluco, um psicótico assassino de galinhas. Deu mais um passo.

De repente, ouviu um grito arrepiante em suas costas, assustando-o de tal maneira que instintivamente ele voltou o passo dado e estacou, congelado de pavor. Era a velha cigana, com certeza, mas ele não conseguiu desviar os olhos da apavorante criatura à sua frente, pois o grito a havia alertado, fazendo-a tirar o rosto das entranhas da galinha e olhar diretamente para ele. A face da criatura era algo saído de um pesadelo. Seu cenho estava completamente franzido, a boca escancarada e o queixo respingando sangue fresco. Olhos totalmente brancos miravam na direção de Dante, que estava completamente congelado, apontando a lanterna na direção a assustadora figura. Esta, por sua vez, arremessou o cadáver flácido da galinha para o lado como um saco velho e ergueu uma das mãos, de modo a proteger os olhos do fecho potente da lanterna de Dante. Arqueou ainda mais o corpo, até encostar a outra mão no chão, mas manteve a fúria na face. Seu corpo estava completamente tenso, pronto para o bote. Percebendo que a lanterna confundia-o, Dante sentiu-se um pouco mais seguro. Seguro o suficiente para dar outra vez o passo em direção à criatura. Precisava aproximar-se, ter certeza que aquilo na sua frente era um humano, e não algo fantástico ou monstruoso. Mas, assim que deu o passo, a criatura começou a rosnar como um lobo. O som arrepiou os cabelos na nuca de Dante. Estavam a aproximadamente quinze metros de distância e ainda era impossível distinguir detalhes. Era apenas uma figura hominídea agachada no mato, nua e acuada. Talvez se desse mais um passo...

– *Jalar, Ephraim! Jalar! Gadjó!*

“Velha desgraçada”, amaldiçoou Dante. Assim que ouviu o grito da cigana, a criatura saltou para longe, em direção à mata fechada. Atordoados, Dante virou-se para a cigana, mas esta também fugia em direção à floresta.

Titubeou por um instante, tentando decidir a quem perseguir, e aquela indecisão foi suficiente para que ambos desaparecessem antes mesmo que Dante conseguisse se mover. Apontou a lanterna no local do qual a criatura desaparecera, mas não havia mais sinal dela.

– Merda! – gritou, frustrado. – Merda!

Bhagwandas se aproximou calmamente e tocou o ombro de Dante, impedindo-o na exata hora em que ele ia entrar no mato atrás da estranha aparição.

– Ele fugiu, inquisidor. Não vá atrás. Essa floresta é traiçoeira.

– Traiçoeira o escambau! Tenho que pegá-lo e...

– Acalme-se, meu amigo. Até mesmo o grande Rajá Vykram tentou sete vezes antes de conseguir capturar o *baital*. Essa é sua primeira vez, ainda. Haverá outras, eu garanto.

Resignado, Dante baixou os braços. Não adiantava nada mesmo sair correndo como um desvairado no meio do mato. Não, ele já tinha a confirmação da existência da criatura que precisava. Agora tinha que resolver qual a relação entre ela e os ciganos e, com isso, elucidar o assassinato de Jonas. Dirigiu-se até o cadáver da galinha e, apontando a lanterna, percebeu que a criatura havia mordido-a na altura do peito, abrindo um grande buraco no local, por onde havia bebido o sangue. Era um buraco largo, com mais ou menos cinco centímetros de diâmetro, que deixava expostos os órgãos e ossos da pobre ave. Mesmo assim, havia um pouco de sangue escorrendo pela ferida aberta, já que ele não havia conseguido sugá-la completamente. Não era um ataque típico de chupa-cabra, com toda certeza, e mentalmente Dante eliminou a possibilidade da lista de suspeitos.

Bhagwandas soltou as galinhas sobreviventes e voltou a acender seu baseado. Olhou para Dante, oferecendo a bituca. Dante a pegou e deu uma forte tragada, devolvendo-a em seguida. Sentiu a fumaça invadir seus pulmões, fazendo sua musculatura finalmente relaxar.

– Tem razão, Bhagwandas. Amanhã a gente pega ele. Vamos dormir.

Ian abriu lentamente os olhos, mas piscou-os logo em seguida, tentando focalizar a visão. Não reconheceu o lugar onde estava. Sentiu um gosto amargo na boca seca e sua língua estava inchada. Gradativamente a letargia foi diminuindo, permitindo que ele mexesse um pouco o corpo. Seu joelho esquerdo estalou, assim como o seu pulso direito, mas nada de anormal. Estava deitado em uma cama de hospital, em um quarto privativo. Em seu braço direito estava espetada uma agulha com abas plásticas, presas por um esparadrapo translúcido, de onde saía uma mangueira transparente ligada a uma garrafa de soro, presa a um suporte de metal. Algo o incomodava no peito e na testa, e com o braço livre ele tocou o local na cabeça, para perceber que lá estava ligado um eletrodo, cujo fio se conectava a um aparelho imenso ao lado da cama, o qual possuía uma tela de fósforo verde com um gráfico de onda serrilhada atravessando-o horizontalmente. Tentou arrancar o eletrodo, mas não conseguiu. Havia um ligado em cada tórax e dois em seu tórax, acima dos mamilos. As luzes do quarto estavam apagadas, e aparentemente ele estava sozinho.

– Água... – conseguiu pedir, com um fio de voz, mas não havia ninguém para atendê-lo. Olhou em volta e viu um copo cheio no criado-mudo ao lado da cama e uma garrafa de vidro transparente. Tentou alcançá-la, mas foi impossível. Impacientou-se e ergueu um pouco o corpo na cama, tentando melhorar a posição, mas o copo estava fora de seu alcance. Relaxou o corpo, desanimado. Não conseguia se mexer, preso como estava aos fios e tubos que o enlaçavam. Impelido pela sede, arrancou os eletrodos, puxando-os com força pelos fios, e jogou-os por cima do aparelho, que começou a emitir um som agudo irritante. Livre, ergueu-se de modo a sentar-se na cama, tomando cuidado para não arrancar a agulha presa em seu braço, e esticou-se, tentando alcançar o copo. Quando estava prestes a pegá-lo, a porta do quarto se abriu e por ela entraram duas enfermeiras e um rapaz de jaleco branco, que imediatamente acendeu as luzes do quarto.

Pego desprevenido Ian não teve tempo de proteger os olhos e o efeito foi como uma dezena de *flashes* espocando diretamente em sua retina. Ofuscado, perdeu o senso de equilíbrio e caiu desajeitadamente no chão, gritando de dor quando a agulha em seu braço foi violentamente arrancada na

queda. Sentiu mãos tocando-o e instintivamente tentou defender-se delas. Seus olhos se abriram um pouco, apenas para se fecharem com força, pois as luzes continuavam acesas.

– Pare de se debater! – ouviu uma grossa voz feminina dizendo. – Pare, você só vai se machucar!

Ian relaxou um pouco e levou as mãos ao rosto, cobrindo os olhos.

– Meu Deus, seu braço. Maria, traz o kit de assepsia, rápido. E uma bandagem. Nosso amigo arrancou o soro.

– Água... – conseguiu dizer Ian. O chão gelado incomodava suas costas, mas ele não queria se levantar.

– Ah, então foi isso? Não te ensinaram a apertar o botãozinho, não? Precisava fazer essa bagunça?

– A luz... – balbuciou novamente Ian.

– Você se acostuma rapidinho. Vamos, deixa de ser um bebê chorão. Consegue se levantar?

– Apaga... a... luz...

– Tá, tá. Doutor, será que você podia... Pronto, apagada, pode abrir os olhos.

Lentamente Ian abriu os olhos, ainda temeroso, mas a enfermeira havia dito a verdade. Respirou aliviado, relaxando o corpo.

– Melhor? E então, consegue se levantar ou vai precisar de ajuda?

Ian sacudiu a cabeça e ergueu o tronco, sentando no chão. Aceitou a mão da enfermeira e levantou-se, apenas para cair sobre a cama. Sentiu suas pernas sendo erguidas e colocadas também sobre o leito.

– Água, por favor. Estou morrendo de sede.

A enfermeira olhou para o médico, que fez um sinal de positivo com a mão direita. Em seguida colocou o copo cheio em sua mão. Ian sentou-se, encostado no travesseiro, e começou a beber, derrubando gotas sobre o colo.

– Ei! – gritou a enfermeira, segurando o copo. – Vai com calma.

Ian relutou um pouco, mas aceitou a reprimenda, largando o copo, que a enfermeira tornou a colocar sobre o criado-mudo.

– O que aconteceu? – perguntou. – Como vim parar aqui?

– Você não se lembra? – retrucou o médico, aproximando-se. No mesmo momento entrou a outra enfermeira, com uma pequena bandeja de aço nas mãos, que continha um rolo de esparadrapo, uma tesoura cirúrgica, um chumaço de algodão e uma bisnaga com um líquido avermelhado, que ela entregou à companheira. Imediatamente esta última colocou-se ao lado de

Ian, segurando firmemente seu braço e expondo o corte na veia, que sangrava bastante. Arrancou um pedaço de algodão e o colocou em cima do corte, estancando o sangramento com a pressão dos dedos.

– Você esqueceu a água oxigenada – disse pra outra enfermeira, que novamente saiu do quarto.

– Lembro-me de estar numa lanchonete, e mais nada. O que aconteceu?

O médico se aproximou, afastando a confusão de fios e o aparelho do lado da cama.

– Já podemos acender a luz? Vou precisar para poder examiná-lo...

– Não! – interrompeu-o afoito Ian. – Não, por favor. Não sei o que acontece com meus olhos, mas desde ontem a luz é insuportável. Depois de um tempo volta ao normal, mas ainda não, por favor.

– Está certo. Como você está se sentindo? Vertigens, náusea, alguma coisa?

– Não, não, eu só estava com muita sede. Por favor, me responda, o que aconteceu?

O médico respirou fundo, ajustando os óculos de aro de metal no rosto. Era uma figura com aspecto cansado, estava descabelado e com profundas olheiras. Era jovem, mas já tinha indícios de calvície acentuada e uma grande quantidade de cabelos grisalhos. Aparentemente estava frustrado por não poder examinar seu paciente à meia-luz, então fechou a prancheta que carregava, pousando-a ao lado da perna de Ian.

– Você chegou aqui desacordado, após uma parada cardiorrespiratória. Entrou em coma na sala de emergência, logo que seu pulso foi estabilizado...

– Coma? – perguntou Ian, aflito. – Por quanto tempo?

– Não se preocupe, foram apenas algumas horas – olhou o relógio. – Quatorze, para ser mais exato.

– Mas como? O que aconteceu?

– É o que estou tentando verificar, e para isso precisaria examiná-lo. Pela descrição de sua acompanhante, eu diria que foi resultado de um ataque epilético, mas é apenas um palpite. Já fizemos um eletroencefalograma e uma ressonância magnética e estamos aguardando os resultados do exame de sangue para podermos dar um diagnóstico. O senhor está sob efeito de algum medicamento?

– Minha acompanhante? Eva! Ela está aqui?

– Por favor, responda às minhas perguntas – pediu impientemente o médico. – Assim poderemos liberá-lo.

Ian esticou o pescoço, tentando ver o corredor, mas não havia ninguém lá.

– Não, quer dizer, ontem me deram uma injeção de analgésico por causa da briga de sexta, mas foi durante a madrugada...

– Garoto, você não é mole, hein? – disse a enfermeira, rindo. – Dois dias, duas visitas ao hospital... – Ian ignorou o comentário.

– Você se feriu?

– Sim, meu braço e minha cabeça. Olhe – disse, esticando o braço esquerdo para o médico. No local onde estava o ferimento havia apenas uma cicatriz esbranquiçada.

– Isso aí? – disse a enfermeira. – O curativo estava um trapo, e quando fui trocar percebi que já estava cicatrizado. Retirei os pontos. O plantonista da madrugada disse que não tinha problema.

O médico tomou o braço de Ian, apertando os olhos para poder enxergar melhor. Passou o dedo envolto na luva de borracha sobre a cicatriz.

– É, completamente cicatrizada. Tem certeza que foi na sexta?

Ian aproximou o braço do rosto, estupefato. O corte estava mesmo totalmente fechado.

– Espera aí, que loucura é essa? Tem certeza que só fiquei em coma por quatorze horas?

O médico anuiu. Aquilo não era possível, o corte havia sido profundo e no mínimo levaria uma semana para cicatrizar daquela maneira.

– O senhor é usuário de drogas? – perguntou friamente o médico. – Estava drogado quando passou mal?

– Não! – respondeu irritado Ian. Odiava ser desacreditado. – Não, não tomo nada desde a faculdade. O que você acha, que estava chapado demais para lembrar?

– Não sou um juiz, nem um policial, senhor...

– Ian.

– Ian. Preciso fazer essas perguntas. Elas podem ajudar no diagnóstico. O senhor ingeriu álcool antes do ocorrido?

– Apenas alguns chopes, mais nada. Algum problema com isso também?

– Preciso saber qual a injeção que você tomou antes de responder. Pode ser que houve algum tipo de reação colateral, mas duvido. O senhor já

teve anteriormente crises de epilepsia ou histórico familiar da doença?

Ian estava ficando zozinho com tantas perguntas. A enfermeira já havia terminado o curativo e liberado seu braço, o que o permitiu ajeitar-se melhor na cama. Sacudiu a cabeça, respondendo negativamente à pergunta do médico.

– Olha, isso vai demorar? Eu estou legal, sério. Foi só um susto, uma bobagem. Quando vou poder ir embora?

– Logo que eu os resultados dos exames chegarem. E não se engane. Você pode estar se sentindo bem agora, mas nada garante que não tenha outra crise assim que sair daqui. Talvez dessa vez você não tenha tanta sorte. Como estão seus olhos agora? Será que posso acender as luzes?

Ian suspirou e sacudiu a cabeça afirmativamente. Sentiu-se ofuscar quando as luzes se acenderam, mas tentou controlar-se. O incômodo já era menor, apesar de ainda não conseguir manter os olhos abertos, e ele finalmente se deixou examinar.



Duas horas depois o médico retornou. Ian estava sentado na cama, já vestido com as próprias roupas. Em sua mão havia um controle remoto, que ele utilizava para trocar freneticamente os canais da televisão presa à parede, numa tentativa frustrada de encontrar algum programa que o relaxasse. Assim que viu o médico, apertou um botão vermelho no controle, desligando o aparelho.

– E então? – perguntou, impaciente. – Já estou liberado?

O médico puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Ian.

– Vou ser sincero – respondeu o médico, arrumando os óculos. – Seu caso é um mistério. Não há causa aparente para sua crise. Intoxicação alimentar, epilepsia, drogas, álcool, lesões neurológicas, nada. Os exames deram todos negativos.

– Então estou bem? Já posso ir embora?

– Não há mais nada que eu possa fazer por você, e aparentemente você está bem, então acho que não há problemas em liberá-lo. Mas há um detalhe que talvez você possa me esclarecer.

Ian já havia saltado da cama e estava recolhendo suas coisas.

– Sim?

– Seu exame de sangue. Foi detectada uma incidência bem alta de

hemoglobina F. Isso já havia sido detectado antes?

– Hemoglobina F? O que é isso?

– Hemoglobina Fetal. Esse tipo de hemoglobina é normal na circulação durante nossa fase embrionária, dentro do útero. É um tipo mais forte de hemoglobina, com maior capacidade de absorção de oxigênio, mas ela é substituída naturalmente após o nascimento. Em adultos as taxas são próximas de zero. Mas no seu caso havia um acúmulo de mais de quinze por cento dessa hemoglobina.

– Nunca tinha ouvido falar. Isso é ruim?

O médico sacudiu a cabeça.

– Não, mas é altamente incomum. Indivíduos da raça negra podem possuir uma deficiência nas hemácias, que chamamos de anemia falciforme, o que causa um acúmulo de hemoglobinas fetais, mas na sua faixa etária a média seria de aproximadamente oito por cento, e eu nunca ouvi falar de anemia falciforme em indivíduos caucasianos. Mesmo assim, esse não é seu caso, pois suas hemácias são normais, apesar de tudo. É um caso clínico inédito.

– Vou precisar de tratamento?

O médico se ergueu da cadeira.

– Seria interessante realizar alguns testes, mas não há impactos imediatos, então acho que você pode ir embora. Gostaria de agendar um retorno para a semana que vem, para realizarmos exames. Você possui pais vivos?

– Minha mãe. Meu pai morreu há alguns anos.

– Se puder, traga-a junto. Suspeito que seja um problema hereditário, mas fique tranquilo, é um estado benigno. Além do mais, aparentemente essa também não foi a causa de sua crise. Ah, tem outra coisa: sua contagem de plaquetas também está bem acima do normal, o que talvez explique sua cicatrização acelerada.

Ian olhou de novo para a cicatriz esbranquiçada em seu braço. Ainda não havia conseguido entender o que ocorrera, e aquele mistério o estava incomodando.

– Nunca aconteceu antes – disse para o médico. – O que poderia ter causado... isso? – apontou para a cicatriz.

– Um estado inflamatório, talvez? Os níveis estão altos, mas não são assustadores. Se fossem maiores, você poderia ter problemas de circulação, mas esse não é o caso. Mesmo assim, é bom acompanhar de perto, para evitar

uma trombose. Não vejo ainda a necessidade de prescrever uma medicação, mas gostaria muito de examiná-lo semana que vem.

Ian concordou com um aceno de cabeça. O que estava acontecendo com seu corpo? Nunca tivera problemas daquele tipo e orgulhava-se de sua saúde ferrenha. Tudo o que não precisava naquele momento era problemas de saúde. Fez um esforço para se tranquilizar. Não era nada. Apenas estava ficando velho e seu corpo começava a pedir arrego. Fez uma anotação mental para aumentar a frequência das aulas de natação e prometeu a si mesmo que iria tentar se policiar e reservar umas horas da semana para correr. Deveria ser o suficiente. Sorriu para o médico, que segurava a porta aberta para ele. Apertaram-se as mãos e despediram-se. Ian confirmou que iria agendar a consulta na recepção e foi naquela direção. O médico foi na direção oposta.



Chegando na recepção, Ian surpreendeu-se ao ver Juliana correndo em sua direção e abraçando sua perna, quase o derrubando. Ele segurou-a pelos pequenos braços, erguendo-a até o colo e beijando sua bochecha rosada. Cláudia veio logo atrás.

– Oi – disse ela, friamente. – Como você está?

– Estou bem, obrigado – respondeu ele, sem jeito. – Olha, Clau...

– Ela está aqui – interrompeu sua ex-mulher. – Sua... amiga.

– Eva está aqui? Onde?

Juliana apontou o dedo na direção da saída. Pela porta de vidro, Ian viu Eva, encostada na mureta do jardim da frente do hospital. Ela olhava cansada para a rua, aparentemente alheia ao que acontecia na recepção. Ian sentiu uma imensa vontade de abraçá-la, mas não podia dar as costas a sua família daquele jeito. Colocou a filha no chão e olhou para a ex-esposa. O rosto de Cláudia estava marcado e cansado, com profundas olheiras emoldurando os olhos castanhos cansados. Aparentemente havia chorado.

– Cláudia, por favor, me desculpe...

– Não há o que desculpar, Ian, não se preocupe. Fico feliz que esteja bem. Pode tocar sua vida em frente. Não se preocupe, não vou fazer uma cena. Só estou aqui porque você ainda é o pai de minha filha, mas não precisa explicar nada. Agora que sei que está tudo bem, vamos embora. Pode ir conversar com sua... amiga.

Ian ficou sem palavras. A amargura no discurso de Cláudia era clara.

E não sem razão, avaliou. Ele havia sido um crápula, aproveitando-se de seu desespero para manipulá-la de uma maneira vil. Sentiu-se um traste, mas havia pouco o que fazer para reparar seu erro. Abaixou-se e deu um beijo na testa de Juliana. Olhou para o rosto da filha, sentindo o peito apertar. Ela era tão pequena, tão frágil, tão linda! Não merecia passar por aquilo tudo. Novamente, sentiu-se o mais baixo dos seres.

– Cláudia, eu... – disse, quando se ergueu, mas não conseguiu terminar a sentença. Cláudia puxou a filha pelo braço e virou as costas para o ex-marido, deixando-o sozinho com suas desculpas. Passou voando por Eva, sem trocar palavra ou olhares, dirigindo-se ao estacionamento. Ian caminhou para a saída. Estava surpreso com a obstinação da bela loira, permanecendo no local, aguardando notícias suas. Era uma sensação lisonjeira. Foi o suficiente para que ele deixasse o peso da discussão com a ex-mulher para trás. Com o tempo eles se resolveriam. Quando abriu a porta, sentiu um pouco do ofuscamento novamente em seus olhos, mas o dia estava nublado e a iluminação do final da tarde não incomodou tanto. Mesmo assim apertou os olhos, para poder enxergar melhor. Assim que o viu, Eva suspirou, aliviada. Correu em sua direção, abraçando-o ternamente. Ian retribuiu o gesto, apertando-a junto ao corpo. Era uma sensação deliciosa, o hálito quente em seu pescoço, a leve pressão dos seios em sua barriga, os dedos que crispavam suas costas. Fechou os olhos, aproveitando o momento, que, infelizmente, não durou muito. Ela rapidamente desfez o abraço, desencostando o rosto de seu ombro e fitando-o nos olhos. Da mesma maneira que Cláudia, ela também tinha profundas olheiras na face cansada e seus olhos estavam bastante vermelhos de cansaço. Mesmo assim, ela sorria para ele. Com a mão direita afagou seu rosto.

– Como você está? – perguntou ela, com a voz cansada.

– Eu estou bem. Nossa, você está aqui desde a madrugada?

Ela balançou a cabeça, concordando.

– Estou. Não consegui ir embora, me desculpe. Eu estava apavorada, não queria sair de perto até saber que você estava bem. Infelizmente sua esposa chegou e a espera se tornou um inferno. Ninguém mais falava comigo.

– Está tudo bem agora. Você comeu alguma coisa? – Eva sacudiu a cabeça. – Nossa, deve estar faminta, pobrezinha.

– Eu estou bem. Nossa, nem pensei nisso! Estava tão preocupada, que nem senti fome.

– Pois vamos resolver isso agora! – disse Ian, animado. – Que tal uma

macarronada?

– Você não acha que é melhor ir para casa, descansar? Ian, você ficou em coma! Ontem você abusou e olha no que deu. Olhe para você. Está pálido como um fantasma...

Ian riu.

– Quem disse que iríamos a um restaurante? Você vai provar a magnífica *pasta Larsen*, receita de família desde meus tempos de faculdade! Garanto que, depois dela, as outras macarronadas vão parecer minhoca ao molho *ketchup*!

– Tudo bem, mas vai ser na minha casa. Preciso tomar urgentemente um banho e me trocar. Tudo bem?

– Se você tiver molho de tomate, atum, azeitonas e manjerição, além da massa, tudo bem. Ah, e maionese. Muita maionese.

Eva sorriu e Ian enlaçou sua cintura. Juntos caminharam para frente do hospital, para pegarem um táxi. Antes de chegarem ao ponto Ian percebeu Cláudia passando lentamente pela rua com seu carro, fuzilando-o com o olhar, mas ele fingiu que não viu.

– É só isso? – perguntou Dante, freando sua bicicleta, que rangeu bastante antes de parar.

– Está decepcionado? – retrucou Bhagwandas, também parando sua velha bicicleta. – O que esperava?

– Sei lá. A gente ouve um bocado de histórias...

Dante nunca teve contato algum com ciganos e sua mente havia fantasiado bastante a respeito daquele primeiro encontro. Imaginava chegar em um acampamento grandioso, com imensas e coloridas tendas e uma enorme fogueira ardendo no centro, onde violeiros estariam tocando *paso doble* para dançarinas de vestidos esvoaçantes que rodopiariam por perto. Claro que era uma visão romântica, mas ele não esperava que a realidade fosse tão diferente daquilo.

O acampamento, em primeiro lugar, não era um acampamento. Era um tipo de vilarejo. E as tendas na verdade eram casas de madeira e alvenaria. Havia algumas barracas, mas eram ordinárias barracas de *camping* no estilo bangalô. Ficava próxima a um riacho caudaloso, onde se encontravam algumas lavadeiras e crianças. No centro havia um tipo de praça, com um poste de luz no meio, feito de um tronco de árvore. Alguns rapazes jogavam bola no local e, na frente de uma das casas, cinco homens observavam o jogo, sentados na varanda. Nada de ciganos típicos de cinema, com bandanas ou coletes coloridos e cheios de miçangas. Eram apenas homens comuns, típicos da região.

Dante desceu da bicicleta, empurrando-a pelo guidão até chegar na praça central da comunidade. Bhagwandas o imitou.

– Ei, *gadjé!* – gritou um dos homens, assim que avistou Dante. – Que ventos o traz à nossa *kumpania*?

Dante acenou, tentando parecer natural, mas obviamente aquele não havia sido um cumprimento hospitaleiro, e sim algum tipo de provocação, pois todos riram. Até mesmo os rapazes pararam de jogar bola para observá-los.

– Estou aqui para falar com o *barô* Miguel. Poderiam me informar onde é a casa dele?

O cigano que havia falado levantou-se. Era um homem corpulento,

com cabelos compridos e barba rala. Aparentava ter mais de trinta anos e em suas mãos havia uma faca, com a qual cortava fatias grossas de uma manga descascada. Vendo ele se aproximar, Dante se recordou das palavras do delegado Oliveira, proferidas na véspera: “É um povo orgulhoso, que não tem pudores em enfiar uma faca em teu estômago caso ofenda a sua cultura”. Tentou permanecer impassível, mas não conseguiu não fitar com certo temor a arma respingando caldo da fruta. Aparentemente o cigano percebeu seu receio, pois arremessou a manga longe, limpando a lâmina da faca na calça, mas mantendo-a em punho.

– Que assunto um *gadjó* apavorado tem com o nosso *barô*?

Dante percebeu que o cigano o estava testando com aquela bravata. O pior que ele poderia fazer era dar corda para aquilo, por isso decidiu pela diplomacia.

– Desculpe minha falta de educação. Sou Dante Calegari, de São Paulo. Qual é o seu nome?

O cigano olhou para ele com desdém, mexendo a língua dentro da boca fechada, limpando os dentes dos fiapos de manga.

– Não perguntei seu nome, *gadjó*. Responda à minha pergunta.

“Droga, esse imbecil não vai facilitar as coisas”, pensou Dante, tentando elaborar uma resposta. O resto dos ciganos já se aproximava, alguns com expressões duras, outros com sorrisos sacanas.

– É um assunto particular, se você não se incomodar. Poderia me indicar onde o encontro?

O cigano riu com escárnio, jogando a faca para a outra mão.

– *Me dicas vriardã de jorпой, bus ne sino braco* – disse, e todos os presentes caíram na gargalhada. – O *gadjó* sabe falar grosso. Isso é algum tipo de desafio?

Dante estava por um fio de se descontrolar. Odiava ser provocado daquela maneira. Tinha ganas de enfiar a faca do cigano pela sua goela, mas estava em clara desvantagem, então tinha que tentar alguma solução mais pacífica.

– Olha, meu amigo, não tive intenção de ofendê-lo. Por que você não guarda essa faca e a gente conversa como pessoas civilizadas?

– Está me chamando de selvagem? – gritou, girando a faca na mão, segurando-a como um punhal. – O *gadjó* nos toma por *lillipendi*!

O grupo explodiu em gargalhadas, mas Dante percebeu que dois ou três sacaram suas próprias facas. Ao seu lado, Bhagwandas tinha os olhos

arregalados de pavor. A situação era feia.

– Calma, gente! – gritou Dante. – Vamos com calma! Por favor, guarde essa faca, cara. Não vim aqui pra arrumar briga.

– Ah, eu vou guardar minha faca, sim, *gadjó* – cuspiu. – Vou guardá-la em suas tripas.

Pronto, não tinha mais volta. Dante soltou a bicicleta e deu um salto para trás, desviando de um golpe amplo do cigano. O grupo se abriu, comemorando e gritando. Dante se posicionou defensivamente. Relaxou os braços, para em seguida retesá-los ao máximo, fechando os punhos. Já havia brigado com um adversário armado antes e sabia que a distância e a velocidade eram essenciais. Caso se engalfinhassem seria o fim da luta. O cigano raspou duas vezes a faca no chão e fez sinal com a mão, chamando Dante. Bhagwandas estava congelado de medo, segurando firmemente sua bicicleta, os olhos arregalados, mas aparentemente haviam se esquecido dele. Dante deu dois passos para o lado, tentando manter distância de seu oponente, mas o círculo dos espectadores era fechado demais para movimentações extremas. Parou, esperando o ataque, mas este não veio. O cigano estava apenas tentando assustá-lo, dando golpes curtos e ineficazes no ar e rindo bastante.

– O *gadjó* tem fibra no final das contas – disse ele. – Enfrentaria desarmado um homem com um *chourin*?

– Não faço ideia do que seja um *chourin*, mas não tenha dúvidas de que enfrentaria! Posso morrer, mas não dou as costas a uma briga!

– Isso é um *chourin*, *gadjó* – disse o cigano, apontando a faca. – Tem muito que aprender ainda, mas você tem colhões. Se acalme, não vou brigar com você. Veja, estou guardando a faca. Meu nome é Pepe e peço desculpas. Estava apenas brincando com você. Não vemos muitos *gadjós* pela região e quando vi sua expressão de medo não resisti. Ei, baixe a guarda, Dante de São Paulo.

Dante estava furioso. Que brincadeira idiota! Estava usando toda sua força de vontade para não pular no pescoço desse tal de Pepe, mas estava difícil se controlar. Apertou os punhos até eles doerem e seus dentes rilhavam. Pepe percebeu a fúria em seu olhar e deu dois passos para frente, mostrando as palmas das mãos.

– Acalme-se, *gadjó*. Peço novamente desculpas, mas esta é a última vez. Se quiser brigar de verdade, tudo bem. Mas essa não foi minha intenção.

Dante apertou ainda mais os punhos. Seu sangue fervia. Seu lado

racional estava sendo derrotado pelo selvagem. Havia passado por muito estresse nos últimos dias e aquela tinha sido a gota-d'água. Sentia vontade de fazer aquele cigano dos infernos engolir seus dentes.

– Pepe! – ouviu alguém gritar, e aquilo foi o suficiente para distraí-lo das ideias homicidas. A multidão se abriu, dando passagem para um senhor de idade avançada. Estava vestido como um cigano tradicional, percebeu Dante, com o iconográfico lenço vermelho na cabeça e um colete de veludo preto sobre uma camisa também vermelha, além de largas calças negras e sapatilhas da mesma cor. Andava com o auxílio de uma bengala de madeira polida. – Pepe, quantas vezes vou precisar dizer a você que esse tipo de brincadeira é perigosa? É por causa desse tipo de coisa que as pessoas tem tanto medo da gente. Acalme-se, meu rapaz. Sou Miguel, *barô* desta *kumpania*. Soube que estava me procurando. Em que posso ajudar?

A visão do senhor idoso arrefeceu um pouco a fúria de Dante, que baixou a guarda e relaxou o corpo, mas sem desviar os olhos de Pepe, que também fixou o olhar nele, a despeito da presença de seu líder. Havia um claro desafio naquele olhar.

– Se é briga que você veio buscar, Dante de São Paulo, é briga que terá – ameaçou Miguel. – Mas acho que esse não é o caso.

– Tem razão, Miguel, desculpe-me – disse Dante, finalmente relaxando. – E desculpe-me você também, Pepe. Perdi minha cabeça com sua brincadeira.

Pepe avançou e apertou a mão estendida de Dante.

– Está tudo certo, então – sentenciou o *barô*. – Vamos ao salão do *Kris*. Lá poderemos conversar.



O salão do *Kris* era na verdade um grande galpão, muito semelhante a um ginásio. Tinha aproximadamente dez metros de largura por dez de comprimento e era coberto por um telhado de palha. Num dos lados havia uma grande mesa sobre um palco e na parede estava pintada uma espécie de bandeira, com duas faixas largas separadas horizontalmente, nas cores azul e verde. No centro havia uma figura circular vermelha, semelhante a uma grande roda de carroça estilizada. Ao seu lado estava uma imagem de uma santa, vestida de branco com uma capa azul e uma coroa dourada. O que mais chamou a atenção de Dante é que ela, à primeira vista, parecia uma imagem

de Nossa Senhora Aparecida, pois a pele da santa retratada na pintura era negra, mas, embaixo da imagem, estava escrito *Optcha Santa Sara Kali* em letras cursivas, o que negava a possibilidade. Em cima de tudo, estavam pintadas três palavras: *Rom, Samsara, e Yordana*. O resto do salão estava repleto de cadeiras de plástico, e Dante deduziu que deveria ser um tipo de centro de convenções ou cultos. Apesar de estar moderadamente arrumado, dava a impressão de algo velho e abandonado. Miguel os guiou até uma mesa, próxima do palco, para onde puxaram algumas cadeiras. Pepe os havia acompanhado, assim como outro cigano, que ainda não havia sido apresentado.

– Muito bem – começou Miguel, quando todos estavam ajeitados. – O que você quer comigo, Sr. Dante?

– Só uma dúvida – apressou-se Bhagwandas, antes que Dante conseguisse abrir a boca. – Aquela divindade na parede, Santa Sara Kali, ela tem algo a ver com a deusa hindu Kali?

– Só o nome – respondeu Miguel, com um sorriso. – Há quem diga que há mais relação do que isso, mas Santa Sara, nossa padroeira, na verdade era uma cigana, que nasceu escrava. Após a crucificação de Cristo ela, Maria Jacobé, irmã da Virgem Maria, Maria Salomé e Maria Madalena foram abandonadas à deriva no mar, em um barco sem remos. As três Marias se puseram a rezar, em busca de salvação. Então, Sara retirou o lenço da cabeça, oferecendo-o a Cristo, prometendo que se todos se salvassem ela seria eternamente devota e jamais andaria com a cabeça descoberta como sinal daquela promessa. Miraculosamente a embarcação sem rumo atravessou o oceano e aportou com todos a salvo em uma pequena ilha do Mediterrâneo. Kali significa “negra” e foi incorporada ao seu nome graças à tonalidade de sua pele.

– Que bela história! – comentou Bhagwandas, sorrindo.

– É, muito bonita – complementou Dante, impaciente. – Desculpem atrapalhar esse intercâmbio cultural, mas preciso de algumas respostas. É sobre o rapaz que vocês encontraram morto anteontem no rio.

Miguel suspirou profundamente quando ouviu o que Dante dissera, e Pepe visivelmente se empertigou com o assunto. Aparentemente era uma história mais complexa do que um simples corpo encontrado boiando no rio.

– Você é da polícia? – perguntou o *barô*.

– Não, não sou. Jonas era meu amigo. Ele era repórter, como eu. Tinha vindo pra cá para investigar aparecimentos do chupa-cabra. Antes de

morrer, em uma conversa que tivemos, ele comentou que iria visitar uma comunidade cigana e logo em seguida vocês encontraram seu cadáver. Estou tentando fazer uma investigação a respeito.

– Está tentando nos incriminar! – gritou Pepe, batendo na mesa. – Não tivemos nada a ver com a morte do *gadjó*!

– Não estou descartando nenhuma possibilidade – respondeu Dante, firme. – Jonas saiu na tarde de sexta da comunidade de Bhagwandas e foi morto de madrugada. Sei que ele esteve aqui, e é provável que tenham dado a ele a mesma recepção calorosa que deram a mim. Mas não quero tirar conclusões precipitadas, por isso estou aqui. Gostaria de ouvir a versão de vocês do fato.

– Meça suas palavras, *gadjó*! – gritou novamente Pepe, apontando o indicador na direção do rosto de Dante. – Seu amigo foi atrás da própria morte. Nós o avisamos! Ele sabia bem onde estava indo...

Miguel pousou a mão enrugada sobre o braço forte de Pepe, calando-o.

– Não, deixa ele falar! – exclamou Dante. – Essa história está ficando cada vez mais interessante.

– Hum, cuidado inquisidor... – murmurou Bhagwandas, mas Dante o ignorou.

– Conte-me, Pepe – continuou. – Conte o que aconteceu com Jonas quando ele esteve aqui. Conte-me como ele morreu.

Pepe sobressaltou-se, mas o *barô* aumentou a pressão em seu braço.

– Baixe o tom de sua voz Sr. Dante ou serei obrigado a expulsá-lo de minha comunidade. Não fomos os responsáveis pela morte de seu amigo, se é isso que quer saber. Realmente, ele nos procurou na tarde de sexta e fez perguntas a respeito do chupa-cabra. Alguns dos nossos haviam visto tal criatura na mata e demos a ele a informação. Avisamos a ele que seria perigoso ir persegui-la sozinho mas ele não nos deu ouvidos. Encontramos seu corpo boiando no rio na manhã seguinte e o levamos até o posto policial. Isso é tudo.

Dante sacou do bolso da calça seu bloco de anotações, folheando-o nervosamente até encontrar a página que queria.

– “*Jalar, Ephraim! Jalar! Gadjó!*” – leu, para em seguida fitar o *barô* nos olhos. – Posso deduzir que o *gadjó* sou eu, mas gostaria que vocês traduzissem o resto.

Miguel empalideceu. Dante rasgou a folha do bloco e passou para ele,

que pegou inseguro.

– Onde ouviu isso? – perguntou, com a voz embargada.

– Ah, essa madrugada, durante um animado encontro entre uma velha cigana e uma criatura assombrada, na comunidade de Bhagwandas. Sua amiga estava nitidamente protegendo-a. Chegou até mesmo a me agredir. Como me explicam isso?

– Mena... – murmurou Pepe, olhando assustado para o *barô*, que acenou afirmativamente, nitidamente abalado.

– Mena? – perguntou afoitamente Dante. – Esse é seu nome?

– Muito bem, Sr. Dante – interpelou Miguel, retomando a postura ativa de líder. – Contaremos a verdade, se é o que você procura.

– *Barô!* – exclamou Pepe, aflito.

– *Chuquel sos pirela, cocal jerela* – retrucou o ancião, irritado. – “Cão que caminha acha osso.” O Sr. Dante aqui achou seu osso e não podemos fazer nada! Oxalá ele nos ajude a resolver esse imbróglio de uma vez por todas!

– Mas ele é um *gadjó*!

– E qual o problema? Essa história já se prolongou por tempo demais. Já é hora de dar um basta. Se for preciso usarmos a ajuda de um *gadjó*, que seja! Dimitri, vá buscar uma garrafa de *sifrit* em minha tenda. É uma história longa e precisamos molhar a garganta. Pepe, vá buscar Mena agora mesmo. Ela está diretamente envolvida com tudo isso.

– Mas... – começou a argumentar Pepe.

– Eu não pedi, Pepe – retrucou firmemente o *barô*. Resignado, o cigano se ergueu e saiu com Dimitri do galpão.

– Muito bem, Sr. Dante, vamos aos fatos. Estas palavras podem ser traduzidas como “Vá embora, Ephraim! Vá embora! Estrangeiro!”. Você tem razão, Mena estava protegendo aquilo que você chamou de “criatura”. Eles têm um forte vínculo entre si.

– Que tipo de vínculo? – perguntou Bhagwandas.

– Ephraim é seu neto.

– Por favor, continue – pediu Dante, curioso.

– Vou contar a história inteira, desde o começo. Já vou avisando, é uma história triste, uma tragédia que se abateu em nossa comunidade nos últimos anos e que gostaríamos muito de esquecer. Tudo começou com a antiga noiva de Pepe, Katina, há quase dezoito anos. Nas vésperas de seu casamento, Katina foi assaltada por terríveis pesadelos, o que foi tomado

como péssimo augúrio por todos, mas que não interferiu nos preparativos da festa. Katina era minha sobrinha, filha de minha irmã, Mena, e era um doce de menina. Linda, jovial e prendada. Ouso dizer que foi a menina mais bonita de nossa comunidade em sua época. Mas na véspera de seu casamento alguém ou algo invadiu seu quarto enquanto ela dormia e a violentou.

– Algo? – perguntou Dante. – Como assim?

– Por favor, ouça a história, e tudo se explicará – pediu Miguel, visivelmente transtornado. – Meu cunhado foi imediatamente cobrar explicações de Pepe e sua família, mas ele foi logo inocentado, pois não havia saído de perto de seus pais a noite toda. Os homens da comunidade foram todos investigados, e uma caçada pelas redondezas foi realizada, mas não foi possível descobrir o autor do crime. Katina estava em estado de choque e ficou completamente muda após o evento. O casamento foi cancelado e a vergonha recaiu sobre sua família. Tentei amenizar a situação declarando que Katina era inocente, mas pelas nossas leis ela só poderia se casar se alguém aceitasse sua condição, e ninguém se prontificou. Katina estava catatônica, insana.

– Pobre criança – murmurou Bhagwandas. Miguel respondeu com um sorriso amargo.

– Sim, pobre criança, mas seu sofrimento não terminou aí...

– Ela engravidou – deduziu Dante. O *barô* anuiu.

– Meu cunhado quase enlouqueceu na época. Tivemos que segurá-lo para que não fizesse uma besteira, mas quando ele se acalmou a razão voltou. O conselho decidiu que não seria feita nenhuma tentativa de aborto, pois a gravidez só havia sido descoberta muito tarde e poderíamos colocar a vida de Katina em risco. Um de nossos lemas é “Amar e não desmerecer nenhuma criança”, então foi decidido que o filho de Katina seria tão cigano como qualquer um de nós.

– Muito nobre da parte de vocês – disse Bhagwandas.

– Obrigado, mas no momento não tínhamos outra escolha. Meu cunhado e minha irmã tomaram para si a tarefa de criar o futuro neto quando ele nascesse. Pensamos que dessa maneira tudo havia sido resolvido. Mas a gestação de Katina foi problemática. Ela rapidamente definhou, sendo assaltada frequentemente por assustadoras crises, que a faziam passar horas em agonia, gritando como se a estivessem queimando viva. Infelizmente nada que fizemos na época funcionou, mas quando chegou a hora o parto transcorreu sem problemas e meu sobrinho-neto nasceu forte e saudável. Meu

cunhado deu a ele seu próprio nome, Ephraim, e a presença do bebê rapidamente iluminou a transtornada família de minha irmã. O pequeno Ephraim cresceu rapidamente, sua saúde era forte como a de um bezerro. Em contrapartida, sua mãe continuou a definhar, sua mente atordoada já não tinha mais nenhum sinal de lucidez. Na ocasião do primeiro aniversário de Ephraim, Katina foi levada até o local das festividades. Santa Sara é minha testemunha que vi uma luz de sanidade brilhar em seus olhos naquela noite. Infelizmente essa luz durou pouco, mais precisamente até o momento em que deitou os olhos em seu filho nos braços do avô. Katina entrou em pânico, gritando e esperneando que nem uma louca. Ela rapidamente foi arrastada de volta a sua casa, para o desespero e decepção de seus pais. Naquela mesma noite ela fugiu de seu quarto no meio da noite e se arremessou no rio. Encontramos seu corpo no dia seguinte.

Miguel parou de falar, aparentemente embargado pela dor. Dimitri havia chegado. Rapidamente encheu um copo com uma bebida licorosa e passou ao *barô*, que bebeu um gole. Em seguida Dimitri encheu outro copo e passou para Dante, que deu um pequeno gole. Era uma aguardente forte, mas adocicada e de cheiro agradável. Bhagwandas recusou com um gesto, pedindo desculpas pois, de acordo com suas crenças, não podia beber nada alcoólico. Miguel pousou o copo em cima da mesa, fez sinal para que Dimitri se servisse e sentasse com eles.

– Como era a aparência de Ephraim? – perguntou Dante.

– Eu já ia chegar nesse ponto – respondeu Miguel, recompondo-se. – Meu cunhado me confidenciou durante a gestação da filha que havia a possibilidade de identificar o autor do estupro quando seu neto nascesse, fazendo uma comparação de fisionomias. Mas essa esperança foi frustrada logo após o parto. Ephraim não se parecia com ninguém da comunidade ou mesmo da região. Era branco como leite, com cabelos loiro-claros e grandes olhos azuis. Era um belo rapaz e cresceu sem nunca ter ficado doente. Nunca o vi gripado ou mesmo resfriado. Era o orgulho do avô, que colocou como missão pessoal cuidar dele como um verdadeiro cigano, talvez até mesmo um futuro *barô*.

Mas essa condição não durou para sempre. Quando completou doze anos Ephraim teve sua primeira crise, da mesma maneira que sua finada mãe. De acordo com sua própria descrição era uma forte dor no estômago, como se estivesse em chamas, e nada do que fazíamos parecia ajudar. As crises duravam pouco tempo, mas gradativamente se tornaram mais frequentes.

Outro sintoma foi o medo da luz. Seus olhos não suportavam a luz forte e sua pele adquiria feridas assustadoras quando exposta ao sol. A solução que adotou foi alterar sua rotina, trocando a noite pelo dia. Foi quando começaram os problemas.

O pesadelo de seu avô recomeçou, e ele viu todo o esforço de aceitação que havia feito ser jogado na lama. Ephraim era um estranho em nossa comunidade, e nossos jovens impetuosos rapidamente começaram a hostilizá-lo. Por brincadeira, chamavam-no de *Mulô*, ou morto-vivo em nossa língua. Não é mesmo, Dimitri?.

O cigano concordou de olhos baixos.

– De qualquer maneira – continuou Miguel – tocamos nossa vida. Ephraim era esperto o suficiente para se virar sozinho, e aparentemente ele conseguiria lidar com sua condição sem problemas.

– Mas ele não conseguiu, conseguiu? – perguntou Dante.

– Não, não conseguiu. A melhor amiga de Ephraim era Mirella, uma bela jovem. Passavam horas juntos, conversando. Boatos de um possível casamento entre os dois já começavam a aparecer aqui e ali. Parecia a solução para o garoto. Até seu avô aprovava a relação. Mas um dia, o pior aconteceu...

Miguel fez uma pausa para beber mais um gole.

– Numa noite de lua cheia Ephraim teve mais uma crise. Mirella estava com ele e tentou acudi-lo, mas naquelas ocasiões nada podia ser feito. Era, com certeza, a crise mais violenta que ele jamais tivera. Enlouquecido pela dor atacou a inocente garota, esfaqueando seu pescoço com os dentes. Testemunhas contaram que ele chegou a beber o sangue que jorrava da ferida aberta antes de fugir para a mata, deixando o corpo de Mirella para trás.

– Oh, meu Deus... – suspirou Bhagwandas.

– Deus teve pouco a ver com isso, velho – disse Dimitri, o rosto marcado pela dor. – Aquilo foi obra do Diabo mesmo!

Miguel tocou o braço do cigano, numa demonstração de pesar, mas não argumentou contra a teoria dele.

– Mirella era irmã de Dimitri – explicou.

– Oh, meu rapaz, sinto muitíssimo... – começou Bhagwandas, mas a expressão dura no rosto do cigano não diminuiu.

– Declarei Ephraim um proscrito – continuou seu relato o *barô* – e ordenei que todos os homens da comunidade fossem atrás do garoto. Dei ordens explícitas para que ele fosse capturado e entregue às autoridades

locais, mas é difícil controlar os ímpetos numa situação dessas...

– O desgraçado matou minha irmã! – explodiu Dimitri. – Matou e ainda por cima bebeu seu sangue! A única punição possível era a morte!

– Não é dada a nós essa escolha, meu filho – argumentou brandamente Bhagwandas. – Só Deus pode julgar-nos...

– Pois foi Deus que me colocou frente a frente com o bastardo. Só eu e ele, mais ninguém, no meio do mato. Ele suplicou pela própria vida, mas não havia perdão pelo que ele havia feito e matei-o com gosto.

– Você o matou? – perguntou Dante, assombrado. – Tem certeza disso?

Dimitri sacudiu a cabeça afirmativamente.

– Esfaqueei-o duas vezes nas tripas. Ele caiu no chão, gemendo. Foi quando chegaram os outros. Decidimos que aquele assassino não merecia um funeral decente e enterramos ele lá mesmo.

– Enterraram-no vivo? – perguntou Dante. Dimitri sacudiu novamente a cabeça.

– Que horror... – comentou Bhagwandas, levando a mão à boca.

– Senhores – interrompeu Miguel –, compreendam a situação e os fatos que levaram a esse trágico desfecho. O golpe de Dimitri em Ephraim foi fatal, pelo que me contaram, e o garoto não sobreviveria de nenhuma maneira.

– Espera um pouco – disse Dante, sacudindo a cabeça para ordenar as ideias. – Então Ephraim morreu? E o que era aquilo que vimos na comunidade de Bhagwandas ontem à noite?

– Era o *baital*, Dante! – comemorou Bhagwandas. – O *baital* tomou o corpo do garoto como hospedeiro. Eu não disse? Mais uma evidência!

– Não sei nada de *baital* – interrompeu novamente Miguel. – Ephraim foi enterrado sem passar pelos ritos funerários da tribo e isso o condenou a vagar pela terra como um *mulô*, um morto-vivo. A atitude intempestiva de Dimitri e seus amigos transformaram o apelido de Ephraim em realidade. Ele vaga pelo mato de noite, bebendo sangue de galinhas e cabras, para satisfazer sua insaciável sede. E ele vagará até que tenha sua vingança contra seus carrascos.

– Pois ele que venha! – bravateou Dimitri. – Mato ele de novo e quantas vezes for necessário!

– Calma lá! – gritou Dante, erguendo-se na cadeira. – Vamos deixar agora o folclore um pouco de lado, ok? Vamos esquecer por um momento

“baitais” ou “mulôs” e nos concentrar nos fatos. Dimitri, você alegou que tem certeza que Ephraim morreu, mas ele estava vivo quando o enterraram. Seria possível ele escapar do túmulo que escavaram?

– De maneira alguma! Escavamos mais de sete palmos. Ele estava quase morto quando o enterramos. Nem se estivesse saudável ele conseguiria.

– Você tem como comprovar isso? Já foram até o local e examinaram o túmulo?

– É um lugar amaldiçoado, Sr. Dante – explicou Miguel. – Ninguém vai lá desde o ocorrido. Nem mesmo Dimitri se atreve a retornar ao local. O único a ir lá foi seu amigo. E você viu o que lhe aconteceu...

– Jonas foi até lá sozinho? – gritou Dante, irritado. – O que vocês disseram a ele para que fizesse uma burrada dessas?

– Acalme-se, Sr. Dante – avisou Miguel, em tom de ameaça. – Avisamos seu amigo do perigo que seria ir ao local sozinho, mas ele tomou essa decisão por conta própria. O que mais poderíamos fazer?

“Moleque idiota”, praguejou Dante em seu íntimo. Era típico de Jonas fazer aquele tipo de coisa, arriscando-se sem pensar nas consequências. Mais uma vez amaldiçoou-se por não ter vindo com ele. Mas como podia imaginar que uma coisa daquelas iria acontecer?

– Onde é o local? – perguntou, convicto. – Onde vocês enterraram Ephraim?

– Sr. Dante, acalme-se – pediu novamente Miguel. – Você está transtornado e esse assunto não deve ser tratado com a cabeça quente. Já está anoitecendo. Não gostaria de pescar mais um corpo em nosso rio. A comunidade já está assustada o suficiente.

– Ouça o *barô*, inquisidor – disse Bhagwandas. – O jovem Jonas não ouviu e veja o que aconteceu.

Dante afastou-se da mesa, esfregando as mãos no rosto. Eles tinham razão, ele sabia, e realmente seria um risco desnecessário repetir o erro de Jonas.

– A velha! – exclamou. – Sua irmã, Mena. O que ela fazia com Ephraim ontem à noite?

– Isso é um mistério para mim também. Não sabia de suas incursões noturnas e duvido que alguém da comunidade soubesse. Meu cunhado morreu logo após o assassinato de Ephraim, deixando minha irmã terrivelmente abalada com tudo isso. Mandeí chamá-la para poder elucidar o caso, mas ela já deveria estar aqui. Dimitri, vá ver com Pepe por que ele

ainda não a trouxe.

Dimitri ergueu-se de um salto e correu em direção à saída.

– Só há uma maneira de deter um *mulô*, Sr. Dante. Alguém de muita coragem deve sentar-se sobre seu túmulo, de modo que seria impossível a ele sair de lá quando anoitecesse, e lá permanecer até o sol raiar. Desse modo ele sossegará seu espírito e aceitará a morte definitiva. É a única maneira.

– Que bobagem... – zombou Dante.

– Não é bobagem, inquisidor – intrometeu-se Bhagwandas. – Se ele realmente for um espírito preso à vida, essa seria uma maneira de ludibriá-lo para que aceitasse sua situação e dessa maneira finalmente desencarnar em paz. E se for um *baital*, como penso, será a maneira ideal de capturá-lo.

– O que é esse *baital* que você vive dizendo? – perguntou Miguel.

– Um *baital* é um espírito poderoso... – começou a explicar Bhagwandas. Dante ignorou-os, andando em círculos, tentando ordenar as ideias. Era uma história maluca demais para ser verdade. Fora Ephraim que matara Jonas, isso era óbvio, e o certo seria chamar a polícia para deixar que eles cuidassem do caso. Mas Dante sabia que conseguiria pouco apoio da polícia de Resende se chegasse com uma história daquelas. Não havia nenhuma evidência sólida a não ser o seu testemunho e o de Miguel, e dificilmente aquilo seria o suficiente para provocar uma diligência oficial. Não, estava sozinho na empreitada.

Subitamente, a porta do galpão se escancarou, e por ela entraram Pepe e Dimitri.

– Mena desapareceu! – disse Pepe, afoito.

21

– E aí, o que você achou? – perguntou Ian, com um sorriso.

– Um pouco apimentada para meu gosto, mas com certeza... marcante – respondeu Eva, um pouco sem jeito. A verdade é que ela tinha odiado o macarrão preparado por Ian, mas não queria magoá-lo.

– Confesso que caprichei na pimenta, mas não sei por que estava com uma vontade louca de comida picante. Se tivesse camarão na geladeira os faria à baiana.

Eva sorriu o mais simpático que podia. Apesar de ela própria ser natural da Bahia, realmente não apreciava comida apimentada. Um pouco tudo bem, mas o molho do macarrão descia como lava por sua garganta. Mesmo assim terminou o prato, acompanhado com três copos de água gelada. Quando viu o prato de Eva vazio, Ian fez menção de servir mais, mas ela rapidamente recusou com um gesto.

– Estou satisfeita, obrigada.

– Azar seu – disse ele, redirecionando a comida para seu próprio prato. – Sobra mais pra mim.

– Você não acha que deveria maneirar? Você comeu desse jeito ontem e veja no que deu...

– Eu sei, mas não consigo parar. Bom, o médico disse que a causa do meu ataque ontem não foi por intoxicação alimentar, então acho que não tem problema. Além do mais isso aqui está ótimo!

Eva observou com certo asco como Ian atacava o prato à sua frente e a visão já foi suficiente para ela perder completamente o apetite.

– Muito legal seu apartamento – comentou ele, depois de engolir mais um bocado de massa. – Então você e Tamara moram aqui?

Eva meneou a cabeça.

– Há alguns meses. Ela morava aqui antes de mim.

– Estou no emprego errado. Se você visse meu apartamento... Em comparação com este, parece um chiqueiro. Se bem que não é fácil manter duas casas, ainda mais trabalhando o dia inteiro.

– Há quanto tempo mesmo você se divorciou?

Ian terminou de mastigar mais um bocado de comida, limpando a boca no guardanapo antes de responder.

– Três meses. Por quê?

– Apenas curiosidade...

– Mas não é apenas por isso que meu apartamento está daquele jeito.

Gosto dele do jeito que está. Cláudia tinha uma obsessão com organização e limpeza e aquilo me irritava um bocado. Eu não me sentia livre em minha própria casa. Não sei se você entende, mas eu me sentia como se fosse sempre uma visita. Não podia deixar uma meia fora do lugar que já era motivo para um escândalo. Nunca fui bagunceiro, mas aquilo era demais. Eu já vi mais liberdade num templo!

Eva sorriu novamente. Aquele era um traço que ela não imaginava nele, demonstrando rebeldia adolescente após os trinta. Ian não tinha mais a aparência de um jovem, com o rosto começando a mostrar linhas de expressão e até mesmo algumas rugas próximas aos olhos, além das mechas grisalhas que davam um tom acinzentado ao seu penteado rente. Mas ele tinha o que parecia ser o espírito de um eterno adolescente, falando pelos cotovelos e sorrindo o tempo todo. Havia até mesmo algum traço de imaturidade em seus atos, mas aquilo só servia para aumentar seu charme. Eva sempre odiou os moleques assanhados que viviam importunando-a, seja em Cruz das Almas, mesmo antes do desastroso noivado com Domênico, seja nas noites no *Vrykolakas*. Sempre gostou de homens mais velhos, mais vividos e mais experientes, mas ainda assim sentia falta do arrojo e da audácia da juventude. Ian era como o melhor de dois mundos. Já não era um garoto, e sim um pai de família que já experimentara bastante em sua vida, mas que não perdia seu espírito adolescente. E o melhor de tudo, estava disponível.

– Ai! – gemeu Ian, levando a mão para o estômago. Eva imediatamente se sobressaltou.

– O que foi? O que está sentindo?

– Calma Eva – tentou tranquilizá-la Ian, mas a expressão de dor em seu rosto era evidente. – Acho que realmente exagerei na pimenta. Putz, me deu uma azia desgraçada!

– Eu disse que não era bom forçar a barra, Ian – desesperou-se Eva. – Você acabou se sair de um coma, não devia comer essa coisa!

– Calma, não é nada que um sal de frutas não resolva. E mais respeito com a *pasta Larsen*! Era a comida preferida na república que eu ficava na faculdade.

– Desculpe, mas fiquei preocupada. Nos conhecemos há dois dias e

grande parte desse tempo eu passei numa sala de espera de um hospital. Não quero que você volte pra lá.

– Eu estou bem, mas se você tiver aí um antiácido...

Eva saltou da cadeira e correu na direção da cozinha. Lá abriu um armário e retirou um recipiente de plástico fechado. Dentro havia uma boa quantidade de medicamentos, como aspirinas, *band-aid*, esparadrapos e pomadas. Retirou de lá uma cartela de antiácidos e rapidamente voltou até a sala de jantar. Entregou a cartela a Ian, que abriu a embalagem com os dentes, colocou duas pastilhas na boca e começou a mastigá-las ruidosamente. Eva aproximou-se, retirando a cartela de sua mão e jogando-a sobre a mesa. Ian estava de olhos fechados e suava bastante. Abraçou-o carinhosamente, recebendo em retribuição um beijo rápido na cabeça.

– Vem, vou te colocar na cama – disse ela, puxando-o. – Você precisa descansar...

– Eu estou melhor, sério – respondeu Ian, pouco convincente. – Não é nada...

– Não vamos arriscar, por favor! Não quero voltar para aquele hospital! Vamos para a cama.

Ian não fez menção de se mexer.

– Olha, vamos juntos. Eu também estou cansada, já faz duas noites que não durmo direito. A gente dorme abraçadinho, fica numa boa, o que você acha?

– Eu acho que você está arrumando um pretexto pra me seduzir...

Como ele conseguia fazer uma piadinha daquelas enquanto ela se desfazia em desespero? De qualquer maneira ela percebeu que ele estava realmente melhorando um pouco, a expressão de dor lentamente se aliviando. Mesmo assim, Eva notou que ele suava bastante, e sua mão estava gelada e úmida. Aquilo só serviu para novamente afligi-la. Não tudo de novo! Ela não aguentava mais aquelas incursões noturnas ao pronto-socorro.

– Por favor, vamos deitar – implorou ela. – Você precisa repousar.

Ian passou a mão na testa, retirando o suor. Expirou o ar ruidosamente.

– Acho que você tem razão – cedeu, por fim. – Vamos descansar.

Dante apertou o botão de seu celular, desligando a ligação corrente. Ao seu lado, Bhagwandas observava ansioso.

– E aí?

– Sem chance – respondeu Dante. – A polícia só virá se o desaparecimento for de mais de vinte e quatro horas. Estamos por nossa conta – guardou o celular e coçou a cabeça. – Como está o trabalho de busca? – perguntou para Miguel, que acabara de se aproximar.

– Nada ainda. Procuramos em todas as casas e nos arredores, mas ela sumiu.

Dante olhou para o céu, um pouco desanimado.

– Já está bem escuro. As buscas ficarão complicadas.

– Podemos deixar para amanhã... – sugeriu Bhagwandas. Miguel retirou o lenço da cabeça e coçou o couro cabeludo, preocupado.

– Bhagwandas tem razão – disse Dante. – Não é a primeira vez que ela some no meio da noite, como pudemos comprovar em nosso encontro de ontem. E aparentemente ela sabe se virar bem...

– Ela não devia fazer isso! – impacientou-se o *barô*. – É perigoso para alguém da idade dela ficar no mato nesse frio. E ainda mais com o *mulô* solto por aí!

– Temos duas opções claras – avaliou Dante. – Ou ficamos aqui, e esperamos até de manhã cedo pelo seu retorno, ou nos embrenhamos na mata atrás dela.

– Você quer dizer...

– É o local mais provável.

Miguel esfregou a barba malfeita enquanto avaliava a sugestão. Dante sabia que ele estava em um dilema, mas que também havia poucas chances de estar errado. Mena com certeza desaparecera para se encontrar com Ephraim, talvez até mesmo alertá-lo da presença de Dante no acampamento dos ciganos. E, apesar da relação que tinham, sua vida estava em perigo.

– Eu vou até lá, Miguel – disse Dante, tentando animar o entristecido cigano. – Mas não quero fazer a mesma besteira de Jonas, por isso preciso de alguém forte e bom de briga caso encontremos Ephraim. A polícia não vem, então tem que ser um de vocês. A gente está perdendo tempo procurando nos

arredores. Junte os homens de sua comunidade e vamos atrás de Mena. Ela é sua irmã, homem! Vai deixá-la morrer sem fazer nada, só por causa de uma superstição idiota e sem fundamento?

Os olhos de Miguel faiscaram de fúria.

– Idiota? Sem fundamento? Seu *gadjó* estúpido! Você tripudia de nossas crenças e se diz sem medo, mas duvido que sua coragem aguente o encontro frente a frente com um *mulô*. Daí você perderia essa sua arrogância e prepotência, antes de se juntar ao seu amigo no mundo dos mortos!

– Jonas cometeu um erro, mas sua morte não pode ser usada como desculpa para covardia! Sua irmã pode ser o único elo que explicaria por que Ephraim se tornou aquela coisa hedionda. Se ela morrer nunca saberemos o que aconteceu e talvez nunca consigamos resolver esse mistério de uma vez por todas. Quantas vidas serão necessárias para que você dê um basta a essa história?

– Não é escolha minha! – gritou Miguel, visivelmente abalado. – Estou velho, não posso ajudar. Tampouco posso obrigar alguém a ir nessa caçada suicida. Entenda, Dante, todos temem demais o *mulô* para se arriscar...

– Eu vou – adiantou-se Dimitri. – É a mim que ele quer. Eu fui o responsável por essa história. Eu vou.

– Não, Dimitri, qualquer um, menos você! – ralhou Miguel, erguendo ameaçadoramente sua bengala. – Está maluco, *schavó*?

– Eu vou junto – disse Pepe, se aproximando. – Devo isso à Mena.

Dante abriu um sorriso empolgado e Miguel baixou sua bengala, derrotado. Percebeu que pouco poderia fazer para mudar a opinião dos ciganos, então se resignou. Dante se adiantou e cumprimentou os dois.

– É muito longe? – perguntou a Dimitri.

– Um pouco, mas dá pra ir margeando o rio. Só precisamos de lanternas potentes e disposição.

– Tenho os dois. Vamos?

– Espera! – gritou Miguel, aproximando-se. Sua mão esquerda buscou algo em suas costas, que depois estendeu a Dante. – Tome, é o *chourin* do avô de Ephraim. Você não pode ir desarmado.

Dante pegou a faca de cabo trabalhado com certa reverência. Não era muito bom no manejo de armas, mas concordou com o *barô*. Ephraim com certeza era perigoso e não seria uma boa ideia tentar enfrentá-lo de mãos vazias.

– E você – continuou Miguel, apontando para Pepe. – Vá até a minha casa e pegue a carabina que está atrás da porta. Tem munição em cima da lareira. Ainda se lembra como atirar?

Pepe balançou a cabeça afirmativamente e saiu correndo em direção à casa de Miguel. Dimitri sacou duas adagas de seus tornozelos e as girou habilmente nas mãos. Testou o fio e recolocou-as nas bainhas.

– Vão até a casa de Alya para serem abençoados – disse Miguel, tocando o rapaz no ombro. – E isso é o máximo que posso fazer por vocês. Que Santa Sara guie seus passos e os traga de volta sãos e salvos.



Alguns minutos depois Dante testava a lanterna na margem do rio ao lado de Bhagwandas, que parecia aflito.

– O que foi, meu velho? – perguntou Dante, prendendo a lanterna na cintura pela alça de plástico. – Está com medo do *baital*?

– Não é o *baital* que me preocupa, e sim vocês entrando nesse mato armados. As facas, tudo bem, mas uma carabina...

– É, também não gostei muito da ideia – concordou Dante, enquanto se assegurava que os cadarços de seu tênis estavam bem amarrados. – É muito fácil fazer uma cagada nesse breu. Mas duvido que o *barô* permitisse que fosse de outra maneira. Acho que vou ter que arriscar. E você? Vai ficar bem?

– Vou aguardar seu retorno junto com Miguel e as mulheres da comunidade. Estão todos muito aflitos e talvez eu possa lhes dar algum conforto.

Dante sorriu. Não deixava de ser uma cena hilária imaginar senhoras ciganas entoando mantras enquanto fumavam maconha, mas ele sabia que o velho guru não conseguiria ir embora naquele momento. Apesar da grande diferença entre eles, seja física ou ideológica, haviam criado uma simpatia mútua. Não era por acaso que alguém conseguia juntar um grupo de pessoas em torno de um ideal, e Bhagwandas tinha o carisma necessário para a tarefa.

– Deseje-me sorte – disse, estendendo a mão, que Bhagwandas imediatamente apertou.

– Boa sorte, inquisidor, e não se esqueça: “A maior vitória pertence àquele que vence sem desembainhar a espada”.

– Ghandi?

– Sun Tzu. Achei mais apropriado.

Dante sorriu novamente. Naquele momento aproximavam-se Dimitri e Pepe, com expressões duras. Pepe segurava firme a carabina de Miguel junto ao corpo.

– Cuidado com essa coisa – alertou Dante. – Só dispare quando tiver certeza pra não fazermos nenhuma cagada nessa escuridão.

– Eu atiro desde os oito anos, *gadjó* – respondeu ele, desafiador. – Sei o que faço.

– É, mas agora não vamos atirar em latas de cerveja ou passarinhos, então fica esperto. E então, prontos?

Os ciganos concordaram e em seguida colocaram-se em marcha. Dante despediu-se novamente de Bhagwandas e foi atrás.



O caminho tomado pelos ciganos era de difícil locomoção, principalmente à noite. A margem do rio era bastante lamacenta e em alguns pontos o acesso só poderia ser feito caminhando entre as pedras na beira do rio. A corrente era forte e o ruído da água batendo nas pedras era bastante alto. Passaram por duas pequenas cachoeiras, que os obrigou a escalar algumas rochas íngremes e espremer o corpo entre valas estreitas. Dante ficou imaginando se Jonas havia tomado o mesmo caminho, o que seria estranho para um rapaz franzino e desacostumado com a vida fora da cidade. O céu estava claro e sem nuvens, e a lua brilhava forte por entre a copa das árvores, dando ao ambiente um tom azulado e assustador, mas tão brilhante que as lanternas eram desnecessárias na margem do rio. Em pouco tempo Dante começou a ficar para trás. Os saudáveis ciganos conheciam a região bem e estavam habituados ao terreno irregular, diferente de Dante, que já estava ofegante. Queria gritar para que eles esperassem, mas temia que seu chamado pudesse alertar sua presa, então tentou avisá-los sinalizando com o facho de sua lanterna. Conseguiu atrair a atenção de Pepe, que estava mais próximo, mas Dimitri continuou correndo. Após alguns minutos Dante alcançou o local onde estava o cigano, que havia se posicionado de vigília sobre uma rocha, apontando a carabina em direção ao mato fechado.

– Precisa descansar, *gadjó*? – perguntou com uma risada. Dante nem se dignou a responder, sentando em uma pedra na beira do rio e molhando o rosto na água gelada que corria.

– Cadê o Dimitri?

– Lá na frente. Fique tranquilo. Ele conhece essa região melhor que ninguém.

– A gente não devia se separar... – começou a argumentar Dante, mas sua frase foi interrompida por um grito estridente de mulher.

– Mena! – gritou Pepe, saltando da pedra e embrenhando-se na mata.

– Pepe, espera! – gritou Dante, tentando inutilmente impedi-lo, mas o cigano desapareceu entre as árvores. Dante rapidamente sacou sua lanterna e apontou na direção para a qual Pepe havia se dirigido, mas não conseguiu encontrá-lo. A mata era muito fechada para poder enxergar qualquer coisa. Chamou por ele, mas novamente não obteve resposta.

“Merda!”, praguejou. Estava sozinho naquele fim de mundo e os únicos que conheciam a região haviam desaparecido no meio do mato, deixando-o para trás. Dentro da floresta ele perderia a segurança da luminosidade da lua e não confiava em seus instintos naquela escuridão. Era o que Ephraim mais queria, brincar de esconde-esconde no meio da mata, e os imprudentes ciganos fizeram exatamente seu jogo. Dimitri havia disparado na frente, mas ele com certeza também havia ouvido o grito, o que não garantia que ele continuava na trilha para a sepultura de Ephraim. Avaliou as possibilidades e percebeu que não tinha outra escolha a não ser ir atrás de Pepe. Passou a lanterna para a mão esquerda, sacou a faca que Miguel havia lhe dado, segurando-a em riste em frente ao corpo, e entrou na mata. O terreno, que na margem do rio já era ruim, piorou bastante na floresta, pois era recoberto de mato alto e grandes raízes, o que não dava a segurança necessária para ele correr. Cautelosamente foi caminhando, passo a passo, evitando locais onde o capim era mais denso, pois o pouco que sabia sobre terrenos daquele tipo era que cobras e outros bichos noturnos costumavam fazer suas tocas lá. Apurou os ouvidos, tentando distinguir algum som que denunciasse a presença de Pepe ou Dimitri, mas tudo que ouviu foi o farfalhar de folhas das copas das árvores e o ruído constante do rio que deixara pra trás. Aproveitou uma raiz especialmente alta e vasculhou os arredores com a lanterna, mas tudo que viu foi mato e mais mato.

Começou a ficar aflito. Estava sozinho naquela floresta. Qualquer vacilo seu e poderia ser atacado por algum bicho noturno, como cobras e aranhas, que com certeza havia aos montes naquele local. Relutante, abandonou a segurança aparente da raiz onde estava e continuou caminhando, o mais alerta que podia. “Malditos ciganos!”, xingou ele em seu íntimo. A

ideia de irem juntos naquela caçada era justamente evitar que aquele tipo de coisa acontecesse. Mas, como Miguel havia dito pouco antes, era difícil controlar os ímpetos em situações como aquela. O mato possibilitava uma infinidade de locais para se esconder, e uma caçada deveria ser feita com um mínimo de cautela. Mas a cautela havia sido abandonada por todos ao primeiro sinal de perigo. O grito, que Pepe precipitadamente atribuíra a Mena, poderia ser muito bem um pássaro ou outra coisa mais medonha. Poderia até mesmo ser Ephraim tentando emboscá-los.

De repente um forte estampido ecoou por toda a mata, assustando alguns pássaros em uma árvore próxima. Correu o mais rápido que podia em direção à origem do tiro, chegando a tropeçar duas vezes em raízes no chão e afundando uma vez o pé numa grande poça de água. Cambaleou por alguns metros, até se atirar de encontro a uma árvore, onde se agarrou desajeitadamente. Forçou a vista para o trecho à sua frente, onde distinguiu algum movimento. Apontou a lanterna na direção. Imediatamente viu Pepe apontando sua carabina fumegante para o lado oposto. Quando a luz da lanterna incidiu sobre o cigano, ele se voltou rapidamente e disparou. Dante só teve tempo de se jogar no chão. A bala resvalou na árvore, bem no local onde ele estivera há segundos.

– Porra, Pepe, sou eu! – gritou. – Tá maluco? Você quase me matou!

– *Gadjó*?

– Não, é o Papai Noel! Caralho, baixa essa porra!

Dante havia caído sobre uma poça lamacenta, o que foi bom para aparar a queda. Mas sua lanterna afundou inteira no barro. Puxou-a, tentando, ainda deitado, limpar a lente. Mas era impossível. Ele próprio estava tão sujo que seria impossível limpar qualquer coisa. Guardou a faca na bainha e ergueu-se, tentando tirar o excesso de lama sacudindo com força os braços.

– Eu bem que avisei, não avisei? Porra, você poderia ter me matado!

– Desculpe, *gadjó*, pensei que era o *mulô*...

– Se você não tem estabilidade pra segurar uma espingarda, me dá aqui essa merda agora! Isso aqui não é brincadeira!

– Tá, desculpe. Você tá legal?

Dante avaliou seu estado. Estava tudo, menos “legal”. Mas não estava ferido. Usou a manga da blusa para tentar limpar a lente da lanterna, com resultado pouco satisfatório.

– Em que você estava atirando antes de tentar me matar?

– Era o *mulô*, eu tenho certeza. Ele estava correndo entre as árvores,

rápido como um raio.

Dante apontou a lanterna na direção que Pepe indicara, mas percebeu frustrado que o fecho de luz era insuficiente para discernir qualquer coisa.

– Algum sinal do Dimitri?

– Nada, nem de Mena.

– Estamos muito longe do lugar em que Ephraim foi enterrado?

– Mais ou menos. Eu arriscaria mais uns duzentos metros naquela direção.

– Então é para lá que nós vamos. E juntos, entendeu? Chega de correrias pelo mato! E cuidado com essa porra!

O cigano anuiu, abrindo a espingarda e deixando sair dois cartuchos fumegantes. Recarregou a arma e fechou-a com um tranco seco. Conseguiram dar alguns passos tranquilos na direção apontada, antes de escutarem novamente gritos, dessa vez masculinos, entrecortados com o som de metal batendo e raspando. Não era um grito longo e agudo como da primeira vez, mas uma sequência de gritos de raiva e agonia.

– Dimitri! – gritou Pepe. – Dimitri!

Dante tomou a frente do cigano e saiu correndo na direção dos ruídos, miraculosamente não caindo ou tropeçando no terreno irregular. Localizou um trecho mais iluminado à sua frente e se dirigiu pra lá. Ouvia os passos pesados de Pepe atrás de si, então não se preocupou com a cautela. Chegou ao local irrompendo através das árvores. Fincou os pés no terreno lamacento. Estava em uma pequena clareira na floresta, iluminada pela lua. A cena que vislumbrou arrepiou seus cabelos e congelou suas entranhas. Lá estava Dimitri, sentado no chão com o rosto deformado pela dor. Aparentemente seu braço direito e perna esquerda estavam quebrados. Segurando seus cabelos de modo a mantê-lo naquela posição grotesca estava Ephraim, da mesma maneira que na noite anterior, nu em pelo. Olhava diretamente para Dante, com uma expressão de espanto misturado com fúria. Dante congelou. Logo em seguida, Pepe entrou ruidosamente na clareira. Ao presenciar a cena ergueu a carabina e ajoelhou-se na lama, pronto para disparar. Dante só teve tempo de gritar um “Não!” e empurrar o cano para o lado. Pepe apertou o gatilho e o projétil incandescente desapareceu no mato. Ephraim se eriçou todo com o som do disparo. De sua boca escancarada emitiu um silvo agudo como o de um gato irritado. Pepe tentou se ajeitar para um novo disparo, mas Dante segurou seu braço.

– Espera! – ordenou. – Ele está com Dimitri. Abaixa a arma. Vamos

tentar resolver isso de outra forma.

Pepe não desgrudou os olhos de seu alvo, mas concordou em baixar a espingarda. Ephraim puxava os cabelos de Dimitri com violência, agitado como um pequeno gorila albino. Sua boca imunda com sangue ressecado se abria num esgar assustador.

– Ephraim! – disse Dante, firme. – Ephraim, acalme-se. Não vamos machucá-lo. Por favor, acalme-se. – Ao ouvir o próprio nome, um pouco da fúria se dissipou na expressão da criatura. Talvez ainda houvesse algum sinal de sanidade em sua mente perturbada, avaliou Dante, mas ainda assim precisava ter cuidado. – Não viemos atrás de você, Ephraim – disse, com a voz o mais suave possível. – Estamos atrás de sua avó, Mena. Você a viu? Mena?

Novamente o cenho de Ephraim se aliviou e ele fechou um pouco a boca, aliviando a pressão no couro cabeludo de Dimitri.

– *Mena erani* – disse finalmente Ephraim, com uma voz gutural. – *Mena erani...*

– Sim, garoto, *Mena erani* – repetiu Dante, sem saber o significado. – Você sabe onde está *Mena erani*?

– *Can tute rakker romanes?* – perguntou ele, erguendo-se um pouco.

– *Nai!* – gritou Pepe. – *Homte hi gadjó, Ephraim.*

– O que ele disse?

– Queria saber se você fala romani, nossa língua. Respondi que não, que você não é cigano.

– *Gadjé marhime* – murmurou Ephraim, baixando os olhos enquanto erguia o corpo.

– Ele chamou você e sua raça de impuros – explicou Pepe.

– Ei, o que é aquilo na barriga dele?

Pepe apertou os olhos, tentando enxergar melhor.

– Parece que está ferido. Sim, é isso, é a faca de Dimitri, fincada em sua barriga.

– Ele está ferido. Você está ferido, Ephraim! – gritou-lhe Dante, apontando para a faca na sua barriga. – Você está ferido, precisa de curativos. Pepe, explica pra ele!

Pepe disse alguma coisa em sua língua, fazendo Ephraim voltar os olhos para a faca fincada em seu corpo. Puxou-a com a mão livre, gemendo um pouco quando a lâmina saiu respingando sangue. Olhou para a arma sem emoção e logo em seguida voltou-se para Dimitri, que parecia desmaiado.

– *Kushti ratti...*

Dante arrepiou-se.

– Não! – gritou, aflito. – Não faça isso, Ephraim!

– *Kal'enedral!* – gritou ele, a face novamente deformada pela fúria.

Com um golpe rápido, talhou a garganta de Dimitri de lado a lado, degolando-o impiedosamente. Em seguida largou os cabelos de sua vítima e arremessou seu corpo inerte de lado.

– Fogo, Pepe! Fogo!

O cigano ergueu a espingarda e puxou o gatilho. Ephraim se esquivou e o tiro explodiu em um galho próximo. Com dois saltos ágeis a criatura pulou em cima de Dante, que não conseguiu se desviar. Caíram os dois na lama, Ephraim por cima de Dante. Pepe teve que parar para recarregar a espingarda. Ephraim escancarava a boca na direção do pescoço de Dante, que conseguiu evitar a mordida segurando o pescoço de seu algoz com as duas mãos. Mas a pressão era muito grande para aguentar muito tempo, e a criatura era forte demais! Dante sentiu os tendões de seus cotovelos estalarem. Tudo que ele podia fazer era apertar os dedos no pescoço de Ephraim.

– Atira, Pepe! Agora! – berrou ele, desesperado e com suas últimas forças.

Alarmado com o grito de Dante, Ephraim largou-o, se jogando para o lado no exato momento que Pepe atirava. A bala resvalou em seu peito, abrindo um pequeno rastro de sangue, que respingou sobre o rosto inflamado de Dante. A criatura rolou para trás a tempo de desviar do outro tiro e fugir para o mato enquanto Dante recuperava o fôlego. Pepe gritou de frustração e arremessou a espingarda descarregada no chão, bem do lado do corpo inerte e sem vida de Dimitri.

Ian entrou na recepção da *Dolphin&Barber* apreensivo. Já passava das dez da manhã. Com certeza todos estavam lá, o que impossibilitaria uma entrada discreta. Não que fosse diferente dos outros dias, pois aquele sempre fora seu horário. Todos estavam habituados com aquilo. Mas naquela manhã ele estava inexplicavelmente tenso. Havia algo que o incomodava em seu íntimo e ele teria evitado ir ao trabalho se pudesse. Mas não podia. Havia uma centena de pendências que dependiam de sua supervisão, o prazo de entrega da campanha institucional de final de ano estava expirando e estavam todos à flor da pele com a pressão.

Deu um bom-dia educado para a recepcionista e caminhou na direção da ala de escritórios. Respirou fundo antes de abrir a grande porta de madeira, como se fosse atravessar uma piscina olímpica só no fôlego. Logo que abriu a porta foi interpelado por Lopes, o gerente de infraestrutura. Ele estava conversando com um técnico, mas parou assim que viu Ian.

– Bom-dia, chefe! – cumprimentou ele. Ian respondeu com um aceno de cabeça. – Preciso falar urgente com você.

– Agora? Eu acabei de chegar...

– É, desculpe, mas é coisa séria. É sobre sua estagiária, Karen...

Ian sentiu o estômago gelar. Já sabiam de tudo? Malditos fofoqueiros!

– Não acho conveniente conversarmos sobre isso aqui, Lopes – desconversou, tentando se livrar da saia justa. – Por que não vai à minha sala em quinze minutos? Aí conversamos.

– Ok, preciso ver umas coisas antes, mesmo. Mas não fura não. É coisa séria!

“Oh, Deus, fodeu tudo!”, pensou, desesperado. Precisava resolver aquele assunto o quanto antes. A *Dolphin&Barber* era uma multinacional de respeito, gigante no mercado. Havia importado dos Estados Unidos e da Europa o estrito e tradicional código de ética, onde o assédio era considerado justificativa para demissão sumária. Podia ter jogado sua carreira fora por causa de uma noite de sexo e isso era inadmissível!

Passou voando pelo corredor estreito que dava acesso à sua sala, mas não sem antes se aproximar da mesa de Karen e discretamente chamá-la. Voou em direção à sua sala. Abriu a porta e entrou, fechando-a em seguida.

Jogou a pasta em cima da mesa e sentou-se em sua cadeira. Esfregou as mãos no rosto e só então ligou o computador. Karen chegou antes mesmo que o sistema iniciasse, batendo na porta duas vezes e enfiando o rosto por uma fresta que abrisse. Ian mandou-a entrar com gestos nervosos.

– O que foi? – ela perguntou. – Você está branco como papel!

– Eles sabem de nós.

– “Eles” quem?

– Todo mundo!

– E o que há pra saber? – perguntou ela, sentando-se no sofá. – Não aconteceu nada de mais, não é mesmo? Tá certo, passamos uma noite juntos, mas e daí?

– E daí que eles podem botar a gente pra fora por causa dessa noite.

Karen se espreguiçou e se ergueu, apoiando o quadril na mesa.

– Relaxa, Ian, ninguém sabe de nada. E, além do mais, o que eles tem a ver com o que a gente faz depois do expediente?

Karen tinha razão. Além do mais não havia provas do fato consumado, além de especulação. A única pessoa que poderia fazer alguma coisa contra ele estava ali na sua frente. Tinha que dar um fim àquele relacionamento o quanto antes.

– Você sumiu no sábado – ele disse, tentando mudar de assunto. – Podia pelo menos ter me avisado que ia embora...

A segurança de Karen se abalou imediatamente. Arregalou os olhos e desencostou-se da mesa, agitada.

– É... eu... hum... – gaguejou, antes de se recompor. – Eu encontrei uns amigos e, sabe como é, eu estava bem alta, nem pensei...

Era a vez de Ian bancar o seguro.

– Fica tranquila, Karen. Não temos nada, não é mesmo? Foi só uma noite, então não há por que fazer cobranças, não é verdade?

O rosto da estagiária se enrubescou inteiro.

– Claro, claro. É, foi isso, nada mais. E você? Foi embora que horas?

Ian abriu a boca para responder, mas foi interrompido por Lopes, que entrou sem bater.

– Ops, desculpe! Pensei que estava sozinho.

– Por favor, entre – chamou-o Ian. O gerente obedeceu, olhando desconfiado para Karen. Ian ofereceu uma cadeira com um gesto e ele sentou. Aparentemente esperava que Karen saísse. Ela fez menção de se retirar quando foi impedida por Ian.

– Por favor, fique. A conversa é sobre você.
– Ian, você acha conveniente? – perguntou Lopes.
– Se ela é o assunto, é justo que permaneça e tenha a oportunidade de opinar. Ou se defender.

Karen sorriu enquanto fechava a porta do escritório. Depois se sentou de novo no sofá. Ian respirou aliviado. Se fossem jogar na cara dele o assédio em sua estagiária era bom que ela estivesse presente para corroborar sua versão. Tudo o que ele precisava era manter a iniciativa da conversa para manipular a história de acordo com seus interesses. Karen era esperta, com certeza conseguiria acompanhá-lo em seu esquema.

– Bom – começou Lopes, desconfortável – Recebemos um alerta do *proxy** esta manhã, relativo a abusos na navegação na internet, e o alerta estava no nome de Karen Saldanha.

Ian quase desabou de felicidade. Então era só aquilo? Que bobagem a dele, ficando desesperado daquela maneira! Quase soltou uma gargalhada de alívio. O mesmo não aconteceu com Karen, que se empertigou em sua poltrona.

– Abuso de internet? – perguntou ela, uma oitava acima do normal. – Como assim?

– Bom – continuou Lopes – aqui diz que seu histórico está recheado de *sites* proibidos, alguns até mesmo de conteúdo... como direi... inapropriado para um ambiente corporativo, para não dizer ofensivo.

Karen ergueu-se de um salto e tomou o documento das mãos de Lopes, que não reclamou, olhando de esguelha para Ian. Mas ele estava tão relaxado que não compartilhou a preocupação de sua estagiária, nem o sarcasmo velado do colega.

– Isso é um absurdo! – gritou ela. – Eu nem entrei na internet hoje!

– Mocinha, temos um programa que é executado de tempos em tempos, que nos envia os históricos de navegação de cada máquina. Aparentemente você se divertiu bastante nesse final de semana...

– Mas eu nem vim trabalhar no final de semana!

– Vamos com calma, vocês dois – interferiu Ian, erguendo a mão num gesto apaziguador. – Lopes, Karen está certa, ela não veio trabalhar no final de semana.

– Como você sabe disso?

– Eu não autorizei seu acesso, e você sabe que isso é necessário para estagiários.

Lopes fez um muxoxo, voltando-se novamente para Karen.

– Você, por acaso, não recebeu algum e-mail com anexos de origem suspeita?

– Não que eu lembre. Pelo menos não hoje.

– Hoje não, na sexta.

– Lopes, por favor – interrompeu novamente Ian, impaciente. – Com certeza ela deve ter aberto algum vírus, *trojan*, *worm*, ou outra coisa dessas, e sua máquina virou um zumbi no final de semana. Não há outra explicação.

– Não sei, não, Ian. Nosso *firewall* é bem moderno e normalmente não permite esse tipo de invasão. Além do mais, não houve múltiplos acessos nem tráfego fora do normal no período, por isso...

– Independentemente disso, tenho certeza de que Karen não tem culpa. Foi uma brincadeira, ou coisa parecida. Quem se importaria com um computador de uma estagiária? Não havia nada lá que pudesse ser roubado. Vamos fazer o seguinte: vou pedir para bloquearem o acesso de Karen à internet nesta semana, para que o caso não fique sem punição. Com isso fechamos a porta para esse invasor. Mocinha, você tem que zelar pela integridade de nossa rede e nosso sistema, e com certeza abrir mensagens com vírus não ajudam nada. Por acaso houve invasão aos sistemas internos ou ao servidor de banco de dados? – perguntou para Lopes, que balançou a cabeça. – Então a coisa não foi séria! – comemorou. – Karen, abra um chamado imediatamente para o suporte. Peça que sua máquina seja limpa de qualquer invasor. Melhor, salve seu trabalho na rede e mande formatá-la. Isso resolve?

– Por enquanto, sim, mas ficaremos de olho em você mocinha...

– O que é isso, Lopes? Pare com o terrorismo. Ela não teve culpa.

Karen havia ficado visivelmente abalada com o fato e Ian percebeu que ela estava prestes a explodir em choro, por isso tratou de dispensar logo Lopes, que chegou até mesmo a pedir desculpas a Ian antes de sair. Assim que fechou a porta, Karen se jogou em seus braços.

– Aquele filho da puta – desabafou ela. – Quem ele pensa que é pra me tratar desse jeito?

– Gerente da Infraestrutura. E sobrinho do diretor. Mas fique tranquila, nada vai acontecer com você.

– Quem faria uma coisa dessas comigo?

– Essas pessoas não têm vida social ou escrúpulos. Tenho certeza de que escolheram você aleatoriamente. Deve ser apenas um moleque frustrado,

gordo e espinhudo, que passa o final de semana namorando a própria mão e brincando de *hacker*.

Karen deu um riso nervoso enquanto enxugava as lágrimas.

– Obrigada, Ian.

– Não fique lisonjeada – respondeu ele, em tom de brincadeira. – Faria isso por qualquer um de meus funcionários. Quem resolve os problemas de minha área sou eu, não um filhinho de papai babaca que só virou gerente graças a um pistolão dentro da empresa.

Karen abraçou-o novamente, apertando seu corpo de encontro ao dele com força. Ian não recusou o gesto. Era delicioso sentir o calor de sua pele, o formato de seu corpo, completamente ajustado ao dele, os cachos macios de seu cabelo e, principalmente, seu cheiro, forte, inebriante, adocicado. Não era o cheiro de seu perfume, era o cheiro de sua pele, de sua transpiração superficial, de sua pulsação...

– Ei, garotão! Acordou cedo hoje? – comentou ela sorrindo. Ian imediatamente desfez o abraço, dirigindo-se para sua cadeira.

– Desculpe – disse para ela, sem jeito. – Eu me excedi.

– Você pode se exceder à hora que quiser, chefe – respondeu ela, ainda sorrindo.

– Por favor, Karen, não agora. Eu... estou ocupado.

A bela morena ajeitou a saia e os cabelos e se dirigiu para a porta, mas não sem antes mandar um beijo caloroso para ele.

O que foi aquilo? Ian foi tomado por uma onda de excitação incontrolada, e por pouco não agarrou Karen naquele momento, rasgando suas roupas, mordendo sua pele tenra, lambendo seu pescoço delicioso... “Para!”, pensou, tentando se controlar. Se continuasse daquele jeito teria que se aliviar de alguma maneira. E não tinha intenções de se masturbar como um colegial no banheiro da empresa. Precisava se acalmar, tomar um café, voltar ao normal. Não podia se levantar de sua mesa sem denunciar sua pouco discreta ereção, por isso ligou para a secretária da área e pediu que ela levasse a ele uma xícara de café. Sua boca tinha um gosto estranho, meio amargo, meio ácido, e por alguma razão ele estava com vontade de comer um bife à *parmeggiana* com ovos fritos, tudo coberto com bastante mostarda inglesa. “Que absurdo!”, avaliou. Estava parecendo Cláudia, quando descobriu que estava grávida, o torturando com seus desejos estranhos sempre no meio da madrugada. Abriu a gaveta e tirou de lá uma pastilha de menta, que jogou na boca. Mas o gosto da bala logo o enojou, obrigando-o a cuspi-la na lixeira.

Sentiu uma onda insuportável de calor. Afrouxou a gravata e correu para abrir a janela, tomando o cuidado de manter as persianas fechadas de modo a limitar a luminosidade do recinto. Seus olhos estavam cada vez mais sensíveis à luz. Já havia sido difícilimo dirigir até o trabalho, mesmo usando óculos escuros.

A secretária bateu na porta e entrou, trazendo uma bandeja com uma xícara de café. Dirigiu-se até a mesa, pousando a bandeja ao lado da foto de Juliana. Então viu o rosto do chefe.

– O senhor está bem?

– Sim, estou. Por que pergunta?

– Está pálido como um fantasma. O senhor está doente?

– Não, quer dizer, acho que não...

– Nossa, o que aconteceu no seu braço? O senhor se queimou? Quer que eu traga uma pomada?

– Não, não foi nada disso. Tive alguns problemas no final de semana, mas nada grave... – começou a explicar Ian, mas quando olhou para o antebraço esquerdo ele mesmo se espantou. – Ei, isso não estava aí!

A secretária calou-se, olhando curiosa para ele, que examinava intrigado o ferimento. Não era a cicatriz do corte de sexta, e sim uma estranha irritação na derme perto da mão. Havia lá um imenso vermelhão e pequenas bolhas começavam a surgir na região, como se a pele tivesse sido queimada por um ferro elétrico. Não a havia percebido antes, pois ela não coçava nem incomodava. Agradeceu o café, tentando se livrar da secretária. Mesmo assustada ela se retirou, deixando a xícara sobre a mesa e levando a bandeja. “O que está acontecendo comigo?”, pensou, aflito, depois que ela fechou a porta. Desde o ataque de sexta seu corpo passara por mudanças estranhas, e ele estava se comportando de maneira bizarra. Os ataques, o coma, a fome voraz, a sensibilidade à luz, a cicatrização sobrenatural e agora aquilo! Precisava ver um médico, entender o que estava acontecendo, resolver aquilo rapidamente!

– Por favor, cancele todos meus compromissos de hoje. Se perguntarem, diga que precisei ir ao médico.

– É só isso que você trouxe? – gritou irritado Dante para Oliveira. – Meia dúzia de homens?

– Cale a boca paulista ou prendo você por desacato – respondeu o rotundo delegado.

– Desacato é trazer só isso para uma caçada na floresta! Vocês...

– Inquisidor, por favor, acalme-se – implorou Bhagwandas, afastando-o do local. – Não vai adiantar nada brigar desse jeito. Vamos manter a calma.

Dante deu dois passos para trás, frustrado. Ainda vestia as roupas sujas da madrugada e seu rosto transparecia seu cansaço e abatimento. Oliveira havia finalmente respondido ao chamado de Dante, mas aparentemente não o estava levando a sério caso pretendesse caçar Ephraim com apenas seis policiais. Pepe, que desde a noite anterior havia falado pouco, só se manifestou para concordar com Dante sem muita convicção. Aparentemente a experiência foi traumática o suficiente para quebrar seu espírito orgulhoso. Oliveira estava pedindo permissão ao excessivamente deprimido *barô* Miguel para cercar o perímetro da comunidade, que ele concordou com um aceno vago de cabeça. Depois de vociferar ordens a seus homens, o delegado voltou-se para Dante com um rosto furioso.

– Cuido de você daqui a pouco, paulista. Primeiro gostaria de conversar com Pepe.

O cigano concordou e caminhou desanimado na direção do delegado, que o guiou quase paternalmente até a casa de Miguel. Já o *barô* ficou parado no centro da praça, numa tristeza comovente. Bhagwandas se aproximou, tocando de leve seu ombro. O velho líder segurou com firmeza o pulso do *hippie*, apertando os lábios numa expressão de genuína dor.

– Ele era quase como um filho para mim, sabe? – confessou. – Não tive um herdeiro varão e aquele garoto era o que mais se aproximava disso. Tinha seus defeitos, como todos nós, mas era um rapaz de enorme coração. Seria, com certeza, um maravilhoso *barô* depois de minha morte. Por que isso tinha que acontecer?

– Não cabe a nós contestar os desígnios dos deuses, Miguel – consolou-o Bhagwandas. – Dimitri parecia ser um ótimo rapaz e tenho

certeza de que sua morte serviu para um bem maior. Só nos resta acreditar que ele está agora em um lugar melhor...

– Só nos resta a vingança – rosnou Dante, apenas para receber o olhar reprovador de Bhagwandas. Mas Miguel não se limitou a olhar:

– E quantos mais vão seguir Dimitri? Quantas pessoas mais terão que morrer para que deixemos o *mulô* em paz?

– Se depender de mim, isso acaba aqui. Por mim ia atrás dele agora mesmo!

– Não é uma tarefa para nós, inquisidor. Ephraim é uma entidade sobrenatural e deve ser tratada com soluções sobrenaturais.

– Sobrenatural é o diabo! – vociferou Dante. – Ele é tão humano quanto eu e você!

– Um humano que bebe sangue? Que retorna dos mortos e se torna invulnerável? Você mesmo disse que Dimitri enfiou uma faca nele e ele nem sentiu!

– Já vi coisas piores, Bhagwandas. Uma mente perturbada pode fazer coisas que você nem acreditaria. Ouça o que digo, esse Ephraim é apenas um maluco, um moleque desequilibrado que pirou totalmente depois que foi enterrado vivo. Há alguma coisa em sua fisiologia que não conhecemos, e é por isso que precisamos capturá-lo, estudá-lo, entendê-lo. O fato de não termos uma explicação para seu estado não o torna uma entidade sobrenatural!

– O que mais você precisa para acreditar, inquisidor? Você o viu duas vezes, viu o que ele fez com aquela galinha, o que fez com Dimitri. Por Shiva, você chegou até mesmo a falar com ele! Como explica sua pele, seus olhos, sua sede de sangue?

– Não explico.

– Arrá! – rejubilou-se o *hippie*. – Então nem tudo tem uma explicação racional para nosso querido inquisidor!

– Não, não tem! – retrucou Dante, alterado. – Mas não procuro explicar algo que não entendo com uma história de fadas ou deuses. Eu prefiro assumir minha ignorância a dar uma explicação esdrúxula e retardada!

– Calem a boca, vocês dois! – gritou Miguel. – Em vez de discutirem ideologias e sexo dos anjos, por que não pensam em algo prático para resolver essa crise? Dimitri morreu. E seu assassino está lá fora! Pode ser que ele seja um *mulô*, ou um *baital*, ou simplesmente Ephraim, como supõe Dante, mas precisamos evitar novas mortes.

– O *mulô* não matará mais ninguém – intrometeu-se uma senhora cigana, atrás de Miguel, que se voltou sobressaltado. – Ele já saciou sua sede de sangue.

– Por que diz isso, Alya? – perguntou Bhagwandas.

– Foi Dimitri que o matou – explicou a cigana. – Um *mulô* só vive tempo suficiente para consumir sua vingança. Agora que Dimitri está morto ele pode novamente adentrar no reino dos mortos.

– Eu avisei para o garoto não ir atrás dele! – culpou-se Miguel, visivelmente abalado.

– Isso não é o suficiente para mim – interrompeu Dante. – Como podemos ter certeza?

– Está escrito nas cartas – disse ela, simplesmente.

Dante soltou um sorriso sarcástico, mas Bhagwandas cutucou-o e o sorriso morreu. Era só o que faltava, contar com a clarividência de uma velha cigana e suas cartas amarrotadas. O que viria a seguir? Só poderiam capturá-lo quando Marte estivesse em conjunção com Vênus? Precisava se certificar que aquela aberração fosse capturada ou morta. Era a única maneira de encerrar aquela história de uma vez por todas.

Após alguns minutos, Oliveira reapareceu. Trazia Pepe, que caminhava cabisbaixo. Aproximaram-se deles. O delegado abriu um largo sorriso de satisfação.

– De acordo com Pepe, foi sua a ideia estúpida de entrar no mato no meio da noite, paulista. O que tem a dizer em sua defesa?

– Fui fazer seu trabalho, vossa excelência! – respondeu, cheio de sarcasmo. – Fui tentar resolver essa confusão por minha própria conta, já que vossa excelência se recusou a tirar o bundão da cadeira.

Oliveira pareceu se divertir com a atitude de Dante.

– Ah, senhor Dante, como eu gostaria de fazer você engolir essa sua arrogância. Mas não será necessário. Com as informações de Pepe tenho condições de caçar esse tal de Ephraim que vocês disseram e colocá-lo atrás das grades. Mas vou avisando: se não encontrá-lo, automaticamente meu primeiro suspeito pela morte de Dimitri será você, paulista. E para garantir que você não vá a lugar nenhum vou colocá-lo sob custódia enquanto estivermos fazendo a busca.

– Que absurdo! – indignou-se Dante. – Pepe. Você disse a ele o que viu? Disse a ele quem realmente matou Dimitri? Além do mais, quais as chances de você pegar o moleque nesse matagal apenas com meia dúzia de

policiais? Você está armando contra mim!

– Sou obrigado a concordar, senhor delegado – tentou colaborar Bhagwandas.

– Nesse momento eu sou a autoridade nessa pocilga e vocês vão me obedecer! – disse firmemente Oliveira, o dedo em riste. – Vocês dois aí – chamou, apontando dois policiais que estavam por perto. – Algemem-no ao poste central da cidade. Depois juntem o resto. Vamos atrás desse assassino. E reze para que o encontremos, paulista.

– Não tenha dúvida que estou torcendo por isso – desafiou Dante enquanto era preso ao poste.



O dia estava claro e sem nuvens. Miguel e Bhagwandas trouxeram cadeiras para sentar ao lado de Dante, que estava em uma posição extremamente desconfortável. Conversaram pouco, na expectativa pelo que iria acontecer. Bhagwandas era o que mais falava, contando histórias zenbudistas e discutindo o significado de cada uma com Miguel. O corpo de Dimitri estava sendo velado na casa do *barô*, mas ele mesmo evitou entrar no local. As mulheres da comunidade estavam preparando os ritos fúnebres e ele pouco poderia fazer para ajudar. O idoso líder era apenas uma sombra do seguro e confiante cigano da véspera.

Subitamente, Dante visualizou uma imensa coluna de fumaça na floresta, bem na direção do local onde supostamente Ephraim havia sido enterrado. Alertou seus companheiros, que se levantaram preocupados.

– Alguma coisa aconteceu... – disse Miguel, soturno. – E não é coisa boa.

No mesmo momento, Alya saiu de sua casa. Olhou na direção da coluna de fumaça e em seguida cuspiu no chão. Tocou os amuletos em seu peito enquanto murmurava algo ininteligível. Miguel chamou-a e perguntou aflito o que havia acontecido.

– *Le sos sonsi abela, pani o rebledani terela* – respondeu ela. – O destino está lançado, seja o nosso, seja o do delegado Oliveira, seja o de Ephraim. Fumaça negra no horizonte nunca é um bom augúrio. Temo pelo pior, Miguel. Temo por Mena.

Miguel benzeu-se e murmurou algumas palavras em sua língua. Aparentemente essas pessoas levavam mesmo a sério as previsões das

cartomantes, avaliou Dante, tanto que Miguel respirou fundo, numa frustrada tentativa de manter o controle das emoções que afloravam em seu cansado coração.

– Tenho convicção de que ela está bem, Miguel – tentou consolá-lo Bhagwandas. Em vez de responder, Miguel jogou-se de volta à cadeira com o olhar vazio. Tanto Dante quanto Bhagwandas sabiam que nada do que dissessem seria capaz de animar o velho *barô*, por isso calaram-se.



Algumas horas mais tarde, os policiais retornaram. Dois deles puxavam uma maca rústica, feita de troncos, cipós e folhas. Sobre ela estava o corpo sem vida de Mena. Miguel não conteve as lágrimas quando a viu. Alya correu para ampará-lo, mas não sem antes gritar para dois garotos que tomassem a maca dos policiais. Carregaram o corpo para perto do *barô*.

– Como aconteceu? – murmurou ele, com um fiapo de voz.

– A encontramos desse jeito – explicou Oliveira, sem emoção. – Aparentemente morreu no meio da noite, de ataque cardíaco. Ao seu lado havia uma grande fogueira. Dentro da fogueira havia outro corpo, que imaginamos ser do tal Ephraim. Apagamos as chamas e recuperamos o que restava do corpo, que não é muito. Estavam ao lado de um tipo de sepultura. Pelo jeito era lá que o garoto dormia, pois estava parcialmente coberta com galhos e folhas.

– O destino de ambos foi finalmente cumprido, como estava escrito – disse Alya. – Mena e Ephraim finalmente estão livres, meu irmão. E isso é uma coisa boa, apesar de tudo. Acabou, Miguel, acabou.

As palavras de Alya abalaram profundamente o *barô*, que foi tomado por um choro descontrolado. Oliveira pediu que os garotos retirassem de lá o corpo e ordenou que soltassem Dante.

– Não tenho nada contra você, paulista, mas preferia que essa história morresse aqui. Já chega disso, não acha? Já vimos muitas mortes nesses dias. No que depender de mim o caso está encerrado. O garoto se matou depois que se vingou e viu a avó morta. Ponto final. Está livre para voltar para casa.

Dante se sentiu obrigado a concordar. Mesmo que houvesse alguma dúvida, o clima de consternação era tão grande que não havia como fazer perguntas sem desrespeitar o luto, por isso ele se calou.



Mais tarde, enquanto caminhavam empurrando suas bicicletas após deixarem o acampamento cigano, Dante e Bhagwandas conversaram a respeito dos acontecimentos, tentando tirar alguma lição daquela tragédia sem sentido. Quantas mortes, quanta tristeza, e por quê, pra quê? Bhagwandas desfiou um longo discurso sobre *karma* e predestinação, que Dante tentou educadamente contradizer, mas era impossível argumentar, pois dependia de algo que há muito tempo não possuía: fé.

– Só tem uma coisa que me incomoda nessa história – levantou a bola Dante, interrompendo uma explicação esotérica de Bhagwandas.

– Você é o inquisidor e só tem uma dúvida? Isso é um bom sinal.

– Bom, na verdade, tenho milhares de dúvidas, mas no momento tem uma que me incomoda mais.

– E o que é?

– A concepção de Ephraim. O que violentou sua mãe e deu origem a algo tão deformado? E que a deixou no estado que ficou?

– É uma boa pergunta, inquisidor, mas infelizmente creio que não haja uma resposta satisfatória. Nem mesmo seus parentes e amigos conseguiram descobrir o que acontecera naquela noite.

– É, eu sei, e é por isso que fiquei com uma pulga atrás da orelha. Meu palpite é que havia algo no estuprador que lembrava muito a fisionomia de Ephraim, pois foi só quando Katina o vislumbrou pela primeira vez de modo consciente que ela perdeu completamente a sanidade e se matou.

– É uma perspectiva assustadora...

– Hein? Por quê? – perguntou Dante despertando de suas divagações.

– Isso quer dizer que pode haver outro Ephraim solto por aí. E que seu estado é contagioso. E hereditário.

Dante parou ao ouvir a conclusão extremamente racional e lógica de Bhagwandas. Era realmente uma perspectiva assustadora!

– Acho que Alya estava errada, no final das contas – continuou Bhagwandas, olhando para o céu. – Ainda não acabou, não é mesmo, inquisidor?

Parte 3

– ... e foi isso. Acordei de manhã cedo em sua cama, completamente vestida, acompanhada apenas por um bilhete dizendo que ele havia ido trabalhar.

– Mas não aconteceu nada? – assombrou-se artificialmente Tamara. – Vocês foram dormir e pronto?

– Bom, eu dormi – continuou Eva, olhando as próprias mãos sobre o balcão. – Ele até foi deitar comigo, mas acho que não pregou os olhos a noite toda. A casa estava toda arrumada quando acordei. Acho que ficou fazendo faxina enquanto eu dormia.

Tamara remexeu a bolsa até retirar de lá um cigarro fino, que botou na boca e acendeu com um isqueiro.

– Como você dorme numa oportunidade dessas? – zombou a mulata, assoprando a fumaça. – O cara tava numa puta energia e você desmaiada? Que desperdício...

– Eu estava um bagaço só – justificou-se a loira, dando em seguida um gole em sua vodka. – Duas noites sem dormir. Fora o estresse. Ele passou o dia em coma e acordou mais agitado que o normal, mas minha bateria tinha arriado. Dormi como um bebê.

Tamara riu alto.

– Evita, Evita, você não existe! Consegue passar um final de semana inteiro de hospital em hospital com o cara e nem dá umazinha pra relaxar? Assim ele vai te esquecer rapidinho e voltar para aquela sem graça que ele trouxe a outra noite. Ou para a chata da esposa. Homem assim só se segura na cama.

Eva tomou mais um gole, que desceu como catarro em sua garganta. Sabia que Tamara tinha razão, caso pensasse em Ian como uma de suas conquistas sexuais. Mas a certeza se esvaía quando pensava na relação que ambos tinham tido nos poucos dias de contato. Sabia que Ian não seria mesquinho e superficial a ponto de sustentar um relacionamento apenas se baseando em sexo. Mas também sabia que seu julgamento a esse respeito poderia estar sendo nublado por seus sentimentos. Em casos como aquele ela normalmente tomava as rédeas da relação. Havia sido daquela maneira desde a morte de Ricardo. Em todos os seus casos foi ela quem deu os sinais verde

e vermelho nas relações. Chegou até a deixar alguns corações partidos no caminho, mas nunca deixou de lucrar com cada um deles. Agora ela se sentia perdida numa rede de inseguranças e incertezas que não sabia se queria se soltar. Era uma encruzilhada. E sua vida poderia se transformar completamente dependendo da direção que tomaria. Era a perspectiva dessa mudança que a estava mortificando mais. Gostava de ser Eva Bueno, a Devoradora de Homens, a Rainha da Noite, mas sabia que teria que abrir mão daquele papel caso quisesse embarcar em uma relação duradoura com Ian, o autêntico príncipe encantado de Elvira.

– Nossa, Gata Borrallheira, perdeu o sapatinho? – perguntou ironicamente Ramiro, que se aproximou sorrateiramente de Tamara, enlaçando-a pela cintura. A mulata riu com o gracejo, colocando a mão direita sobre seu ombro.

– Está mais para Bela Adormecida, Radu – respondeu Tamara, ainda rindo. – Ou então Princesa Coito Interrompido.

– O que foi, minha querida? – perguntou Ramiro, segurando em sua mão. – Ele te magoou?

Tamara quase caiu na gargalhada, mas se controlou assim que viu os severos olhos de Ramiro sobre ela, repreendendo-a silenciosamente. Pelo jeito ele estava falando sério.

– Não, Radu, não é isso. É que, bom, deu tudo errado...

– A vida não é um conto de fadas, minha querida. Imagino que você saiba isso melhor do que eu. Ian teve um final de semana atribulado e você acabou sendo envolvida em seu turbilhão. Era esperar demais que tudo saísse às mil maravilhas...

Tamara suspirou.

– Ai, que papo chato! Na verdade, tudo aqui está um saco! Por que você insiste em abrir a casa às segundas, Radu?

Ramiro lançou um olhar impaciente para a mulata, mas não a repreendeu pela intromissão. M vez disso, continuou a conversar com Eva.

– Vejo pelos seus olhos que você nutre algum sentimento por esse rapaz, não é verdade? Isso é ótimo, Eva, é maravilhoso. Dê mais uma chance a ele. Tenho certeza de que tudo vai dar certo.

O que era aquilo? Até poucos dias, Ramiro era um insensível, um escroto que não medira esforços para sacanear Eva. E agora estava lá, dando uma de conselheiro sentimental. Mas não deixava de ser uma grata surpresa, no final das contas. E por que não? Realmente sentia algo por Ian. Talvez

fosse amor. Ramiro tinha razão, ainda não estava tudo perdido. Precisava telefonar para Ian, ver como ele estava, arrumar uma desculpa para sair de lá naquela noite. As segundas eram os dias mais parados da semana no *Vrykolakas*. Eram as “noites da comunidade”, como Ramiro as denominava, pois normalmente apenas seus amigos apareciam. Toda a agitação do final de semana era substituída por um maçante clima de boteco. As luzes permaneciam acesas e o som ambiente ficava nas mãos de algum moleque que tentava provar sua competência para o dono da casa, normalmente fazendo alguma discotecagem desengonçada e irritante. Mas sentia-se desconfortável em pedir a Radu outra folga, mesmo numa segunda-feira. Já havia desaparecido no sábado e no domingo e precisava do pagamento que a casa dava, mesmo estando completamente desencantada com o trabalho. Ainda que estivesse de certo modo bem financeiramente, Eva ainda precisava de uma boa quantidade de dinheiro para sustentar seu padrão de vida. Isso, é claro, enquanto o lance com a *Night Glam* não deslanchasse. Havia recebido um telefonema de um tal de Marques logo de manhã e acertado com ele os primeiros detalhes do esquema que realizariam. Passou a tarde inteira tirando fotos, que de acordo com ele seriam incluídas em revistas de fofocas, algumas delas concorrentes diretas da própria *Night Glam*. Até mesmo engoliu a raiva quando descobriu que seria fotografada pelo mesmo rapaz ruivo que a havia flagrado anteriormente, pois sabia que não ganharia nada criando um caso. Marques também garantiu que em breve seria novamente contatada por Dante, que seria “o responsável em transformá-la em uma estrela”.

O único ponto que pegava naquela história era a condição imposta por Marques: deveria, a todo custo, manter o caso com o senador. Quando ouviu a imposição Eva se arrepiou inteira. Será que ainda conseguiria investir naquela relação? O velho já estava começando a dar sinais de desgaste. E a entrada de Ian na história não ajudava em nada. Tinha que tomar uma decisão a respeito, mas, tal qual uma viciada, não estava apta a abrir mão nem da oportunidade de estrelato, nem do amor de Ian. Teria que se desdobrar para manter os dois, se fosse possível. Para isso teria que enterrar novamente a teimosa Elvira e deixar Eva no controle total.

– Olha, pra mim chega – disse Tamara, erguendo-se. – Radu, sinto muito, mas esse marasmo todo e esse papo de menina já deu no saco. Tenho uma ideia: que tal se fôssemos todos até em casa? Aí ouvimos um som, tomamos um porre, fumamos um baseadinho, esticamos uma carreirinha...

Eva, você pode chamar o Ian, se quiser. Com certeza vai ser mais animado que ficar aqui nessa chatice.

Eva se empolgou com a sugestão da colega. Realmente seria a desculpa ideal para reencontrar Ian, numa situação completamente diferente. Quem sabe daquela vez não conseguiria se acertar com ele?

– Podem ir – cedeu Ramiro. – Eu ia mesmo sugerir que encerrássemos por hoje. Mas infelizmente não poderei comparecer a esse seu evento pois preciso resolver alguns problemas no escritório. Além disso estou um pouco cansado para festas. Mas o resto do pessoal está liberado, se for o caso.

– Vou avisar todo mundo. Eva, liga agora mesmo pro Ian!

A loira sorriu, completamente envolvida com a agitação de Tamara. Abriu a bolsa. Ao mesmo tempo seu celular tocou. Pegou-o apenas para desanimar-se novamente, pois o mostrador piscava o nome do senador. Infelizmente, Ian teria que esperar um pouco, já que não podia esnobar novamente o velho. Suspirando, tratou de vestir sua personagem antes de atender. Mas não sem antes se afastar dos olhares indiscretos de Radu.

Ian acordou sobressaltado. Levou alguns segundos para lembrar que estava em sua cama, em sua casa, não em algum outro lugar fantástico que estivera sonhando, mas que agora já não recordava mais. Sentou-se na cama e esfregou ambas as mãos no rosto, espantando a preguiça do sono. O cômodo estava mergulhado na escuridão mas, como das outras vezes, ele conseguia enxergar perfeitamente bem naquelas condições. Aquilo não mais lhe causava estranheza, sendo que começava a se habituar com a nova habilidade. Com os pés puxou os sapatos que estavam ao lado da cama e calçou-os. Dirigiu-se ao banheiro. Sem acender as luzes levantou a tampa do vaso e urinou bastante, chegando até mesmo a suspirar ao final, num alívio exacerbado. Puxou a descarga e se dirigiu à pia, onde lavou as mãos e o rosto. Enquanto se enxugava sentiu o estômago roncar. Finalmente se dera conta do quanto dormira. Fora se deitar logo após o almoço e agora já era noite. Saiu do banheiro e olhou para o radiorrelógio ao lado de sua cama, cujo mostrador luminescente indicava exatamente onze e quarenta e dois. Não era de admirar que estivesse com tanta fome.

Dirigiu-se para a cozinha, disposto a pegar qualquer coisa digerível para aplacar aquela angústia. Seu estômago se remoía, roncando alto, chegando até mesmo a doer. Abriu o armário de cima da pia e de lá tirou um pacote de bolachas recheadas. Colocou duas na boca. Enquanto as mastigava abriu a geladeira. Apertou o botão interno para que a luz se apagasse e começou a vasculhar o seu conteúdo. Havia pouca coisa lá. E a maioria precisava ser aquecida ou preparada de alguma forma. Bateu a porta, colocando mais uma bolacha na boca, mais por impulso do que por vontade, pois não era realmente daquilo que ele estava precisando. Estava com uma vontade absurda de comer um enorme bife grelhado, malpassado e temperado apenas com sal grosso.

Tomado por um frenesi jogou o pacote de bolachas aberto em cima da pia e foi até a mesa da sala, onde pegou o celular, a carteira e a chave do carro. Dirigiu-se para a porta, que escancarou ruidosamente antes de sair, batendo-a em seguida. Não estava com paciência para esperar o elevador então desceu os cinco andares de escada mesmo, correndo como um louco. Quase trombou em uma senhora quando chegou no térreo. Mais um lance e

estava no subsolo. Lá pegou o carro e subiu a rampa de saída cantando os pneus. Já na rua tentou se lembrar de alguma churrascaria na região. Era segunda-feira, então havia poucas chances de encontrar alguma aberta a uma hora daquelas. Mesmo assim, lembrou-se de uma lanchonete perto da casa de Cláudia que, ele sabia, ficava aberta até mais tarde. A lembrança do *cheeseburger* de picanha do local foi suficiente para que ele salivasse, então tocou rapidamente para lá, chegando até mesmo a passar por diversos sinais vermelhos. Não se importou com o risco de ser multado, tamanha era sua necessidade de comida.

Estacionou o carro de qualquer jeito na rua e correu para dentro da lanchonete, sentando-se em uma banquetta livre no balcão. Recusou o cardápio que lhe foi oferecido. Pediu pelo *cheeseburger*, especificando que o queria malpassado. E com ovo. E presunto, *cheddar* e cebola grelhada. E rápido!

O balconista olhou para ele um pouco assustado, mas mesmo assim anotou o pedido, que repassou para a cozinha por uma pequena janela na parede atrás do balcão, tocando um sinete em seguida. Ian antecipou a próxima pergunta e pediu uma coca-cola.

– Êita larica desgramada – comentou divertido um garoto, que estava na banquetta vizinha à sua. Era um rapaz de pouco mais de dezesseis anos, vestindo roupas largas e boné surrado. Aparentemente era entregador da lanchonete. Estava terminando um lanche, dando a última mordida logo após o comentário. – Tô, mano, pega umas batata que eu tô à pampa. Parece que cê tá precisando mais que eu. Que foi? Passou a tarde empinando pipa no ventilador?

Ian observou o rapaz fazer um gesto simulando fumar um baseado e o ignorou, puxando o prato com fritas para perto de si e colocando algumas na boca.

– Ave-maria, o bagulho era da hora, né não? – murmurou o rapaz. – Sobrou uma ponta?

Ian sacudiu a cabeça, negando. Pouco lhe interessava que aquele moleque pensava, contanto que Ian comesse. E as batatas estavam deliciosas, mesmo estando um pouco frias. Ian encheu a boca de tal maneira que ficava até difícil de mastigar, mas só parou quando não havia mais nenhuma batata no prato. Terminou de mastigar o bolo que havia se formado em sua boca e tomou um gole do refrigerante, que desceu rasgando em sua garganta. Debruçou em seguida sobre o balcão, disfarçando um arroteo o melhor que

pôde. As batatas haviam dado algum alívio, mas mesmo assim seu estômago ainda doía, e o cheiro de fritura que emanava da cozinha não estava ajudando nada.

– Ô Messias – disse o garoto para o balconista. – Diz pros cara não embaçar, que o mano aqui tá na noia.

Olhando para o garoto, Ian percebeu que ele se divertia com sua angústia. Aquilo o enervou um pouco, mas não conseguia pensar em nada que não fosse comida no momento. Felizmente o apelo do garoto foi atendido, e o sanduíche ficou pronto rapidamente. Mas quando o balconista se dirigia para entregá-lo a Ian o telefone tocou e ele foi atender, deixando o prato com o sanduíche fumegante e delicioso na janela da cozinha. Angustiado, Ian bateu com o punho cerrado no balcão, mas Messias ignorou seu gesto e continuou conversando ao telefone.

– Calma, mano, eu pego procê – disse o garoto, abrindo a portinhola do balcão e pegando o sanduíche, que colocou em seguida em sua frente. Sem nem mesmo agradecer, Ian rasgou o saco de papel que envolvia o sanduíche e deu uma enorme dentada, quase o desmontando em seu frenesi. Só sossegou quando finalmente mastigou a carne misturada com o pão e o resto. Aquele era sem dúvida o melhor sanduíche que comera em toda sua vida. Cada bocado descia por sua garganta como uma onda de alívio tremenda, acompanhada de uma imensa alegria e de um prazer quase sexual.

– Ô Messias – disse novamente o garoto ao ver a expressão de Ian. – Chama mais um pro mano aqui, que esse já era.



Terminada a refeição Ian saiu da lanchonete e retornou ao carro. Seu primeiro impulso foi voltar para casa, mas mudou de ideia antes mesmo de colocar a chave no contato. O que iria fazer lá? Estava completamente sem sono. E temia que o tédio pudesse ser pior em seu estado atual, por isso preferiu se concentrar em encontrar algo para fazer.

Mas fazer o quê numa segunda-feira fria? A maioria dos bares e casas noturnas devia estar fechada. Mesmo os que estivessem abertos teriam um movimento extremamente fraco à uma hora daquelas, o que tornaria o programa ainda mais depressivo que assistir televisão a madrugada toda.

Subitamente lembrou-se de Eva. Sacou o celular, digitando os números de cabeça. Sempre fora bom para guardar números, apesar de ser

péssimo em matemática. Tocou duas vezes antes de cair na caixa-postal, o que significava que ela provavelmente estava ocupada demais para atender. Mas o que ela estaria fazendo uma hora daquelas? “É claro, o *Vrykolakas!*”, deduziu, avaliando que sem sombra de dúvidas seria a melhor opção naquela noite, caso estivesse aberto. Jogou o celular no banco do passageiro e ligou o carro. Rapidamente mapeou na mente a melhor rota para chegar lá e pôs-se a caminho.

A noite, apesar de estar bastante fria devido à estação, estava agradavelmente promissora. Ian fez questão de passar por avenidas normalmente movimentadas e badaladas nos finais de semana, numa última tentativa de, quem sabe, encontrar um carro lotado de modelos ninfomaníacas carentes. Mas as chances de aquilo acontecer estavam bem próximas do nulo. Manteve a janela aberta e o som alto, não para chamar a atenção, mas por puro prazer de sentir o vento gelado no rosto enquanto cantava animado um maravilhoso rock clássico que algum DJ inspirado havia escolhido para transmitir na rádio. Sentia-se um adolescente novamente. Era uma sensação inebriante, magnífica e imensamente bem-vinda. Sua transição da inconsequente juventude para a responsável maturidade havia sido muito abrupta, roubando dele a oportunidade de ao menos se despedir devidamente daquela vida que tanto amava. Aquele havia sido um dos principais motivos de sua decisão de se divorciar de Cláudia, mesmo penalizando sua filha no processo. Sabia que estava ficando muito velho para aquilo, mas naquele exato momento pouco importava. Era novamente o irresponsável e incontrolável Ian que gostava de ser, não o executivo e pai de família formatado pela vida adulta que havia se tornado a contragosto. Estava novamente fazendo sua história, não apenas narrando-a com nostalgia em *happy-hours* da empresa.

O trajeto até o centro foi relativamente rápido, visto que àquela hora já quase não havia mais trânsito. Quando chegou esticou a cabeça fora da janela, certificando-se de que o local estava aberto. Estacionou o carro na rua mesmo. O segurança na porta do *Vrykolakas* abriu passagem assim que ele mostrou o cartão VIP, que felizmente Ian havia mantido na carteira. Rapidamente se dirigiu ao quintal através do túnel escuro que estava aparentemente abandonado. A visão do quintal completamente vazio arrefeceu um pouco a sua empolgação, mas ele deduziu que, devido ao frio do lado de fora, todos estariam no interior da casa. Se dirigiu à entrada, onde subiu as escadas com passadas largas, de dois em dois degraus. Ao chegar na

pista nova decepção. As luzes do teto estavam todas acesas, mas a casa estava abandonada. Nenhuma música tocava nas imensas caixas acústicas. Esperançoso, esticou o pescoço para a escada que dava acesso à área VIP, mas ela estava bloqueada por uma corrente fina. Dirigiu-se naquela direção, mas interrompeu o movimento subitamente quando ouviu um barulho vindo do balcão do bar às suas costas. Voltou-se na direção do ruído apenas para descobrir Ramiro olhando em sua direção, com uma expressão amigável.

– Ian! – exclamou, abrindo os braços e cumprimentando-o calorosamente. – Meu querido, isso são horas? E aí, como está sua saúde?

– Estou ótimo. Fui ao médico hoje, pois tenho sentido alguns sintomas estranhos. Sabe como é, tiraram meu sangue, um monte de perguntas, essas coisas...

– Virose ou estresse?

– Os dois! – respondeu Ian, rindo. – Como descobriu?

– Eles sempre arriscam um desses dois palpites quando não sabem o que você tem. Hoje em dia tudo é virose ou estresse. É a resposta-padrão. Acho que eles se sentem obrigados a dar algum tipo de explicação, por mais esdrúxula que seja, para ao menos justificar sua preocupação. Fique tranquilo, você provavelmente não tem nada.

– Estou realmente me sentindo ótimo. É por isso que estou aqui, mas acho que perdi a noite...

– Aqui sim, infelizmente. Mas talvez eu possa sugerir que vá até a casa de Eva. Ela e Tamara estão fazendo uma reuniãozinha informal com alguns amigos. Todos os meus funcionários e até mesmo alguns clientes estão lá neste momento. Eva não ligou para você avisando?

Ian sacudiu a cabeça.

– Talvez ela não tenha conseguido – concluiu Ramiro. – Mas recomendo que você apareça. Tenho certeza que ela ficará extremamente feliz com sua presença...

– E você? Está indo pra lá?

– Infelizmente não. Tenho alguns assuntos para tratar e quero ver se descanso um pouco esta noite, pois o final de semana foi bem cansativo. Mas isso não importa. Por que você não vai para lá?

– Não sei, acho que se ela quisesse que eu aparecesse teria me chamado...

Ramiro abriu um imenso sorriso, abraçando-o de forma camarada, delicadamente encaminhando-o para a saída.

– Ian, meu querido, você se esqueceu de nossa conversa no outro dia? Seja um predador, vá atrás de sua presa e não desista até conseguir. Não tenha medo, Eva está caidinha por você. Tenho certeza absoluta de que, se você aparecer lá, esta segunda-feira morta se transformará numa excelente noite de caça.

Ian avaliou os argumentos de Ramiro. No fundo ele tinha razão. A noite estava realmente morta. E mesmo que a festa na casa de Eva não resultasse em nada pelo menos ele iria se entreter de alguma forma, nem que fosse tomando um simples porre. E a perspectiva de que pudesse passar a noite com Eva não era de nenhum modo desagradável.

– Tá certo, Radu, eu vou. Por que não? Dormi o dia inteiro e é a minha última esperança de escapar do famigerado Corujão. Tem certeza que não quer ir junto?

– Tenho, meu querido. Vá atrás de sua presa.



Quando chegou ao apartamento de Eva Ian sentiu uma pontada em seu estômago. Nada demais, apenas um ligeiro incômodo, mas que não cedeu imediatamente. Respirou fundo, tentando ignorar a dor. Tocou a campainha. Após alguns momentos, a porta se abriu e Tamara o recebeu com um sorriso. Sentiu o cheiro forte de maconha no ambiente assim que entrou pela porta e apenas isso foi o suficiente para fazê-lo esquecer imediatamente da dor que sentia. A noite prometia.

– Olha quem está aqui! – gritou Tamara para os presentes, que imediatamente o cumprimentaram, apesar de Ian não reconhecer ninguém. – Eva! Eva! Olha quem chegou!

A loira estava na janela. Assim que viu Ian passou o baseado que estava fumando para um rapaz que estava ao seu lado e caminhou meio desajeitada em sua direção. Abraçou-o e beijou seus lábios. Seus olhos estavam semicerrados e vermelhos por causa da erva que estivera fumando. Em seu rosto estava estampado um sorriso levemente estúpido.

– Ian, que bom que você chegou...

Por alguma razão o estado de Eva arrefeceu os ânimos de Ian. Era a mesma mulher, com o mesmo corpo maravilhoso, mas naquele estado ela realmente não acendia o seu desejo. Logo que pode se desvencilhou do abraço, indo até um sofá sentar-se. Eva se aconchegou ao seu lado. Tamara

trouxe uma garrafa de uísque e um copo e serviu-o. Diferentemente de Eva, Tamara estava majestosa, soberana, completamente dona da situação. Seus olhos também estavam um pouco avermelhados, mas aparentemente estava sob controle, muito mais convidativa do que a chapada Eva ao seu lado.

Mas Ian tinha outras preocupações no momento. Assim que tomou o primeiro gole do uísque sentiu que a desagradável pontada em seu estômago subitamente aumentara. Era como se estivessem enfiando uma lança incandescente em suas tripas, fazendo-o se encurvar, incapaz até mesmo de gritar. Respirou fundo, esforçando-se para se recompor e controlar aquela dor angustiante, mas foi em vão.

– Meu amor, você está legal? – perguntou Eva, um pouco assustada, mas sem tirar o sorriso estúpido da cara. – Não vai começar de novo com essa história, que essa noite eu não estou a fim de ir pro hospital, entendeu?

Ian empurrou a loira para o lado e ela saiu de perto, falando alguma bobagem sem sentido. Não tinha tempo para se preocupar com ela. Estava em agonia, a dor crescendo de tal maneira que rapidamente se espalhou por todo o corpo. Apertou o estômago com a mão, como se aquele gesto pudesse simplesmente arrancar a causa daquela tortura. O que estava acontecendo com ele?

– Vem Ian, você está precisando de um ar – disse Tamara, ajudando-o a se erguer. Sem forças para reagir, Ian deixou-se levar pela mulata, que guiou-o para a varanda. Lá chegando expulsou um casal que estava lá conversando e apoiou-o na amurada. Com efeito o ar fresco e livre da fumaça de maconha serviu para amenizar seu sofrimento. Infelizmente o alívio durou apenas alguns momentos. Sentiu o estômago se contorcer numa cólica fortíssima que o obrigou a sentar no chão. Suas mãos tremiam, suas juntas doíam e sua cabeça ribombava como se fosse um imenso gongo. Queria falar, pedir ajuda, mas não conseguia armazenar fôlego para tanto. Apenas gemer era um esforço indescritível. Tamara se limitava a observá-lo em sua angústia. Por que ela não chamava uma ambulância? Ele precisava ir a um hospital, descobrir o que era aquilo, e não simplesmente ficar agonizando daquela maneira. Ian engasgou e tossiu, e cada tosse era como se a lança incandescente em sua barriga girasse impiedosamente alguns graus.

– Me ajude... – conseguiu dizer, com um fio de voz.

– Você está bem, Ian, não se preocupe. Fica sossegado que daqui a pouco passa... Ai! Merda!

Ian arregalou os olhos com o grito de Tamara. Percebeu que ela havia acidentalmente quebrado sua taça de vinho na mão, o vidro estilhaçado abrindo um pequeno corte que imediatamente começou a sangrar. Aquela visão tomou de assalto os sentidos de Ian, transtornando-o completamente. Chegou até mesmo a sentir o cheiro adocicado do sangue que escorria pela mão da mulata. Sua boca se encheu de saliva azeda e ácida. Precisava daquilo! Não sabia por que, mas precisava. E já! Tamara fez um beicinho como uma criança magoada.

– Fiz um dodói – disse ela, com uma voz infantil. – Dá um beijinho pra sarar?

Assim que ela estendeu a mão na direção de seu rosto, Ian sentiu uma onda de choque percorrer seu corpo. Seus braços e mãos se moveram quase que automaticamente, agarrando com força o braço de Tamara enquanto levava sua boca em direção ao ferimento. Assim que tocou os lábios no líquido quente sentiu um arrepio no maxilar e na nuca, um prazer indescritível. Foi como se cada gota que penetrasse sua boca trouxesse junto uma carga elétrica branda, mas não dolorosa. Era mágica, envolvente. Imediatamente sentiu que a dor em seu estômago cedia a níveis um pouco mais toleráveis.

– Isso, com calma – disse Tamara, aparentemente apreciando ser sugada daquela maneira. – Não está se sentindo melhor?

Mas quando achava que aquilo finalmente iria curá-lo completamente a fonte secou. O corte era superficial e o sangue não escorria com a vazão necessária para saciar sua vontade. Ele precisava de mais, muito mais, pois sabia que assim que retirasse a boca da ferida seria novamente acometido pela dor. Não poderia suportar aquilo outra vez. Sentiu-se tentado a morder a carne macia da mão de Tamara, mas antes que realizasse seu intento seus ouvidos foram invadidos por um grito agudo, que o despertou de seu devaneio. Eva havia chegado na varanda e presenciado a cena que se desenrolava entre ele e Tamara.

– Sua vagabunda! – gritou ela para a mulata, descontrolada. – Sua piranha!

Tamara imediatamente puxou de volta a mão e ergueu-se.

– Calma, Evita, não é nada disso...

– Cala a boca! – berrou novamente Eva. – Eu sei o que vi. Não sou tonta! Você está dando em cima dele!

Naquele momento, todos os presentes na festa se aglomeravam para

testemunhar o barraco das anfitriãs. Alguns até chegaram a tentar acalmar Eva, mas ela estava descontrolada, se descabelando de fúria. Isso fez Ian perder a paciência. A dor em seu estômago havia aliviado o bastante para que ele se erguesse, mas não tinha a menor intenção de participar daquela cena deprimente. Além do mais, sua mente havia clareado o suficiente para que se desse conta do que acabara de acontecer entre ele e Tamara. A lembrança o revoltou de tal maneira que só pensava em sair daquele lugar. Tentou abrir passagem entre os convidados, mas a discussão entre Eva e Tamara tomara proporções quase incontroláveis. Eva não havia partido ainda para a agressão franca apenas por causa de dois rapazes que a continham, mas havia pouca esperança de que a briga fosse resolvida tão cedo. Tentou sair dali abrindo espaço no aglomerado de pessoas que se amontoavam na porta da varanda. Mas assim que Eva viu que ele tentava escapar desviou sua atenção da mulata e colocou-se à sua frente.

– Aonde você pensa que vai? – gritou ela, apontando o dedo no rosto de Ian. – Você não sai daqui enquanto não explicar direitinho essa história!

Era só o que faltava! Não reconhecia mais a mulher à sua frente. Era apenas uma maluca, uma drogada histérica e ciumenta, que estava cobrando satisfações dele como se fosse sua namorada! Ian sentiu o sangue ferver e isso apenas serviu para que sua dor abdominal retornasse. Levou a mão ao estômago, apertando com força, mas sabia que aquilo não adiantaria. A voz estridente e irritante de Eva ecoava sem sentido em seu cérebro. Por pouco ele não desmaiou ali mesmo. Apoiou-se no batente da porta da sacada, empurrou Eva para o lado e abriu espaço no grupo que observava, dando passos largos na direção da porta. Precisava sair dali imediatamente ou então não conseguiria se controlar e faria alguma bobagem. Precisava fugir daquele inferno!

Quando chegou na porta, escancarou-a com força e saiu. Felizmente o elevador ainda estava lá. Se jogou para dentro e apertou o botão do térreo. Antes que partisse, ainda ouviu a voz aguda de Eva chamando-o, mas já era tarde.

Dante esfregou os olhos remelentos enquanto o elevador subia lentamente. Estava mais cansado que o habitual, parte devido aos recentes acontecimentos, parte pelo fato de estar voltando ao trabalho que já não o instigava mais. O sentimento de frustração se apossou dele desde que havia posto os pés na rodoviária, após a cansativa viagem de ônibus de Resende a São Paulo. Não conseguiu pregar os olhos durante todo o trajeto, a mente fervilhando de ideias e possibilidades que explicassem o mistério de Ephraim, sem conseguir encontrar algo que respondesse a contento aquela história macabra.

O retorno à realidade após tudo que havia acontecido no final de semana caiu como um balde de água gelada em sua cabeça. Infelizmente teve que deixar a investigação de lado para cuidar das desagradáveis obrigações com relação ao funeral de Jonas. Havia passado a segunda-feira inteira cuidando de papeladas e procedimentos burocráticos, que ele sabia serem necessários, mas mesmo assim maçantes e dispendiosos.

O elevador desacelerou quando chegou finalmente no andar em que ficava a redação da *Night Glam*. Com certa relutância Dante dirigiu-se à recepção. Avaliou em seu íntimo que aquele era o último lugar em que gostaria de estar naquele momento, mas sabia que não podia simplesmente virar as costas, então respirou fundo e abriu a porta de vidro. Como sempre, Marques o interceptou já na recepção. Disparou seus habituais comentários desnecessários, temperados com seu irritante sotaque, e imediatamente mandou que fosse atrás de Eva. Havia agendado uma entrevista para aquela tarde. Falou mais um monte de outras coisas antes de retornar à sua sala, que a mente cansada de Dante pouco assimilou. Marcelo se aproximou, com seu enervante sorriso de moleque atrevido, e logo em seguida ambos saíram do prédio.

No carro Dante permaneceu mudo, enquanto o garoto tagarelava comentários imbecis. O rádio tocava uma irritante música *dance*, estilo preferido de Marcelo, mas nem aquilo conseguiu arrancar uma reação de Dante. Sem opções de diálogo o garoto logo se calou e ambos rodaram pelas ruas em um silêncio desconfortável.

“O que estou fazendo de minha vida?”, pensou Dante, melancólico.

Odiava seu trabalho, seus colegas, seu chefe. Odiava ter que fazer algo que não mais lhe interessava. Odiava ter que se submeter àquela humilhação apenas para conseguir alguns míseros trocados, que seriam torrados num casamento que ele não queria. Amava Luana, mas simplesmente não queria se casar. Será que era muito difícil para ela entender aquilo? Por dois dias, durante as investigações em Mauá, ele se sentiu vivo, útil, capaz de fazer alguma diferença. Agora estava de volta à sua realidade boçal e desgastante, numa cidade desgraçada de imundície e podridão. E por que não virava a mesa? Por que não ia atrás de sua própria vida? Onde estava a coragem de que ele tanto se orgulhava? No fundo era apenas mais um fracassado, frustrado e amargurado com a própria vida, sem coragem para seguir os próprios sonhos.

Marcelo estacionou o carro na frente do prédio de Eva e ambos saíram. O apartamento de Eva era grande, bonito e bem decorado. Estimou que era pelo menos três vezes maior que o seu e aquilo apenas serviu para irritá-lo ainda mais. Eva os recebeu com um sorriso forçado, pedindo desculpas pela bagunça como uma tia velha do interior, o que não casava com seu visual de puta chique. Era só mais uma bunda, conformou-se Dante, uma menina que não teria nenhum atrativo caso fossem retiradas as camadas e camadas de produção. Mas aquela era a realidade da grande maioria das celebridades, então por que se preocupava tanto em julgá-la pela aparência? Depois da invenção da edição de fotos por computador, qualquer baranga virava mulherão.

A entrevista se desenrolou de forma pouco natural. Eva jogava os cabelos de um lado a outro, preocupando-se exageradamente com a posição que estava sentava, pois Marcelo não parava de fotografá-la. Dante entabulou as perguntas de praxe, que Eva respondia com uma enxurrada de abobrinhas sem valor ou sentido lógico. Só de sacanagem, perguntou sobre temas polêmicos, como legalização de armas, aborto e pena de morte, e chegou até mesmo a divertir-se com o conteúdo absurdo e pouco esclarecido das respostas. Modelos serão sempre modelos, avaliou. Ao todo, ficaram mais de duas horas no apartamento. Marcelo lotou o cartão de memória de sua câmera (que renderiam, no máximo, duas ou três fotos publicáveis). Quando se despediram Dante lembrou-a que precisariam continuar a matéria no *Vrykolakas*, tirando fotos dela no trabalho. Ela concordou, apesar de parecer um pouco reticente. Marcaram para aquela noite. Dante então pôde ir para casa descansar um pouco.

Em casa ele recompilou a entrevista, redigindo no editor de textos suas anotações e a fita gravada. Excluiu as declarações mais grotescas, mas manteve algumas citações polêmicas, para temperar o conteúdo e torná-lo minimamente interessante. Ao final a entrevista parecia até mesmo algo inteligível, e talvez até mesmo interessante para se ler em um salão de beleza ou sala de espera de consultório. Enviou o arquivo via e-mail para Marques, para que a revisão e diagramação fossem iniciadas, e avisou que mandaria o resto durante a madrugada. Já passava das cinco da tarde quando finalmente conseguiu dormir, recuperando as forças para a jornada da noite.



Despertou sobressaltado algumas horas depois. Já era noite. Tentou focalizar os olhos de modo a enxergar o relógio. Felizmente ainda era nove e quinze e não estava atrasado. Girou o corpo na cama, de modo a ficar de barriga para cima e, olhando para o teto, suspirou. Não sentia ânimo para nada. Nem para acompanhar Eva em sua escalada para o sucesso, nem para pesquisar sobre Ephraim e sua estranha doença. Nem mesmo para levantar-se e tomar banho estava disposto. Queria ficar apenas ali, quieto, mirando o teto no escuro. Infelizmente não era possível. Os bipes ritmados de seu celular não permitiriam. O painel do aparelho iluminava com uma tênue faixa de luz o ambiente mergulhado na escuridão, criando um efeito até mesmo bonito. A contragosto atendeu a ligação. Era Marcelo, avisando que estava a caminho. Dante resmungou uma resposta e desligou. Arremessou o aparelho no criado-mudo e abandonou sua cama. Dirigiu-se ao banheiro, onde lavou o rosto e urinou. Desistiu do banho. Não estava indo a uma festa ou evento social, então não havia motivo para se produzir. Passou apenas um desodorante para disfarçar o cheiro de suor e trocou a camisa amarrotada. Na cozinha preparou um sanduíche quente, com queijo velho, presunto gordo e bastante maionese. Regou tudo com água gelada, que bebeu diretamente da garrafa da geladeira. Imaginou se poderia fazer aquilo depois do casamento, somente para rapidamente tirar a ideia da cabeça. Apenas para celebrar a moribunda solteirice, arrotou alto e peidou em seguida, rindo da própria grosseria.

Marcelo chegou rápido. Dante desceu para encontrá-lo. O garoto estava todo produzido, com uma roupa colorida, cabelo endurecido de *gel* e rescindindo a perfume. O rádio teimava na ensurdecadora música eletrônica. Dante permitiu-se a pequena audácia de desligá-lo, ignorando os protestos do

fotógrafo. Conversaram um pouco durante o trajeto e Dante percebeu que seu humor melhorara um pouco depois de ter dormido. Talvez fosse daquilo que ele precisasse, no final das contas. Quando fora a última vez que saíra de férias? Dois anos? Três? Não se lembrava. Prometeu a si mesmo remediar aquilo assim que terminasse com Eva. E antes do casamento, independentemente do que Luana fosse pensar.

Assim que chegaram ao *Vrykolakas* estacionaram o carro e entraram, passando pelo insuportável túnel escuro. Não sentiu nenhuma mão tocando-o, então deduziu que provavelmente a casa ainda estava vazia. Melhor assim, pensou. Com efeito, assim que entraram no quintal da casa, perceberam que o movimento ainda estava bem abaixo do normal. Havia no máximo umas dez pessoas espalhadas pelo terreno, mas a música no interior da casa já estava alta o suficiente para ser ouvida do lado de fora. Entraram, encontrando Eva esperando-os no bar. Ao seu lado estava a mulata escultural da outra vez. Como era mesmo seu nome? Tamara. Cumprimentaram-se e conversaram algumas amenidades. Marcelo rapidamente preparou a câmera, mas antes que conseguisse tirar alguma foto foi interpelado por Tamara, que sugeriu que seria melhor pedirem autorização para Ramiro antes de começarem. Eva concordou e a mulata pediu licença a eles, dizendo que iria chamá-lo.

A coisa toda estava fluindo bem, avaliou Dante. Tão bem que ele se sentiu relaxar. Podia não estar fazendo exatamente o que gostava, mas estava saindo-se muito bem. Talvez devesse parar com aquela implicação toda, com aquela desgastante crise existencial. Era um trabalho como qualquer outro. Seria muito mais agradável se ele conseguisse extrair ao menos alguma satisfação daquilo. Parar com aquela bobagem de reportagens investigativas, parar de tentar carregar o peso do mundo nas costas. Jonas estava morto e enterrado e talvez o *site* e o interesse de Dante no assunto tenham ido com ele. Ephraim seria apenas uma história que ele contaria aos netos, durante os encontros familiares, nada mais. Viveria a vida, casaria com Luana, teriam filhos, todas as coisas comuns da vida. Sentiu-se leve com sua decisão. Até feliz. Já era hora de amadurecer, de construir alguma coisa duradoura. Estava beirando os trinta, não tinha mais idade para aquelas coisas.

De repente, sentiu uma imensa vontade de falar com Luana. Precisava contar a ela sobre sua decisão. Pediu licença para Eva e Marcelo e, virando-se de costas a eles, digitou o número de sua noiva no celular. Tocou duas, três vezes e nada. “Vamos, amor, atende!”, implorou ele. Cinco toques, seis. Nada de ela atender. Desligou a chamada e tornou a discar. Novamente o

aparelho tocou, tocou e nada. Talvez estivesse no banho, pensou. Melhor ligar mais tarde. Subitamente sentiu o sangue congelar em suas veias. Sua mão quase largou o celular e o ar fugiu de seus pulmões. Seu coração deve ter parado de bater por alguns segundos e seu rosto deve ter transparecido seu susto, pois todos se voltaram para ele. Lá estavam Eva, Marcelo, Tamara e, ao lado deles, Ramiro. Estava vestido com uma roupa negra parecida com a da outra vez, mas com os longos e lisos cabelos grisalhos soltos como cascatas prateadas sobre os ombros, emoldurando o rosto pálido e os pouco comuns olhos acinzentados, quase brancos, do dono do estabelecimento. A semelhança com Ephraim era inegável! O mesmo desenho do rosto, o mesmo tom de pele, a mesma cor nos cabelos, os mesmos olhos assustadoramente claros. Sentiu um arrepio subir por sua nuca. As lembranças dos acontecimentos em Mauá retornaram com força total. Estaria ele frente a frente com o pai de Ephraim, o estuprador de Katina? Seria possível tamanha coincidência?

Ramiro cumprimentou-o com sua voz aveludada. Dante retribuiu o melhor que pôde, mas mesmo assim foi impossível não sentir seu íntimo tomado por um imenso terror que aquele simples gesto causava. Não conseguiu desviar o olhar de seu rosto apavorante, como que em estado de choque. Tentou se controlar, a despeito dos batimentos cardíacos acelerados. Sua mente aos poucos voltou a raciocinar. Ramiro parecia-se muito com Ephraim, mas sem dúvida alguma não agia da mesma maneira irracional. Pelo menos não em público. Precisava de uma foto, uma prova que fosse, mas sem levantar suspeitas. Esforçando-se para falar sem gaguejar muito, perguntou se ele não gostaria de posar para um retrato, mas ele negou veementemente. Argumentou que não gostava da exposição da mídia e pediu que seu desejo fosse respeitado. Dante concordou, incapaz de argumentar, a língua travada pelo medo. Mas fez uma anotação mental para pedir a Marcelo, assim que pudesse, para que ele tentasse fazer a foto sem que Ramiro percebesse.

Estava lá, no lugar mais improvável, frente a frente com o elo que explicaria o que acontecera com Ephraim, numa coincidência grande demais para ser fortuita. Precisava descobrir se aquele homem estranho era o pai do garoto, custasse o que custasse. Por Jonas. Por Miguel. E, principalmente, para si próprio.

Seu celular tocou e vibrou em sua mão, sobressaltando-o. O mostrador piscou o nome de Luana. Apertou o botão cancelando a ligação.

Depois conversariam. Agora ele tinha coisas mais importantes a resolver.

– Ian?

– Cadê a Ju?

– Tá no quarto. Você tá legal? Ei! Ela tá dormindo!

Ian empurrou a ex-mulher o mais delicado que conseguiu, mas com firmeza. Caminhou para a sala. Chegando lá, deu mais alguns passos um pouco sem direção definida, esfregando o rosto mal-barbeado. Cláudia fechou a porta, a expressão um misto de fúria contida e preocupação.

– A gente precisa conversar – disse Ian, tentando em vão parecer calmo.

– Se é sobre sua amiga, nem se preocupe... – emendou Cláudia, com um desinteresse fingido. Ian agitou os braços, impaciente.

– Isso não tem nada a ver com a Eva. – Respirou fundo – Clau, eu tô morrendo.

Uma onda de palidez tomou o rosto de Cláudia, fazendo Ian se arrepender por ter chegado no assunto de maneira tão abrupta. Culpa daquela maldita dor, que novamente o afligia e preocupava. Não estava pensando direito.

– Quer dizer – tentou corrigir – eu acho que estou morrendo.

Mas o estrago já estava feito. Cláudia tapava a boca aberta com a mão, as lágrimas correndo descontroladas. Dava para ver seu corpo tremer.

– Eu sabia – lamentou-se ela. – Eu sabia! As idas e vindas ao hospital, sua atitude estranha, tudo. Eu sabia!

Ian deu dois passos em direção à histérica ex-mulher e tocou seu braço, mas ela ignorou completamente o gesto.

– Meu Deus, olha como você está pálido! E magro! O que aconteceu com você? O que fizeram com você? – gritou.

– Clau! – interrompeu-a Ian. – Clau, para com isso. Não grita, vai acordar a Ju. Vem, vamos pra cozinha. Vamos conversar.

A abalada ex-esposa aceitou o convite. Esfregou o rosto com a mão, tentando enxugar as lágrimas. Caminharam juntos até a mesa da cozinha. Ian pegou um copo de água e ofereceu a ela, que bebeu um gole curto, tentando se acalmar.

– Me explica essa história direito. O que você tem?

Ian puxou uma cadeira, mas desistiu de sentar. A dor abdominal piorava muito quando ele sentava, então se apoiou no encosto da cadeira.

– Eu não sei. Ninguém sabe. A porra do médico não encontrou nada de errado comigo, mas eu estou mal, eu sei. Clau, você não tem ideia do que estou sentindo. Minhas tripas parecem que estão em brasa. É uma dor crescente, incontrollável, terrível. Não sei o que fazer, nem a quem recorrer. É por isso que acho que estou morrendo.

Cláudia tapou novamente a boca, tentando evitar uma nova onda de choro frente à agonia do marido. Ian sabia que sua expressão estava realmente assustadora. Sua pele estava pálida, mas num tom amarelado e doentio. Seus olhos afundados em profundas e escuras olheiras. Seu lábio estava ressecado e sem cor e seu hálito, acre e azedo.

– Vamos para o hospital – implorou ela. – A gente interna você até saberem o que está acontecendo. Pelo menos lá você pode ter uma chance.

– Chega de hospitais. Não aguento mais ouvir a mesma merda. Preciso resolver essa situação, não ficar preso numa cama como um inválido no que podem ser meus últimos momentos de vida.

– Para com isso! – descontrolou-se Cláudia, aos prantos novamente – Para de falar isso! Você não vai morrer!

– Clau...

– Cala essa boca! Você não vai morrer! Eu não vou deixar!

– Para, Clau! Você acha que eu estou curtindo essa ideia? Você acha que eu estou a fim de morrer? Mas eu não quero passar o resto da vida numa merda numa cama de hospital. Os médicos já estão analisando meu sangue. Quem sabe eles não descubrem o que eu tenho? Mas enquanto isso eu tenho que viver!

Cláudia chorava além de qualquer consolo. Ian sentiu-se inundado de piedade pela ex-mulher. Sentiu-se um crápula, um monstro insensível por ser o causador de toda aquela tristeza. Cláudia o amava verdadeiramente. E vê-lo naquela situação, falando bobagens sobre doença e morte, havia devastado-a. Por que viera? Ela não precisava daquilo. Nem havia pensado nas consequências. Simplesmente correr para baixo da saia da ex-mulher como um garoto corre para a mãe quando está assustado. Devia ter pensado direito antes de envolvê-la naquela história. Deixou-se levar pelo medo que estava sentindo e acabou envolvendo-a desnecessariamente em sua aflição.

Mas, quem sabe não era a coisa certa a fazer? Ele realmente podia estar morrendo. Com certeza seria melhor passar os últimos momentos

cercado por sua família, que por bem ou por mal o amava, do que sozinho e abandonado em seu apartamento. Dentre todas as possibilidades aquela era a que mais o assustava.

– Mamãe, por que você tá chorando?

Ian e Cláudia voltaram-se para a porta da cozinha. Lá estava Juliana, de pé, a cara amassada de sono, vestindo um pijama largo e desengonçado. Cláudia imediatamente se ergueu e a pegou no colo, mas não sem antes enxugar as lágrimas na manga da blusa.

– Não é nada, meu amor – fungou. – Não é nada. Olha, papai está aqui.

– Oi, papai.

Ian puxou-a para seu colo e abraçou-a com força.

– Você voltou? – perguntou a menina. – Pra sempre?

Dessa vez foi Ian que ameaçou cair no choro. Beijou o rosto macio da filha e tornou a abraçá-la. Ela, por sua vez, agarrou em seu pescoço com os pequenos bracinhos. Como Ian sentia saudades dela! De tudo que sua vida havia mudado desde o divórcio era daquele gesto, da presença de sua filha que ele sentia mais falta. Tinha plena noção do mal que causara na vida dela quando decidiu sair de casa, tomado por desejos juvenis e inconsequentes. Era sua filha, pelo amor de Deus! Não tinha culpa de ter nascido de um pai tão idiota. E agora ela poderia ficar órfã.

Cláudia os abraçou, ainda chorando. Ian retribuiu o gesto. Ficaram alguns momentos em silêncio e aquilo foi o suficiente para acalmar o espírito conturbado de Ian. Era sua família. Estava em casa.

Cláudia desfez-se do abraço, mas Ian não queria de maneira alguma abandonar mais uma vez a filha, então continuou segurando-a junto ao corpo. Cláudia guiou-os até a cadeira. Ian começou a embalar a menina no colo, que já dava sinais de que ia cair de novo no sono. Percebeu que sua ex-esposa se dirigiu ao fogão. Aparentemente decidira fazer um café para eles. Talvez imaginasse que teriam muita coisa a conversar naquela noite.

Mas Ian não queria café. De olhos fechados embalava a filha em seu colo, o rosto enfiado em seu pequeno ombro descoberto pelo pijama. Ela estava com a temperatura da cama ainda, a pele rescindindo a sabonete de bebê. Massageou de leve suas costas e sentiu-se maravilhado quando ela soltou um singelo suspiro. Estava dormindo. Relutante em abrir os olhos, Ian deixou-se levar pelos outros sentidos. O toque delicado da pele macia em seu rosto, o cheiro, a temperatura de sua pele, a respiração cadenciada e relaxada.

Seu pescocinho estava encostado na bochecha de Ian. E lá ele sentia o batimento ritmado do coração da filha, que o hipnotizou.

Mas sua dor não o deixaria aproveitar aquele momento tão especial. Tomado de uma súbita pontada no estômago, Ian gemeu e se contorceu um pouco. Conseguiu controlar-se, de modo a não acordar Juliana. Aparentemente Cláudia também não tinha percebido nada. Mas a crise viera mais forte daquela vez. Suas entranhas se remoeram. A dor era como se estivessem enfiando um agudo ferrão em brasa em seu ventre. Rapidamente ela se espalhou por todo o corpo. Ian sentiu a cabeça ribombar como um imenso gongo, no mesmo ritmo frenético de seu coração acelerado. O corpo inteiro formigava, e suas juntas ficaram doloridas, impedindo-o de se mexer. Queria gritar, mas temia assustar a adormecida filha, então enterrou mais fundo o rosto em seu ombro. Em seguida veio a tremedeira e uma onda nauseante de calafrio. Era a pior crise desde que seu suplício começara, maior até mesmo que a da noite anterior. Seu cérebro febril começava a perder o controle. Sentia a mandíbula se enrijecer dolorosamente. Precisava comer. Precisava aplacar a dor. O calor do ombro de sua filha era acalentador, tranquilizador. Tentou focalizar aquela sensação para se controlar. O cheiro de sua pele macia e tenra era delicioso, convidativo, um oásis na tempestade de seus sentidos. Flagrou-se beijando a pele exposta pelo largo pijama, como se aquele toque fosse de alguma maneira um bálsamo para aliviar sua dor. Os batimentos cardíacos tranquilos de sua filha se misturavam com as pancadas intermináveis em sua cabeça. Sua respiração novamente tornara-se forte e irregular. Sentiu a boca salivar o suficiente para que o líquido viscoso escorresse pelo canto de sua boca, pingando no pijama da filha. Era o cheiro, pensou Ian. O cheiro da pele, da carne que o estava atraindo. Era um cheiro doce, agradável, convidativo, irresistível. Sentiu a boca se abrir, ávida para receber o que ele tanto necessitava. Era o cheiro, era a carne...

– Aaaiiii!

– Filha! – sobressaltou-se Cláudia.

O grito de Juliana trouxe Ian de volta à realidade. Abriu os olhos e encontrou o rosto choroso e assustado de sua filha à sua frente. Seu pijama estava ensopado perto do ombro nu, que mostrava uma horrenda marca de mordida na pele rosada. Sua mordida! Cláudia puxou a menina de seu colo. Ele não relutou. Juliana chorava assustada, o braço sob o ombro ferido pendendo flácido.

– O que você fez? – gritou sua ex-mulher. – O que você fez?

– Eu... Eu... – balbuciou ele em resposta. Não sabia como explicar o que havia feito. Simplesmente fizera. Observou atônito enquanto Cláudia colocava a menina em cima da pia e examinava seu ombro. Tobias latia, vindo sabe-se lá de onde, assustado com os gritos. De repente a cozinha havia se transformado em um pandemônio de sons e vozes. Cláudia berrava descontrolada, xingando-o ao mesmo tempo em que tentava em vão acalmar a filha que chorava.

O que ele havia feito? Atacara Juliana, respondendo irracionalmente à dor que ainda sentia. Por um momento, um único momento, esquecera que era sua filha que estava em seu colo e imaginou-a simplesmente como um alimento, um remédio para aliviar sua agonia. Que tipo de animal estava se tornando, incapaz de reconhecer a própria prole e plenamente disposto a alimentar-se dela? Irritado consigo mesmo, ergueu-se de um salto. Observou de relance Juliana. Não havia causado grande estrago. A mordida iria virar um hematoma, ele sabia, mas nada além disso. Em parte aliviado, clareou a mente, abstraindo-se da onda de ruídos que permeavam o ambiente e pensou. Precisava sair dali. Precisava ficar o mais longe possível de tudo e todos, principalmente sua filha. Para o bem dela. Pegou a carteira em cima da mesa e, caminhando de costas em direção à porta, disse:

– Minha filha, me desculpe! Eu te amo. Me desculpe! – e saiu.



Já no carro Ian tentou ordenar a avalanche de sentimentos e angústias em seu íntimo. Tentara se alimentar da carne de sua própria filha! Que tipo de animal sanguinário e irracional estava se tornando? Quando aquilo iria acabar? Haveria uma cura para seu estado ou ele continuaria a metamorfose até se tornar uma fera selvagem e descontrolada, arriscando a vida de sua filha no processo? Ligou o carro e saiu da vaga cantando os pneus. Não tinha um objetivo claro, apenas queria afastar-se dali. Afastar-se de Cláudia e Juliana, é claro, mas principalmente afastar-se da vergonha de seu ato abominável. Acelerou o máximo que podia, pouco se importando com a segurança ou com qualquer outra coisa, os olhos marejados de lágrimas, o que dificultava bastante a visão. Mas ele não se importava. Talvez fosse até melhor que ele batesse o carro e morresse, poupando Juliana de mais dor e sofrimento e ao mesmo tempo encerrando de vez aquela agonia e confusão que havia se tornado sua vida. Como poderia continuar a viver daquele jeito?

Não conseguia mais sair de casa durante o dia, pois não já não enxergava absolutamente nada sob a luz do sol. Sem falar das horríveis manchas em sua pele, que de acordo com o médico eram claramente causadas pela luz solar. Como poderia voltar ao trabalho ou mesmo viver socialmente naquele estado? Havia conseguido uma licença médica de uma semana, mas e depois? Era naquilo que sua vida se tornaria? Vaguear de noite como um eremita, incapaz de se aproximar de seus entes queridos, assolado por uma dor que não conseguia controlar?

Atravessou o sinal vermelho e jogou o carro em uma larga avenida, acelerando ainda mais quando terminou a curva. O choro escorria em seu rosto, descontrolado. Desviou na última hora de um carro que reduzia para parar no semáforo e atravessou o cruzamento, forçando os veículos que vinham na transversal a frear bruscamente e disparar suas buzinas. Ignorou-os, continuando sua carreira desabalada e sem destino.

Por que aquilo estava acontecendo com ele? Seria algum tipo de punição divina por ter abandonado a família? Se fosse talvez ele merecesse o castigo, no final das contas. Havia sido um egoísta insensível. E agora estava pagando o devido preço. Seria tão fácil simplesmente acelerar, deixar o carro chocar-se com um muro ou um poste. Aceitaria a punição e terminaria com o sofrimento, tanto dele quanto de sua família.

As luzes da avenida passavam sobre ele num ritmo constante. A via estava livre, então ninguém se envolveria caso ele simplesmente jogasse o carro em cima de um poste. Era só virar o volante e pronto. Problemas resolvidos.

Mas sua mão não se moveu. Odiou-se por não ter a coragem nem para tirar a própria vida. Mas aquilo não era jeito de ele se matar, avaliou. Poderia, por uma ironia macabra do destino, sobreviver. E só tornaria o tormento de Cláudia e Juliana pior, vegetando em uma cadeira de rodas ou cama de hospital por anos a fio. Não, aquela não era a solução.

Sem conseguir definir uma opção para resolver sua situação, limitou-se a estacionar o carro na rua, permitindo-se cair em uma solitária, desesperada e incontrolável crise de choro.

– Mas você não sabe? – perguntou Dante a Eva.

– Não, ele nunca disse...

– E quem poderia saber?

– Bom, Tamara, talvez...

Aquilo estava ficando maçante, pensou Eva. Desde que Dante havia visto Radu tudo o que fazia era perguntar por ele. Para que ele gostaria de saber alguma coisa sobre o cara? Não era ela a estrela da matéria?

– E onde está Tamara? – perguntou ansioso o desagradável repórter. Era só o que faltava, envolver Tamara em sua ascensão! Se conhecia a mulata o suficiente sabia que ela sem dúvida tiraria proveito da situação e reverteria a história em seu proveito.

– Sei lá, cara! E aí, vamos fazer essas fotos ou não?

– Vamos, vamos, desculpe. Marcelo, vem cá. Tira umas fotos dela trabalhando. Daquele jeito, você sabe...

– Ultraexposição? – rebateu o garoto.

– Hein?

– Eu chamo assim. Ela sai em destaque na foto e o resto em segundo plano...

– Tá, que seja – interrompeu-o grosseiramente Dante. – faz do jeito que achar melhor. Onde é o banheiro? – perguntou para Eva.

– Do lado do bar.

O repórter agradeceu e virou-se, correndo na direção indicada, deixando tanto Eva quanto Marcelo atônitos.

– Quando bate o sininho, não tem jeito mesmo! – quebrou o gelo Marcelo, dando uma risada que mais parecia uma fungada. Eva sorriu complacente.

– Bom, o que você quer que eu faça?

– Vai até aquela parede. Vou tirar umas fotos suas perto daquelas pinturas, pra começar.

– Certo – concordou Eva empolgada. Posicionou-se à frente de uma das pinturas iluminadas da parede e, colocando-se no que considerava sua melhor posição, abriu um sorriso, aguardando enquanto Marcelo acertava sua câmera para a iluminação do local.

– Isso, tá ótimo – comentou ele. – Agora, não se mexe – e tirou a foto.

– E agora?

– Calma, vou fazer mais algumas só pra garantir. Putz, que coisa é essa aí? – perguntou, apontando para a pintura.

– Sei lá. Coisa do Radu.

Talvez pela primeira vez desde que começara a trabalhar na casa Eva reparou nas pinturas feitas pelo dono da casa. A que estava do seu lado retratava uma imensa figura híbrida, com corpo de lobo, rosto de lagarto e asas de morcego. Estava numa posição forçada, abstrata, emoldurada por uma estilização de porta de madeira. Era uma pintura sombria, desagradável, como se tivesse fugido de um pesadelo.

– É um *vrykolakas* – explicou Radu, que se havia se aproximado silenciosamente, assustando o incauto fotógrafo. – Uma criatura mitológica grega, também chamada de *brykilakas* ou *bourdolakos*, dependendo da região. Diziam que tinha o costume de beber o sangue de famílias inteiras. Os antigos gregos acreditavam piamente em sua existência.

– Legal! – empolgou-se Marcelo. – E aquela ali? – perguntou ansioso, apontando para a imagem ao lado. Era uma figura semelhante a uma sereia, mas com uma cauda de cobra no lugar da de peixe. Seu rosto era desfigurado por um tipo de maldade inominável, com olhos de serpente e presas afiadas que pingavam sangue em seu peito nu, provavelmente proveniente do bebê deitado à sua frente.

– Lâmia – explicou Radu, didaticamente. – De novo mitologia grega. Era filha de Poseidon, e rainha da região onde hoje é a Líbia. Zeus, sempre Zeus, se apaixonou por ela, atizando o ciúme de Hera, que assassinou os filhos da rival e transformou-a nisso. A pobre mulher enlouqueceu e passou a caçar e alimentar-se de crianças, numa tentativa de vingar a morte de seus próprios filhos.

– Ai, que horror! – comentou Eva. – Que coisa de mau gosto!

– A mitologia grega é assim, minha inculta beldade. Os deuses gregos eram tão cruéis quanto os mortais, apesar de terem poderes extraordinários. Zeus, o maior de todos, foi o responsável por grande parte das histórias gregas, pois vivia cometendo estupros e assassinatos, assim como sua esposa. Era uma maneira que os gregos tinham de trazer seus deuses para perto de sua realidade. As divindades erravam tanto quanto eles, dando o respaldo que talvez eles precisassem.

– E aquela? – continuou Marcelo, ansioso, mas Radu havia perdido o

interesse.

– São todas criaturas mitológicas, meu caro. Não apenas gregas, mas também romenas, eslavas, persas e até mesmo chinesas. Poderia contar a história de cada uma a você, mas isso levaria a noite toda...

– Não têm um chupa-cabra? – perguntou Dante, que havia retornado.

– Chupa-cabra? – divertiu-se Ramiro. – Não, não tenho, mas não seria uma má ideia...

Aquilo era exagero, pensou Eva, irritada. De novo estavam dispersando a atenção para Radu e ignorando sua presença. A expressão dura de Dante, olhando com firmeza para o pálido anfitrião, foi o suficiente para fazer Eva perder a paciência. Radu estava estragando tudo com aquela conversa mole e aquele jeito desagradável de atrair a atenção e o assunto para si. Ela precisava tomar uma atitude, senão a matéria sobre ela iria falar apenas de Radu e suas pinturas horrorosas. Subitamente, teve uma ideia.

– Radu, o Dante aqui fez algumas perguntas sobre você que eu não soube responder. Poderia ajudá-los?

Radu empertigou-se como Eva previra. Sabia que ele odiava escancarar sua intimidade, principalmente para a imprensa. Se aquilo não o espantasse nada mais o faria.

– E por que esse interesse? – perguntou ele, friamente.

– Apenas para registro – adiantou-se em explicar Dante, meio nervoso. – Para o caso de precisarmos citar seu nome na matéria...

– E do que precisam?

– Coisas simples. Nome completo, local de nascimento...

“É agora!”, avaliou Eva.

– Caso seja necessário, coloque apenas “Radu” – disse ele, claramente tentando se controlar. – É assim que sou conhecido.

– Mas... – tentou argumentar o repórter.

– Apenas Radu! – explodiu, mas controlou-se em seguida. – Essa matéria não é sobre mim, é sobre Eva. Peço que se atenham ao objetivo.

A reação de Ramiro aparentemente apavorou o repórter que, pálido, deu dois passos para trás.

– Eva trabalha aqui. Não posso falar da casa sem citá-lo...

– Já disse...

– Ok, ok – cedeu o repórter, erguendo as mãos num gesto apaziguador. – Será Radu.

– Muito obrigado – agradeceu Ramiro, ainda irritado. – Agora, com

sua licença... – e saiu, dando largos e impacientes passos para longe deles.

– Finalmente – comentou Eva. – Podemos continuar?

Dante não respondeu, limitando-se a esfregar o rosto com uma expressão preocupada. Ele estava realmente mais interessado em Radu do que nela, o veadinho! Que porcaria de repórter era aquele? Ela estava prestes a explodir, descarregando toda sua fúria contida nos últimos dias em cima daquele repórter fedorento. A *Night Glam* poderia arrumar alguém melhor, com certeza. Ela merecia mais do que aquilo. No mínimo, alguém que desse atenção a ela.

– Olha aqui... – começou, mas foi interrompida por Dante com um gesto brusco.

– Desculpe – disse ele, visivelmente tentando se acalmar. – Desculpe, você tem razão. Marcelo, tire mais umas fotos. Ali, na frente daquela sereia...

– Lâmia – corrigiu-o Marcelo com um sorriso, aproveitando o conhecimento recém-adquirido. Dante coçou nervosamente o couro cabeludo.

– Que seja! Eva, por favor... – guiou-a, puxando-a pelo braço. Novamente fez uma pose, como uma autêntica modelo. Marcelo recomeçou a fotografar, fazendo comentários de aprovação e diversos elogios. Era aquilo que ela queria. Ser a estrela, o centro das atenções, com direito a todos os paparicos e bajulações. Que aquele repórter tomasse jeito, senão iria soltar os cachorros em cima do tal Marques. Quem eles pensavam que ela era? Era Eva Bueno. E estava no caminho do sucesso!



E continuou assim até o final da noite. Eva foi a estrela, com a atenção dos repórteres toda para ela. Tiraram fotos e mais fotos, fizeram diversas perguntas, que ela se esforçou em responder da melhor maneira possível, pois sabia que era importante ter algum conteúdo dentro do belo corpo. No final das contas, sentiu-se feliz e orgulhosa pela realização. Saíra tudo certo, independentemente da interferência inconveniente de Ramiro no início.

Mas mesmo assim aquilo tudo havia soado falso e vazio para ela. Por mais que tentasse, não conseguia tirar os acontecimentos da noite passada da cabeça. Havia sido uma completa idiota e estragara tudo mais uma vez. Por que ela tinha que estar tão chapada? Depois que Ian saiu a festa terminou. Ela e Tamara se acertaram quase imediatamente, logo depois que a mulata

explicou o que havia acontecido. Até mostrou o corte na mão como prova e ela se sentiu horrível pela cena que aprontara. Com certeza Ian nunca mais iria vê-la. E não sem razão.

– Pensando em Ian? – perguntou Tamara, aproximando-se dela no balcão do bar. – Por que você não liga pra ele? Tenho certeza que ele vai entender...

– Ele não vai entender nada! – retrucou Eva, entre os dentes. – Você entenderia?

Tamara virou os olhos, impaciente.

– Olha Evita, não custa nada você ligar. Se ele não entender azar, pula fora. Mas você nunca vai saber se não tentar.

Eva compreendeu perfeitamente o sentido das palavras da amiga, mas mesmo assim não sabia se teria coragem de encarar Ian tão cedo. Nem tanto pela possibilidade de rejeição, mas muito mais pela vergonha, pois sabia que tinha pisado feio na bola. Homens como Ian não costumam perdoar cenas de ciúme como aquela.

– Qual o assunto? – perguntou Ramiro, aproximando-se delas.

– Ian – respondeu Tamara. – Nossa Evita aqui aprontou uma bela cena ontem e agora está se remoendo de culpa.

– Muito feio?

– Ele foi embora correndo.

– Ah...

– Olha – interrompeu Eva. – Eu sei que vacilei, mas entendam meu lado! Estava chapada e flagro ele com a mão de Tamara na boca, sentados confortavelmente na varanda. O que mais eu poderia imaginar?

Ao mencionar o evento os olhos de Ramiro brilharam. Voltou-se para a mulata que, disfarçando um sorriso, acenou a cabeça afirmativamente, num gesto discreto e de enorme cumplicidade. Eva não entendeu o que estava acontecendo, mas imaginou que era apenas algum tipo de comunicação num nível mais íntimo, que infelizmente ainda não compartilhava com eles.

– Minha querida – disse Ramiro, logo em seguida –, Ian é adulto e me parece uma pessoa bastante razoável. Tenho certeza de que se vocês conversarem chegarão a um acordo e resolverão essa discussão infundada. Não é mesmo, Tamara?

– Era o que eu dizia...

– Vocês não entendem! – desesperou-se Eva. – Ele não vai me perdoar. Já se divorciou uma vez por causa da esposa que não saía de seu pé.

Com certeza não vai querer se envolver com outra! Não, já perdi tudo.

Ramiro chamou o garçom e pediu um copo de água, que passou para Eva. Ela estava prestes a cair no choro. Assim que a loira bebeu tudo, ele abraçou-a gentilmente.

– Você não sabe o poder de um pedido de desculpas – disse. – Ian é um homem maduro, inteligente. Tenho certeza de que não se prenderá a mesquinharias como essa e vocês poderão ficar juntos novamente. Tenho um maravilhoso pressentimento com relação a vocês dois e me entristeceria muito se você simplesmente deixasse passar o que pode ser o amor de sua vida por causa de uma bobagem.

– Liga pra ele, Evita.

Eva apoiou o rosto sobre o ombro firme de Radu. Há alguns dias ela teria feito de tudo para estar assim próxima dele, mas naquele momento ele apenas servia como apoio para sua crise imediata. Seu coração era de Ian, ela sabia, e nada no mundo a faria mais feliz do que resolver aquela briga. Eles mereciam uma segunda chance e, se conseguisse, ela jurava aos céus e a todos os santos que nunca mais faria aquilo de novo.

Mas mesmo assim não tinha coragem de ligar para ele aquela noite. Era muito recente, ele poderia estar nervoso ainda, e forçar a barra seria pior. Não, aquela noite deixaria ele respirar, se acalmar. Ligaria no dia seguinte. Daquela maneira teria maiores chances de uma reconciliação. Agradeceu o apoio de Radu e Tamara e foi até o vestiário se trocar, pois precisava ir para casa e atacar um pote de sorvete de chocolate.

Dante não se lembrava de ter chegado tão cedo ao trabalho desde que fora contratado pela *Night Glam*. O relógio em seu micro mostrava que era ainda nove e meia da madrugada. E ele já estava ali há pelo menos quinze minutos. Um recorde, que não passou despercebido por seus colegas, cujas piadinhas e comentários imbecis ele fez questão de ignorar. Estava ocupado demais para se importar com humor de escritório. Terminava de redigir a matéria sobre Eva com uma pressa incomum, motivada não só pelo prazo apertado imposto por Marques, mas também pelo senso de urgência em descobrir maiores informações a respeito de Ramiro. Já havia tentado fazer alguma pesquisa na internet em sua casa depois de ter saído do *Vrykolakas*, sem grandes resultados, talvez por causa do cansaço físico e mental ou talvez por sua absurda inépcia com computadores. Ou os dois juntos, o que era, sem sombra de dúvida, muito pior. Por isso decidira descansar um pouco antes de continuar, para fazer a pesquisa no escritório, cuja conexão à internet era bem mais rápida do que a de sua casa. Mas antes tinha que finalizar a matéria ou então Marques não iria sair de seu pé.

Infelizmente, a pressa em terminar a tarefa não estava ajudando. Por diversas vezes teve que apagar trechos inteiros de texto ruim, e os erros de ortografia e concordância se multiplicavam. Esforçou-se em concentrar-se na tarefa, de modo a ser o mais produtivo possível. Quando finalmente terminou releu o texto mais uma vez, corrigindo o máximo que pôde, e enviou o arquivo ao revisor.

Pronto, estava livre para fazer a pesquisa. Desligou o editor de textos e abriu o navegador de internet, escrevendo o endereço de um *site* de buscas. Mas, quando a página carregou e o cursor piscante posicionou-se no campo a ser preenchido, Dante travou. O que iria pesquisar? Puxou uma folha de rascunho na confusão de sua mesa e começou a escrever o que sabia. Não era muito: Ramiro e *Vrykolakas*. Esfregou o rosto, impaciente. Precisava se acalmar, focalizar a mente, achar um meio. Não devia ser difícil. Vira Jonas fazer aquilo centenas de vezes. O garoto era um baita de um *nerd*, cujo raciocínio quando estava na frente do computador ele dificilmente conseguia acompanhar. As janelas abriam e fechavam muito rápido e as informações só faziam algum sentido durante a pesquisa na lógica obscura de Jonas. Mas ao

final invariavelmente ele conseguia a informação que queria.

Porém não podia mais contar com a ajuda de Jonas. Tinha que fazer aquilo sozinho. Respirou fundo, estalou o pescoço e as juntas dos dedos e relaxou os ombros. Olhou para a folha de papel à sua frente. Não conseguiria nenhuma informação relevante se escrevesse “Ramiro” no campo de busca, então digitou a outra opção. Centenas de resultados, a maioria em inglês. Selecionou a opção de filtragem dos resultados apenas para o português e realizou nova busca. A quantidade de resultados diminuiu drasticamente. Dezenas de *sites* pessoais sobre vampiros e alguns comentários sobre o mesmo assunto em *blogs*. Um dos resultados era relacionado a uma página denominada *Sociedade Brasileira de Vampirismo*. “Como tem maluco nesse mundo”, pensou. Mas, para seu deleite, logo abaixo daquele havia um *link* com um comentário a respeito da danceteria. Era um portal com informações sobre casas noturnas, que havia escrito uma pequena matéria a respeito.

“Claro, seu estúpido!”, repreendeu-se. A maneira mais fácil seria procurar naquele lugar, que já conhecia anteriormente. Estava desconcentrado. Dificilmente iria chegar a algum lugar daquele jeito. A matéria não citava o nome completo de Ramiro, descrevendo-o apenas como “Radu”, como ele havia pedido. Mas deu uma informação importante: o telefone da casa, que Dante imediatamente anotou em sua folha de rascunhos. De posse da informação, entrou no site da companhia telefônica e novamente sentiu-se um idiota. A pesquisa só necessitava do endereço. Digitou-o e recebeu como resposta o dono da linha. Infelizmente, estava registrada para pessoa jurídica. Não conseguiria nada com aquela informação na internet. Desesperado, voltou ao site de buscas e tentou procurar por “Radu + *Vrykolakas*”. Dessa vez obteve apenas dois resultados. Um do guia que já havia visto anteriormente e outro de uma tal de “Comunidade Gótica *Khatakanoso*”. Entrou na página, impaciente e ansioso. Era uma página lúgubre, com fundo preto e letras cinzas, cheias de imagens grotescas e com o estilo gótico característico. Novamente, era uma matéria sobre o *Vrykolakas*, mas dessa vez ele finalmente conseguiu o que estava procurando: o nome completo do dono da casa, Ramiro Cunha Batista.

Quase gritou de alegria. Pegou a caneta e anotou a nova informação no papel. Retornou ao site de buscas e digitou o nome. Recebeu como resposta três resultados. Um da mesma página que conseguiu a informação. Os outros dois como resultados redundantes da mesma página, uma instituição de caridade em Minas Gerais, chamada *Orfanato do Sagrado*

Coração de Jesus. “Só pode ser piada”, pensou. Ou um homônimo. Não conseguia imaginar o estranho Ramiro fazendo caridade, mas mesmo assim entrou na página. O primeiro *link* era referente a uma lista de crianças atendidas pelo orfanato desde sua fundação. E lá estava o nome de Ramiro. Acessou o outro *link*, mas dessa vez seu coração quase parou. Lá estava Ramiro, numa foto antiga, com aparentemente dez ou onze anos. Estava junto de três pessoas, um homem e duas mulheres, sendo uma delas uma freira. A legenda dizia: “Ramiro Cunha Batista (ao centro) e seus pais adotivos, Edmundo e Luzia Cunha Batista, com irmã Rita, durante as comemorações de nosso centenário”.

Rapidamente Dante anotou as novas informações. Estava finalmente chegando a algum lugar! Salvou a foto em seu disco rígido e mandou imprimir a página. Certificou-se também de colocá-la em seus favoritos, caso precisasse. Retornou ao site de buscas, empolgado como nunca. Digitou o nome do pai de Ramiro, mas foi interrompido antes de conseguir efetuar a busca pelo toque estridente de seu ramal.

– Quem? – atendeu, mas sem tirar os olhos da tela.

– Marques.

– Fala.

– A gente pode conversar?

– Tá, já vou – e desligou. Minimizou as janelas e desligou o monitor antes de se levantar. Pegou a folha que saiu da impressora, juntou com a folha de rascunho e colocou ambas em sua gaveta, dirigindo-se em seguida para a sala de seu chefe. Sua cabeça fervilhava com as novas informações. Aquela pausa o estava atrasando, por isso decidiu tentar abreviar o encontro o máximo possível.

– Estou aqui – disse, entrando na sala. – O que é?

– Que merda é essa? – Marques retrucou mostrando uma folha impressa. Dante reconheceu imediatamente o texto que havia acabado de enviar ao revisor. Como é que ele tinha conseguido uma cópia tão rápido?

– É o que você está vendo – defendeu-se Dante. – A putinha é um saco, não tem nada de interessante. Só fala bobagem. Isso aí foi o melhor que consegui.

– Pois eu me recuso a publicar essa porcaria! – esbravejou Marques, amassando a folha e jogando-a no lixo.

– A revista é sua.

– Caralho, Dante, eu confiei em você! Não pedi que fosse sincero,

pedi? Não pedi uma matéria investigativa, pedi? Porra, você consegue fazer coisa melhor que isso!

– Está pedindo que eu minta? Que invente a matéria?

– Vai me dizer que nunca fez isso, Branca de Neve? Pouco me interessa a verdade! Essa não é uma revista de variedades. Precisamos de escândalos, fofocas, sensacionalismo. É isso que vende, porra! E não essa merda que você escreveu.

Marques havia escolhido um péssimo dia para dar aquele esporro. Dante já estava profundamente desanimado a respeito do trabalho e agora ele vinha e pedia que ele mentisse? Tudo bem, Dante nunca foi uma dama de virtudes, mas nunca em sua vida inventara uma matéria. Já havia exagerado, manipulado, distorcido, claro. Mas nunca mentido. E aquilo era como cruzar uma fronteira que talvez não tivesse retorno. Não sabia se estava disposto a cruzá-la. Ia responder exatamente isso a seu chefe, mas, quando abriu a boca, Marques continuou:

– Olha aqui, o negócio é o seguinte: volta pra tua mesa, reescreve a matéria de um jeito que eu possa publicar e tá tudo certo. Mas eu quero o texto na minha mão antes de ir pra revisão, compreendeu? E espero que dessa vez saia um tratado de beatificação de Eva Bueno. As pessoas têm que ver ela como uma figura linda, maravilhosa, um exemplo a ser seguido. E não essa puta estúpida que você descreveu.

– Mas ela é uma puta estúpida!

– Pouco me interessa o que ela é ou deixa de ser! – respondeu Marques, esmurrando a mesa e erguendo-se. – O que me interessa é como vamos vendê-la! E ninguém quer ler sobre uma puta estúpida!

Dante sentiu o sangue ferver. Estava prestes a partir para a agressão com o chefe. Seus punhos e seus braços se retesaram tanto que começaram a tremer. Apenas com muito esforço conseguiu se controlar. Isso lá é jeito de tratar um funcionário? Mas era seu chefe, não podia simplesmente agredi-lo, por mais que a ideia o agradasse. Tinha que engolir mais aquele desaforo, infelizmente. Contou mentalmente até dez, rilhando os dentes até se acalmar. Marques o dispensou em seguida e ele retornou a sua mesa, ainda tremendo devido à adrenalina da reunião. Sentou-se em sua cadeira e olhou para a tela de seu computador. Teria que parar a pesquisa para fazer o que Marques pedira. Não era o que queria fazer. Precisava arrumar um jeito de conciliar as duas coisas.

Foi quando ele se lembrou de Eduardo, o arquivista da revista. Ele

com certeza o ajudaria na pesquisa. Só precisava contatá-lo, passar o que tinha sobre Ramiro e ele faria todo o resto. Dessa maneira conseguiria escrever a matéria que Marques queria e ainda assim pesquisar sobre Ramiro. Pegou o gancho do ramal e discou quatro números no teclado emborrachado. Atendeu em dois toques.

– Edu?

– Fala, Dante.

– Trampo. Tá livre?

– Manda.

Ian tocou de leve a cortina fechada de seu quarto, o rosto com uma expressão de cansaço e tristeza infinitos. Era só aquilo, aquele fino tecido, que o protegia naquele momento da nociva luz solar que, mesmo estando branda em virtude do inverno, era mais do que suficiente para causar danos à sua visão e à sua pele.

Seria aquele seu destino? Será que conseguiria algum dia terminar com aquele tormento? Ou estava condenado a esconder-se durante todos os dias de sua vida, preso em uma cela escura e impessoal, longe de tudo e de todos que amava e com os quais convivia, sofrendo por causa das incessantes dores abdominais cujo remédio talvez fosse pior do que o próprio tormento?

Caminhou pelo quarto desarrumado, chutando roupas e sapatos jogados no chão. Não tinha ânimo algum para fazer faxina ou mesmo guardar as coisas no armário. A televisão estava ligada, mas apenas para quebrar o lúgubre silêncio do ambiente e aliviar o clima depressivo, pois Ian pouco prestava atenção no que estava passando. Sentando-se na cama Ian pegou um pequeno porta-retratos que estava sobre o criado-mudo, com a foto de sua filha. Abriu a moldura na parte de trás e retirou a fotografia com cuidado. Era uma foto antiga. Juliana ainda era um bebê de colo, com os poucos e finos cabelos presos num pequeno laço cor-de-rosa, o macacão largo demais para seu mirrado corpinho. Sempre fora pequena e delicada, puxando muito mais a compleição de Cláudia do que a dele.

O que ele fizera com sua filha? Fora um péssimo pai, sempre ausente e ocupado demais para ela, mesmo antes do divórcio. Agora temia que nunca mais teria a chance de se redimir. Queria tanto fazer o tempo voltar, evitar as bobagens, poupá-la de seus erros! Mas sabia que era impossível. Teria que lidar com aquele problema, tentando ao menos fazer com que ela sofresse o menos possível. Uma lágrima caiu sobre a foto e ele rapidamente secou-a na calça, guardando-a em seguida no bolso da camisa.

A campainha estridente do telefone assustou-o. Praguejou, levantando-se para atender o aparelho, mas não sem antes tropeçar num sapato largado ao pé da cama.

– Alô?

– Oi, sou eu.

– Eu quem?

– Não me conhece mais? A Eva...

Ian esfregou os olhos.

– Desculpa, a ligação tá baixa – mentiu. – Oi, tudo bem?

– Tudo bem. E você, como é que tá?

Suspirando, Ian empurrou a pilha de toalhas que estavam emboladas sobre a cadeira para o chão e sentou-se. O que será que ela queria àquela hora da tarde?

– Olha, desculpa por anteontem – ele começou. – Eu tava em outro mundo...

– Eu que tenho que me desculpar! – apressou-se ela. – Não sei o que deu em mim. Estava chapada e acho que exagerei na reação, né? Tamara me explicou tudo depois e eu me senti uma idiota. Você me desculpa?

Ian suspirou. Havia esquecido completamente dos acontecimentos da antevéspera, exceto pelo fato de ter bebido o sangue de Tamara e gostado exageradamente. Mas Eva não tinha nada a ver com aquilo.

– Está tudo bem. Fugi porque me assustei, só isso. Nem pensei, só saí de lá correndo.

– Então, estamos bem?

“Que saco!”, pensou Ian, já impaciente com aquela conversa. Não estava com nenhuma cabeça para namoricos por telefone. Ele e ela tiveram alguns momentos juntos, é claro, mas agora ele tinha outras coisas para se preocupar além de uma trepada casual.

– Sim, sim. Olha, desculpa, tá? Foi tudo muito rápido, nem pensei...

– Tá tudo bem – disse ela, em tom amenizador. – Eu só fiquei preocupada...

– Obrigado, mas eu estou bem, não se preocupe.

– A gente se vê hoje à noite? – mudou de assunto.

– Olha, acho que não vai dar. Preciso descansar.

– Quer que eu vá aí?

“Não!”.

– Você não tem que trabalhar hoje à noite?

– Tenho, mas pensei em dar uma passada no final da tarde...

– Olha, não se preocupa, tá? Minha casa está uma bagunça. Vamos combinar o seguinte: se eu estiver legal mais tarde dou uma passada lá no *Vrykolakas*, ok? Mas não prometo nada.

– Tá bom – aceitou ela, meio a contragosto. – Então a gente se vê lá.

– Tchau.

Ian desligou o aparelho, impaciente. Não estava com cabeça para aquele tipo de coisa e a conversa o havia irritado mais do que deveria. Foi até a cozinha, disposto a alimentar-se. Não encontrou nada pronto na geladeira ou no armário, então desistiu. Sentou-se no sofá da sala, sentindo o estômago roncar. Sabia o que se seguiria. E também sabia que provavelmente aquela crise seria ainda mais forte do que a da noite anterior e que dificilmente ele conseguiria se controlar quando ela chegasse.

Pegou a foto da filha no bolso e apertou-a contra o rosto, que se espremia num choro angustiado, silencioso e ressentido.

Eva olhou para o telefone, desanimada. A conversa com Ian não havia sido exatamente o que ela esperava. Aparentemente havia se enganado a respeito de seus sentimentos em relação a ela.

Mas podia estar errada. Ele podia estar apenas querendo poupá-la de seu sofrimento, evitar que ela se envolvesse com ele numa situação tão delicada e manter sua imagem desvinculada de dor e doença. Era uma possibilidade, e apenas a chance de ser aquela a explicação a deixou até um pouco lisonjeada. Largou o telefone sem fio no sofá e caminhou até seu quarto. Se fosse esse o motivo daquele diálogo tão frio, talvez houvesse esperança para o relacionamento no final das contas. Mas precisava ter certeza, e para isso teria que desobedecer às instruções passadas por ele e ir visitá-lo.

Empolgada com a resolução, pôs-se a escolher a roupa para o encontro. Precisava estar elegante, sensual. Mas não exageradamente, afinal de contas ele estava doente. Tirou dos cabides três de seus vestidos mais discretos e estendeu-os sobre a cama. Observou-os, tentando imaginar qual serviria melhor para uma situação daquelas. O preto longo? Não, muito “festa”. E o decote nas costas era tudo, menos sóbrio. O vinho de veludo? Talvez, mas teria que encontrar um sapato que combinasse e, pelo que lembrava, havia vomitado no único que poderia servir. Talvez o conjuntinho cinza? Não, aí já era sóbrio demais. Iria parecer que ela estava indo a um velório, e aquela era a última impressão que queria passar.

Voltou ao armário, pronta para recomeçar a busca, quando ouviu seu celular tocando. Correu para a sala e retirou-o da bolsa, irritada. O painel piscava o nome do senador. “Ai, saco!”, praguejou, impaciente. Não estava a fim de conversa com ele naquele momento, mas ao mesmo tempo lembrou-se da ordem que recebera de Marques e da *Night Glam*, então atendeu.

– Oi, tigresa – disse ele, novamente sussurrando sob a confusão do congresso.

– Oi. O que você quer?

– Nossa, que secura. Parece que não está feliz em falar comigo.

Eva suspirou acintosamente.

– Olha, desculpe, mas eu estou muito ocupada agora. Dá pra ligar

mais tarde?

– Não, não dá. Que história é essa? Quem está aí com você?

– Não tem ninguém comigo! Desculpe, mas eu estou realmente ocupada...

– Olha aqui, garota – vociferou ele, deixando de lado a discrição –, se você acha que pode me tratar como um cabra qualquer pode ir tirando o cavalo da chuva. Você vai falar comigo agora!

“Putá que o pariu!”, pensou Eva, prestes a explodir. Sujeitinho prepotente!

– Tá, tá! – concedeu, percebendo que não iria conseguir se livrar facilmente. – O que você quer?

– Assim é melhor! Ô diacho! Potranca difícil.

“Potranca é a tua mãe, velho fedorento!”, pensou ela, se controlando para não verbalizar. O senador era uma pessoa dura, que não media esforços para conseguir o que queria. Se conversar com ela naquele momento era seu desejo nada o impediria, então era melhor ela se resignar e ver o que ele tinha a dizer.

– O negócio é o seguinte, tigresa: Estarei em São Paulo hoje e amanhã e quero você só pra mim. Diz pro teu chefe me ligar que eu acerto as coisas direitinho.

“Ai, não! Hoje não!”.

– Não vai dar, meu tigrãozinho – disse ela, forçando um tom de desapontamento. – Hoje vai ser impossível.

– Como é que é?

– Desculpe, mas não vai dar.

– E por quê?

“Por quê? Porque eu prefiro engolir minhocas podres a passar mais uma noite com você, seu filho da puta. Porque hoje vou me acertar definitivamente com o Ian, seu velho escroto. Porque eu não aguento mais ser sua putinha de luxo, seu corno desgraçado.”

– Sabe como é, coisa de mulher...

– Menstruada? Ah, que pena! Realmente uma pena. Será um desperdício passar a noite inteira em branco. Você por acaso não teria uma amiga disponível, teria?

“Filho da puta! Filho da puta!”. Aquela foi a gota-d’água.

– Não, não tenho! – gritou. – Liga pro puteiro da tua mãe! Quem sabe ela não consegue o que você precisa?

– Êita, é assim que eu gosto! Mostrando as garras! Bom, então vou desligar. Quem sabe essa sangueira toda não para até de noite e você não dá uma passada lá no Plaza? Só me avisa antes, pro caso de eu já estar acompanhado...

Eva desligou a ligação, fula da vida. Que maldito! Quem ele pensava que era para tratá-la daquele jeito? Aos diabos que fosse senador, presidente, rei! Ela tinha amor próprio. Não era uma putinha qualquer. Voltou batendo os pés para o quarto, irritada. Chega daquilo, chega de *Night Glam*, senador, Ramiro, Marques, Dante. Iria atrás de seu amor, de sua paixão, de sua vida. Dane-se tudo!

Seu celular tocou novamente. Jogou as roupas que havia acabado de tirar do cabide no chão e correu para atender. Se fosse o senador novamente iria ouvir umas verdades. Atendeu sem olhar o aparelho.

– Eva?

– Sou eu. Quem é?

– Marques. O Marcelo está chegando aí. Você tem uma sessão de fotos às cinco. Esteja pronta.

– Mas...

– Sem mas nem meio mas. É coisa boa e tem cachê gordo. Dei o sangue por esse trabalho, então não me venha com desculpas.

– Mas... – tentou de novo, mas dessa vez foi interrompida pela campainha do interfone.

– Ah, é ele – disse Marques, ouvindo do outro lado da linha. – Depois você me conta como foi.

– Eu...

– Depois. Até mais – e desligou.

Eva ficou de bobeira por alguns momentos, segurando o celular mudo no ouvido, enquanto o interfone tocava com insistência. Quando finalmente percebeu o que acabara de acontecer soltou um grito agudo. Arremessou o telefone no sofá e correu para atender o interfone.

Dante olhou desanimado para o relógio em seu monitor. Cinco e dez. Havia perdido o dia inteiro escrevendo a maldita matéria para Marques. Passou os olhos rapidamente pelo texto, envergonhado com o conteúdo que fora obrigado a criar por imposição do empregador. Sentiu-se sujo, indigno, imoral e covarde por ter cedido à pressão, e aquele dejetos em sua tela era o resultado daquilo. Mesmo assim, mandou imprimi-lo. Em seguida o levou até a sala de Marques, que estava ao telefone e simplesmente acenou para que ele colocasse as folhas sobre sua mesa. Dante obedeceu e se retirou, retornando à sua própria mesa.

“Trabalho de merda”, pensou, enquanto fechava o editor de textos e verificava a caixa postal. Apenas os mesmos e maçantes boletins de fofocas, os mesmos resumos dos jornais do dia feitos pela área de marketing. Selecionou tudo e apertou o botão para apagá-los. Não estava com a menor paciência para aquilo. Levantou-se e foi até a copa, ávido por uma dose de café, mas àquela hora o café já havia terminado. Se resignou com um copo de água. Retornando à mesa, ouviu Marques gritar da porta de sua sala, parabenizando-o pelo texto e pedindo que o mandasse imediatamente ao revisor. Dante acenou e cumpriu a ordem mecanicamente. Assim que a mensagem foi enviada, esfregou o rosto com as mãos, tentando espantar o cansaço e o desânimo, pois tinha muito que fazer ainda. Sacou o gancho do telefone e discou o ramal de Eduardo, que atendeu em três toques.

– Edu? E aí?

– Fala, Dante. Olha, consegui algumas coisas no nosso arquivo, mas muita coisa vai levar um tempo pra conseguir. Quer dar uma olhada?

– Estou indo aí.

Desligou o telefone e levantou, dirigindo-se ao elevador. Passou pela frente da sala de Marques, mas este aparentemente estava ocupado demais para importuná-lo. Subiu dois andares, onde ficavam os arquivos da revista. Encontrou Eduardo na porta.

– Senta aí, Dante. – disse ele, apontando para o sofá da recepção. Vamos acabar logo com isso, que tenho compromisso...

– Academia?

– Fisioterapia. Estou com tendinite no pulso...

– Tá, desencana. O que você achou?

– Bom, seu amigo foi abandonado no Orfanato do Sagrado Coração de Jesus, em Belo Horizonte, logo após o nascimento. Ficou lá apenas seis meses. Foi adotado por Edmundo e Luzia Cunha Batista...

– Tá, isso eu já sei – cortou-o Dante, impaciente – E os pais biológicos?

– Lá no orfanato disseram que esse dado é confidencial, que eu não conseguiria sem um mandado judicial. É uma informação importante?

– Na atual conjuntura, tudo é importante.

– Vou ver o que posso fazer, mas não posso prometer nada. Bom, continuando, nossos registros tem pouco material sobre ele. A maioria é relacionada ao seu estabelecimento, o tal do *Vrykolakas*. Mesmo assim, pouca coisa de relevante. Então decidi procurar nos registros de outras revistas. Tem uma coisa que talvez lhe interesse...

– Algum fato na região de Resende ou Visconde de Mauá? – perguntou Dante, ansioso.

– Hein? Não, nada disso. Por quê?

– Nada, nada – desconversou, tentando disfarçar o desapontamento. – O que foi?

– Bom, aparentemente houve um crime relacionado com ele. Uma de suas promotoras foi encontrada morta em casa, há exatamente um ano. Ele foi chamado para depor, mas nada além disso.

Dante puxou a folha impressa da mão de Eduardo e leu a nota rapidamente. Era um texto curto, destinado a páginas internas de cadernos policiais de algum jornal. Dava poucos detalhes além do fato da garota ter sido assassinada e que Ramiro havia prestado seu depoimento e liberado logo em seguida.

– Qual foi a causa da morte?

– Não encontrei nada mais detalhado. Foi um caso corriqueiro e rapidamente abafado, pois não queriam macular a imagem da casa. Se quiser maiores detalhes a respeito vou levar um tempo pra conseguir. Sabe como é, caso antigo, nunca resolvido... Ninguém gosta de levantar a poeira que já está debaixo do tapete.

– Quando foi mesmo?

– Isso é que foi o mais engraçado. Foi no dia 28 de julho. Está fazendo aniversário exatamente hoje. Coincidência, né?

Dante empalideceu. Não gostava de coincidências.

– Pode ser muito mais do que isso. Será que é uma data importante? Que dia Ramiro nasceu?

– Tá aqui. O orfanato colocou na certidão de nascimento o dia em que ele entrou na instituição, 14 de fevereiro. O dia certo não tem como descobrir sem a certidão original. Por quê?

– Podia haver uma relação. Que mais?

– Bom, puxei a ficha corrida dele com um colega meu na polícia. Ele está envolvido em dois processos por excesso de ruído e um por agressão a um cliente, mas esse ele já ganhou em primeira instância.

– Nada mais antigo?

– Deixa eu ver. Só uma autuação por dirigir embriagado aos dezenove anos. Passou a noite na cadeia e foi solto em seguida.

Aquilo não era o suficiente, avaliou Dante, desanimado. Precisava de algum dado que ligasse Ramiro a Visconde de Mauá e à Katina na época de seu estupro, mas aparentemente ele não havia deixado traços, caso realmente tenha estado lá na ocasião. Será que Dante estava tão errado? Não era possível! A semelhança de Ramiro e Ephraim era grande demais para ser apenas coincidência. Mas como poderia ligar os dois? Nada daquilo estava realmente ajudando-o.

– Merda! – gritou, batendo na coxa. – Isso não é o suficiente!

– Ei, calma! Não foi fácil levantar essas informações...

– Eu sei, desculpe. Não é culpa sua. Pelo contrário, você fez um trabalho excelente. Mas infelizmente não é o que estou procurando.

– E isso seria...

– Algum incidente há dezessete ou dezoito anos. Em Mauá.

– Putz, aí é complicado...

– É, eu sei. Olha, valeu pelo esforço. Tem como você levantar mais informações sobre o assassinato da promotora? Talvez seja importante...

Eduardo coçou a cabeça.

– Até dá, só que vou ter que cobrar uns favores pra conseguir. Mas relaxa, que não tem erro.

– E o histórico médico dele? – arriscou.

– Aí você pegou pesado. Essa informação é confidencial e não vai sair sem molhar a mão de alguém graúdo. O Marques até libera uma verba para esse tipo de coisa de vez em quando, caso seja necessário, mas mesmo assim ainda é complicado.

– Não mete o Marques nesse rolo. É coisa minha.

– Então fodeu. Esse tipo de informação não é barata...

Dante arrumou os papéis dentro da pasta de cartolina e se ergueu antes que Eduardo terminasse a sentença.

– Vê o que dá pra fazer. Mas me arruma o material sobre a promotora morta, beleza? Qualquer coisa a gente levanta a grana pro histórico de algum jeito. Valeu, hein?

– É meu trabalho.

– Só mais uma coisa: boca de siri. O Marques não precisa saber disso.

– É só ele não perguntar. Falou.

Dante ficou observando o colega enquanto ele pegava o elevador. Ele havia deixado bem claro que não mentiria para Marques caso fosse interrogado, então Dante teria que ser duplamente discreto caso não quisesse se enrolar profissionalmente naquela investigação. Desceu até o andar da redação pela escada mesmo e jogou a pasta em cima da mesa. Encerrou o computador e recolheu suas coisas antes de se levantar para ir embora. Passou pela sala de Marques, acenou amistosamente e pegou o elevador. Tinha que jantar com Luana e depois se aprontar para aquela noite. Usando novamente Eva como subterfúgio tentaria desenterrar as informações diretamente com Ramiro ou com alguém da casa. Não podia deixar aquela história esfriar, por mais que o incomodasse o reencontro com o sinistro proprietário do *Vrykolakas*, ou então perderia tudo e o mistério que vitimou Jonas nunca seria devidamente resolvido.

E aquilo ele não podia permitir.

Ian rolava de um lado para o outro no chão acarpetado de seu quarto, subjugado pela dor. Com as mãos agarrava o ventre, numa inútil tentativa de aliviar aquela agonia que queimava suas entranhas, tirando seu equilíbrio, sua sanidade e suas forças. Tentava gemer, mas mesmo aquele simples ato era algo insuportável para ele. Respirar era um suplício!

Ouviu o telefone tocar, mas não conseguiu se mover para atendê-lo. Tocou três vezes, caindo em seguida na secretária eletrônica. Após o período de silêncio para tocar a saudação gravada, ouviu o bipe agudo e o alto falante ligou.

– Ian? – disse uma voz no aparelho, inicialmente irreconhecível. – Ian, você está aí? Atenda, por favor. Ian?

Era Cláudia. Ian queria realmente atender ao telefonema da ex-mulher, mas foi impossível. Seu corpo permaneceu imóvel. Seus músculos simplesmente não o obedeciam mais.

– Bom – continuou ela, notadamente desapontada – me liga quando receber essa mensagem. A gente precisa muito conversar – e desligou. A linha deu o sinal de ocupado algumas vezes antes que o aparelho desligasse a gravação.

Ian amaldiçoou a dor que o impedia de até mesmo atender ao telefone. Arrependeu-se por não ter escutado os conselhos de Cláudia na véspera. Estava mal. Provavelmente morreria sozinho e em grande sofrimento no seu apartamento, incapaz até mesmo de chamar por ajuda. Chegou até a considerar a morte uma opção viável para terminar com aquela tortura, mas sabia que não teria forças nem ao menos para o suicídio. Precisava ir a um hospital. Precisava resolver aquele problema de alguma maneira. Será que ninguém viria ajudá-lo? Será que seu destino era aquele, morrer sozinho e abandonado no chão de seu quarto? Realmente não era aquele o destino que ele imaginava.

“E o que você queria? Morrer velho, brocha e doente, preso a uma cadeira de rodas em um sanatório, enquanto enfermeiras mal-humoradas trocam sua comadre fedorenta? É isso que você prefere?”, pensou, chegando até mesmo a rir da possibilidade. Cada risada atravessou suas entranhas como uma onda de pequenos e doloridos choques elétricos, o que o obrigou a parar.

Não, não se imaginava morrendo velho, mas sabia que também não estava pronto para morrer tão jovem, nem com tanta dor. Precisava encontrar uma cura para essa coisa que o estava devorando por dentro, destruindo-o, matando-o impiedosamente. Em um canto obscuro de sua mente uma voz gritava para ele a resposta, a cura para aquilo, ao menos a solução temporária. Mas a ideia lhe era tão repugnante que se recusava a ouvi-la. Nunca mais beberia sangue em sua vida, por mais que aquilo aliviasse seu tormento. Não era um animal irracional, que cedia aos instintos primais tão facilmente. Era um ser humano, dotado de moral e racionalismo e para quem somente a ideia de alimentar-se de sangue humano era simplesmente impensável. Não, devia haver outra solução.

E se não houvesse? Estaria condenado a passar o resto da vida convivendo com aquela dor? A alternativa não era nada agradável, avaliou. Quem sabe, somente de vez em quando...

Não! Não podia ceder à tentação! Era errado, era asqueroso, era animalesco! Precisava manter essa perspectiva em mente, caso contrário ficaria maluco.

Ouviu o telefone tocando mais uma vez, e de novo não teve forças para se mexer. Mas daquela vez não era Cláudia quem telefonava.

– Ian? Oi, é Eva. Olha, já estou aqui no *Vrykolakas*. Cheguei mais cedo hoje. Vem pra cá, querido, que estou te esperando. Qualquer que seja o problema, a gente pode resolver se estivermos juntos.

“Sem dúvida, Eva. Seria bem mais fácil se você estivesse aqui, junto comigo, para pelo menos ligar para uma ambulância!”, pensou ele amargamente.

– Olha, sei que não é o lugar nem o momento certo, mas quero que você saiba que eu te amo muito. E eu me preocupo com você, viu? Sei que está passando por uma fase difícil, mas quero que saiba que eu estou do seu lado pro que der e vier... Hã? Ah, tá, espera. O Radu quer falar com você

– Isso foi lindo, não foi? – disse Ramiro. – Venha para cá, Ian, que temos uma surpresa pra você. Eu, Tamara e, é claro, Eva. Saia dessa cama imediatamente, ponha uma roupa legal e venha comemorar conosco. Prometo abrir uma garrafa especial de meu melhor uísque se você vir.

Silêncio. Alguns ruídos no fundo, música e vozes indistintas. Parecia que tinham esquecido de desligar o telefone, mas não foi o que aconteceu.

– Ian? – perguntou Tamara. – Alô, você está aí? – Mudou o tom de voz para um murmúrio. – Vou falar rapidinho enquanto a Eva está distraída.

Sabe aquele “negócio” que fizemos a outra noite? Pode vir que te dou outra dose, se você estiver precisando. Vem, gato, que eu tenho exatamente o que você precisa – e desligou.

“Desgraçada!”, pensou Ian, sem conseguir externar sua raiva. Lá estava a responsável por sua agonia. Ian podia estar morrendo, mas antes de partir iria se vingar da filha da puta que o havia transformado naquele pesadelo surrealista e grotesco, naquela aberração. Ah, se ia, nem que fosse necessário mover montanhas de dor, toneladas de sofrimento. Precisava controlar aquela crise de uma vez por todas, nem que fosse apenas por uma noite, de modo a consumir sua vingança.

Porém, por mais força de vontade que ele tivesse, mesmo assim era muito difícil. Não iria conseguir se mover apenas forçando a barra. Aquilo estava além dos recursos de sua mente febril. Seu corpo inteiro era uma pústula dolorida e inflamada, de modo que não seria possível apenas se controlar e sair andando.

A voz em sua mente começou a se tornar mais alta, mais eloquente. “Só hoje”, dizia ela. “Só uma vez”, insistia. Mas como? Onde conseguiria sangue fresco, mesmo que quisesse? Estava sozinho em casa. Nem um bicho de estimação ele tinha!

De repente sua mente clareou. Sabia exatamente onde conseguir o sangue que precisava. A resposta estava ali, em sua cara. E não apenas em sua cara, mas em todo seu corpo. Não sabia se funcionaria. Mas precisava tentar, por mais horrenda que fosse a ideia. Com um espasmo, trouxe seu braço para perto do rosto. Foi como se suas juntas estivessem crivadas com farpas agudas de madeira, a dor se espalhando por todo o corpo a cada pequeno movimento que fazia. Mas, finalmente, conseguiu aproximar o antebraço de sua boca. Sabia que se fizesse aquilo sua dor passaria. Mas a que preço? Estaria disposto a se canibalizar, mesmo que fosse para aliviar seu tormento? Ou, pior, conseguiria parar depois de ter começado, chegando ao ponto de alimentar-se de si próprio até a morte?

Não havia tempo para aquelas questões. Precisava arriscar. Era sua única chance. Fechou a mandíbula violentamente sobre a parte carnuda do braço, quase desmaiando com a dor autoinfligida. Mesmo assim se recusou a tirar a boca do ferimento e começou a sorver o líquido quente que escorria. Imediatamente sentiu uma onda de alívio tomar conta de seu corpo e até mesmo a dor de sua mordida desapareceu. A mente entrou numa espécie de torpor de êxtase. Continuou a beber o próprio sangue até que a crise

finalmente cedesse.

Era a noite perfeita para uma reconciliação, pensou Eva. A pista no térreo já estava começando a lotar, mas ela sabia que aquele não era o seu mundo. Seu cenário natural era o andar superior, onde as promotoras eram rainhas na noite eterna. Lá ainda estava vazio, pois os convidados VIP costumavam chegar mais tarde. Mesmo assim já estava tudo pronto. O chão estava varrido, as luzes acesas e o bar pronto para receber pedidos. Até mesmo a banda que tocaria naquela noite já tinha passado o som, deixando no pequeno palco apenas os instrumentos em seus devidos pedestais. O sistema de som ambiente tocava uma balada *heavy metal* num volume moderado, mas adequado ao clima de começo de noite. “Está perfeito!”, avaliou Eva, sentindo o humor melhorar gradativamente. Aquele era o lugar ideal para se acertar com Ian. Caso ele aparecesse.

As quartas e as quintas-feiras eram as melhores noites da casa. A frequência não era tão grande como nos finais de semana, mas as pessoas mais interessantes apareciam naquelas noites. Poderia trabalhar sem preocupações e ainda teria tempo para namorar, se fosse o caso. Era um bom emprego, apesar de tudo.

Encontrou Tamara na pista e juntas dirigiram-se até o balcão do bar, onde sentaram nas banquetas estofadas. Tamara chamou Roberto, o *barman*, que imediatamente apareceu para atendê-las. Eva notou que até ele estava com um humor melhor naquela noite. Decidiu que iria parar de pegar no pé dele daquele momento em diante. Por que razão ela era tão má com o pobrezinho? O que ele havia feito para merecer tanto desprezo de sua parte? Estavam no mesmo barco no final das contas. Em seguida Ramiro se aproximou e os três entabularam uma animada conversa.

Mas Eva não conseguia tirar Ian da cabeça, mesmo estando tudo tão perfeito. E se ele não aparecesse? Tudo aquilo iria simplesmente ser inútil e ela não teria o amor de sua vida de volta. Pensou em telefonar de novo, mas foi rechaçada por seus colegas, que argumentaram que não seria de bom tom forçar a barra. Mesmo assim, Ramiro garantiu que iria pessoalmente buscá-lo caso ele demorasse a chegar, e aquilo a tranquilizou um pouco.

Quase uma hora se passou até que ele finalmente chegou. O coração de Eva deu um salto quando avistou seu rosto na entrada da área VIP. Lá

estava ele, seu maravilhoso Ian, exatamente como Ramiro e Tamara garantiram. Mas ele não parecia bem. Mesmo com a luz fraca do ambiente Eva percebeu que seu rosto estava pálido como o de um fantasma. Ele caminhava meio cambaleante, agarrando fortemente o abdome, como se sentisse uma terrível dor vinda de lá. A loira saltou da banquetta e correu em sua direção. Ele não estava bem. Precisava de ajuda. Precisava dela! Quando chegou próximo o suficiente apressou-se em abraçá-lo. Mas o abraço logo foi desfeito com um solavanco até mesmo grosseiro. A expressão no rosto de Ian era terrível, de partir seu coração apaixonado. Eva ficou sem ação.

– Ian, o que você tem?

– Tamara – grunhiu ele. – Onde ela está?

O estômago de Eva gelou. Ele não viera para vê-la, mas para encontrar Tamara! Não se enganara na outra noite, então. Realmente havia flagrado alguma coisa acontecendo entre os dois. Mas não iria permitir que a vagabunda o roubasse dela, de maneira alguma. Moveria montanhas por aquele homem. Não o perderia por nada deste mundo.

– Esqueça Tamara – disse ela, tentando disfarçar a raiva que sentia. – Eu estou aqui e posso ajudá-lo. Vem, vamos nos sentar...

A resposta de Ian foi direta. Com a mão livre agarrou o braço de Eva com força exagerada e jogou-a para o lado, quase a derrubando com o gesto brusco. Seus olhos haviam avistado seu alvo no bar, e nem mesmo Eva poderia desviá-lo de seu objetivo. Mas ela iria tentar. Não iria perder Ian para mulher nenhuma, muito menos uma piranha como Tamara. Como fora idiota ao ponto de acreditar nela, se dissimulando como uma amiga! Ela queria mesmo era passar a perna nela, roubar seu homem, sua felicidade. Não, aquilo era demais para ela permitir, por isso correu para a frente de Ian, barrando seu avanço.

– Eva, sai da minha frente – ameaçou ele. – Não quero te machucar...

– Agora é tarde! – gritou Eva. – Quem você pensa que eu sou pra me tratar desse jeito? Não sou nenhuma vagabundinha para ser descartada dessa maneira!

Eva percebeu que Ian não olhava para ela, mas para Tamara. Ele mordida o lábio inferior, talvez por frustração, talvez pela dor que sentia. Mas ela não se deixaria amolecer por aquele fato.

– Olha pra mim, Ian – implorou. – Eu estou aqui, posso te ajudar. Tamara não quer nada com você! Ela só está tentando roubar você de mim!

– Caralho, Eva, sai da minha frente ou vou ser obrigado a te machucar

de verdade!

Naquele ponto todo o salão havia se voltado para a briga deles. Um murmúrio percorria os presentes, ávidos por testemunharem uma cena de ciúme, uma briga de namorados, um barraco qualquer. Quem sabe eles até não partiam para as vias de fato? Aquilo sim seria um espetáculo digno de ser visto.

– Não vou sair da frente até você conversar comigo! A gente tem muito que conversar e eu não vou permitir que você fale com ela! Foi pra me ver que você veio! Eu sou a mulher que você ama!

Ian finalmente voltou seus olhos pálidos para ela após aquela última sentença, mas não havia compreensão ou amor naquele olhar, e sim raiva e ódio incontroláveis. Temendo pela própria segurança Eva deu dois passos para trás. Não reconhecia mais aquele homem. Era como se estivesse confrontando uma besta ensandecida, um bicho raivoso, e não o Ian que aprendera a amar. Era um desconhecido, um animal, prestes a dar o bote sobre ela, então se calou, apavorada.

Mas ele não se contentou com seu silêncio e avançou. Aparentemente conseguira desviar a atenção dele de Tamara, mas a que preço? Ela havia se tornado o alvo de sua fúria animalesca. Tudo que ela imaginara para aquela noite ruiu vergonhosamente e agora ela tinha que lutar não mais para recuperar seu amor, mas para se defender.

Finalmente Ramiro interviu. Saltando rápido como um felino agarrou Ian pelos ombros e deteve seu avanço. Infelizmente as testemunhas presentes já os cercavam de tal maneira que era impossível Eva fugir, mesmo que suas pernas conseguissem se mover.

Na confusão do momento, percebeu que Ramiro cochichou alguma coisa no ouvido de Ian e este imediatamente se acalmou, permitindo que o seu patrão e salvador o soltasse sem que houvesse novo risco de agressão. Em seguida, Ramiro se voltou para ela, estendendo a mão magra e branca como leite. Sem pensar, Eva agarrou-se àquela mão, como se a firmeza e segurança daquele homem pudessem ser transmitidas pelo toque da pele. Deixou-se ser guiada até o vestiário. Mas antes que lá chegassem percebeu que Tamara havia se aproximado de Ian e que ambos se olhavam sem palavras. Novamente se descontrolou. Só não recomeçou a confusão graças aos braços fortes de Ramiro, que a agarraram e finalmente conseguiram levá-la para o vestiário. Foi preciso muita força para ela ser subjugada em sua fúria histérica. Ramiro pediu a Bruno, o segurança que os havia

acompanhado desde a pista, que lhe trouxesse um copo de água. Ele prontamente atendeu. Ramiro então sacou uma cartela de pílulas do bolso interno do paletó, retirou duas e as colocou na boca de Eva, que as cuspiu no chão. Ramiro tirou mais dois comprimidos da cartela, mas em vez de colocar à força na boca da promotora mostrou-as a ela, sacudindo-as perto de seu rosto.

– Isso é um calmante – explicou ele, com a impassível voz suave de sempre. – Ele vai relaxar você...

– Não quero calmante! – berrou Eva. – Quero matar aquela vagabunda!

Ramiro, num gesto rápido, agarrou o queixo de Eva, calando-a de susto pelo gesto brusco. Ao mesmo tempo pressionou de leve as juntas de seu maxilar, fazendo sua boca abrir involuntariamente.

– Já tivemos encrencas demais para uma noite – disse ele, severo. – Você vai tomar este calmante e vai se controlar. Não permitirei que meus convidados presenciem uma luta grotesca entre duas de minhas promotoras. Qualquer problema entre vocês duas deve ser resolvido fora daqui. Não vou tolerar esse tipo de coisa em minha casa e não tenho pudores em mandar você e sua amiga pra rua caso essa história não se resolva agora. Estamos entendidos, mocinha?

Eva sacudiu a cabeça afirmativamente. Aceitou sem reclamar o remédio que lhe fora oferecido. Ramiro soltou seu queixo logo que ela engoliu as pílulas e se afastou. Deu ordens a Bruno que a vigiasse enquanto o remédio não fizesse efeito e saiu do recinto.

Eva gritou o mais alto que pode, frustrada e magoada com a sequência de acontecimentos daquela noite infernal. Deu tudo errado. Perdeu seu homem, sua pretensa amiga e agora estava arriscada a perder o emprego por causa daquilo. Sem conseguir mais suportar, sentou-se no chão e começou a chorar. Lembranças de sua infância e de sua vida até aquele momento subitamente invadiram sua mente febril. Viu o rosto severo de seu pai, a face cansada e desanimada de sua mãe, padre Dadinho dando uma penitência após sua confissão infantil, os colegas do grupo escolar que nunca mais vira, sua professora da quarta série, que batia em sua mão com uma régua de madeira toda vez que ela errava alguma conta, Domênico, Ricardo e todos que passaram em sua vida, fosse de maneira importante ou apenas casual. Nem percebeu quando seu corpo ficou dormente e mole. O choro cessou e as pálpebras ficaram pesadas. Sem conseguir se sustentar, tombou para o lado, a

cabeça fazendo um ruído grave quando bateu secamente no piso, mas nem por isso ela gemeu de dor ou reclamou. Estava cansada demais. A última coisa que ouviu antes da mente desligar de vez foi a voz de Ramiro, que havia retornado, dando ordens a Bruno que a levasse para casa.

Depois, foi só escuridão.

Tamara segurou o braço de Ian, que imediatamente se enrijeceu àquele toque. A multidão já havia perdido grande parte do interesse neles e recomeçava a retornar aos seus antigos assuntos. Ou procurar por novos.

Mas aquilo não importava para o irritado Ian. Lá estava ela, o seu alvo, a única pessoa que ele conhecia que talvez pudesse ajudar a resolver sua crise. E ela estava sorrindo para ele como uma prostituta de rua!

– Ei, gato, relaxa – sussurrou ela, suficientemente alto para que apenas ele ouvisse no ambiente barulhento. – Ela já foi embora...

– Foda-se a Eva! – gritou ele, sem disposição para ser discreto. – É com você que eu vim falar!

– Pois perdeu seu tempo! – retrucou ela, no mesmo tom. – Não tenho nada para conversar com você! Não tenho culpa que você está a fim de mim, então vê se sai do meu pé, cara. Tua namorada foi pra lá...

– Que papo é esse? Você sabe muito bem do que estou falando! – Tamara virou as costas para ele e fez menção de ir embora, acenando com a mão esquerda como num adeus impaciente. Ian não perdeu tempo e agarrou com violência seu braço, puxando-a de novo para perto de si. – Não pense que você vai sair assim, sua vagabunda! Preciso saber o que você fez comigo e como posso me curar!

A multidão imediatamente retornou, pois percebera que o espetáculo não havia realmente acabado. Havia mais coisa naquela história, afinal.

– Gato, assim você me deixa louca! – sussurrou novamente Tamara, para em seguida gritar. – Me larga, cara! O que eu fiz com você? Não fiz merda nenhuma, se liga! Teu papo é com a Eva, sacou? Eva Bueno, promotora da casa. Sua namorada, lembra? Ou será que você se cansou de espancá-la e agora quer variar um pouco? Mas eu não sou como ela, não. Não sou trouxa pra cair na tua conversa mole e nem tenho medo de você. Agora me larga ou vou chamar a polícia!

Ian puxou-a novamente, mas apertando o braço da mulata com mais força.

– Você está maluca? Esqueceu do que aconteceu na tua casa na outra noite? Você até deixou um recado na minha secretária eletrônica me chamando! Olha aqui – disse ele, puxando a manga do agasalho com os

dentes e expondo a bandagem ensanguentada em seu antebraço. – Olha o que eu tive que fazer para poder vir até aqui! Olha para isso!

Tamara olhou bem para o curativo improvisado, mal disfarçando um sorriso. Mas em seguida sacudiu o braço, numa tentativa inútil de se libertar.

– Você é doido! – gritou. Não para ele, mas claramente para a multidão. – Me larga! Socorro!

Respondendo a seu chamado dois seguranças da casa se adiantaram, saindo de seus postos na entrada e abrindo espaço na multidão que os cercava. Não havia como Ian escapar, por isso decidiu aproveitar os poucos segundos que lhe restavam.

– Qual é a cura? – perguntou para a mulata, sério como se estivesse em um velório. – Como faço essa dor parar?

– Você sabe a resposta, *chéri* – murmurou ela com um discreto sorriso irônico. – Está em seu sangue...

– Para com a brincadeira! – rosnou ele. – Foi você quem me transformou nisso! Como eu posso me curar?

– Não há cura, gato. E nem doença. Não fui eu quem causou isso, mas tenha certeza que eu daria um braço para estar em seu lugar. Agora pare de ser um bebê chorão e aproveite sua nova vida.

– Nova vida? O que isso quer dizer?

– Quer dizer que eu não tenho merda nenhuma a ver com seus problemas! – gritou ela novamente para a multidão, agitando os braços. – Se seu pau não sobe mais com a Eva não venha para cima de mim que daqui você não leva nada!

O sangue de Ian ferveu. Aquela maníaca finalmente o havia tirado do sério. Sentiu o rosto arder, os músculos se retesarem ao máximo. Um arrepio percorreu sua espinha até chegar em sua nuca. Antes que percebesse o que estava fazendo esbofeteou Tamara violentamente no rosto com as costas da mão, fazendo a mulata cair no chão de madeira.

Sua agressão foi o suficiente para que o local se transformasse num inferno. A confusão se alastrou rapidamente, a multidão se dividindo entre os que entravam na briga e os que tentavam sair ilesos dela. Ian distribuía socos a esmo, chegando a acertar até mesmo mulheres que apenas gritavam histéricas. A balbúrdia foi tamanha que os seguranças que vinham na direção de Ian precisaram abandonar seu alvo, de tão ocupados. Tamara se ergueu, limpando o sangue que escorria de seu lábio. Ian olhou para ela entre um soco e outro, somente para perceber que ela o observava com um grande

sorriso. Sem saber como agir naquela confusão, Ian se esforçou para ir em sua direção, empurrando quem quer que estivesse em seu caminho. Quando se aproximou o suficiente visualizou o sangue que escorria pela face da mulata. Foi o bastante para que ele simplesmente se esquecesse de todo o resto. Seu estômago se revirou por antecipação e sua dor abdominal se acentuou, mas nem mesmo aquilo iria desviá-lo de seu objetivo: os lábios carnudos e ensanguentados de Tamara. Deu dois passos firmes em sua direção. A mulata não fugiu, por isso tomou-a violentamente nos braços e beijou-a na boca, aproveitando-se do gesto para sugar o tão desejado sangue. Tamara não reagiu, deixando-se ser sugada daquela maneira. Mas, como da outra vez, o ferimento não era profundo e o sangue que fluía era insuficiente para saciá-lo. Tomado pela fome incontável, Ian enfiou impiedosamente os dentes nos lábios de Tamara, abrindo um corte mais profundo. Sentiu o jato de sangue jorrar em sua boca sedenta, junto com uma onda de alívio que imediatamente entorpeceu seu corpo exaurido, relaxando-o completamente.

Mas dessa vez Tamara reagiu. Empurrou-o com violência e começou a gritar como uma alucinada, passando a mão no lábio cortado e exibindo o sangue para quem quisesse ver. Ian, ainda em torpor, não percebeu que novamente todas as atenções do salão se voltavam para eles antes que fosse tarde demais. Sentiu o primeiro soco direto no queixo, vindo não sabia de onde. De algum modo conseguiu se manter de pé. Os próximos golpes vieram numa sequência impossível de acompanhar. Não havia como se defender. A cada golpe uma onda de choque percorria seu corpo. O alívio que acabara de sentir imediatamente desapareceu, sua dor latejando novamente em suas entranhas a cada jato de adrenalina despejado em seu sangue. Perdeu subitamente o controle de suas funções motoras, não apenas pelos socos e pontapés, mas também graças à sua famigerada agonia, sua terrível fome. Sem mais forças para se manter, caiu sobre os joelhos, ainda sendo impiedosamente espancado. Em sua posição indefesa captou, vindo de um local indistinto, o som de uma garrafa se quebrando. Logo em seguida suas narinas foram invadidas pelo cheiro adocicado e convidativo de sangue fresco. Era o que ele precisava para reativar seus sentidos confusos e serem acionados seus instintos latentes. Ergueu-se de um salto, empurrando seus agressores para longe e colocando-se firmemente em uma posição ameaçadora. Precisava encontrar a fonte do sangue fresco que sentia jorrar ininterruptamente, inundando suas narinas de uma maneira assustadora. Seus olhos perscrutaram a multidão à procura de seu alvo, até que finalmente o

encontraram. Era um rapaz alto, que com uma mão cobria um feio ferimento em sua cabeça e com a outra se apoiava em um dos pilares do salão. Estava a uma distância de alguns passos, mas havia toda uma muralha de agressores entre eles. Deu dois passos para frente, rosnando como um felino acuado. Aquilo foi o suficiente para que as pessoas se afastassem, deixando o caminho livre para seu alimento, que continuava ali, ignorante de seu destino, indefeso como um coelho em uma armadilha.

Mas, antes que conseguisse alcançar seu alvo, Ian sentiu braços fortes o agarrarem, impedindo seu avanço. Começou a se contorcer como um alucinado, mas a pressão era demais para que ele se libertasse. Sentiu a boca salivar pela expectativa frustrada de alimento. Aquilo só serviu para deixá-lo ainda mais irritado. Seu algoz, percebendo que poderia deixá-lo escapar, passou-lhe uma rasteira e ambos caíram desajeitadamente sobre o imundo chão de madeira. A mente de Ian girava com pensamentos confusos. Sua sanidade se esvaía, o lado animal de seu cérebro com controle quase total. Mas, mesmo assim, conseguiu discernir a voz de seu captor, uma voz suave e melodiosa, mesmo num momento tenso como aquele.

– Acalme-se, meu querido. Seu alimento está em outro lugar...

Depois disso tudo se tornou um borrão.

O barulho do trinco da porta da frente despertou Eva de seu estado de torpor. Deitada de bruços em sua cama, não estava exatamente dormindo, mas sua consciência oscilava entre o alerta e o desacordado, incapaz de mover um músculo sequer, num misto de letargia e sono superficial. Na verdade nem imaginava como tinha chegado lá e, sinceramente, estava pouco ligando. Os barulhos na sala continuaram, como se o recém-chegado não estivesse realmente fazendo nenhum esforço em ser silencioso. Alguma coisa pesada foi colocada sobre o sofá, fazendo o pé de madeira do móvel ranger ao ser arrastado pelo piso laminado. Ouviu vozes, mas muito baixas para serem distinguidas, principalmente no estado em que se encontrava.

– Tamara? – perguntou, com a voz embargada pelo sono. Não obteve resposta. “Deve ser ela”, concluiu, deixando-se levar novamente pela preguiça que tomava conta de seu corpo, relaxando. Ficou curiosa para ver que horas eram, mas não o suficiente para abrir os olhos, então desistiu.

Mas os barulhos não cessaram. Ouviu passos seguros vindo na direção de seu quarto. Não era o ruído que Tamara fazia quando caminhava, com suas sandálias de salto alto fazendo o “clop-clop” característico, mas um ruído surdo, grave. Sua mente vagueou, tentando imaginar quem poderia ser, mas nem por isso movendo-se de sua posição tão confortável. Ouviu a porta do quarto abrir. Os misteriosos passos encaminharem-se para dentro, fechando a porta em seguida. Não era Tamara, sem dúvida, pois ela raramente entrava em seu quarto. Ouviu a respiração forte do invasor, mas mesmo assim não se moveu, completamente desligada. “Talvez seja apenas um sonho”, arriscou. Mas se era sonho estava começando a ficar interessante, pois ouviu claramente que o estranho em seu quarto se despia, primeiro tirando os sapatos, depois o resto da roupa, que jogou displicentemente no chão. Aquilo estava muito esquisito. Quem seria aquele cara? E por que estava sonhando com ele?

– Ian? – arriscou. Não houve resposta, mas Eva tinha certeza de que era ele. Quem mais seria? “Ah, meu amor, que surpresa maravilhosa!”, pensou. Tentou se mover, mas seu corpo não a obedecia mais. Aparentemente ele não se importou com aquilo. Puxou devagar o lençol que a cobria, ainda respirando daquela maneira esquisita. Mas Eva não se

preocupou. Aquele jogo estava excitando-a mais do que ela poderia imaginar, mesmo apesar de sua incômoda letargia com certeza causada pelo calmante que Ramiro lhe dera antes. Sentiu quando ele tocou com os dedos quentes sua coxa nua. Arrepiou-se inteira. Ele sentou-se ao seu lado, acariciando-a lentamente. Subiu a mão até sua bunda, infiltrando-a em sua saia justa e tocando as bordas inferiores de sua calcinha. Sem que se desse conta, Eva entreabriu as pernas de modo a facilitar seu avanço. Ele continuou subindo a mão, até que sua saia se embolou em sua cintura, deixando-a semiexposta. Em seguida, enfiou os indicadores por baixo da costura da peça íntima e lentamente a puxou para baixo, retirando-a por completo. Eva já estava nas nuvens. Aquele toque tão delicado, mas ao mesmo tempo tão sensual, estava levando-a à loucura. Sentiu que crispava as mãos no travesseiro, inebriada pelo tesão que sentia. “Isso, Ian, assim, não para!”

E ele não parou. Tomou um de seus tornozelos nas mãos e de lá começou a beijar suas pernas, subindo aos poucos, passando pela parte de trás dos joelhos. Seguindo sua jornada chegou na parte interna de suas coxas. Subiu até alcançar a união das pernas, onde deu um singelo beijo na vagina encharcada de Eva, que gemeu e mordeu o lábio inferior em puro êxtase. Em seguida ele se posicionou de joelhos entre suas pernas entreabertas, afastando-as um pouco mais, de modo a expor completamente o sexo dela. Eva já não se importava com mais nada. Só queria que ele entrasse nela de uma vez, preenchendo-a e possuindo-a. Ele se debruçou sobre ela, evitando derrubar seu peso de uma vez apoiando as mãos ao lado de seu corpo. Beijou-a na nuca, que ele expôs ao afastar os longos cabelos louros dela. Eva respondeu imediatamente à carícia, erguendo o quadril, que tocou na ponta do membro rígido e pulsante de seu amante. Ordenou que sua mão esquerda se movesse e com ela o pegou, dirigindo-o para dentro dela. Imediatamente ele baixou os próprios quadris, penetrando-a devagar. Durante todo o trajeto lento e gradual Eva gemeu de puro prazer. Os movimentos começaram logo em seguida. Eva quase rasgou a fronha de seu travesseiro com os dentes, tamanha era sua excitação. Seu amante aumentou o ritmo das estocadas, penetrando-a com vigor, bufando feito um touro. Aquilo estava bom demais. Eva sentia que o orgasmo não demoraria a chegar. Para seu parceiro aquele ato também não duraria muito, pois o coito se tornou mais e mais violento. Eva delirava cada vez mais.

– Isso! Vai! Agora! – ouviu-se dizendo. Foi prontamente atendida, pois se sentiu de repente inundada pelos quentes jatos de seu amante,

enquanto ele urrava e bufava como um bicho. Tomada pelo calor do momento ela também se sentiu quase perder os sentidos com um orgasmo monumental, que a fez imediatamente delirar com explosões de fogos de artifício em sua cama. Ainda gritava quando o sentiu cair sobre ela ofegante.

Eva não tinha palavras para descrever o que acabara de acontecer. Era bom demais para ser verdade! Estava completamente desperta. Precisava virar-se e olhar nos olhos daquele homem que a proporcionara tanto prazer. Precisava beijá-lo, abraçá-lo, amá-lo, pois uma coisa daquelas era extremamente rara. Esperou que ele se erguesse um pouco e deitasse ao seu lado para, virando-se, abrir os olhos pela primeira vez desde que tudo aquilo começara.

– Não. Você não!

– Olá, minha querida – respondeu Radu.

Dante entrou no *Vrykolakas* ainda amaldiçoando Luana por tê-lo segurado tanto tempo. Queria ter conseguido chegar mais cedo à danceteria, de modo à ainda pegar Ramiro desocupado. Mas àquela hora ele com certeza já se isolara na área VIP, onde Dante não teria acesso.

A casa estava cheia, mas não lotada. Dante alimentou a esperança de que ainda pudesse encontrar o dono do estabelecimento razoavelmente desocupado. Em último caso, apelaria para a ajuda involuntária de Eva. Mas, como suspeitava, não havia sinal nem de Ramiro nem da promotora no andar térreo ou no quintal. Foi na direção do bar disposto a pedir ao atendente que chamasse pelo patrão, mas foi sumariamente ignorado. Ansioso, xingou Luana mais uma vez em seu íntimo, enquanto se dirigia até a escadaria de acesso à área VIP. Encontrou novamente o segurança que há alguns dias havia tentado quebrar seus dedos, olhando-o com uma expressão dura. Antes que fosse novamente barrado, Dante tomou a iniciativa.

– Preciso conversar com Ramiro. Será que tem como pedir para ele descer?

– Desculpe, mas isso é impossível – respondeu o segurança, seco.

– Olha aqui, meu amigo, eu e seu patrão estamos envolvidos em um negócio importante e eu realmente preciso conversar com ele neste momento. Por isso, a menos que você queira se enrolar de bobeira, acho bom que você o chame imediatamente.

O segurança suspirou, mas cedeu, retirando da cintura um aparelho de rádio.

– Quê-êsse-ó, Antunes, tá na escuta?

– Fala – respondeu Antunes, após o bipe.

– Tem um chato aqui querendo falar com o Sr. Ramiro. Tem como chamar ele?

– Quem quer falar com ele?

O segurança olhou para Dante, como que perguntando seu nome.

– Dante, da *Night Glam*.

– Dante – informou no aparelho. – Repórter.

– Olha, diz pra ele que ele já foi embora. Só amanhã. Cópia?

– Tê-cá-êsse – respondeu o segurança, desligando o aparelho e

voltando-se para Dante. – Ele já foi embora.

– Eu ouvi. E a Eva, você poderia chamá-la?

– Cara, eu estou trabalhando. Não sou serviço de recados.

– Eu mesmo subiria e procuraria por ela, mas acho que isso também é impossível, não é mesmo? Por favor, verifique isso para mim, sim?

O segurança bufou como um cavalo velho, mas novamente cedeu, apertando outra vez o botão no aparelho.

– Quê-êsse-ó, Antunes, sou eu de novo.

– O que é agora? – respondeu Antunes, nitidamente impaciente.

– O cara agora quer saber se a Eva está aí.

– Caralho, cara mais chato... Péra aí. Vou verificar.

– Quê-êsse-éle.

Dante olhou em volta, impaciente. Onde será que estaria Ramiro? Só lhe restava Eva para saber o que acontecera, mas tinha certeza absoluta de que a noite estava perdida. Graças à Luana teria que adiar a investigação. Por que ele nunca conseguia fazê-la mudar de ideia? Que poder ela tinha sobre ele para manipulá-lo daquela maneira? Praguejou de novo por ser tão fraco e tão facilmente induzido.

Mas nem tudo estava perdido. Era apenas um adiamento. Quando Eduardo finalmente terminasse sua pesquisa aí sim teria informações suficientes para pegar Ramiro. E poderia de uma vez por todas entender o que tinha Ephraim, que tipo de mutação ou maldição era aquela que o havia transformado naquela monstruosidade que causou tantas mortes e tanta tristeza.

– Quê-a-pê, Soares – chamou Antunes, pelo aparelho.

– Fala.

– A Eva também foi embora. Se livra do cara. Copiou?

– Quê-êsse-éle, Tê-cá-êsse. Você ouviu?

Dante sacudiu a cabeça, desanimado. Agradeceu, saindo de perto do local em seguida. Foi até o bar, disposto a beber alguma coisa para pelo menos não perder a noite por completo. Encostou-se no balcão e, depois de alguns minutos, conseguiu ser atendido. Pediu uma dose de uísque. Enquanto bebia, revisou mentalmente o que ele possuía até o momento. Tinha o nome completo, história familiar e algumas informações esparsas. Nada que ligasse Ramiro a Ephraim ou Katina. Mas ele também sabia que aquele tipo de informação seria complicadíssima de se arrumar, caso nada digno de registro fosse encontrado. Katina havia morrido sem denunciar seu estuprador. A

única maneira de conseguir alguma coisa era arrancando diretamente de uma confissão de Ramiro.

Mas para isso ele teria que confrontá-lo diretamente. Onde será que ele havia ido? Era bastante estranho que o dono do estabelecimento estivesse fora. Tudo bem, deveriam haver outros funcionários que dariam conta do recado, mas aquela atitude parecia tão diferente do que ele esperava dele, mesmo com o pouco contato que tiveram. Onde será que ele estaria naquele exato momento? Será que sua ausência tinha alguma coisa a ver com a de Eva?

De repente a mente de Dante deu um estalo. Lembrou-se de seu encontro com Eduardo naquela tarde, quando conversavam sobre a investigação. Uma informação, que na hora se mostrara irrelevante, agora se encaixava com perfeição. Fazia exatamente um ano que uma das promotoras do *Vrykolakas* havia sido assassinada em sua própria casa! E justamente hoje Ramiro e Eva haviam saído sem deixar avisado para onde iam! Dante sentiu seu coração disparar. Abandonou a bebida e correu para a saída, trombando em diversas pessoas no caminho. Não tinha tempo a perder. Precisava ir até a casa de Eva, imediatamente!

Ian corria.

Não sabia exatamente por que, mas ele corria. Como se sua vida dependesse daquilo. A rua por onde passava estava mal iluminada e vazia, mas mesmo assim um sentimento de urgência e pavor o tomava de assalto, fazendo com que ele simplesmente corresse como um desvairado. Não conhecia aquele lugar, mas era sombrio e assustador. Como chegara ali? De quem ou do que estava fugindo tão apavorado? Mas mesmo assim não tinha coragem de parar e continuou correndo. Precisava se esconder. Era isso! Ele precisava encontrar um abrigo. Mas por quê? E esconder-se onde? As casas pareciam todas iguais, com as fachadas cinzas e decadentes. Não viu em sua desabalada carreira nenhuma porta ou janela ao menos parcialmente aberta. Era como se estivesse num daqueles cenários de filme antigo, que passavam indefinidamente ao fundo quando queriam simular alguém dentro de um carro, na era pré-computação gráfica.

Subitamente, sentiu uma dor excruciante na parte posterior de sua cabeça, como se seu couro cabeludo estivesse em chamas. A mesma dor se espalhou por sua nuca e costas. À sua frente sua sombra se alongava, como se seu corpo estivesse sendo iluminado por um holofote. O ambiente estava ficando mais claro, numa luz amarelada que aos poucos quebrava a paisagem acinzentada e sombria. O céu sob os prédios clareava, saindo do negro profundo para um azul cada vez mais claro. Tomado pela dor parou de correr e virou-se, tentando descobrir a causa. Percebeu imediatamente do que fugia tão assustado: o sol, que naquele momento nascia por entre os edifícios da cidade. Não pôde olhar por muito tempo, a vista ofuscada por aquele brilho tão intenso, mesmo obliterado pelo cenário metropolitano. Cerrou os olhos e disparou a correr mais uma vez, agora ciente de sua presa. Piscou os olhos algumas vezes até que sua visão retornou. A rua já estava quase completamente iluminada. Ian sentia a pele arder como se nadasse num tonel de ácido. O cheiro dela queimando invadiu suas narinas e embrulhou seu estômago. Não podia parar, ou então seria consumido por aquelas labaredas invisíveis que o astro lançava impiedosamente sobre ele. Não tinha mais tempo para pensar. Precisava se esconder ou aquele seria seu fim. Virou-se para um prédio e arremessou-se contra o portão de entrada. Ele conhecia

aquele lugar. Era o prédio onde morava Cláudia. Sua antiga casa! Benê, o porteiro, estava lá e abriu o portão quando o viu, cumprimentando-o com um largo sorriso. Ignorando-o, Ian subiu o lance de degraus que levava até o *hall* dos elevadores e apertou o botão de chamada diversas vezes. Enquanto esperava o elevador chegar viu a nesga de luz avançando sobre o piso, sorradeira como uma serpente preste a dar o bote. “Anda, elevador, rápido!”, implorou ele, mas não havia como saber se ele estava chegando ou não. Enquanto isso, a faixa de luz solar avançava, centímetro a centímetro, em sua direção, alargando-se enquanto se aproximava. Em pânico, Ian disparou a apertar o botão. Gritando e batendo na porta do elevador com a mão aberta. Nenhuma resposta. A luz já tomava conta da parede ao lado da porta, além de três quartos do piso. Em breve chegaria até ele!

Felizmente, quando a luz já tocava a ponta de seus sapatos, o elevador chegou. Ian escancarou a porta afoito, jogando-se para dentro. Apertou o botão do sétimo andar e respirou aliviado ao ver as portas se fecharem, barrando a luz do sol definitivamente, e o elevador começar sua subida.

Quando chegou ao andar saiu do elevador e correu na direção da porta, abrindo-a como se ainda morasse lá. Encontrou Cláudia de pé na sala, olhando-o assustada. Sem conseguir encontrar palavras foi em sua direção e a abraçou. Ela retribuiu o gesto e ele se esforçou em se acalmar. Choraram juntos quando Ian se desculpou por tudo que causara a ela e à Juliana e pediu, humildemente, que elas o aceitassem de volta. Cláudia aceitou com um imenso sorriso, beijando-o nos lábios.

Tomado por uma súbita alegria e alívio, soltou-se de Cláudia e foi até o quarto de Juliana. Ela estava deitada na cama, dormindo de braços abraçada a um ursinho de pelúcia. Antes que percebesse estava deitado ao seu lado, envolvendo-a com seu abraço. Era seu bebê, sua filha, linda, maravilhosa, e ele nunca mais sairia de seu lado. Beijou sua cabeça, cujo rosto estava enfiado ao travesseiro, sentindo-se feliz como nunca sentira em toda sua vida. O pesadelo terminara. Não sentia mais as dores. Ela estava segura ao seu lado.

Mas algo perturbou a serenidade de Ian. Em um recanto de seu cérebro ouviu uma voz suave e melodiosa, como que sussurrada em seu ouvido: “Tome-a. Alimente-se. Ela é uma presa indefesa e você um predador voraz. Tome-a para si!”. “Não!”, pensou ele, tentando afastar aquela voz desagradável. Ele nunca se alimentaria de Juliana. Mas a voz continuou, tentando-o, aliciando-o, se tornando cada vez mais clara. Ian cerrou os olhos,

esforçando-se em vão para afastá-la. Mas ela se tornou cada vez mais constante. Sua mente se transformou em um pandemônio, fervilhando num caldeirão de ideias horrendas.

Quando imaginava que iria ficar louco com aquilo tudo o suplício terminou. Sua mente subitamente ficou silenciosa e seu raciocínio ficou novamente claro. Abriu os olhos. Juliana ainda estava lá, deitada ao seu lado. Delicadamente virou-a, de modo a enxergar seu rosto.

Foi quando ele viu a cabeça de Juliana tombar no travesseiro. Estava presa por apenas um pequeno trecho de pele na garganta dilacerada. Seus olhos estavam pálidos e arregalados, dando ao rosto uma expressão de completo horror, acentuado pela boca escancarada, congelada em seu grito de morte. Horrorizado, Ian levou a mão à boca, notando que ela respingava com o sangue de sua filha, o líquido viscoso escorrendo por seu queixo e caindo sobre o lençol branco, onde formava gravuras grotescas. Sua cabeça explodiu num turbilhão de pensamentos conflitantes e desesperados, mas o que mais repetia era: “Eu a matei! Eu matei minha filha!”.



Ian abriu os olhos e se ergueu na cama, completamente sem fôlego. Levou algum tempo até perceber que não estava no quarto de Juliana. Seu coração estava disparado. Um sonho! Foi tudo um sonho, percebeu aliviado. Chegou até mesmo a esboçar um sorriso. “Graças a Deus, foi tudo um sonho.” Esforçou-se para se acalmar, pois, mesmo sendo apenas um pesadelo, fora vívido e real o suficiente para abalá-lo. Respirou fundo e concentrou-se em sua atual realidade. Estava nu, deitado em uma cama ampla, no escuro. Não estava sozinho. Ao seu lado, deitada de bruços como sua filha no pesadelo, estava uma mulher, igualmente nua. Seus olhos ainda um pouco dormentes levaram alguns segundos até reconhecerem os cabelos loiros e alisados de Eva. Olhou em volta e reconheceu o local onde estava: o quarto de Eva.

Como ele fora parar ali? Será que, por algum milagre, ela o tinha resgatado e o trazido até lá? A última coisa que se lembrava era Ramiro acudindo-o durante a crise no *Vrykolakas*. Será que ele tinha algo a ver com aquilo? E como ela teria se envolvido com aquela história? Precisava saber, precisava entender o que acontecera enquanto estava fora de si. Ignorando qualquer polidez ou modos, decidiu acordá-la. Puxou um pouco para baixo o

lençol que a cobria parcialmente e sacudiu-a. Sem resposta.

– Eva? – chamou baixinho e depois com mais ênfase. Mas a loira adormecida não respondeu. “Desculpe, Eva, mas preciso saber o que aconteceu”, pensou, sacudindo-a com mais força. Eva continuou na posição que estava. Decidiu mudar de estratégia, puxando-a pelo ombro de modo a virá-la de frente para ele.

Foi quando seu sonho invadiu a realidade. Assim que a virou percebeu que a garganta dela estava completamente esfaqueada, e era possível ver os músculos e veias dilacerados, expostos grotescamente ao lado da traqueia aberta como uma segunda boca sangrenta. Seus olhos estavam arregalados e a boca escancarada da mesma maneira que sua filha no sonho. Morta.

Ian saltou da cama, horrorizado. Como no sonho levou a mão à própria boca, somente para perceber que estava respingando com o sangue de sua vítima. “Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz?”, pensou, desesperado. Não iria acordar daquele pesadelo. Era real. Havia assassinado Eva. Vagueou pelo quarto, em pânico, sem saber exatamente o que fazer. Não conseguia deixar de fitar o cadáver nu de Eva sobre a cama, tomado por uma fixação mórbida incontrolável. A que ponto ele chegara? Tornara-se um completo animal, agindo irracionalmente e sem a menor consciência!

Subitamente se deu conta que devia sair dali. Era uma cena de crime. Precisava fugir imediatamente ou então iria ser preso. Chegou a cogitar chamar a polícia e se entregar enquanto se vestia, mas sabia que não teria coragem para tanto. Seria mais fácil simplesmente desaparecer e não seria pego. Aquele tipo de coisa acontecia toda noite. Seria apenas mais uma ocorrência nas estatísticas, daquelas que nunca seriam resolvidas, caso conseguisse fugir a tempo.

Tomada a decisão passou a vasculhar o local atrás de qualquer indício que o incriminasse. Recolheu suas roupas, lavou o rosto na pia do banheiro e, com uma pequena toalha, começou a limpar freneticamente maçanetas e móveis, esforçando-se para retirar ao menos suas impressões digitais. Quando se dirigiu até a cômoda percebeu que a primeira gaveta estava aberta. Era a gaveta de roupas íntimas de Eva, mas não foi aquilo que chamou sua atenção. Sob as calcinhas e sutiãs, pôde vislumbrar claramente o cabo de um revólver. Era uma pistola calibre 22, pequena e prateada. Um revólver que certamente caberia numa bolsa de mulher. Talvez Eva usasse-o para se defender de possíveis tarados. Quem se importava? Puxou a arma e constatou que estava

carregada. Ao seu lado havia uma pequena caixa de cartolina com munição. Sem pensar pegou a pistola e colocou-a na cintura em suas costas. Abriu a caixa de munição e despejou tudo sobre a cômoda. Encheu os bolsos com balas e em seguida devolveu a caixa vazia à gaveta. Tinha pouco tempo para limpar a cena do crime e fugir dali, por isso, pegando novamente a toalha, recomeçou o trabalho.

- Agora?
- É, porra! Imediatamente! Larga o que estiver fazendo e corre pra lá.
- Não é melhor chamar a polícia antes?
- Já chamei. Eles estão a caminho. E eu já estou chegando.
- Olha, espero que valha a pena...

Dante desligou o celular antes que Marcelo terminasse a sentença. Pouco se importava onde ele estava ou o que ele estava fazendo. Precisava de um fotógrafo para registrar o acontecimento e infelizmente não tinha mais ninguém com quem pudesse contar.

O carro de Dante voava pelas ruas da cidade, infringindo uma dúzia de leis de trânsito. Dante pouco se importava. Precisava chegar ao apartamento de Eva o quanto antes, de modo a flagrar Ramiro com a mão na massa. Só daquela maneira ele poderia ligar os casos de Mauá com o sinistro dono do *Vrykolakas* e, quem sabe, finalmente elucidar todo aquele mistério. Mas tudo dependia do tempo, e os malditos motoristas dos outros carros que trafegavam pareciam que faziam de tudo para atrapalhá-lo. Quase bateu feio duas vezes no trajeto, safando-se por muito pouco. Quando chegou na frente do prédio de Eva estacionou o carro sobre a calçada numa manobra brusca. Seu pneu dianteiro esquerdo não suportou o impacto com a calçada e estourou ruidosamente. Dante xingou alto, mas não importava. O carro estava estacionado. Desceu correndo e se jogou sobre o portão do prédio.

- Cara, abre logo! – gritou para o porteiro. – É uma emergência!

O porteiro tirou a cabeça pela janela da guarita, olhando para ele desconfiado.

- O que é isso? – perguntou. – Posso ajudá-lo?
- Pode, cara! Eva Bueno. Ela está?
- Quem quer saber?
- Dante.
- Só um momento.

Dante aguardou ansioso enquanto o porteiro interfonava. Se Eva atendesse talvez ainda tivesse tempo de salvá-la. Mas podia também significar que ele simplesmente estava errado e que Ramiro não estivesse com ela. Mas Dante sentia em suas entranhas que estava certo, tanto que

poderia até mesmo apostar nisso caso houvesse alguém para aceitar sua aposta.

– Ninguém atende – disse o porteiro.

– Mas ela está em casa?

– Quem quer saber?

O coração de Dante disparou.

– Ela está em perigo! Por favor, abre aqui. Preciso subir.

– Olha, desculpe, mas sem autorização...

– Eu sei, eu sei. Mas esta é uma emergência. Liga pro teu síndico, supervisor, liga pro Papa! Mas você precisa me deixar entrar.

– Ligar pro síndico às duas da manhã? Por que motivo?

– Assassinato!

– Cara, sai fora ou eu vou chamar a polícia...

– Ela já está a caminho. Mas pode ser tarde demais!

O porteiro parecia confuso. Dante precisava convencê-lo de alguma forma, mas antes que conseguisse abrir a boca a janela da guarita se fechou, tornando impossível qualquer tipo de comunicação. Pensou em disparar a campainha do intercomunicador, mas preferiu confiar que o assustado porteiro resolvesse o impasse de alguma forma. Com efeito, após alguns segundos, a janela abriu novamente.

– O síndico está descendo. Você resolve esse lance com ele. Só não me mete no rolo.

– Mas eu posso pelo menos entrar?

– Fica na tua, cara. Deixa que o homem resolve isso pra você.

Dante se resignou. Olhou para a rua, procurando por algum indício das luzes das viaturas da polícia. Será que eles viriam? Infelizmente não podia se dar o luxo de esperar. Não com tanto em jogo. Se eles demorassem demais, era bem capaz que Ramiro conseguisse escapar, e todo seu trabalho iria por água abaixo. “Merda de síndico! Por que não desce logo?”

Para a felicidade de Dante o homem apareceu cinco minutos depois vestindo pijamas folgados cobertos por um roupão surrado. Aparentemente havia sido tirado da cama e estava com cara de poucos amigos.

– Pois não?

– Olha, desculpe pelo incômodo, mas é uma emergência. Uma moradora, Eva Bueno, está em risco de vida. Um assassino procurado está com ela – blefou. – A polícia está a caminho, mas pode ser que eles não cheguem a tempo. Preciso que o senhor me deixe subir lá agora!

– O senhor é...

– Dante. Eva é minha amiga. Você pode subir comigo se quiser. Mas, por favor, me deixa entrar.

O síndico olhou para ele, subitamente desperto devido ao desespero de Dante. Olhou para a rua, sem se aproximar muito do portão, como se procurando alguma coisa. Ele claramente estava desconfiado de algum esquema ou assalto, de maneira que Dante ergueu a camisa até o peito e deu uma volta.

– Cara, eu estou sozinho e desarmado. Não tenho a menor intenção de roubá-los. Olha o meu carro o estado que ficou! Como iria conseguir fugir nele se eu fosse roubá-los? Confia em mim, é uma emergência!

O síndico coçou o queixo, ponderando as possibilidades. Finalmente cedeu, ordenando que o porteiro abrisse o portão. Assim que Dante entrou, ele colocou a mão em seu peito e apontou o dedo para seu rosto.

– Meu filho é delegado. Se você fizer qualquer merda ele te pega e te dá um sumiço, entendeu?

– Tá, tá, agora sai da frente!

– Raimundo, você vai com ele. Deixa que eu cuido da portaria até a polícia chegar. Fica esperto, hein?

O porteiro acenou, empolgado. Saiu da guarita com um pequeno cassete na mão e seguiu Dante, que já havia se desvencilhado do síndico e partido em direção aos elevadores.

-0-

– Eu vou sozinho – disse Dante ao porteiro quando chegaram ao andar de Eva. – Você fica aqui pra dar cobertura caso dê alguma merda. Não deixa o elevador partir. Pode ser que a gente tenha que sair rapidinho.

– Vai lá, que aqui tá seguro.

Dante abriu a porta do elevador e foi na direção do apartamento de Eva. Afiou os ouvidos, mas não ouviu nada fora do comum. Aproximou-se da porta e encostou o ouvido na folha. Nada. Testou a maçaneta e constatou que a porta estava aberta. Será que ele devia tocar a campainha? Não, aquilo ia apenas servir para alertá-los, o que poderia ser fatal para Eva. E, caso estivesse errado, seria só o trabalho de se desculpar com a modelo e torcer para que ela fosse compreensiva. Empurrou a porta com cuidado, vasculhando o ambiente à medida que ele se abria à sua frente. A sala estava

vazia e silenciosa, mas com as luzes acesas. Entrou no apartamento, pé ante pé, vasculhando cada canto para uma possível emboscada. Já estivera lá antes, mas mesmo assim era como se estivesse em outro lugar, muito mais opressivo e perigoso. Lembranças dos acontecimentos em Visconde de Mauá afloraram em sua mente sem que ele pudesse evitar. Excluindo-se o cenário a situação era semelhante. E daquela vez ele estava sozinho e desarmado na caçada.

Mas não podia simplesmente sair dali. Tinha que resolver aquele assunto, mesmo que isso significasse arriscar a própria vida novamente. Caso Ramiro fosse o pai de Ephraim era possível que ele possuísse as mesmas características, como agilidade sobre-humana e semi-invulnerabilidade. Desejou possuir uma arma, um *chourin* que fosse, mas sabia que não podia abandonar o local apenas por conta daquilo. Subitamente, seus ouvidos captaram sons de movimento vindos do quarto de Eva. A porta estava fechada, mas as luzes acesas. Havia alguém lá dentro e, pelo som da respiração ofegante, era um homem. Ramiro, sem dúvida nenhuma. Dante correu em direção à cozinha e lá pegou uma faca de carne que estava em um suporte sobre a pia. Mas em seu ímpeto de se armar acabou derrubando-a no chão, retinindo duas vezes antes que ele conseguisse pisar sobre ela e silenciá-la com um último repique metálico. Amaldiçoou os dedos frouxos e nervosos, mas sabia que agora não tinha mais volta. Era impossível que alguém na casa não tivesse ouvido aquele barulho e que com certeza iriam averiguar a fonte. Agarrou a faca com força, segurando-a escondida atrás do corpo. Saiu da cozinha, passando pela sala e indo à direção do quarto de Eva. Esticou a mão para a maçaneta, mas antes que conseguisse alcançá-la a porta se escancarou. No vão surgiu um homem alto, com uma expressão surpresa no rosto. Dante também estava surpreso. Nunca vira aquele homem antes em sua vida, mas para nova surpresa o rosto daquele novo personagem era semelhante ao de Ramiro e de Ephraim, com as mesmas marcas características: a pele pálida, os cabelos grisalhos e os olhos acinzentados, quase brancos.

– Quem é você? – perguntou o estranho. Dante notou que ele carregava uma toalha de rosto em uma das mãos, mas aparentemente estava desarmado.

– Sou um amigo de Eva – adiantou-se Dante, ganhando tempo para compreender a nova situação. – Eu interfonei. Como ninguém atendeu achei melhor vir aqui e verificar. Está tudo bem com ela? – Dante percebeu que o

homem à sua frente parecia confuso, revirando os assustadores olhos de maneira nervosa. Aparentemente estava escondendo algo. – Olha, só quero saber se ela está bem...

– Cai fora, cara! – gritou o estranho. – Ela está bem! Agora sai fora!

Aquela história não estava certa. Não era Ramiro que estava à sua frente, como ele imaginava, mas aparentemente era alguém da mesma linhagem e possivelmente com os mesmos vícios dele ou de Ephraim. Será que tinha se enganado tanto assim? O mistério subitamente se aprofundava. Quantas daquelas criaturas estariam soltas por aí?

– Eu quero vê-la – ordenou, ignorando qualquer prudência. – Não te conheço, cara, e não sei o que você pode ter feito a ela.

– Ela está dormindo – retrucou o sujeito, batendo a porta atrás de si.

– E quem é você? É algum namorado?

– Sou, sou o namorado dela. E você está invadindo propriedade privada. Agora, cai fora ou vou chamar a polícia...

Como que respondendo à sua ameaça, o som de sirenes subitamente invadiu o recinto. O volume aumentou gradativamente até se estabilizar sob a janela. As luzes das viaturas iluminaram o ambiente como num arremedo de pista de dança.

– Eu já chamei – disse Dante. – Agora ou você me deixa entrar nesse quarto ou as coisas vão engrossar pro seu lado, cara. Seja razoável, ninguém quer se machucar...

– Sai fora, cara! Não tem nada pra você aqui dentro.

– Ela está morta, não é mesmo? – arriscou Dante. – Você a matou? A polícia já está aí, cara. Não tem pra onde fugir. É melhor você se render logo...

– Cala a boca! – gritou ele desesperado, enquanto avançava na direção de Dante, nitidamente com a intenção de fugir pela porta da frente. Dante deu um salto e sacou a faca que manteve escondida até então. Apontou-a na direção do pescoço do fujão.

– Fica quietinho aí, cara. Ninguém sai daqui até a gente resolver essa história.

O estranho deu dois passos para trás, na direção à janela. Dante não o seguiu. Precisava manter sua posição, pois só assim evitaria um ataque desesperado de seu oponente. Mas ele não atacou novamente. Em vez disso olhou de esguelha para a janela, avaliando a situação na rua.

– Eu vou fugir – disse ele, calmamente. – E você não vai se meter.

Não quero te fazer mal. Apenas saia do meu caminho e nada acontecerá.

Dante gelou. Aquele homem o olhava da mesma maneira que Ephraim durante a malfadada empreitada nas matas de Mauá. Sabia que não era nenhuma ameaça vazia o que acabara de ouvir. Estaria ele pronto a enfrentar novamente aquele pesadelo? Ignorando suas dúvidas o sujeito deu dois passos para frente, na direção da porta. Dante barrou-o com a faca em riste. Mas antes que pudesse tomar alguma atitude, o estranho atirou-se sobre Dante, segurando seu pulso com uma força quase sobrenatural e torcendo-o em seguida. A dor foi tão grande que Dante não conseguiu manter a faca em suas mãos e ela caiu ruidosamente no chão. No mesmo movimento foi jogado de encontro à parede, abrindo o caminho para a fuga de seu agressor.

Mas Dante não iria deixá-lo escapar assim fácil. Ignorando a dor no braço pulou sobre ele, gritando de fúria. Iria impedir sua fuga de qualquer jeito! Infelizmente o grito alertou seu alvo que, rápido como uma sombra, girou o corpo até ficar de frente para ele. Dante sentiu o impacto da bala em seu corpo antes mesmo de perceber que seu oponente estava armado. Suas narinas se inundaram com o cheiro acre da pólvora, misturado com o de sua roupa e carne calcinadas. Incapaz de se manter de pé após o tranco, caiu sobre os joelhos, levando as mãos ao ponto onde a bala havia penetrado. O sangue jorrava aos borbotões da ferida aberta, encharcando a camisa rasgada e escorrendo para o piso, onde rapidamente uma aterradora poça rubra se formou. Antes de cair para frente, seu último pensamento foi um pedido de desculpas a Jonas e Luana por ter falhado tão vergonhosamente com eles.

Ian nem esperou para que o corpo daquele intruso inconveniente tocasse o chão e saiu do apartamento. Viu a porta do elevador se fechando no momento que pôs os pés no corredor, mas nem se importou em tentar alcançá-lo, jogando-se na porta da saída de emergência, que se escancarou ruidosamente. Começou a descida saltando os degraus de dois em dois, utilizando o corrimão apenas para manter o equilíbrio em sua correria. Não poderia sair pelo térreo, pois com certeza os policiais haviam bloqueado a portaria. O mesmo podia ser dito da rampa da garagem. Mas não tinha outra opção, pois não sabia se o condomínio possuía outra saída ou mesmo um muro nos fundos que pudesse ser pulado. Teria que arriscar a garagem, torcendo para que houvessem esquecido de bloqueá-la.

Quando chegou no subsolo ele parou e perscrutou o ambiente em busca de algum sinal de perigo. Não captou nada então, agachado, disparou por entre os carros estacionados na direção da rampa. Ao chegar no local, exultou ao descobrir que havia um sistema interno de abertura do portão, cujo interruptor tinha um fio pendurado de modo que os motoristas podiam acioná-lo sem sair do veículo. Antes de puxar o fio olhou por um vão do portão da garagem. Tentou visualizar algum sinal da polícia. Não viu nada, salvo as luzes das viaturas que piscavam ameaçadoramente. Tinha uma chance, mas teria que ser rápido ou então seria preso. Puxou o fio e ouviu ansioso enquanto os mecanismos começavam a se mover. Poucos segundos depois a porta iniciou seu trajeto ascendente. Ian esperou até que o vão fosse suficientemente grande para que ele passasse antes de se esgueirar pela rampa que, para seu azar, estava completamente iluminada naquele momento, pois as luzes haviam sido acionadas simultaneamente ao mecanismo do portão. Mas não podia esperar até que as luzes se apagassem. Algum policial mais atento poderia estar indo até lá naquele momento para averiguar, por isso correu pela rampa sem olhar na direção da portaria, disparando na direção oposta. Assim que chegou na calçada topou de frente com um policial que, pego tão de surpresa quanto ele, vacilou por alguns momentos. Mas Ian não permitiu que ele reagisse. Levantando a pistola que mantivera em sua mão deu um tiro à queima-roupa no rosto do guarda. Seu corpo caiu imediatamente para trás.

O som do tiro chamou a atenção do resto dos policiais que se encontravam na frente do prédio. Ian ouviu a gritaria, mas não tencionava ficar parado esperando que o prendessem. Disparou rua abaixo, correndo como nunca correria em toda sua vida. Sentia o corpo ágil e elástico, com fôlego para dar duas voltas ao mundo. Não iriam alcançá-lo.

Virou a esquina, sua mente raciocinando febrilmente. Por mais que conseguisse não poderia correr indefinidamente ou então uma hora ou outra seria capturado. Precisava se esconder, mas onde? Não conhecia aquela região. E com certeza não encontraria um bom samaritano disposto a abrigar um assassino armado, a menos que fosse coagido. Mas, tal qual em seu sonho, não havia ninguém na rua, salvo alguns veículos que circulavam.

Era isso! Roubaria um carro no semáforo e com ele fugiria para algum lugar seguro. Mas o semáforo na esquina estava aberto, com os carros atravessando rapidamente o cruzamento, e o que estava fechado não tinha ninguém parado. Não tinha tempo de esperar até que houvesse a transição, então continuou correndo. Percebeu que havia tomado a decisão correta, pois uma viatura apareceu na rua transversal com as sirenes ligadas. Eles estavam muito perto, e mesmo que Ian conseguisse roubar um carro dificilmente se livraria da perseguição. Pelo contrário, até mesmo facilitaria o trabalho de seus pretensos captores. “Oh, meu Deus, como é que cheguei a esse ponto?”, pensou quando sentiu que o fôlego, diferente de sua perspectiva inicial, já dava sinais de que estava chegando ao fim. Uma pontada surgiu logo abaixo de suas costelas. Gradualmente foi diminuindo o ritmo dos passos, incapaz de se mover mais rápido. As luzes das viaturas não o deixavam em paz, por mais que ele tentasse despistá-los. De onde haviam surgido tantos policiais?

Mas, em seu íntimo, sabia a resposta. Ele havia matado um dos deles. Dificilmente iriam deixá-lo sair vivo daquela. Só escaparia com um milagre.

E aparentemente foi o que aconteceu. As luzes da polícia desapareceram por um instante, e no meio de um quarteirão surgiu uma pequena rua secundária, tão antiga que era pavimentada por paralelepípedos. Entrou, aproveitando-se de sua visão noturna para se locomover rapidamente pela viela mal iluminada. Mas o que parecia ter sido um milagre de repente tornou-se uma armadilha. Aquela não era uma rua, mas uma vila, com três sobrados geminados ao fundo. E sem saída.

Precisava retornar, mas assim que se voltou percebeu que uma viatura passava pela rua, mirando um farolete na direção da vila. Sem perder tempo Ian arremessou-se em uma pilha de sacos de lixo pretos que estavam juntos a

uma parede. Se fosse conseguisse ser rápido o suficiente, conseguiria despistar os policiais. Infelizmente não foi o que aconteceu. A viatura tocou sua sirene estridente e estacionou na frente do beco. “Pense, Ian, pense!” Mas não havia escapatória. Estava completamente cercado. Não havia outra opção a não ser render-se e rezar para que eles simplesmente o prendessem, em vez de executá-lo naquele local como um animal selvagem.

Um policial arranhou um megafone, e as negociações começaram. Sabiam que Ian estava armado e com certeza não queriam se arriscar em um confronto direto. Da posição que ele estava não seria possível nem mesmo acertá-lo, a não ser que eles tivessem um atirador de elite com um rifle de precisão à mão, o que Ian imaginou que não fosse o caso. Ordenaram que ele largasse a arma num local visível e saísse com as mãos erguidas. Ou entravam atirando. Era um blefe, Ian imaginou. Eles nunca entrariam atirando numa vila residencial, não é mesmo? Esperava que não, mas não podia ter certeza. Além do mais eles não eram burros de encarar um louco armado de peito aberto. Não, o trunfo ainda era de Ian. Mas eles o tinham cercado. Seria apenas uma questão de tempo até capturarem-no.

Mas, graças à conveniente curiosidade mórbida do habitante de um dos sobrados, uma nova esperança se abriu. Na verdade, uma porta. O curioso morador, ansioso por testemunhar um crime bem na frente de sua casa, havia entreaberto sua porta da entrada. Estava a uns vinte passos do local onde Ian se encontrava. Seria uma simples corrida. Ele poderia empurrar a porta e se proteger na casa, saindo daquela posição tão desagradável. Com sorte o sobrado teria algum tipo de saída dos fundos por onde poderia escapar. Em último caso poderia usar o morador como refém, de modo a negociar sua prisão com maiores chances de sair vivo.

Não havia tempo para hesitações. Erguendo-se de um salto, disparou na direção da porta. Ouviu os estampidos das armas dos policiais, bem como o ricochetear das balas no piso de paralelepípedos. Felizmente nenhuma o acertara, pois seu movimento havia sido completamente inusitado, pegando os policiais de surpresa. Esticou o braço na direção da porta, de modo a empurrá-la, mas assombrou-se ao ver que ela se abriu antes mesmo que ele a tocasse. No vão encontrava-se um senhor idoso, de pijamas e com a cara fechada, aparentemente furioso, apontando um revólver em sua direção. Ian tentou se desviar, mas estava muito rápido para qualquer manobra brusca. Viu o cano do revólver explodir em fumaça e faíscas, liberando a carga letal de chumbo que explodiu em seu peito. Mesmo na velocidade que estava, o

impacto fez com que parasse, a face uma expressão de assombro indescritível. Não conseguiria entrar na casa, pois o velho que atirara nele em seguida bateu a porta. Sem mais um refúgio, e sentindo o sangue em seu peito invadir o pulmão dilacerado, Ian virou-se, cambaleante, largando a arma aos pés. Tentou ordenar aos braços que se erguessem, de modo a demonstrar que estava se rendendo, mas não conseguiu. Sentiu o segundo impacto no peito assim que se virou, fazendo-o cair de joelhos. O terceiro acertou seu ombro esquerdo, mas este ele quase não sentiu. Depois veio o quarto, o quinto e o sexto, mas sua mente já não estava mais lá. Ela vagueava, livre e ausente do espetáculo macabro que se desenrolava naquela pequena vila no meio da cidade. A explosão de choques elétricos em suas sinapses formou uma última imagem, a imagem inocente e sorridente de sua filha, recém-nascida em seus braços, quando ela abrira os olhos para o mundo pela primeira vez, no exato momento que ele a nomeara. Juliana, o nome de sua finada e amada avó, que infelizmente não vivera o suficiente para ver a bisneta.

E ele nunca veria sua querida filha crescer e se tornar uma mulher. Aquilo, e só aquilo, o encheu de tristeza em seu último momento de agonia.

Foi quando o sétimo impacto veio, desfazendo a imagem para sempre.

Epílogo

Luana queria que o táxi andasse mais rápido, mas o trânsito da manhã na cidade não permitia desenvolver a velocidade desejada. Era uma emergência, mas isso pouco importava para o resto dos motoristas que circulavam morosamente pela via, a maioria ainda embotado pelo sono. Quando finalmente chegou ao hospital sua sogra já se encontrava lá, sentada na sala de espera com uma expressão indecifrável no rosto cansado. Luana tentava imaginar o que ela estava sentindo naquele exato momento. Perdera seu marido de forma semelhante, e agora corria o risco de perder o filho caçula. Aquilo era coisa demais para qualquer mãe suportar. Sabia que seria impossível consolá-la naquele momento, mas também sabia que o filho dela as ligava emocionalmente e que aquele vínculo encontrava-se em uma mesa de cirurgia, às portas da morte. Por isso, sem conseguir pronunciar uma palavra sequer, sentou-se ao seu lado e abraçou-a. Aquele gesto solidário tão simples era só o que faltava para que Norma Calegari desabasse num choro magoado, que estava represado até então.



No final da tarde, quando o sol já tinha quase desaparecido no horizonte, Ramiro e Tamara se apresentaram ao distrito policial onde foram registrados os acontecimentos daquela madrugada. O delegado responsável sentiu-se até mesmo um pouco desconfortável ao perceber que ambos estavam visivelmente abalados com tudo que acontecera, mas mesmo assim fez as perguntas de praxe. Tamara explicou seu envolvimento com a vítima e seu assassino, contando em detalhes a relação conflituosa de ambos. Ian era violento com Eva, agredindo-a constantemente. A cena de ciúme na danceteria somente comprovava o temperamento irascível dele. Usou como prova a ferida feia em seu lábio, tão inchada que chegava a deformar o belo rosto da mulata. Esclareceu que nunca tivera nenhum tipo de envolvimento íntimo com o assassino, mas que não se surpreendia com o resultado trágico. Chorou ao final do depoimento, sendo amparado por Ramiro.

Já este, quando inquirido sobre a coincidência das datas e

características dos dois assassinatos de suas promotoras, apenas ergueu os ombros. Não conhecia Ian na ocasião do primeiro crime, mas confirmou que ele frequentava sua casa, pois o havia visto lá algumas vezes. Não fazia ideia da razão daquela data específica, nem a preferência pelas promotoras da sua casa. É difícil compreender a mente e os motivos de um psicopata, não é mesmo?

Para o delegado, aquilo era o suficiente. O assassino estava morto e o caso resolvido. Apenas os havia chamado para cumprir a burocracia necessária. Passara a tarde recolhendo depoimentos de testemunhas. Todos que viram a discussão na danceteria confirmaram a versão de Tamara. O porteiro do prédio da vítima havia confirmado que vira Ian entrando sozinho na garagem do prédio, logo após Eva ter sido trazida pelo segurança de Ramiro, e pouco antes do repórter que também foi atingido por ele em sua fuga. Não havia nada mais a investigar, então pediu desculpas pelo inconveniente, se solidarizando com sua dor antes de dispensá-los.



- Conclusão perfeita, minha cara. Meus parabéns.
- Obrigado, Radu. Saiu tudo melhor que o esperado. Quem diria que ele iria fugir como um doido e até mesmo ser executado?
- *Mea culpa.*
- Hein? Por quê?
- Quem você acha que deixou aquela arma tão fácil de ser encontrada? Pelo tanto que conhecia do pobre Ian sabia que ele não resistiria em pegá-la e fazer exatamente o que fez. Sua execução foi parte dos planos e ele cumpriu seu ato final com perfeição.
- Um brinde à Ian e seu instinto assassino!
- Nunca duvidei de sua capacidade.
- Só tem uma coisa que eu ainda não entendi. Pra quê todo esse trabalho? Toda essa complicação, infectar um pobre coitado e incriminá-lo, simplesmente para matar uma vagabunda qualquer, e ainda correndo o risco de ser pego. Não era mais fácil matá-la discretamente e depois dar um jeito de sumir com seu corpo? Não tem segredo nenhum em fazer isso, tem?
- Você já viu um gato de rua caçando um rato? Ele é preciso, rápido e eficaz. Arma o bote, ataca e mata antes mesmo que sua vítima perceba o que está acontecendo. Em comparação, um gato doméstico que avista um rato

brinca com sua vítima por horas e horas antes de finalmente exterminá-lo. É uma tortura fria e sistemática, sem pressa ou afobações, muito diferente de sua contraparte selvagem. E você sabe por quê?

– Eu nem entendi por que começamos a falar de gatos.

– Gatos domésticos são bem alimentados a toda hora. Eles não precisam caçar para sobreviver. Fazem isso apenas por pura diversão, diferentemente dos gatos de rua, que nunca sabem quando será sua próxima refeição e não podem perder tempo brincando com a comida. Além disso o ato da caça afia o espírito e aguça a mente.

– Tá, não entendi nada. Que tal falarmos sobre minha parte nessa história? Quando vai me dar o que eu quero?

– Em breve, minha querida. Não tenha pressa em se transformar em uma de nós. Talvez você precise de mais um tempo antes de se provar digna.

– Não foi o que combinamos! Você disse que depois desse trabalho...

– Não acho que você tenha poder nessa decisão, minha querida. Por isso, acalme-se.

– Ei, não me venha com essa! Trato é trato. E acho melhor você cumprir, senão...

– Senão o quê? Posso saber?

– Senão eu vou pra polícia e conto tudo o que sei. Você está na minha mão, Radu. Vai me dar exatamente o que quero!

– Polícia? Sugiro que repense sua estratégia, minha impetuosa cúmplice. O que você diria? Que eu mato mulheres para beber o sangue delas? Que matei Amanda, há um ano? Ou que matei Eva ontem, depois de infectar o pobre Ian com meu próprio sangue para incriminá-lo? E que provas você tem para corroborar essa história fantástica além de sua palavra?

– É o suficiente para que eles comecem uma investigação.

– Claro que sim, mas não se esqueça de que você foi cúmplice ativa de ambos os crimes. E que eu nunca a forcei a fazer nada. Mesmo colaborando com a polícia dificilmente vai escapar da prisão. E, no final, como eles vão chegar até mim? Alguma coisa me ligava a algum dos assassinatos? Eu alguma vez fui ao seu apartamento antes de ontem, quando o imbecil do porteiro me confundiu com Ian? Foi você que se meteu naquele barraco ontem com Ian, à vista de todos da área VIP. Foi você que seduziu Ian com a promessa de seu sangue, que o manipulou, que o empurrou diretamente para a garganta de Eva. Além do mais, em quem vocês acham que eles vão acreditar? Num respeitável empresário que possui o

estabelecimento mais badalado da cidade ou em uma desconhecida promotora oportunista, que a maioria das pessoas, incluindo os vizinhos, considera uma garota de programas, uma prostituta de luxo? Não, minha querida, você não tem absolutamente nada contra mim. Sendo assim sugiro que você termine sua taça de champanhe e volte ao trabalho, antes que eu fique realmente irritado com essa patética tentativa de chantagem e transforme sua vida num inferno tão grande que você vai sentir inveja do que aconteceu a pobre Eva.

– Filho da...

– Só coloco as coisas dessa maneira para que você compreenda que ainda tem muito a aprender antes de se tornar uma verdadeira predadora, e não uma mera marionete como foi Ian. E, por favor, não baixe o nível da conversa. Somos pessoas civilizadas, não meros gatos selvagens, não é mesmo?



No início da noite, Luana e sua sogra receberam aliviadas notícias do estado de Dante. Os médicos haviam conseguido estabilizar a hemorragia e ele já não corria mais risco de vida. Já havia até saído da UTI. Sogra e nora se abraçaram calorosamente ao ouvir a notícia, caminhando juntas pelos corredores do hospital até o quarto onde ele fora colocado. Lá chegando tanto Luana quanto a mãe de Dante se arrepiaram ao ver o estado do filho, com todos os tubos entrando em sua boca e nariz, além da imensa bandagem que circundava seu corpo na altura da barriga. Estava ainda dormindo quando elas chegaram, mas despertou logo. Tentou falar, mas não conseguiu, devido aos tubos do respirador em sua boca. Uma enfermeira chegou logo em seguida e retirou-o do respirador artificial, visto que ele já não precisava mais daquilo. Luana correu e beijou-o na testa, mas ele não reagiu como ela esperava. Sua mãe o olhava preocupada, incapaz de se aproximar do filho, como que em estado de choque, mas ele também a ignorou. Tentou falar, mas os sons saíram fracos e roucos devido a seu estado. Luana aproximou-se de seu rosto, tentando entender o que seu noivo tentava dizer, mas foi impossível. Irritado, Dante umedeceu os lábios e puxou ar suficiente para dizer uma única palavra antes de cair novamente no sono, exausto.

“Ramiro.”

Outros livros do autor

Alexandre Heredia

Autor de Predadores e Emboscada



Melancholia ab imo Corde

O legado de *Bathory*



O Legado de Bathory

Hungria, 1938

A Europa se vê sob a ameaça de uma nova Grande Guerra e acompanha atenta os primeiros avanços de Hitler. É neste cenário conturbado que Yara Ladányi mergulha ao vir do Brasil para o funeral de seu pai, que foi assassinado brutalmente em sua casa em Budapeste.

Suspeitando que a morte envolva fatos misteriosos e não explicados pelas autoridades, ela inicia uma investigação independente, tendo por base um documento antigo enviado a ela por seu pai pouco antes de seu assassinato. Contando com a ajuda de Laszlo Raduczi, professor de História e genealogista, Yara embarca em uma conspiração regada a sangue e morte, na qual a dupla é perseguida continuamente por uma figura assustadora.

Enquanto encaram esses acontecimentos, os dois precisam ainda desvendar o estranho documento que os leva a uma exploração da história da infame Condessa Elisabeth Bathory.

Um romance repleto de referências históricas com um ritmo alucinante da primeira à última página.

[Compre aqui](#)



SCRUM para Escritores

Aplicando Métodos Ágeis para você escrever seu livro de uma vez por todas!

Escrever um livro, assim como qualquer outra atividade criativa, é um processo complexo, com uma série de variáveis e impeditivos que, caso não sejam corretamente endereçados, irão apenas contribuir para o seu fracasso. Para evitar isso é necessário muito mais que determinação e autodisciplina do(a) autor(a). É necessária uma metodologia. E é para isso que serve o Scrum.

E o que é o Scrum? Scrum é uma metodologia ágil, muito utilizada para o desenvolvimento de produtos complexos, e que está revolucionando o conceito de gerenciamento de projetos no ambiente corporativo, com alto grau de sucesso em áreas de desenvolvimento de software. Mas isso não impede que seja utilizada em outras áreas, especialmente em projetos criativos. Longe (mas muito longe!) de ser uma mera formalização, o Scrum estabelece uma série de técnicas e práticas cujos objetivos são "empurrar" você na direção de sua meta, seja ela um programa de computador ou escrever um livro.

Infelizmente, graças a seu sucesso na área de desenvolvimento de software,

grande parte da literatura sobre o Scrum aborda apenas esse tipo de projeto. Desta maneira, usando sua experiência de mais de 15 anos tanto como Scrum Master certificado quanto como escritor, Alexandre Heredia adaptou essa metodologia para o campo da criação literária, transformando-a em uma técnica eficaz para você realizar seu sonho de escrever um livro de uma vez por todas.

Nele você irá aprender:

- O que é Scrum e como ele pode ajudá-lo(a) a escrever seu livro;
- Como planejar e organizar a sua produção, impedindo bloqueios e atrasos desnecessários;
- Técnicas e práticas que irão auxiliá-lo(a) na criação de seu livro, mas sem abrir mão do prazer e da satisfação, essenciais para qualquer produção artística;
- Terminar sua história de maneira coerente e, sobretudo, publicável, reduzindo drasticamente o número de reescrituras e revisões;
- Como preparar seu original para ser apresentada para editoras de forma profissional, aumentando suas chances de publicação.

Se você sempre sonhou em escrever um livro e nunca conseguiu arrumar tempo, se já começou e foi obrigado a desistir no meio da jornada, ou se é um escritor experiente e quer aumentar a eficiência em sua produção, esse livro é para você.

[Compre aqui](#)

ALEXANDRE HEREDIA

Autor de *Legado de Bathory*, *Predadores* e *Emboscada*

FILHOS

DESSA

MÃE

GENTIL

Crônicas sobre a Invisibilidade



Filh@s dessa Mãe Gentil

Invisibilidade não é sinônimo de inexistência. Tem mais a ver com indiferença.

Ser invisível é estar à margem da existência. É alguém cuja realidade preferimos ignorar, que não nos interessa se vivem ou se morrem. No final são números, estatísticas, anônimos relegados ao esquecimento. Excluídos, às vezes voluntariamente, mas muitas vezes frutos amargos de decisões ruins, ou apenas vítimas do impiedoso acaso. E, por esse motivo, portadores de seus próprios dramas, tragédias, anedotas, romances, decepções, conquistas e derrotas. Podem ser mendigos e garotos de rua, mas também pais suburbanos ou vagabundos, assalariados ou pilantras, prostitutas ou recatadas, todos em um universo onde a moral é flexível e as escolhas sempre difíceis.

As crônicas dessa coletânea tentam reverter esse quadro, trazendo estas histórias, que todos nós já ouvimos ou mesmo vivemos de maneiras diferentes, para o centro do picadeiro, sem julgamentos ou moralismos. Dramas, tragédias e mortes, mas também aventura, humor e erotismo. São experiências de nosso cotidiano, momentos culminantes ou triviais, mas que por um breve instante nos transformam em protagonistas de nossas biografias, heróis de nossa própria narrativa. Visíveis, para nossos pares e para a sociedade, mas principalmente para nós mesmos.

Lembre-se: Esta é uma obra de ficção. Mas qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real poderá ser muito mais que mera coincidência.

[Compre aqui](#)